



**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



## **REVIVER O BRAÇO DE PRATA: PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E COMUNIDADE**

Reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira” num Polo de Indústrias Criativas

**Filipa Borges Jacinto** (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

### **Orientação Científica:**

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

### **Júri:**

Presidente: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol Massapina Vaz

Lisboa, FA-ULisboa, Julho de 2018



# **REVIVER O BRAÇO DE PRATA: PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E COMUNIDADE**

Reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira” num Polo de Indústrias Criativas

**Filipa Borges Jacinto** (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura  
(Mestrado Integrado em Arquitetura)

## **Orientação Científica:**

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

## **Júri:**

Presidente: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol Massapina Vaz

Lisboa, FA-ULisboa, Julho de 2018



## RESUMO

O território oriental de Lisboa cresceu segundo as necessidades impostas pelo desenvolvimento industrial, transformando a antiga paisagem de palácios, quintas e conventos, numa paisagem dominada pela silhueta da indústria.

Contudo, a gradual desocupação e realocação de diversas fábricas no final do século XX, conduziram à drástica desindustrialização e abandono deste território oriental da cidade, perdendo a sua vitalidade social, outrora existente. Agora, estes vazios pós-industriais são ruínas e espaços residuais obsoletos, um eco da sua existência edificada que surgem como elementos carentes de (re)ocupação, requalificação e reabilitação.

O exercício proposto neste Projeto Final de Mestrado é refletir sobre os valores e potencialidades destes vazios pós-industriais, propondo estratégias urbanas que permitam (re)viver um desses espaços: o Braço de Prata.

Neste contexto, a intervenção urbana focou-se na reabilitação, revitalização, regeneração e requalificação da frente-ribeirinha, procurando articular o Património Industrial com os princípios contemporâneos de Comunidade, ao sugerir uma ocupação edificada de usos mistos que conjuguem a reminiscente atividade industrial e laboral, com os complexos habitacionais previstos em Planos de Pormenor pré-existentes para o Braço de Prata.

Com o propósito de preservar a memória industrial do Braço de Prata e estabelecer uma relação direta entre Património Industrial e Comunidade, optou-se por intervir na antiga fábrica “A Tabaqueira”, propondo a conversão da sua ruína num polo de Indústrias Criativas, com a intenção de o transformar no núcleo pelo qual se desenvolve o desenho urbano e as suas vivências sociais.

As características flexíveis deste edifício, associadas ao sonho de manter os edifícios industriais como elementos fundamentais da realidade urbana, história e memória da Lisboa oriental, motivaram a adoção de um programa arquitetónico que permita a mutabilidade do espaço físico e a sua adaptação a novos usos, renovando o edifício numa “casca” intemporal capaz de comportar as transformações sociais e urbanas da cidade.

**Palavras Chave:** Revitalização Urbana; Património Industrial; Comunidade; Indústrias Criativas; *Coworking*.

### Título

Reviver o Braço de Prata: Património Industrial e Comunidade

### Subtítulo

Reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira” num Polo de Indústrias Criativas

### Nome

Filipa Borges Jacinto

### Orientação Científica

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

### Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Julho 2018



## ABSTRACT

The eastern territory of Lisbon grew up according to the needs imposed by industrial development, transforming the old landscape of palaces, farms and convents, into an industry dominated landscape.

However, the gradual withdraws and relocation of several factories at the end of the 20th century, led to the drastic de-industrialization and abandonment of this eastern part of the city, losing its social vitality that once existed. Now these post-industrial voids are obsolete ruins and residual spaces, an echo of their built existence that emerge as elements lacking programs of (re)occupation, requalification, and rehabilitation.

The exercise proposed in this Final Master's Project is to reflect on the values and potentialities of these post-industrial voids, proposing urban strategies that allow to (re)live one of these spaces: the Braço de Prata.

In this context, the urban intervention focused on the rehabilitation, revitalization, regeneration and requalification of the waterfront, seeking to articulate the Industrial Patrimony with the contemporary principles of Community, suggesting a built occupation of mixed uses that combine the reminiscent industrial and labor activity, with the housing complexes expected by pre-existent Urban Designs for Braço de Prata.

With the purpose of preserving the industrial memory of the Braço de Prata and to establish a direct relationship between Industrial Heritage and Community, it was decided to intervene in the old factory "A Tabaqueira", turning the vacant building into a pole of Creative Industries, with the intention of transforming it into the nucleus by which the urban design and its social experiences are developed.

The flexible features of this building, along with the dream of maintaining industrial buildings as fundamental elements of the urban reality, history and the memory of eastern Lisbon, have led to the adoption of an architectural program that allows the mutability of the physical space and adaptation to new uses, renewing the building into a "shell" capable of sustaining the social and urban transformations of the city.

**Key Concepts:** Urban Revitalization; Industrial Heritage; Community; Creative Industries; Coworking.

### Title

Reviving Braço de Prata:  
Industrial Heritage and  
Community

### Subtitle

Rehabilitation of the old  
factory "A Tabaqueira" into a  
Pole of Creative Industries

### Name

Filipa Borges Jacinto

### Orientation Team

Professor Doutor José Manuel  
Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge  
Garcia Pereira

### Integrated Masters in Architecture

Lisbon, July 2018



## AGRADECIMENTOS

Aos que me acompanharam, motivaram e compartilharam todos os conhecimentos e experiências durante o meu percurso acadêmico.

Ao Professor José Aguiar e Professor Paulo Pereira pela presença, orientação, confiança, incentivo, e determinação em compartilhar e ampliar os meus conhecimentos, indispensáveis à realização deste trabalho.

Ao Professor Pedro Pacheco pelo acompanhamento e crítica durante o primeiro semestre do último ano acadêmico; e pela sua posterior disponibilidade em aconselhar e esclarecer dúvidas.

Ao Professor Francisco Oliveira, pela simpatia e disponibilidade em auxiliar na parte construtiva do projeto.

Ao meu pai pela motivação e consolo. À minha mãe pelo seu incansável gosto em ajudar e companhia nas noitadas. Ao meu irmão pela inspiração e por acreditar nas minhas capacidades.

À Maria e Patrícia por estarem sempre lá. Pela amizade e partilha imprescindíveis nestes anos de curso. Ao André pelas importantes palavras de conforto e motivação nos momentos mais difíceis, pelos conselhos, pela sua paciência e por ser como é.

À Catarina pelos anos de cumplicidade e amizade incondicional. Pelo seu constante apoio e alegria.

Ao Orlando por ser o Lando.

A todos o meu enorme **obrigada**.



*“Poderia dizer-te de quantos degraus são as ruas em escadinhas, como são as aberturas dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são cobertos os telhados; (...) Não é disto que é feita a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado (...). Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escritas nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes”.*  
(Calvino, 2002, p.18).



## ÍNDICE

Resumo	
Abstract	
Agradecimentos	
Índice	
Índice de figuras	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. O TERRITÓRIO, O LUGAR E O OBJECTO</b>	<b>5</b>
<b>1.1. Território: Caminho do Oriente</b>	<b>6</b>
1.1.1. Evolução da Frente-Ribeirinha de Lisboa	6
1.1.2. Relação Cidade-Rio	10
1.1.3. Paisagem Industrial	12
<b>1.2. Lugar: Braço de Prata</b>	<b>22</b>
1.2.1. Planos Pormenor Existentes	22
1.2.2. Análise Social	24
1.2.3. Análise Urbana	26
<b>1.3. Objeto: Fábrica “A Tabaqueira”</b>	<b>36</b>
1.3.1. A Indústria Tabaqueira em Lisboa	36
1.3.2. Da Fábrica à Ruína: “A Tabaqueira”	38
1.3.3. Valores e Permanências	41
<b>2. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E COMUNIDADE</b>	<b>45</b>
<b>2.1. Património Industrial: Vazios Pós-Industriais, Ruína e Reabilitação</b>	<b>46</b>
2.1.1. <i>Brownfields/ Post Industrial Latent Spaces</i>	46
2.1.2. Estratégias Urbanas em Vazios Pós-Industriais	48
2.1.3. Património Industrial	51
2.1.4. Ruínas Industriais	53
2.1.5. Reabilitação de edifícios Industriais: Abordagens, Métodos e Usos	56
<b>2.2. Comunidade: Trabalho, Indústrias Criativas e Coworking</b>	<b>59</b>
2.2.1. O Trabalho e a Tecnologia na Cidade: Construção de Comunidades	59
2.2.2. Evolução dos Edifícios de Escritório e outros Espaços de Trabalho	63
2.2.3. Indústrias Culturais e Criativas: Conceito	66
2.2.4. <i>Coworking</i> : Conceito	68
2.2.5. Valores do <i>Coworking</i>	70
2.2.6. A Arquitetura e o Processo Criativo	71

<b>3. (RE)HABITAR A RUÍNA INDUSTRIAL.....</b>	<b>75</b>
<b>3.1. Requalificação da Frente-Ribeirinha do Braço de Prata.....</b>	<b>76</b>
3.1.1 O Vazio Pós-Industrial: Estratégias Urbanas.....	76
3.1.2. A Frente-Ribeirinha: Rio, Cidade e Pessoas.....	82
<b>3.2. Da Ruína à Indústria Criativa: Reabilitação da antiga fábrica</b>	
<b>“A Tabaqueira” .....</b>	<b>86</b>
3.2.1 A Fábrica: Memória Industrial.....	86
3.2.2. O Espaço Partilhado: Dialética Entre Trabalho e Lazer.....	90
3.2.3. O Pátio: Ruína e Natureza.....	95
3.2.4. A Caixa e o Painel: Modelo de Flexibilidade Espacial.....	98
3.2.5. A Construção e a Materialidade.....	100
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>102</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>110</b>



## ÍNDICE DE FIGURAS/QUADROS

**Figura 1** - “Caminho do Oriente” (1911)

*In* Cartografia de Silva Pinto.

**Figura 2** - “Caminho do Oriente” (1911)

*In* Cartografia de Silva Pinto.

**Figura 3** - Planta Territorial “Caminho do Oriente” no Séc. XVIII. (Planta realizada no âmbito da U.C. Laboratório de Projeto VI) Autores: André Duarte, Diana Pereira, Filipa Jacinto e Maria Banha. FA-UL (2017).

**Figura 4** - Planta Territorial “Caminho do Oriente” no Séc. XIX. (Planta realizada no âmbito da U.C. Laboratório de Projeto VI) Autores: André Duarte, Diana Pereira, Filipa Jacinto e Maria Banha. FA-UL (2017).

**Figura 5** - Planta Territorial “Caminho do Oriente” no Séc. XX. (Planta realizada no âmbito da U.C. Laboratório de Projeto VI) Autores: André Duarte, Diana Pereira, Filipa Jacinto e Maria Banha. FA-UL (2017).

**Figura 6** - Planta Territorial “Caminho do Oriente” no Séc. XXI. (Planta realizada no âmbito da U.C. Laboratório de Projeto VI) Autores: André Duarte, Diana Pereira, Filipa Jacinto e Maria Banha. FA-UL (2017).

**Figura 7** – Aterros da Frente Ribeirinha de Alfama, A. séc. XVI, B. 1856-58, C. séc. XX – Atualidade. *in* Análise Urbana de Territórios Construídos. Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal. Revista da Gestão Costeira Integrada (2011).

**Figura 8** – Vista aérea da zona industrial de Cabo Ruivo: Frente-Ribeirinha e Aterro da Matinha. Lisboa (1953) Autor Desconhecido *in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 9** – Planta de Identificação dos Núcleos Industriais. “Caminho do Oriente”. Escala Indefinida Elaborado pela autora.

**Figura 10** – Fábrica da Samaritana. Autor desconhecido. [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2010/03/rua-de-xabregas-xi.html>> (20--).

**Figura 11** – Fábrica da Samaritana Gravura publicada no Diário Ilustrado Nº 1617 -Ano VI - Lisboa (1887).

**Figura 12** – Convento de S. Francisco de Xabregas: Fábrica da Companhia de Fiação Tecidos Lisbonense e Fábrica de Tabacos de Xabregas (1944)

Autor Desconhecido. *in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 13** - Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental (vulgo) Fábrica das Varandas, na Rua de Xabregas em finais do século XIX) (1898)

Autor desconhecido. *in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 14** - Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental (Rua de Xabregas, em segundo plano o Palácio Olhão e o edifício nos terrenos da antiga "FÁBRICA DAS VARANDAS"(1989)

Autor Desconhecido. *in* ARQUIVO/APS .

**Figura 15** – Vila Dias. (Circa 1910)

Autor Desconhecido. *in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 16** – Vila Flamiano

Autor Desconhecido. *in* ARQUIVO/APS (2011).

**Figura 17** – Viaduto de Xabregas. (1938)

Autor Desconhecido. *in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 18** – Vista Aérea da Manutenção Militar

Autor: Professor Doutor José Aguiar (2016).

**Figura 19** - Manutenção Militar. (20--)

Autor Desconhecido. Consultado em 10-05-2017] Disponível em:  
<URL: [restosdecoleccion.blogspot.com/2013/10/manutencao-militar.html](http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/10/manutencao-militar.html)>.

**Figura 20** - Vista aérea das novas instalações da "COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS", um projeto do Arquiteto PARDAL MONTEIRO) (1950)

Autor Desconhecido. [Consultado em 10-05-2017] Disponível em:  
<URL <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/nacional-c-ind-de-transf-de-cereais.html> > .

**Figura 21** - Fábrica de Malte na antiga Igreja do Convento do Beato, com as duas chaminés dos fornos de Malte e Bolachas (1980)

*in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 22** – Convento do Grilo. Local onde foi edificado o "Convento das Freiras Grilas" após 1888.

Autor Desconhecido. *in* ARQUIVO/APS.

**Figura 23** – José Domingos Barreiro & C. LDA. Praça David Leandro da Silva. (2014)

Autor: Miguel Oliveira. [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/nacional-c-ind-de-transf-de-cereais.html> > <URL: <http://olhares.sapo.pt/praca-david-leandro-da-silva-aka-poco-do-bispo-foto5955158.html> > .

**Figura 24** - Sociedade Nacional de Sabões

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2016/10/sociedade-nacional-de-saboes.html>>.

**Figura 25** – Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca. Autor Desconhecido. (1966)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html> > .

**Figura 26** – Fábrica de Cortiça da Quinta da Mitra. (2003)

Autor: Ricardo Moreira [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2013/06/rua-do-acucar-xv.html>>.

**Figura 27** - Sociedade Nacional de Fósforos. (1998)

Autor: António Sacchetti. *in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 28** – Vila Pereira. (1998)

Autor: António Sacchetti *in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 29** – Vila Pereira.

Autor: Barragon. *in* PANORAMIO (2010).

**Figura 30** – Gás da Matinha. Vista Aérea

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/02/fabrica-de-gas-da-matinha.html>> (1944).

**Figura 31** – Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata. (1908)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html> >.

**Figura 32 – Gás da Matinha (1957)**

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/02/fabrica-de-gas-da-matinha.html>> .

**Figura 33 – Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata. (1908)**

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2017] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html>> .

**Figura 34 – Panorâmica Gás Da Matinha (2017)**

Fotografado pela autora.

**Figura 35 – Armazém 23 – Gás da Matinha (2017)**

Fotografado pela autora.

**Figura 36 – Vista de rua da “A Tabaqueira” – Rua Cintura do Porto (2017)**

Fotografado pela autora.

**Figura 37 – Entrada Principal “A Tabaqueira” – Praceta Tabaqueira (2017).**

Fotografado pela autora.

**Figura 38 – Alçado Lateral “A Tabaqueira” - Rua 3 da Matinha. (2017).**

Fotografado pela autora.

**Figura 39 – Plano de Pormenor da Matinha. (2011)**

Publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 55 in <URL: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-pormenor-da-matinha>> .

**Figura 40 – Plano de Pormenor “Jardins Braço de Prata”. Renzo Piano Building Workshop/CPU (2016)**

Autor: Renzo Piano Building Workshop/CPU [Consultado em 12-05-2017] Disponível em:  
<URL:<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1091499&page=57>>.

**Figura 41 – Modelo Tridimensional do Plano Pormenor “Jardins Braço de Prata” (2016)**

Autor: Renzo Piano Building Workshop/CPU [Consultado em 12-05-2017] Disponível em:  
<URL:<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1091499&page=57>>.

**Figura 42** – Planos de Pormenor da Matinha e “Jardins Braço de Prata” (2016)

Autores: Renzo Piano Building Workshop/CPU e RISCO +NPK  
[Consultado em 12-05-2017] Disponível em:  
<URL:<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1091499&page=57>>.

**Figura 43** - Trabalhadores no interior da Fábrica do Braço de Prata. Lisboa (1960)

Autor Desconhecido [Consultado em 20-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html>>.

**Figura 44** - Trabalhadores no interior da Fábrica do Braço de Prata. Lisboa (1960)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html>>.

**Figura 45** - Trabalhadores no exterior da Fábrica do Braço de Prata. Lisboa (1960)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html>>.

**Figura 46** - Fotografia Aérea da Fábrica Militar de Braço de Prata Lisboa. (1950)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html>>.

**Figura 47** – Análise de Densidade Urbana (Cheios e Vazios). Planta original à escala 1:3000.

Elaborado pela autora.

**Figura 48** – Análise de Espaços Verdes. Planta original à escala 1:3000.

Elaborado pela autora.

**Figura 49** – Análise de Acessos. Planta original à escala 1:3000.

Elaborado pela autora.

**Figura 50** – Análise de Transportes Públicos. Planta original à escala 1:3000.

Elaborado pela autora.

**Figura 51** – Análise de Usos e Equipamentos. Planta original à escala 1:3000.

Elaborado pela autora.

**Figura 52** - Companhia Portuguesa de Tabacos, Cinco Ações Ordinárias. Lisboa (1927)

Autor: tabak-peter.ch [Consultado em 16-05-2017] Disponível em: <URL: <http://tabak-peter.ch/tabak-portugal>>.

**Figura 53** - Real Fábrica de Tabacos de Sevilha

Autor Desconhecido. [Consultado em 16-05-2017] Disponível em: <URL: <http://elforocofrade.es/index.php?threads/fotos-el-ayer-de-sevilla.4654/page-11>>.

**Figura 54** - Palácio Rebelo- Veloso - Calçada dos Barbadinhos (1998)

*in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 55** - Palácio Veloso-Rebelo - Calçada dos Barbadinhos). Autor: Eduardo Portugal

Autor Desconhecido [Consultado em 12-04-2017] Disponível em: <URL: <http://aps-Ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2011/04/>>.

**Figura 56** - Convento de São Francisco de Xabregas (Planta Piso Térreo).

*in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 57** - Convento de São Francisco de Xabregas, Rua de Xabregas.

Autor: Ferreira da Cunha (1944)

*in* Arquivo Municipal de Lisboa.

**Figura 58** - Nave interior do edifício da Tabaqueira. (1983)

Autor: Irene Buarque *in* Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

**Figura 59** - Processo de deterioração do edifício “A Tabaqueira”

À esquerda: Autor: Telmo Sequeira [Consultado em 18-12-2016] Disponível em: <URL: <http://lisboasos.blogspot.pt/2009/05/os-jardins-do-braco-de-prata-de-renzo.html>> (2009). À direita: Fotografado pela autora (2017).

**Figura 60** - Pavilhão da Empresa Industrial Portuguesa na Exposição das Indústrias Portuguesas. Fotografia. Museu da Cidade (1888)

Autor Desconhecido *in* O Livro de Lisboa, Livros Horizonte (1994).

**Figura 61** - Evolução e Processo de deterioração do edifício “A Tabaqueira”.

Elaborado pela autora.

**Figura 62** - Antiga área industrial em Duiburg-Nord, Berlin. Antes do projeto de recuperação IBA – Emscher Park

Autor: Jürgen Dreide.

**Figura 63** - Antiga área industrial em Duiburg-Nord, Berlin. Antes do projeto de recuperação IBA – Emscher Park.

Autor: Jürgen Dreide.,

**Figura 64** - Antiga área industrial no Parque das Nações, antes do projeto de recuperação Expo '98

Autores Desconhecidos. [Consultado em 17-05-2017] Disponível em <URL: <https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/expo-98-faz-vinte-anos-ainda-se-lembra-de-como-era-aquela-zona-antes-da-exposicao>>.

**Figura 65** - Domínios enquadrados nas metodologias de análise estética de frentes-ribeirinhas (2010)

Autor: Maria da Graça Saraiva *in* Cidades e Rios, Perspectivas para uma relação sustentável.

**Figura 66** - Esquema ilustrativo de diferentes centralidades. A. Monocêntrico, B. Policêntrico

[Consultado em 16-01-2018] Disponível em <URL: <https://people.hofstra.edu/geotrans/eng/ch6en/conc6en/urbanmovementpatterns.html>>.

**Figura 67** - Esquema ilustrativo de diferentes densidades. 75 Módulos Habitacionais por hectare

Autor: Richard Rogers . [Consultado em 16-01-2018] Disponível em <URL: <http://www.imagnerlequebecautrement.org/albums-photo/densit%C3%A9/densit%C3%A9/>>>.

**Figura 68** - Relação entre a morfologia urbana e a frente-ribeirinha, influente na permeabilidade visual (2010)

Autor: Maria da Graça Saraiva *in* Cidades e Rios, Perspectivas para uma relação sustentável.

**Figuras 69** - Silos e Armazéns da Companhia Industrial de Portugal e Colónias – Exemplo de Património Industrial (1950)

Autor Desconhecido [Consultado em 12-04-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/nacional-c-ind-de-transf-de-cereais.html>> .

**Figuras 70** - Fábrica “A Nacional” – Exemplo de Património Industrial

Autor Desconhecido [Consultado em 12-04-2017] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/nacional-c-ind-de-transf-de-cereais.html>>.

**Figuras 71** - Rua Gualdim Pais. Antiga Vila Flamiano. (1997)

Autor: Dulce Fernandes [Consultado em 10-06-2018] Disponível em: <URL: <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2015/09/vila-flamiano-i.html>>.

**Figuras 72** - Fábrica “A Tinturaria Portugália” em Ruína. (2017)

Autor: André Daniel Duarte. Xabregas, Lisboa.

**Figuras 73** - Fábrica “A Samaritana” em Ruína. (2017)

Autor: André Daniel Duarte. Xabregas, Lisboa.

**Figuras 74** - Fotografia do Interior da antiga fábrica “A Tabaqueira” em ruína (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 75** - Reinterpretação de “Kintsugi” aplicado a um muro danificado, Israel

Autor: Jan Vormann Fernandes [Consultado em 5-06-2017] Disponível em: <URL: <https://playmobilvslego.tumblr.com/post/103112937090/when-lego-and-playmobil-become-pieces-of-artProcesso> |>.

**Figura 76** - Porcelana remendada através de técnica “Kintsugi”

Autor Desconhecido [Consultado em 5-06-2017] Disponível em: <URL: <http://www.zenvita.com/blog/wabi-sabi-in-architecture.html> >.

**Figura 77** - Intervenção no complexo LX Factory (2018)

Autor: Marina Watson Peláez [Consultado em 10-05-2018] Disponível em: Culture Trip Lisboa <URL: <https://theculturetrip.com/europe/portugal/articles/the-ultimate-guide-to-lx-factory-lisbons-trendiest-quarter/>>.

**Figura 78** - Museu da Água da EPAL (2015)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/01/estacao-elevatoria-dos-barbadinhos.html>>.

**Figura 79** - Museu da Água da EPAL (2015)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em: <URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/01/estacao-elevatoria-dos-barbadinhos.html> > .

**Figura 80** - Museu da Água da EPAL (2015)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/01/estacao-elevatoria-dos-barbadinhos.html>> .

**Figura 81** - Museu da Eletricidade. (2018)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://lifecooler.com/artigo/atividades/museu-da-eletricidade/326846>> .

**Figura 82** - Ilustração de um Mercado Alemão no Séc. XV (1430)

Autor Desconhecido *in* Arquivo da Universidade Tübinger.

**Figura 83** - Terceiros Lugares: Ilustração de um Barbeiro retirada de um jornal americano

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://www.freshlyfaded.com/blog/2014/2/11/black-barber-history-and-racist-white-beards>> (1861).

**Figura 84** - Terceiros Lugares: Crianças a jogar Xadrez num jardim. Moscovo (1947)

Autor Desconhecido. *in* The Robert Capa and Cornell Capa Archive, 2010 .

**Figura 85** - Rua do Açúcar (com uma ostentação arquitetónica a "Vila Pereira" na "Rua do Açúcar). (ant. 1998)

Autor: António Sacchetti [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2013/07/rua-do-acucar-xxi.html>>.

**Figura 86** - Ilha da Belavista. (2014)

Autor: Luís Coelho [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.juonline.pt/sociedade/artigo/338/a-ilha-da-bela-vista-entre-o-passado-e-o-futuro.aspx>>.

**Figura 87** - Escriba europeu no seu espaço de trabalho. Autor: Jean Miélot (1456)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escriba#/media/File:Escribano.jpg>>.

**Figura 88** - Larkin Administration Building Photograph. Da coleção de Jerome Puma (1906)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://ah.bfn.org/h/larkin/admin/source/2.html>>.

**Figura 89** - Poster do edifício “Home Insurance Building”

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL:  
[https://c1.staticflickr.com/3/2945/15305233828\\_daec330612\\_b.jpg](https://c1.staticflickr.com/3/2945/15305233828_daec330612_b.jpg)  
>.

**Figura 90** - Axonometria Concetual do edifício “Centraal Beheer” (1968-1972)

Autor: Herman Hertzberger [Consultado em 10-05-2018]  
Disponível em: <URL:  
<https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/12-utiliteitsbouw/85-centraal-beheer-offices-apeldoorn>>.

**Figura 91** - Planta de Piso edifício “Centraal Beheer” (1968-1972)

Autor: Herman Hertzberger [Consultado em 10-05-2018]  
Disponível em: <URL:  
<https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/12-utiliteitsbouw/85-centraal-beheer-offices-apeldoorn>>.

**Figura 92** - Esquema de disposição de mesas do edifício “Centraal Beheer” (1968-1972)

Autor: Herman Hertzberger [Consultado em 10-05-2018]  
Disponível em: <URL:  
<https://www.ahh.nl/index.php/en/projects2/12-utiliteitsbouw/85-centraal-beheer-offices-apeldoorn>>.

**Figura 93** - Sistematização das Indústrias criativas. (2007)

Autor: Dr Masayuki Sasaki, Osaka City University *in* Publicly-funded culture and the creative industries, John Holden

**Figura 94** - Freelancers em Atlas Café Williamsburg (2012)

Autor: Tim Donnelly [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://brokelyn.com/working-coffee-shops-good-for-productivity/atlas-cafe/>> .

**Figura 95** - Freelancers num café Starbucks (2016)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.seattletimes.com/business/the-next-best-thing-to-getting-coffee-by-email/>>.

**Figura 96** - Ilustração do conceito de coworking.

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: [https://www.freepik.com/free-vector/coworking-concept-flat-illustration\\_826828.htm](https://www.freepik.com/free-vector/coworking-concept-flat-illustration_826828.htm) >.

**Figura 97** - Ilustração do conceito de coworking. Autor: (2017)

Autor: Irina Siryanova [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.dreamstime.com/stock-illustration-coworking-concept-business-meeting-self-education-design-programming-shared-working-environment-flat-design-vector-image48990093>>

**Figura 98** - Axonometria do MIT Building 20 e respetivas Alas A, E, D e C. (1946)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <http://www.lab-lob.com/2016/08/sobre-como-los-edificios-pueden-influir-en-la-creatividad.html>>.

**Figura 99** - Building 20, Vista da Ala A (1997)

Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<  
<https://libraries.mit.edu/archives/mithistory/building20/design.html/>> .

**Figura 100** - Espaço “Sinergia Cowork Palermo” dos Arquitetos Emilio Magnones. (2014)

Autor: Marcos Guiponi [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi>>.

**Figura 101** - Vegetação e Decoração do Espaço “Sinergia 144Cowork Palermo” dos Arquitetos Emilio Magnones. (2014)

Autor: Marcos Guiponi [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi>>.

**Figura 102** - Esquema dos Núcleos Industriais localizados entre Santa Apolónia e o Parque das Nações

Elaborado pela autora.

**Figura 103** - De cima para baixo: Esquema de Espaços Verdes; Esquema de edifícios demolidos (preto) e edifícios reabilitados (vermelho); Esquema de novas vias

Elaborado pela autora.

**Figura 104** - Estratégia Urbana do Braço de Prata

Elaborado pela autora.

**Figura 105** – Edifícios do Plano de Pormenor do Arquiteto Renzo Piano em construção (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 106** – Área de Trabalho e Lazer

Elaborado pela autora.

**Figura 107** – Área Residencial

Elaborado pela autora.

**Figura 108** – Plano Urbano do Braço de Prata

Elaborado pela autora.

**Figura 109** - Gasómetros da Fábrica Gás da Matinha (2017)

Autor: Maria Cordeiro Banha.

**Figura 110** – Armazém 23 (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 111** – Linhas de Vista sobre o rio

Elaborado pela autora.

**Figura 112** – Esquema de Caminhos Interiores e Caminhos de Passeio

Elaborado pela autora.

**Figura 113** – Visualização tridimensional de estudo da frente-ribeirinha do Braço de Prata: Corredor Verde

Elaborado pela autora.

**Figura 114** – De cima para baixo: Ilustração da árvore Jacarandá e Ilustração da árvores Choupo Branco e respetivas folhas, flores e frutos.

*In* <URL:  
[https://issuu.com/camara\\_municipal\\_lisboa/docs/livro25\\_arvores\\_de\\_lisboa](https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/livro25_arvores_de_lisboa)>.

**Figura 115** – Planta indicativa das quatro Naves do edifício “A Tabaqueira

Elaborado pela autora.

**Figura 116** – Axonometria da estrutura e cobertura do edifício “A Tabaqueira”

Elaborado pela autora.

**Figura 117** – Fotografia do local onde será implantado comércio (à direita) e restauração (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 118** – Croqui ilustrativo da introdução de novas janelas do edifício

Elaborado pela autora.

**Figura 119** – Esquema de Volumes

Elaborado pela autora.

**Figura 120** – Esquema de Acessos

Elaborado pela autora.

**Figura 121** – Croqui do espaço modulável da livraria

Elaborado pela autora.

**Figura 122** – Croqui dos espaços moduláveis do pavilhão multiusos

Elaborado pela autora.

**Figura 123** – Fotografia do local onde será implantando o pavilhão multiusos (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 124** – Esquema de Usos

Elaborado pela autora.

**Figura 125** – Planta indicativa da “Nave de Trabalho”

Elaborado pela autora.

**Figura 126** – Fotografia Interior da Nave Este (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 127** – Croqui do espaço de *coworking*

Elaborada pela autora.

**Figura 128** – Planta indicativa da “Nave de Aprendizagem e Relaxamento”

Elaborado pela autora.

**Figura 129** – Fotografia Interior da Nave Norte, Piso 1 (2017)

Autor: Filipe Martins.

**Figura 130** – Planta indicativa da “Nave Oeste, Piso 1

Elaborado pela autora.

**Figura 131** – Fotografia Interior da Nave Oeste, Piso 1 (2017)

Fotografado pela autora.

**Figura 132** – Planta indicativa do espaço “Ruína”: Pátio e Jardim Interior

Elaborado pela autora.

**Figura 133** – Fotografia do pátio atualmente (2017)

Autor: Filipe Martins.

**Figura 134** – Fotografia do pátio atualmente (2017)  
Fotografado pela autora.

**Figura 135** – Croqui de estudo do pátio  
Elaborado pela autora.

**Figura 136** – Planta de materialidades do Pátio  
Elaborado pela autora.

**Figura 137** – Esquema construtivo da estrutura dos painéis  
deslizantes  
Elaborado pela autora.

**Figura 138** – Croqui dos módulos de painéis deslizantes  
Elaborado pela autora.

**Figura 139** – Detalhe do carril dos painéis deslizantes  
Elaborado pela autora

**Figura 140** – Esquema de abertura e encerramento dos módulos de  
painéis  
Elaborado pela autora

**Figura 141** – De cima para baixo: Betão, calçada de granito, tijolo  
maciço, aço corten preto, madeira de carvalho  
Autor Desconhecido [Consultado em 10-05-2018] Disponível em:  
<URL: <https://www.sketchuptexture.com/p/textures.html>>

**Figura 142** – Fotografia do edifício “A Tabaqueira” (2009)  
Autor: Telmo Sequeira [Consultado em 18-12-2016] Disponível em:  
<URL: <http://lisboasos.blogspot.pt/2009/05/os-jardins-do-braco-de-prata-de-renzo.html>>



## INTRODUÇÃO

O presente Projeto Final de Mestrado incide sobre a reflexão do valor patrimonial e potencial urbano e social presente nos vazios pós-industriais existentes ao longo da linha costeira de Lisboa Oriental, intitulada “Caminho do Oriente”.

A revolução industrial e consequente industrialização em Lisboa motivou a transformação da cidade nas suas dimensões territorial, arquitetónica e social, provocando a metamorfose do modo de vida moderno. A introdução de novas tecnologias e a criação de infraestruturas de transporte – nomeadamente a construção da Linha Férrea e dos complexos Portuários – em articulação com a proximidade ao rio, forneceram os meios necessários para a instalação de atividades industriais na frente-ribeirinha da zona oriental de Lisboa. Assim é definida uma nova estrutura urbana, cuja narrativa de desenvolvimento territorial se traduziria na sobreposição gradual de malhas urbanas e espaços fabris, caracterizados por uma ocupação de génese orgânica, da qual a sua estrutura social se desenvolvia em torno de uma relação trabalho-habituação, estreitamente ligada ao exercício industrial. Um espaço outrora ocupado por muros, conventos, palácios e quintas, é então dominado por uma paisagem de fábricas, vilas e pátios operários.

Contudo, no final do século XX o processo gradual de desindustrialização no “Caminho do Oriente” e consequente abandono ou relocalização das diversas instalações fabris, promoveu o aparecimento preponderante de espaços residuais pós-industriais, transformando o “Caminho do Oriente” num território fragmentado e obsoleto que estabelece a ligação entre a Baixa Pombalina e o Parque das Nações, representações de uma Lisboa consolidada em contraste com a “Lisboa Oriental” fragmentada.

Foi neste contexto que, na cadeira de Laboratório de Projeto VI, se propôs a elaboração de estratégias que permitissem a revitalização do “Caminho do Oriente” através da criação de novas centralidades a serem instaladas nos antigos núcleos industriais segundo o tema de **“Construir no (e com) o construído”**

A escolha do lugar incidiu sobre o Braço de Prata, pois apresenta-se como o primeiro contacto entre o Parque das Nações e Santa Apolónia, contendo em si duas das maiores ruínas industriais: os silos do antigo complexo “Gás da Matinha” e o terreno resultante da demolição da antiga Fábrica do Braço de Prata que expõem a antiga fábrica “Tabaqueira” a nu, abandonada entre dois terrenos expectantes. O Braço de Prata é assim um dos palcos da desindustrialização: A população é envelhecida e o que melhor identificava o lugar é uma ruína, evidenciando-se a necessidade reviver o lugar e transformar os ícones industriais remanescentes em elementos que comportem novos usos.

Deste modo e no contexto territorial referido, os **objetivos** do presente Projeto Final de Mestrado dividem-se em dois momentos:

Inicialmente procura-se apresentar uma estratégia urbana que permita o **reviver da Frente-Ribeirinha do Braço de Prata**, procurando defini-la segundo uma lógica que preserve a sua identidade e reminiscências, numa relação simbiótica entre o antigo, o novo, o industrial e os usos contemporâneos.

Essa requalificação surge como complemento aos complexos habitacionais previstos em Planos de Pormenor pré-existentes, resultando numa proposta urbana de carácter público e coletivo, cujos usos intrínsecos ao trabalho e lazer complementam a área residencial e dinamizam o espaço público. É intenção atrair novos tipos de população para uma zona atualmente envelhecida, procurando recuperar a proatividade social de outrora, em novos moldes, que permitam a sua entrada sustentável na ordem económica da nossa contemporaneidade (ao escutar o eco dos operários que habitaram organicamente a periferia das fábricas) abordando e reformulando esse tipo de ocupação através da reutilização de ruínas industriais, propondo-se assim, a **reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira”**.

A reabilitação da fábrica da Tabaqueira tem em vista a aplicação de um programa de **Indústrias Criativas e Coworking**, mantendo a linha programática Industrial, contudo aplicada aos hábitos de trabalho artísticos contemporâneos. Da indústria do tabaco surgem as Indústrias Criativas, instaladas num espaço flexível que fomente a dialética entre o trabalho artístico e o lazer e permita a adaptação do processo criativo e seus usos, ao desenvolvimento da realidade laboral contemporânea. A “Tabaqueira” transforma-se numa “casca” patrimonial capaz de comportar vários usos, mantendo em simultâneo, a sua memória industrial.

Assim, a **estrutura do documento** desenvolve-se segundo os objetivos referidos da seguinte forma:

Numa primeira abordagem, procurando compreender o lugar de intervenção, o capítulo **1. O TERRITÓRIO, O LUGAR E O OBJETO**, aprofunda o conhecimento sobre o “Caminho do Oriente”, Braço de Prata e Fábrica “A Tabaqueira”, através da apresentação de um contexto histórico, social e urbano, destacando os valores intrínsecos a cada componente, nomeadamente a importância da paisagem industrial, a relação cidade-rio que o território comporta, a estrutura social e urbana que melhor define o Braço de prata e os valores e permanências no edifício “A Tabaqueira”.

Do conhecimento sobre o território, lugar e objeto surge a vontade de aprender sobre as temáticas abordadas, e como aplicá-las ao local de intervenção. Desta forma, no capítulo **2. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E COMUNIDADE**, apresenta-se o estado do conhecimento sobre os principais temas aplicados ao projeto.

Inicialmente defende-se a reutilização dos **Vazios Pós-Industriais** como locais flexíveis, capazes de suportar novas abordagens arquitetónicas que comportem uma responsabilidade ecológica e necessidade de naturalização. Considerando essa componente ecológica, é importante conhecer as **Estratégias Urbanas** que podem ser aplicadas nestes Vazios Pós Industriais, nomeadamente numa frente-ribeirinha, destacando-se a visão de Maria da Graça Saraiva que compreende o rio como um elemento ecológico valorizador da reabilitação urbana; os conceitos de Sieverts sobre as ferramentas essenciais para a intervenção na cidade; e a reflexão de Portas sobre a política dos “rês” (reabilitação, reutilização, revitalização e renovação) como elementos fundamentais na qualidade do espaço urbano.

Depois da base temática a ser aplicada na dimensão urbana do projeto, conhecem-se as componentes que determinam os elementos principais do projeto: **O Património Industrial e Comunidade**. Nesse capítulo é abordado o conceito de Património e Ruína Industrial, sugerindo a utilização do património industrial como elemento arquitetónico de valor, recheado de oportunidades. Assim, são conhecidas as perspetivas de intervenção em Reabilitação de edifícios Industriais, defendidas por autores como Choay, Mendes e Moreira. Por fim é explorado o tema comunidade. Este surge como um elemento fundamental na compreensão do impacto do trabalho na formação de comunidades na Cidade, procurando compreender, em seguida, os elementos que determinam o conceito de *coworking*, os valores da partilha no trabalho em comunidade, e em que dimensão é que o espaço físico pode influenciar o processo criativo aplicado ao programa de Indústrias Criativas.

O capítulo **3. (RE)HABITAR A RUÍNA INDUSTRIAL** é composto pela componente prática e projetual do presente trabalho, em forma de memória descritiva do projeto urbano e arquitetónico, apresentando então, as linhas concetuais e elementos que definem o projeto.



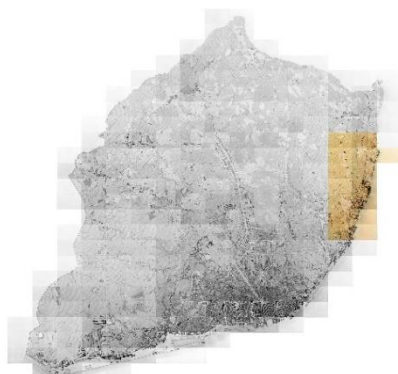
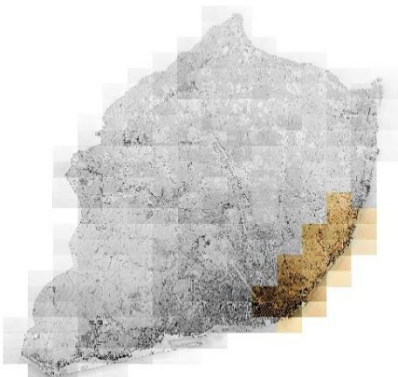
## 1. O TERRITÓRIO, O LUGAR E O OBJETO

## 1.1. Território: Caminho do Oriente

O Caminho do Oriente é caracterizado por uma faixa de núcleos industriais, localizada entre duas áreas consolidadas da cidade de Lisboa (Terreiro do Paço e Parque das Nações). Este território apresenta-se como o resultado do desenvolvimento da indústria em Lisboa, do qual o processo de industrialização, e posterior desindustrialização, transformaram as características urbanas e estruturas sociais deste território.

### 1.1.1) Evolução da Frente-Ribeirinha de Lisboa

O território da cidade de Lisboa nasceu junto ao rio com uma topografia muito diferente da atual. Este fora banhado pelas águas do Tejo, cujas linhas de água e afluentes formavam a topografia de vales e colinas que definia a silhueta da capital. Assim, a cidade cresceu progressivamente para sul, *“ocupando os vales férteis e as colinas que os demarcam, até alcançar a margem ribeirinha”*. (Cruz, 2016:13) a cidade espraiou-se até às orlas da colina fundadora, estabelecendo uma íntima relação com o rio Tejo. Não por acaso, os primeiros aterros realizaram-se na Baixa, durante o século XIV e apresentam-se como resultado da sobreposição de construções de diversas culturas que dominaram a cidade, nomeadamente culturas muçulmanas e romanas, mas com uma evidente continuidade no contexto de um quadro histórico-geográfico em que Lisboa e o seu porto desempenharão um papel de charneira.



O Tejo consistia, desde os primórdios da urbe, num recurso fundamental em termos piscatórios, conserveiros e comerciais, por se tratar também de uma via de tráfego a curta, média e longa distância: a curta distância, fomentando a mútua dependência da margem meridional e setentrional do Mar da Palha; a média distância, assegurando a comunicação e o transporte de pessoas e bens entre as penínsulas de Setúbal, e a prática de cabotagem para norte e sul do território português; e a longa distância, como porto de chegada de mercadorias do mediterrâneo e do norte europeu e, mais tarde, em especial do século XV em diante do mundo extraeuropeu por via da expansão ultramarina e colonial.

Note-se ainda a gradual afirmação clara de uma expressão, não propriamente exclusiva dos territórios marítimos ou fluviais portugueses, mas que encontram nesses territórios uma definição proto-urbana (se assim se lhe poderá chamar), muito evidente: trata-se do espaço da *“Ribeira”*, uma condição *sine qua non* de todas as fundações cidadinas costeiras portuguesas, metropolitanas ou ultramarinas-coloniais.

Assim Lisboa verá assentar no seu território próximo, uma dinâmica de expansão para poente, junto ao rio, chegando a Belém (que ficava, porém, fora do termo da cidade), num processo marcado por diversas realizações arquitetónicas e pré-urbanas durante o século XVI.

**Figura 1** – “Caminho do Oriente”.  
Autor: Silva Pinto (1911)

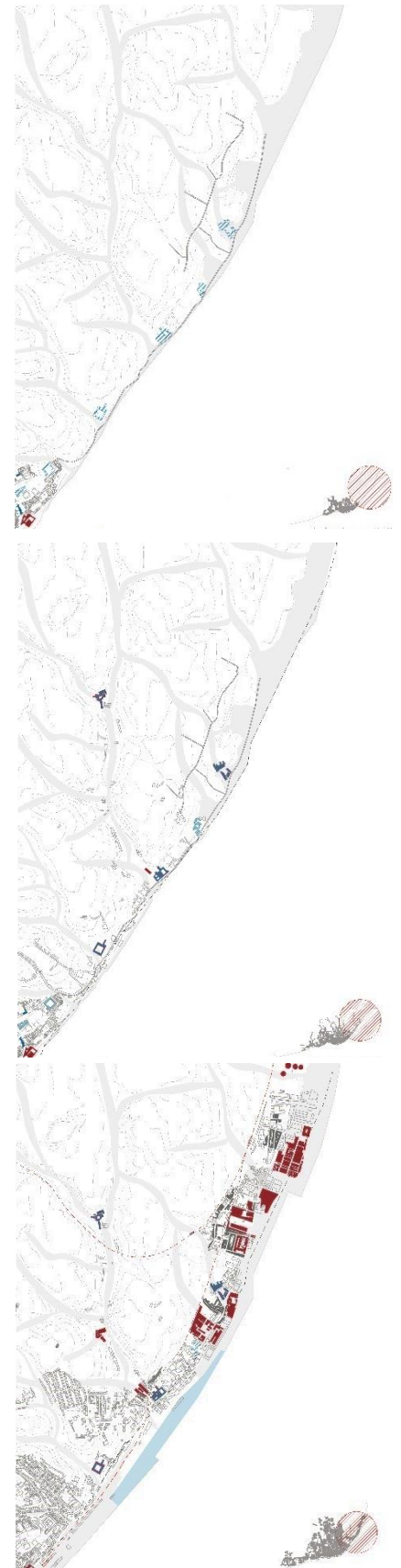
**Figura 2** - “Caminho do Oriente”.  
Autor: Silva Pinto (1911)

Muitos dos edifícios eram de *standard* social, mas outros apresentavam aquela que era a vocação essencial da frente ribeirinha: o seu carácter proto-industrial com terecenas, arsenais, serviços de alfândega, partindo da valência central situada no então Terreiro do Paço e estendendo-se até Alcântara - e muito para lá. Os reinados de D. Manuel e de D. João III assistem, inclusivamente, à consolidação desta frente-ribeirinha: agora não já para poente, mas também para nascente, desta vez chegando a Xabregas.

Por sua vez, o hinterlandoi destes territórios (a nascente e poente) foram ocupados por palácios e conventos e, numa escala mais pragmática, por quintas de recreio ou de vilegiatura, possuindo uma estreita relação com a topografia de colina, constituindo eles próprios, como que pontos de vista (e linhas de vista) e de ligação ao rio, concitando assim, mesmo antes do culto da paisagem, a primeira aproximação ao rio.

Estes aterros foram desenvolvidos gradualmente do século XVI/XVIII ao XX, sendo os séculos XIX e XX fundamentais para a definição da paisagem ribeirinha lisboeta, pois constituem as centúrias em que a cidade de Lisboa passou por uma metamorfose de conceitos na arquitetura e na sua estrutura urbana e económica. Na sua origem, naturalmente, estaria a revolução industrial (tardia embora), influente no aumento do uso do ferro e de novas tecnologias de materiais que viriam, não apenas, introduzir novas formas estruturais de construção, como viriam adequar a era da máquina à necessidade de novas infraestruturas e novas formas de habitar a cidade – utilizando a terminologia de Lewis Mumford, passando do momento “eotécnica” (a navegação, a exploração da terra, as quintas e as cercas dos conventos), passando pela fase “paleotécnica” (as primeiras instalações indústrias mecanizadas ou usando o vapor), até à fase “neotécnica”, onde se insere, por exemplo, o edifício de A Tabaqueira. Com a construção dos caminhos-de-ferro (1856), estrada de circunvalação e o grande porto (inaugurado em 1887) estabeleceram-se os meios necessários para a instalação da atividade industrial na zona Oriente da cidade.

Antigos conventos foram convertidos em fábricas, e quintas e terrenos baldios foram expropriados e transacionados com a dispersão de bens monástico-conventuais e respetivas cercas e a desafetação de algumas quintas e das suas propriedades produtivas, servindo daí em diante para a implantação das novas infraestruturas fabris: “construíram-se docas para atracagem de barcos de pequeno calado e diversos molhes para o desembarque de barcos de grande calado, enquanto entre a avenida ribeirinha e os rios surgiram edifícios administrativos do porto de Lisboa, armazéns e outros espaços portuários que se edificaram ao longo de diversas décadas” (Durão, 2011).



**Figura 3, 4 e 5** – (De Cima para Baixo)  
Planta Territorial “Caminho do Oriente”.  
Séc. XVII, Séc. XIX e Séc. XX

*“A área oriental da cidade experimentou uma vocação industrial, cujas marcas ficaram traçadas na paisagem, desde a época da expansão. Oficinas, manufaturas, fábricas, chaminés, fornos, grandes conjuntos industriais, bairros operários, trabalho, greves. “*

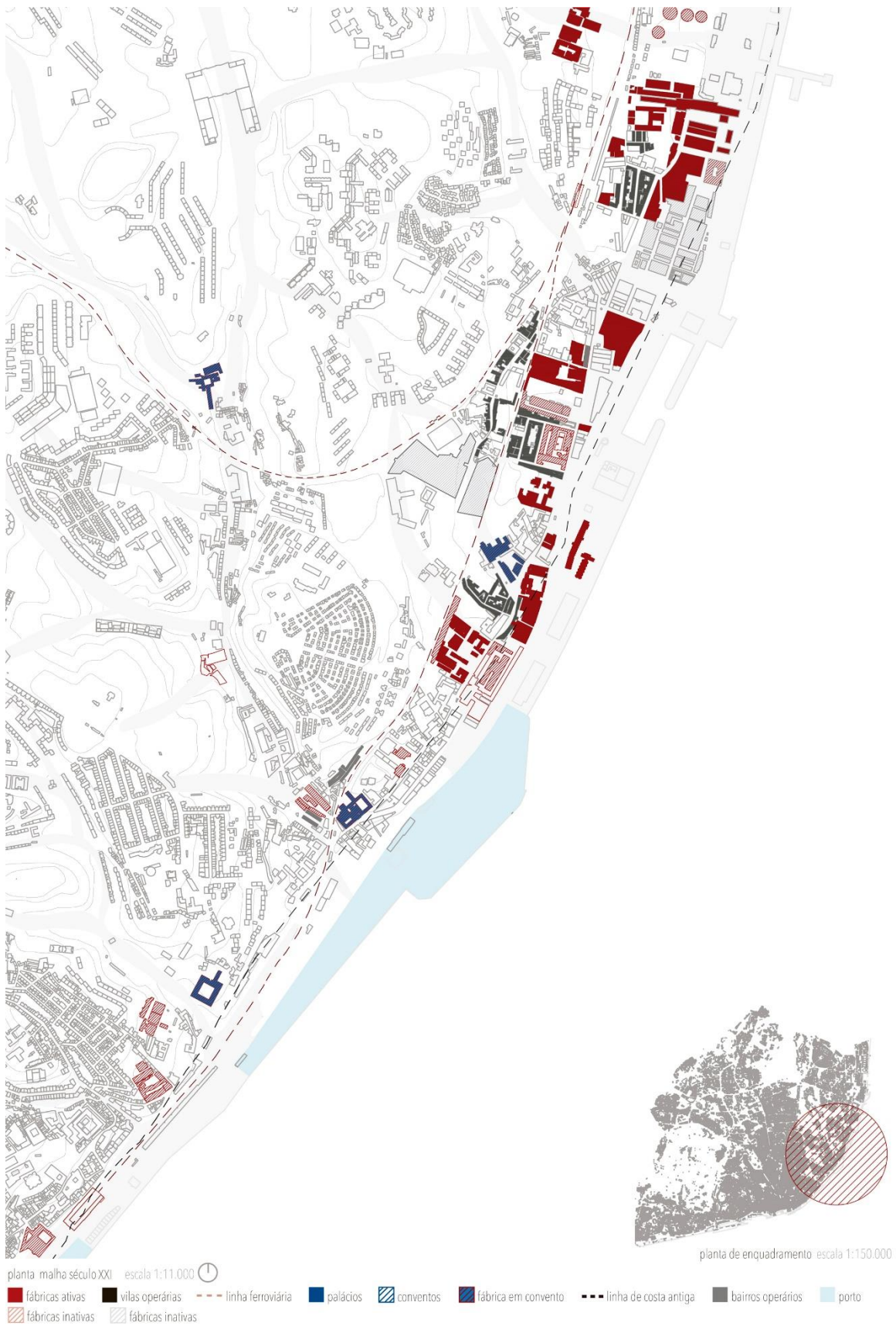
(Custódio e Folgado, 1999:9)

Este processo de transformação urbana afetou também a estrutura social da zona oriente. O setor industrial atraíu a população operária, provocando a instalação residencial, de génese orgânica, desta classe trabalhadora. Surgiram assim, pátios e bairros residenciais e mais tarde, vilas organizadas segundo a localização aproximada dos locais laborais, estabelecendo-se uma forte relação trabalho-habitação nas periferias das fábricas.

As marcas destas atividades ficaram gravadas na paisagem da cidade, *“Oficinas, manufaturas fábricas, chaminés, fornos, grandes conjuntos industriais, bairros operários, trabalho, greves ideologias da emancipação foram o leitmotiv de espaços urbanos e rurais, acumulando-se gradativamente no tecido periurbano”* (Folgado, 1999:9). Ainda hoje se podem observar as reminiscências deste edificado, sendo de destacar, para a presente proposta, a área do Braço-de-Prata, cuja Fábrica dita do Braço de Prata fora demolida; mas edifícios como a Tabaqueira, a Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, a José Domingos Barreiro e a Companhia e silos da Petroquímica/ Gás da matinha, ainda se encontram erguidos, estando, contudo (alguns) devolutos.

A partir da década de setenta do século passado muitas indústrias da Zona Oriental de Lisboa davam mostras de envelhecimento iniciando-se assim o já referido processo de desindustrialização da Zona Oriental da cidade (Folgado,1999).

Hoje, a frente ribeirinha da cidade é uma faixa de terreno, rematada por um contínuo muro de pedra lioz, que define a expandida área de atividade Industrial e portuária (Cruz, 2016), apresentando diversos vazios urbanos e terrenos expectantes, localizados no “Caminho do Oriente”. Estes territórios são a consequência urbana do Pós-industrial: são espaços *brownfields*. (Saraiva, 2010).



**Figura 6** – Planta Territorial “Caminho do Oriente”. Séc. XXI

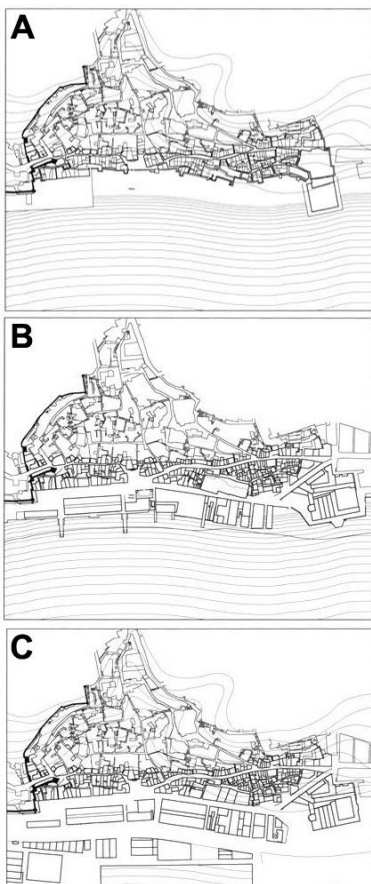
### 1.1.2. Relação Cidade-Rio

É então importante referir o valor do rio e da frente ribeirinha para a cidade. Segundo Durão “*A identidade urbana de Lisboa está muito relacionada com a frente ribeirinha e com o rio porque nasceu e cresceu com ele*” (Durão, 2009:12). Na verdade, a cidade nunca se dissociou do rio. A estrutura urbana, as lógicas formais e funcionais marcam este território (Durão, 2009).

Refira-se, porém, criticamente, que nunca a relação com a frente fluvial, mesmo em tempos mais recuados foi pacífica: o rio (e o mar que ele anuncia) foi sempre entendido mais como um meio de locomoção, uma forma de ganha-pão (literal e figurado), sem grande atratividade que não fosse a da sua utilidade. Tempos houve em que se estendia pela faixa ribeirinha a nascente de Lisboa (e isto, tão tarde quanto os finais do século XVIII) uma densa cortina de armazéns.

O próprio Terreiro do Paço, antes da reforma pombalina pós-terramoto, era uma praça-praia, aberta quanto bastasse, mas povoada de edifícios utilitários (Alfândega, Terreiro do Trigo, Ribeira das Naus poente e nascente, estaleiros vários) sem qualquer consciência de “paisagificação”, como se nota na construção, inclusivamente, de muralhas com baluartes, fechado pelo lado do rio esse Terreiro. A Praça do Comércio e o iluminismo pombalino iniciam essa revolução de relacionamento com o rio, monumentalizando, pelo menos, uma das entradas “nobres” da cidade – mas longe de um reclamado direito de vistas, a que só se puderam entregar alguns nobres e do alto-clero cujos palácios e conventos foram alcandorar-se nas colinas (Janelas Verdes, Rua da Junqueira) para um lado, ou foram implantados na praia, como aconteceu para poente (veja-se, por exemplo, o Palácio da Mitra).

Assim, esta relação cidade-rio, apresentou claros obstáculos. Durão afirma que os aterros criados para servir a principal atividade económica da cidade “*geraram espaços de características diferentes dos anteriores, porque são espaços exteriores à própria cidade, que não são envolvidos, mas estabelecem a relação cidade/rio, tendendo mais para a cidade conforme os usos*” (Durão, 2009:3), pelo que estes espaços provocam, eles próprios, uma obstrução à relação cidade-rio, na medida em que o afastamento causado por diversos tipos de barreiras, como aterros, vias férreas e instalações portuárias, provocam restrições de acesso direto ao plano de água e separam fisicamente – na gestão do espaço urbano – os lisboetas do seu rio (Saraiva,2010).



**Figura 7** – Aterros da Frente Ribeirinha de Alfama, A. séc. XVI, B. 1856-58, C. séc. XX – Atualidade. Autor: Vítor Durão (2011)

Assim, *“este espaço surge como um espaço lateral à cidade ou aos seus habitantes, porque não é um lugar onde se viva, mas relegado para a atividade portuária, em declínio”* (Durão, 2011:11). Durão exemplifica, através de um trabalho elaborado por alunos de arquitetura paisagística, que essas barreiras infraestruturais impossibilitam, de facto, uma melhor relação com rio, porque *“a continuidade urbana não se faz por túneis ou passagens aéreas, porque não se consegue estabelecer suficiente permeabilidade, mas num continuum espacial (...) a relação com o rio é visual, é económica, é simbólica, mas também é sofrida por não ser natural”* (Durão,2011:12).



**Figura 8** – Vista aérea da zona industrial de Cabo Ruivo: Frente-Ribeirinha e Aterro da Matinha (1953)

### 1.1.3. Paisagem Industrial

O *Caminho do Oriente* expõe uma paisagem industrial, cujo processo de desenvolvimento, marca o território e o tecido urbano, conjugando passados e presentes através da sobreposição de malhas, *“histórias e narrativas, qual palimpsesto, revelando histórias que coexistem, se atropelam e que implodem numa mesma estrutura.”* (Moreira, 2014:3)

Ora, o palimpsesto é entendido como um manuscrito que foi reescrito diversas vezes, apresentando as marcas visíveis, imperfeitamente apagadas, do que foi escrito anteriormente. É neste contexto que se pode perceber o território como um palimpsesto, utilizando-se a história do lugar como uma forma de revelar a sua identidade. *“Using principles of collage and juxtaposition, history is seen not as linear phenomena, but as layers or discrepancies between a past event (history) and present recall (memory).”* (Nesbitt cit. por Kirkwood, 2001:128)

É esta justaposição do processo de desenvolvimento urbano que permite observar os elementos que definem a paisagem industrial no Caminho Oriente. A ocupação progressiva das fábricas e, conseqüente transformação dos usos das quintas e fábricas, obrigou a um desenvolvimento territorial que se apresenta sob a forma de núcleos industriais, criando-se diversos pontos de atividade fabril, separados segundo a indústria praticada e os complexos a ela associados. Estes núcleos expandiram-se em raio, sendo suportados pelos bairros operários nas suas periferias.

Assim se construíram as vivências bairristas e laborais implícitas à paisagem industrial da frente-ribeirinha lisboeta, cujo percurso marginal é caracterizado por pontos de indústria concentrada, divididos – e identificados - em quatro possíveis núcleos industriais.

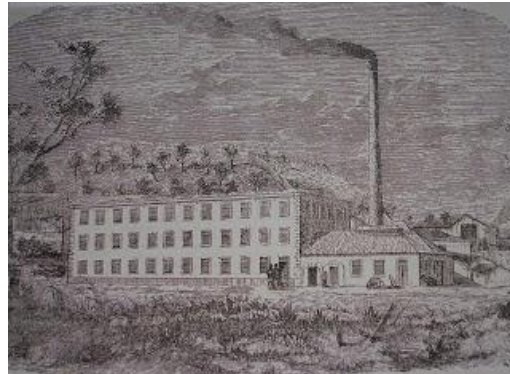


Figura 9 – Planta de Identificação dos Núcleos Industriais.

O *Núcleo Industrial de Xabregas* era composto, principalmente, pela tradição de atividades industriais dedicadas à produção de Tabaco e Tecidos (Algodão) sobre o encargo das (antigas) seguintes fábricas: *Fábrica de Fiação e Tecidos de Xabregas*, vulgo *Fábrica da Samaritana* (1854), *Fábrica da Companhia de Fiação Tecidos Lisbonense* (1838), *Fábrica de Tabacos de Xabregas* (1844), *Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental*, vulgo *Fábrica das Varandas* (1890) e *Tinturaria Nacional*. Este núcleo também possui a *Vila Dias* (1888) e *Vila Flamiano* (1888), que ofereciam residência aos operários de Xabregas.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.

**Figura 10** – Fábrica da Samaritana. (circa 2000)

**Figura 11** – Fábrica da Samaritana. (1887)

**Figura 12** – Convento de S. Francisco de Xabregas: Fábrica da Companhia de Fiação Tecidos Lisbonense e Fábrica de Tabacos de Xabregas (1944)

**Figura 13** – Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental (1898)

**Figura 14** – Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental (1989)

**Figura 15** – Vila Dias (1910)

**Figura 16** – Vila Flamiano (2011)

**Figura 17** – Viaduto de Xabregas (1938)

O *Núcleo Industrial da Manutenção Militar* era composto pelo complexo industrial *Manutenção Militar*, que fora destinado à produção, e fornecimento ao exército, de mantimentos à base do pão. Este núcleo apresentava assim uma tradição de atividades industriais dedicadas à produção do pão, sobre o encargo das seguintes fábricas: *Manutenção Militar* (1897), *“A Nacional” – Companhia Industrial de Transformação de Cereais*. Destacando-se, também, a proximidade a edifícios de valor patrimonial como o *Convento e Igreja do Grilo* (XVII) e *Convento do Beato* (Onde se instalou a fábrica de Malte, como complemento à fábrica *“A Nacional”*)



18.



19.



20.



21.



22.

**Figura 18** – Vista Aérea da Manutenção Militar. Autor: José Aguiar (2016)

**Figura 19** – Manutenção Militar. (20--)

**Figura 20** – Vista aérea das novas instalações da "COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS". (1950)

**Figura 21** – Fábrica de Malte na antiga Igreja do Convento do Beato (1980)

**Figura 22** – Convento do Grilo

O *Núcleo Industrial do Poço do Bispo* era composto por diversas atividades fabris, destacando-se a produção e armazenamento de sabão, borracha, fósforos, cortiça e vinho ao encargo da *Sociedade Nacional de Sabões* (1919), *Fábrica da Borracha Luso-Belga* (1895), *Companhia Portuguesa de Fósforos – Sociedade Nacional de Fósforos* (1925), *Fábrica de Cortiça da Quinta da Mitra* (1889) *Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca* (1910), e *José Domingos Barreiro & C, LDA – Armazém Vinícola* (XIX). Este núcleo também possui a *Vila Pereira* (1887) que oferecia residência aos operários do Poço do Bispo.



23.



24.



25.



26.



27.



28.



29.

**Figura 23** – José Domingos Barreiro & C. LDA. Autor: Miguel Oliveira (2014)

**Figura 24** – Sociedade Nacional de Sabões

**Figura 25** – Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca. (1966)

**Figura 26** – Fábrica de Cortiça da Quinta da Mitra Autor: Ricardo Moreira (2003)

**Figura 27** – Sociedade Nacional de Fósforos. Autor: António Sacchetti (1998)

**Figura 28** – Vila Pereira. Autor: António Sacchetti (1998)

**Figura 29** – Vila Pereira. Autor: Barragon (2010)

*O Núcleo Industrial do Braço de Prata era composto pela presença da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (1904), da Fábrica “A Tabaqueira” (1927) e do Gás da Matinha/ Petroquímica (1943-2007). Este, foi o complexo de maior dimensão que provocou grandes alterações no desenho urbano do Braço de Prata, na medida em que redefiniu ruas e desenhou novas vias de circulação, assim como motivou o estabelecimento de vários edifícios residenciais destinados aos trabalhadores do Braço de Prata.*



30.



31.



32.



33.



34.



35.



36.



37.



38.

**Figura 30** – Gás Da Matinha (1944)

**Figura 31** – Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (1908)

**Figura 32** – Gás Da Matinha (1957)

**Figura 33** – Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (1908)

**Figura 34** – Panorâmica Gás Da Matinha (2017)

**Figura 35** – Armazém 23 – Gás da Matinha (2017)

**Figura 36** – Vista de rua da fábrica “A Tabaqueira” (2017)

**Figura 37** – Entrada Principal da fábrica “A Tabaqueira” (2017)

**Figura 38** – Alçado Lateral da fábrica “A Tabaqueira” (2017)

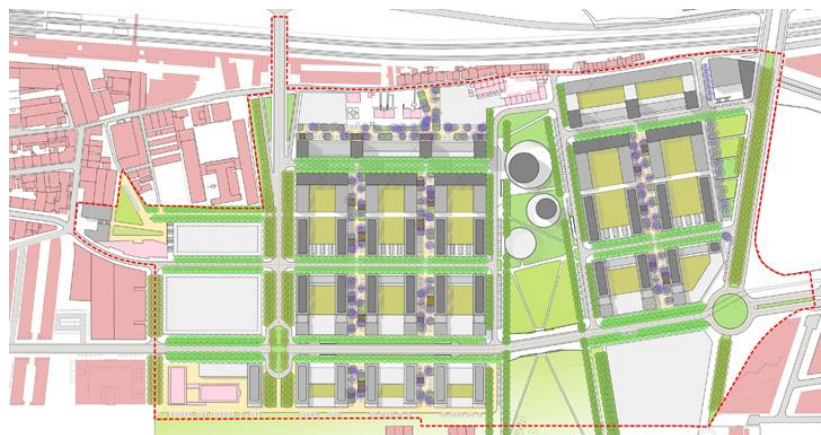
## 1.2. Lugar: Braço de Prata

O Braço de Prata, cuja origem etimológica recai na alcunha do antigo dono da Quinta da Matinha, António de Sousa Meneses (apelidado em função da sua carismática prótese de prata), corresponde à zona frente-ribeirinha da freguesia Marvila, estendendo-se para Este a partir da linha ferroviária até ao rio, e para Sul, desde a zona do Parque das Nações até ao Poço do Bispo. Esta é uma zona de forte carácter industrial e patrimonial, ostentando diversos exemplos de Património Industrial integrados no *Núcleo Industrial do Braço de Prata* apresentado no ponto anterior deste trabalho.

Contudo, também o Braço de Prata foi vítima do processo de desindustrialização latente no *Caminho do Oriente*, apresentando – atualmente – uma miríade de espaços pós-industriais obsoletos que surgem como lugares repletos de oportunidades interventivas através de projeto de regeneração, requalificação e reabilitação urbana e arquitetónica que, agregados às características fortes desta zona (proximidade ao rio e memória industrial) e respeitando a identidade do lugar, podem transformar o Braço-de-Prata num ponto da cidade propulsor do desenvolvimento urbano, social e económico do território da Capital.

### 1.2.1. Planos Pormenor Existentes

Em 2011, no âmbito do Plano Diretor Municipal de Lisboa, que propõe a requalificação e regeneração de diversos espaços urbanos localizados na zona Oriente de Lisboa, a Câmara Municipal de Lisboa apresentou o Plano de Pormenor da Matinha, caracterizado pela requalificação da área correspondente à antiga fábrica *Gás da Matinha/ Petroquímica*, propondo um Plano que converta esse vazio industrial numa área residencial composta por usos mistos.



**Figura 39** – Plano de Pormenor da Matinha. Autor: RISCO + NPK (2011)

É também no contexto de requalificação do Braço de Prata que o arquiteto Renzo Piano apresenta o Plano Pormenor – também de cariz residencial – denominado “Jardins Braço de Prata”, a ser implantado na antiga localização da *Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata*.

Estes, são planos que promovem a regeneração e requalificação da zona do Braço-de-Prata através da ocupação residencial e usos mistos – nomeadamente comércio, serviços e equipamentos recreativos – complementando as zonas do Parque das Nações.



**Figura 40** – Plano de Pormenor “Jardins Braço de Prata”. Autor: enzo Piano Building Workshop/CPU (2016)



**Figura 41** – Modelo Tridimensional do Plano Pormenor “Jardins Braço de Prata” Autor: enzo Piano Building Workshop/CPU (2016)

Contudo, estes projetos negligenciam o património edificado, nomeadamente a antiga fábrica “*A Tabaqueira*”, ignorando as potencialidades de reabilitação que esses edifícios apresentam, assim como dispensam uma abordagem urbana de distribuição de usos diversos, ignorando as atividades económicas existentes na zona, nomeadamente as áreas industriais. Então, o presente projeto de Final de Mestrado, sugere propostas que alterem algumas configurações destes Planos Pormenor, principalmente o Plano Pormenor da Matinha e o desenho da frente-ribeirinha sugerido por ambos os planos.



**Figura 42** – Planos de Pormenor da Matinha e “Jardins Braço de Prata” Autores: Renzo Piano Building Workshop/CPU e RISCO +NPK (2016)

### 1.2.2. Análise Social

*“O território constrói-se socialmente, porque resulta da ação constante da sociedade, dos seus atores e da sua estabilidade ou convulsão”*

(Domingues, 2015, p.28).

No contexto da análise social, assumimos que discursividade analítica não pode ser linear, como não é linear a história. As vivências, criação, montagem e desmontagem de um espaço urbano faz-se em diferentes tempos, curtos, médios e longos, e é esse entendimento que se pode obter através de uma cartografia viva.

É neste contexto que o *site* da Junta de Freguesia de Marvila disponibiliza conteúdos documentais que descrevem – através de entrevistas – as experiências e vivências dos moradores locais, fazendo referência ao “antes e depois da Expo 98”<sup>1</sup>. O Braço de Prata é, assim, um local repleto de memórias de antigos operários e moradores desta zona industrial, caracterizando-se através dos ecos visuais e urbanos da indústria do passado: é ainda possível ver as casas dos antigos funcionários da *Fábrica de Gás da Matinha/Petroquímica*, assim como todo o edificado de apoio industrial que circunda esta área obsoleta:



**Figura 43** – Trabalhadores no interior da Fábrica do Braço de Prata (1960)

**Figura 44** – Trabalhadores no interior da Fábrica do Braço de Prata (1960)

**Figura 45** – Trabalhadores no exterior da Fábrica do Braço de Prata (1960)

*“O Sr. António Pina, em Marvila há 60 anos, que recorda o movimento frenético de quem saía do comboio em direção ao trabalho, “havia aqui movimento que nunca mais acabava, mas agora é um tédio, não se vê quase ninguém, então crianças e jovens não há mesmo”*<sup>2</sup>, segundo JF-Marvila, o Sr. António Pinta conta que estes edifícios permanecem iguais ao que foram em tempos, porém apresentam-se devolutos carecendo de obras. Este espaço, em tempos recheado de *“comércio, mercearias e tabernas onde todas as pessoas vinham”*<sup>3</sup>, agora expõe um movimento reduzido onde grande parte desses espaços foram encerrados. A população que vivia no Braço de Prata ou falecera, ou mudara de lugar.

*“Mais à frente, Vitória Casanova, a morar em Marvila há 66 anos, recorda as histórias que os mais velhos lhe contavam sobre o pátio onde vive e, que nada tem a ver com o que era, em contraponto com toda a rua que “está igual, apenas com muito menos comércio”, confessa. “Isto eram uns quintais abertos do Convento. Aliás a minha casa está onde era a antiga capela”*<sup>4</sup>, Vitória Casanova acrescenta, ainda, que a implantação da fábrica de gás fora outrora quinta conhecida como a Quinta das Parteiras, onde se comprava leite e legumes. *“Mais junto ao rio, nessa quinta, era o sítio onde a polícia tinha os cavalos e aqueles campos para eles saltarem, então os*

<sup>1</sup> “Braço de Prata. Um antes e depois da Expo 98”. Junta de Freguesia de Marvila. Disponível online [Consultado em 07 de Abril de 2017]

<sup>2</sup> Idem

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup> Ibidem

*garotos, fugiam aqui pelo meio para poderem ir ver os cavalinhos, era muito engraçado”<sup>5</sup>, relata Vitória Casanova ao entrevistador da JP-Marvila. Esta recorda-se dos tempos da sua juventude em que, “apesar da miséria – que nada tem a ver com a crise que se vive hoje, era muito pior – as pessoas conviviam muito mais, os jovens estavam mais tempo na rua e importavam-se com os costumes, agora já não ligam muito”. Com o mesmo aspeto exterior, entre ruas, ruelas e azinhagas que ainda se avistam, persistem duas mercearias, um barbeiro e alguns cafés lembrando o movimento de Braço de Prata de outros tempos, outrora plena de pessoas a circular.”<sup>6</sup> Assim se tem um exemplo dos “viveres” de outrora, cujo eco destas experiências está representando no edificado e na memória da população que ainda habita, ou pratica a sua atividade laboral no Braço de Prata.*



**Figura 46** – Fotografia Aérea da Fábrica Militar do Braço de Prata (1950)

---

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Ibidem

### **1.2.3. Análise Urbana**

#### **Densidade Urbana: Cheios e Vazios**

A presente análise procura compreender a densidade urbana do lugar através de uma planta de cheios e vazios que reconhece, não só, a malha urbana predominante, como compreende o tipo de ocupação do território.

O Braço de Prata apresenta uma densidade de edificado médio, exibindo maior densidade na área a Sul. A linha férrea separa duas zonas da cidade motivando a segregação entre a área a Oeste e Este da mesma, dando-se a concentração de edificado na área mais próxima do rio. Tal concentração na frente-ribeirinha deve-se à localização das antigas (e atuais) indústrias, que motivaram a instalação de residências e outros edifícios de apoio à indústria, na sua periferia.

É devido a essa segregação espacial, barreira física, (causada pela linha ferroviária) e indústria devoluta que o Braço de Prata expõe grandes espaços urbanos desqualificados (vazios) entre uma malha de cariz pouco constante, agrupando edifícios em várias áreas, segundo esquemas diferentes: A Norte, a malha apresenta-se através da tipologia de quarteirão fechado, fazendo jus ao projeto do Parque das Nações, enquanto a Sul, o projeto de Renzo Piano contraria o desenho orgânico da malha que o circunda.

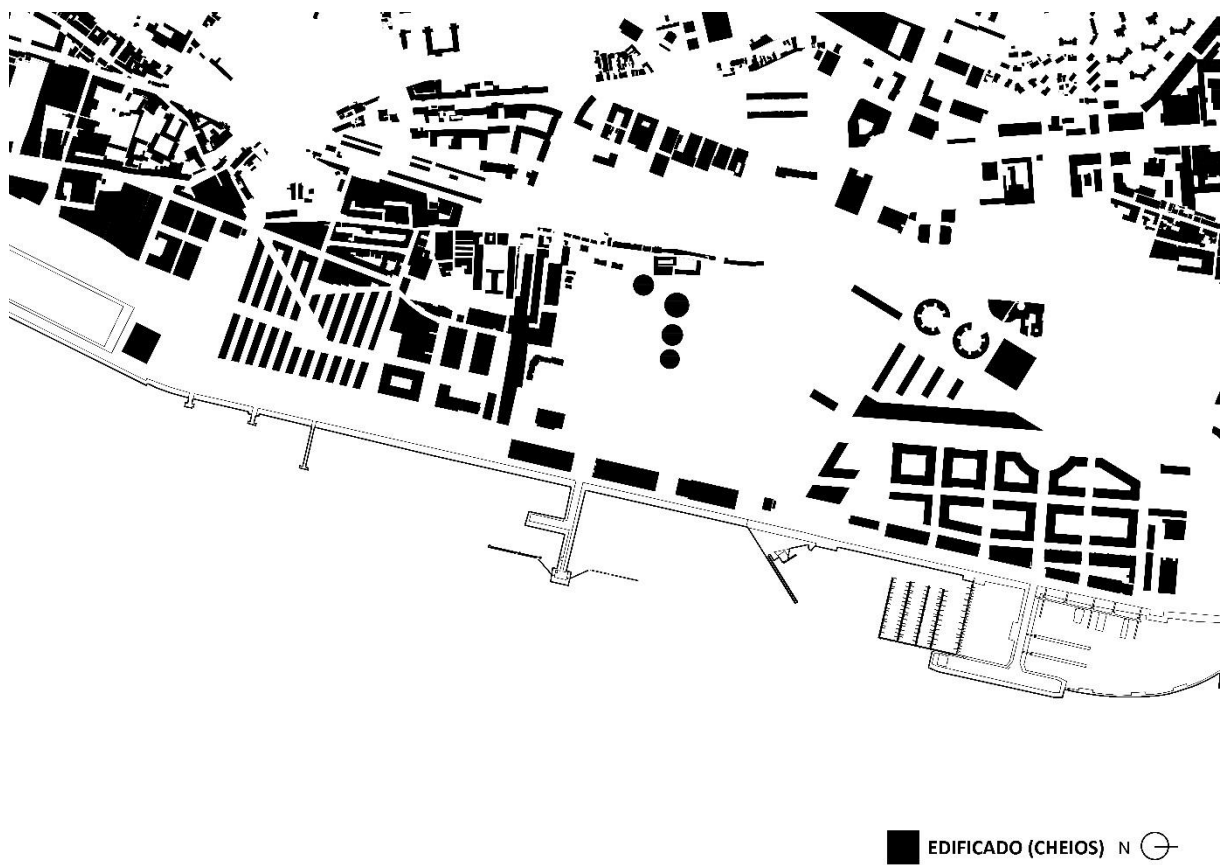


Figura 47 – Análise de Densidade Urbana (Cheios e Vazios)

### **Espaços Verdes**

A presente análise procura compreender a distribuição e presença de áreas verdes qualificadas, desqualificadas (baldios), apontando a implantação dos espaços verdes previstos em PDM, no Plano do “Parque Ribeirinho Oriental” e “Parque do Vale Fundão”.

O Braço de Prata apresenta uma evidente ausência de espaços verdes qualificados e locais públicos de permanência, observando-se uma grande quantidade de espaços verdes desqualificados (baldios), presentes nos espaços residuais da desindustrialização. As únicas áreas verdes qualificadas encontram-se no Parque das Nações, no interior do antigo Convento de Nossa Sra. da Conceição e única praça com características de espaço público de permanência: a Praça David Leandro da Silva junto à Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca e aos armazéns vinícolas José Domingos Barreiro & C

Salienta-se assim, a necessidade de criar espaços verdes e espaços públicos que fomentem a permanência e a vivência do lugar enquanto espaço urbano.

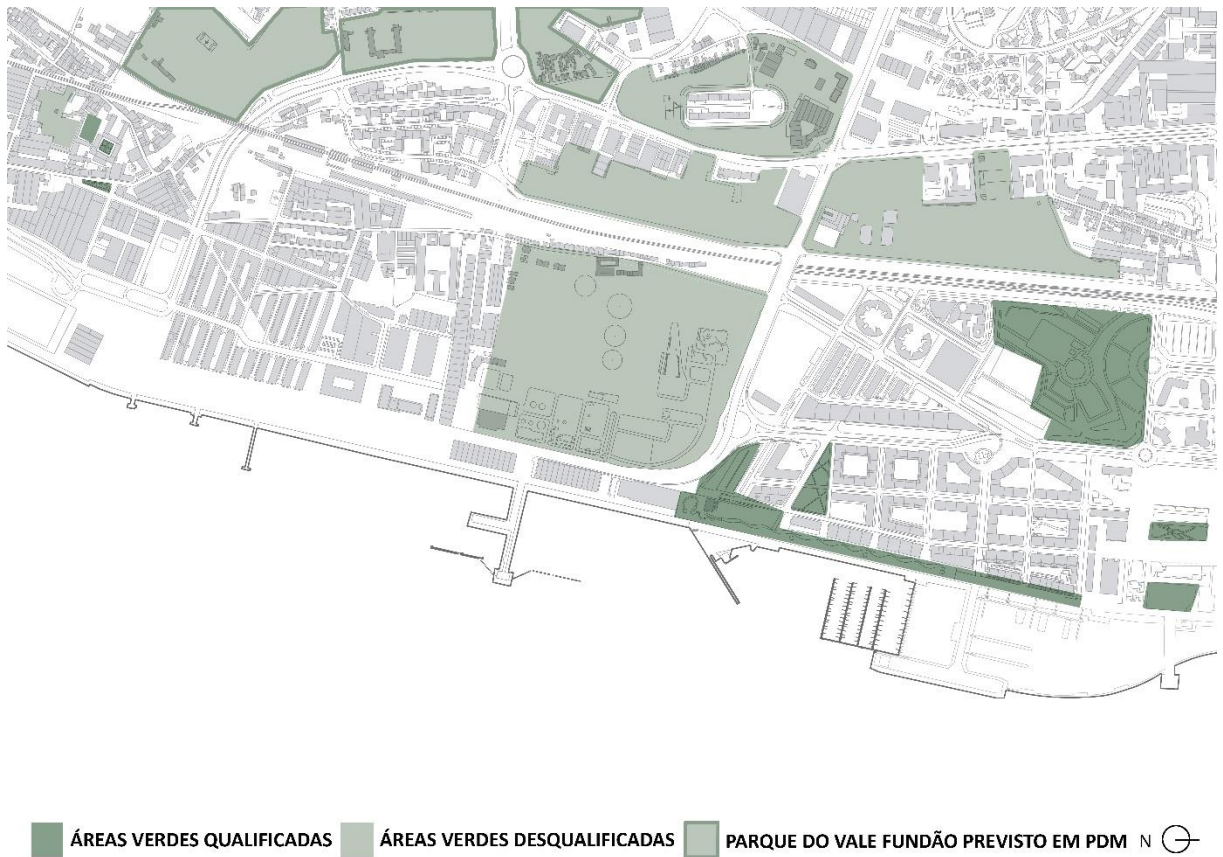


Figura 48 – Análise de Espaços Verdes

### Acessos

A zona do Braço de Prata possui uma estrutura viária ineficiente, contendo os eixos principais de acesso na sua periferia. O Braço de Prata é acessível através da Avenida Infante Dom Henrique que atravessa a marginal do *Caminho do Oriente*. Esta via divide-se em duas: na continuação da Av. Infante Dom Henrique que contorna a zona do Braço de Prata e Gás da Matinha, estabelecendo a conexão com a zona interior do Parque das Nações e na Rua Cintura do Porto que conecta, não só, com o Parque das Nações, mas também com a restante área de Marvila, a Este da linha férrea. Existe assim uma continuidade de vias principais que pretendem estabelecer a continuidade – e ligação – entre a Baixa Pombalina (através do *Caminho do Oriente*), e o Parque das Nações, duas zonas consolidadas da cidade, negligenciado a estrutura viária secundária que desenha o espaço urbano do Braço de Prata.

As vias secundárias do Braço de Prata apresentam um cariz orgânico, desenhadas de acordo com a evolução progressiva do território. Estas são vias pequenas e desorganizadas que por vezes terminam em becos ou transformam-se em espaços pedonais, não permitindo o livre acesso a todo o edificado, criando, em simultâneo, quarteirões de grandes dimensões. Estas características opõem-se à via secundária regular presente a Norte, no Parque das Nações.

É devido a esta carência de vias secundárias que os Planos de Pormenor da Matinha e “Jardins Braço de Prata”, reestruturam a estrutura viária, criando novas vias secundárias que estabelecem ligações no interior desta zona. Estes Planos também preveem duas novas vias principais. A primeira caracteriza-se pela deslocação da Rua Cintura do Porto, permitindo não só a ligação direta com a Alameda dos Oceanos (Parque das Nações), como permitindo a libertação do tráfico presente da zona frente-ribeirinha, motivando a requalificação desse espaço através do desenho de espaços públicos de cariz pedonal que fomentem a permanência e a existência de áreas verdes. A segunda via principal atravessa transversalmente o Braço de Prata, permitindo uma ligação direta com a restante área de Marvila, a Este da Linha Ferroviária, aliviando a segregação espacial causada por essa mesma linha.

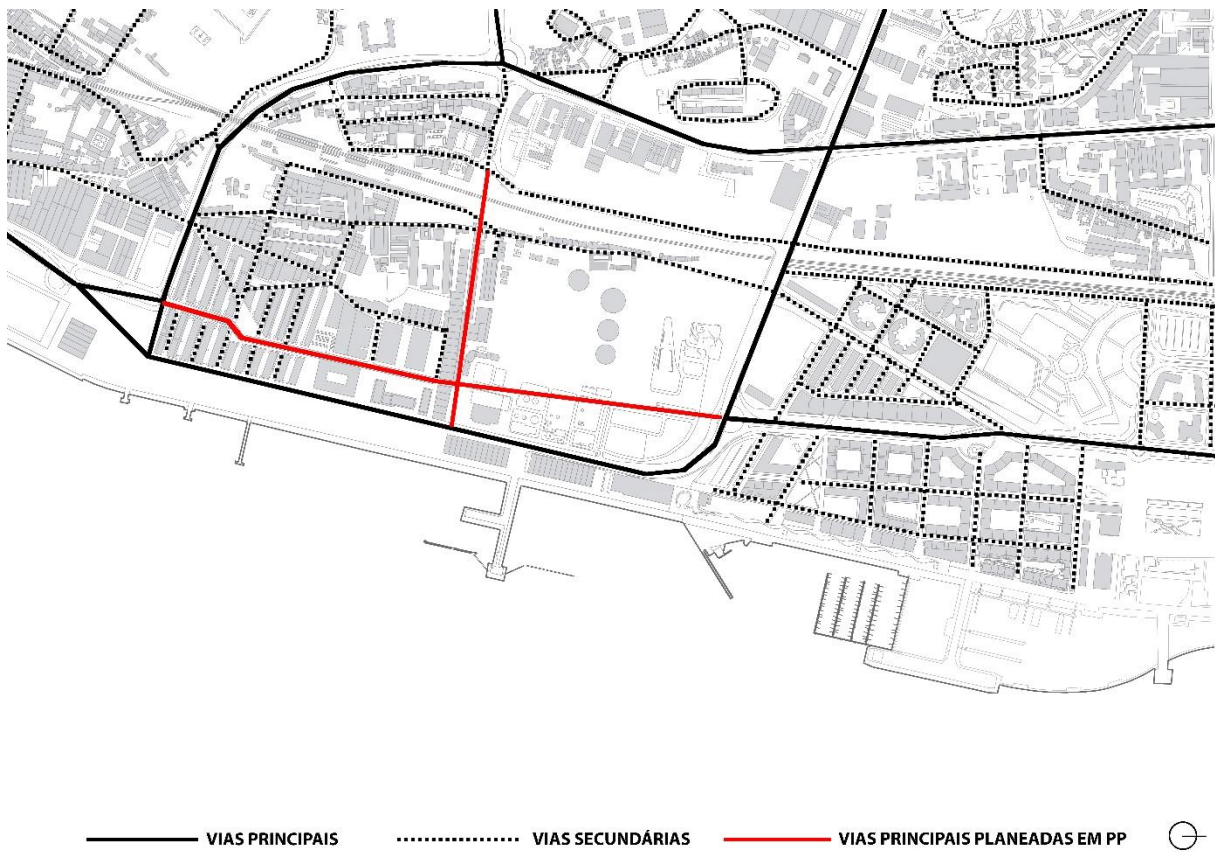


Figura 49 – Análise de Acessos

### Transportes Públicos

O Braço de Prata é acedido apenas por dois tipos de transporte público: Comboio (CP – Linha de Sintra e Alfa/Intercidades), e Autocarro (Carris).

Os autocarros circulam nas vias principais de circulação, mencionadas na análise anterior, sendo estas a Avenida Infante Dom Henrique, Rua Cintura do Porto e Alameda dos Oceanos, estabelecendo um percurso que liga o Braço de Prata ao Parque das Nações, Marvila a Este da Linha Ferroviária e Baixa Pombalina. Contudo, estes transportes mostram-se insuficientes pois circulam com pouca regularidade, encontrando-se muitas vezes demasiado cheios. Ainda, os autocarros que circulam não são noturnos, pelo que dificulta o transporte pós-laboral, na medida em que a entrada de metro mais próxima é apenas no Cabo Ruivo. Tal sistema não permite a livre circulação em transportes públicos, exigindo a utilização de carro próprio àqueles que residam, ou trabalhem nesta zona.

Desta forma, em caso de requalificação e desenvolvimento urbano do Braço de Prata, torna-se necessário a criação de novas linhas de autocarro e possivelmente, a criação de uma linha de madrugada. É também possível promover novos tipos de transporte público, nomeadamente transporte fluvial, possível devido à presença de diversos cais de embarque na periferia, e comboios do género “*tram*” (elétrico), cujo conceito recaia sobre a premissa de “roteiro pela indústria do *Caminho do Oriente*, transformando este território num ponto turístico de atração.

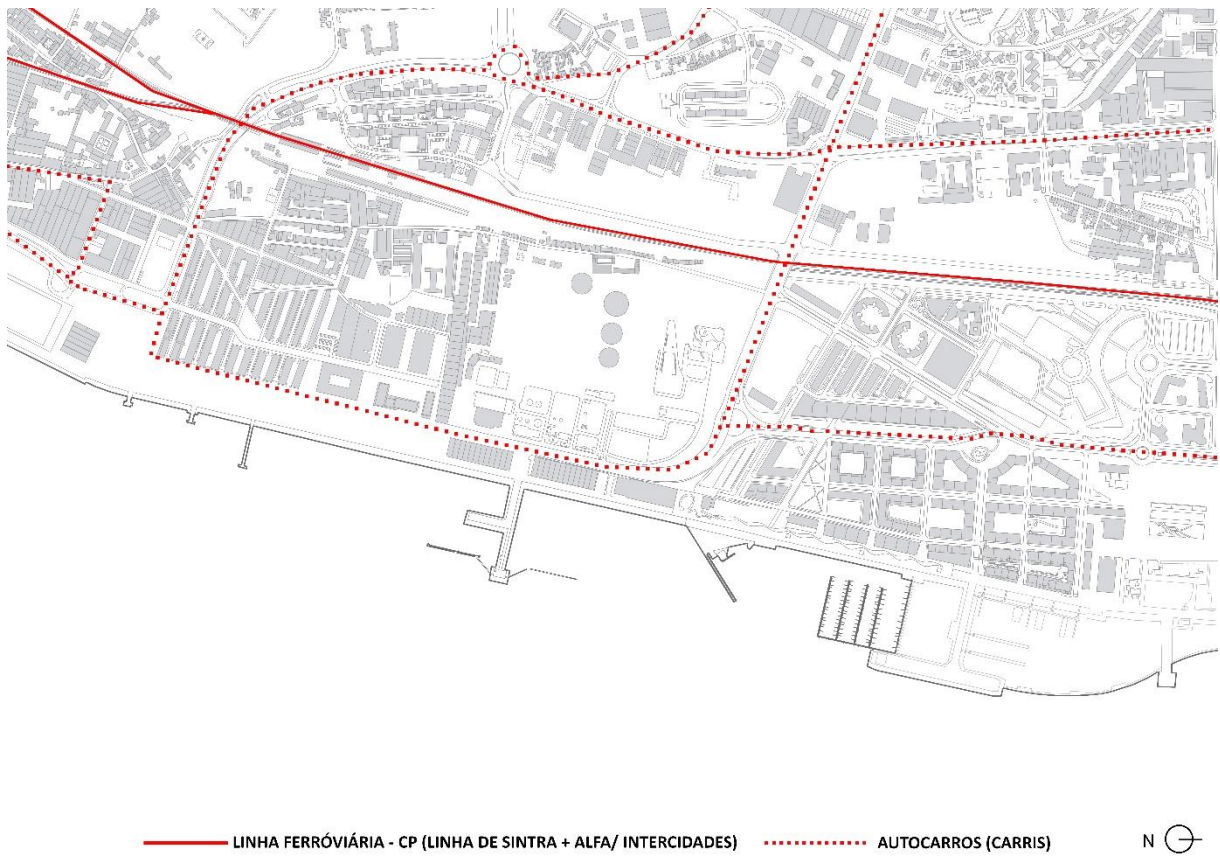


Figura 50 – Análise de Transportes Públicos

## Usos e Equipamentos

Atualmente, o Braço de Prata ainda é um lugar com predominância de diversos estabelecimentos destinados à indústria e atividades económicas possuindo também, património industrial resultante do processo industrial no *Caminho do Oriente*.

Assim, excluindo o Plano Pormenor de Renzo Piano (Jardins Braço de Prata), cujos usos são de cariz residencial, a área junto à frente-ribeirinha é destinada, principalmente a esse tipo de atividades industriais, apresentando apenas um pequeno bairro residencial que outrora apoiara a atividade industrial das fábricas adjacentes. Neste contexto, o Braço de Prata é também dotado de comércio e diversos serviços que apoiam este Bairro, nomeadamente restauração e mercearias, assim como serviços destinados a uma população geral, nomeadamente uma farmácia e diversos *stands de* automóveis, oficinas de reparação de automóveis ou outros produtos, ginásios, academias e inclusive, uma associação desportiva do oriente.

Já no interior de Marvila (imediatamente a Oeste da Linha Ferroviária), existe uma grande concentração de atividades industriais e económicas. É também nessa zona que começam a surgir bairros residenciais de maior dimensão, iniciando-se a área urbanizada destinada à habitação de Marvila. O Parque das Nações, na imediação do Braço de Prata, é igualmente regrado de diversas zonas residenciais, dotadas de comércio e serviços. É também nesta zona que se localiza o hospital CUF Descobertas, caracterizando-se como o estabelecimento hospitalar mais próximo do Braço de Prata, complementando o centro de saúde de Marvila, junto aos “Jardins Braço de Prata”.

No que diz respeito a equipamentos, o Braço de Prata apresenta uma evidente ausência de equipamentos culturais, existindo apenas a *Fábrica do Braço de Prata*, um edifício cultural implantado num edifício da antiga *Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata*. Este é o equipamento que atrai mais jovens, encontrando-se – porém – desvirtuado no contexto urbano pois apresenta-se circunscrito de edifícios devolutos ou serviços sem características culturais. Em contraste, existem diversos equipamentos de segurança, nomeadamente um quartel de bombeiros, e um quartel da GNR, assim como existe a Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches. Todavia, no que diz respeito a ensino básico, as escolas mais próximas são a Escola Básica Parque das Nações e Externato João XXIII, no Parque das Nações imediatamente adjacente a Marvila. Não existe qualquer escola secundária na proximidade imediata.

Conclui-se que o Braço de Prata carece de equipamentos recreativos e culturais, assim como estabelecimentos dedicados à educação.

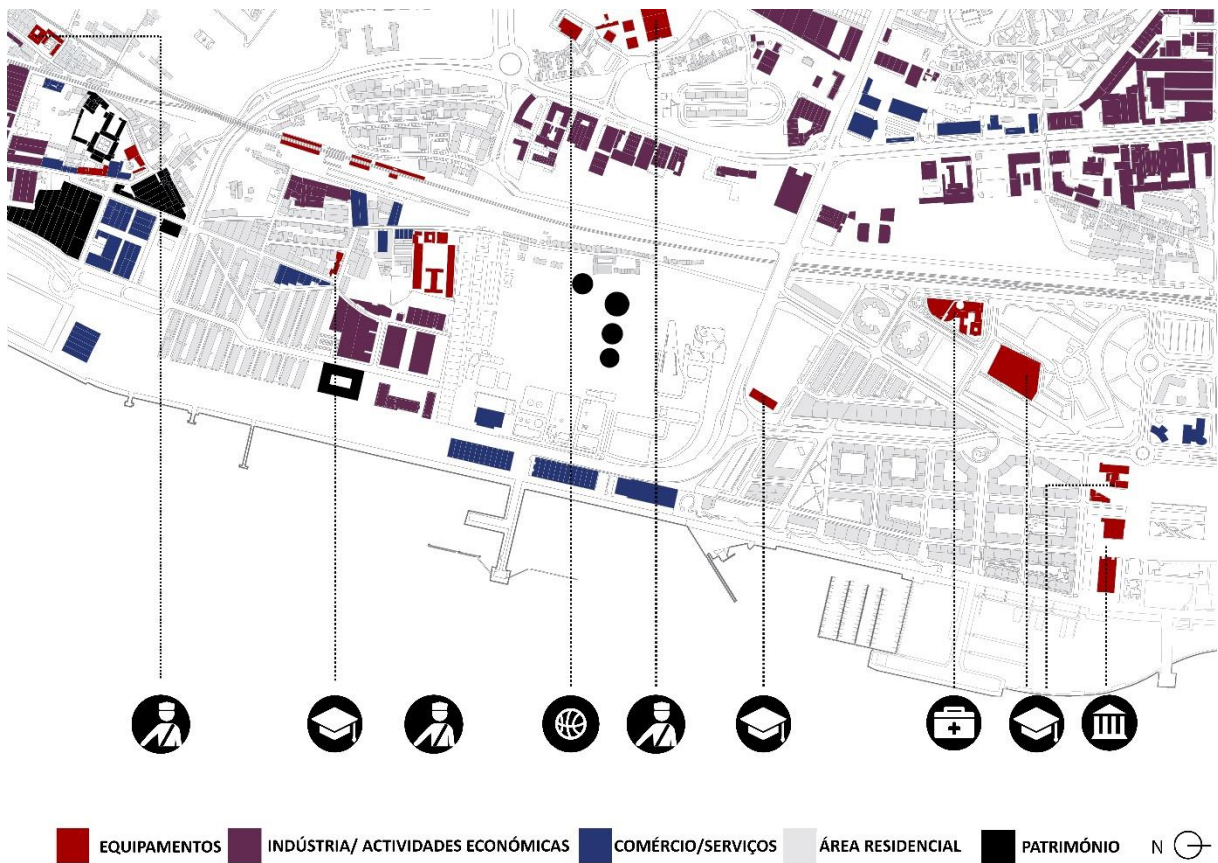


Figura 51 – Análise de Usos e Equipamentos

### 1.3. Objeto: Fábrica “A Tabaqueira”

#### 1.3.1. A Indústria Tabaqueira em Lisboa

A história do tabaco e da indústria tabaqueira teve origem nas antigas civilizações indígenas da América Central, nomeadamente os Maias, cujos desenhos e arquivos documentais descrevem a utilização do tabaco - através da inalação do seu fumo - para fins religiosos e médicos.

No século XVI, o tabaco foi trazido para a Europa pelo espanhol Francisco Hernández de Toledo, um médico e botânico que, nomeado por Filipe II, se encarregara de uma expedição científica na América, nomeadamente no território de Nova Espanha. Contudo, a divulgação e comercialização do tabaco só ocorrera na segunda metade do século XVI <sup>7</sup>, apresentando uma crescente importância económica durante o século XVII. O tabaco tornou-se um produto de grande popularidade na Europa e “Novo Mundo” (América), ganhando tal valor que por vezes, era utilizado como moeda de troca, tratando-se de um impulsionador na economia de diversos países europeus através da sua produção e comercialização.

No século XVIII, é inaugurada a primeira fábrica estabelecida na Europa - a *Fábrica de Tabacos de Sevilha*, caracterizada por um conspecto que combina o utilitarismo com a monumentalidade tardo-barroca, tornando-se uma emblemática representação de proto-arquitetura industrial do *Ancien-Régime*.



**Figura 52** - Companhia Portuguesa de Tabacos (1927)

**Figura 53** – Real Fábrica de Tabacos de Sevilha

Em Portugal, o primeiro contrato relacionado com o tabaco ocorreu em meados do século XVII, a cargo de um comerciante português que assegurou através do pagamento de uma considerável soma, a exclusividade do comércio do tabaco durante um ano. Contudo, as primeiras fábricas de tabaco surgiram aquando a segunda metade do século XVIII, época em que vigorava em Portugal um regime de monopólio legal estatal do Tabaco, apresentando políticas comerciais que concediam privilégios aos comerciantes (Custódio & Folgado, 1999).

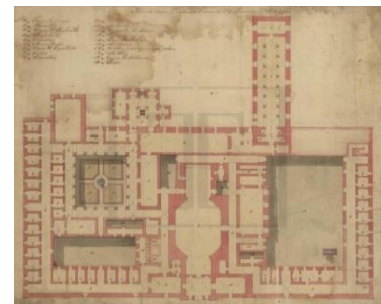
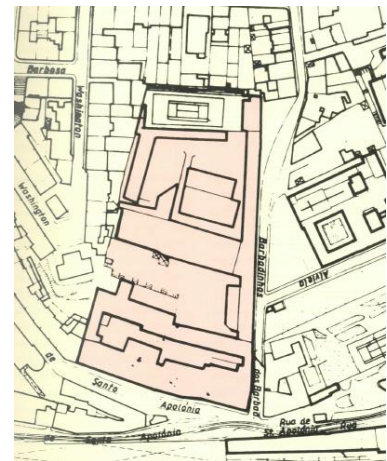
Foi durante a segunda metade do século XVIII e a última metade do século XIX que ocorreu o maior desenvolvimento da indústria do tabaco, impulsionada pela revolução industrial e o surgimento da produção em série, veio permitir a introdução de uma manufatura de cigarros mais eficiente que a anterior produção de tabaco picado (usado em cachimbo) ou tabaco enrolado (aplicado aos charutos), promovendo o crescimento da indústria tabaqueira em Portugal.

<sup>7</sup> *Monopólio do Tabaco in Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$monopolio-do-tabaco](https://www.infopedia.pt/$monopolio-do-tabaco)

Entre 1891 e 1926, o monopólio do tabaco esteve entregue à companhia dos Tabacos de Portugal (Custódio & Folgado, 1999), apresentando-se como um dos principais produtos de exportação nacional, cuja popularidade e indústria lucrativa se revelou importante na economia do país. Essa comercialização – e popularização – do cigarro deve-se em grande parte às campanhas levadas a cabo durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), onde os cigarros eram apelidados de “fumaça de soldado” e, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cujas rações para soldados incluíam cigarros. Assim, milhões de cigarros eram enviados gratuitamente para os quartéis e frentes de batalha, fazendo parte de uma estratégia de marketing eficiente, pois assegurava a fidelidade – e já alimentado vício – dos soldados aquando o seu regresso ao país de origem, mantendo o tabaco como um dos produtos mais procurados do mercado, agregados a uma forte propaganda publicitária que associava a imagem de algumas marcas de cigarros à sofisticação, status, sucesso, charme, etc.<sup>8</sup>

O crescimento da indústria tabaqueira em Portugal impulsionou o surgimento de novas fábricas e espaços dedicados à manufatura do tabaco localizadas, principalmente em Lisboa. Assim, destacam-se duas fábricas principais na produção tabaqueira: (I) em 1844 foi fundada a *Companhia Nacional de Tabacos*, situada no antigo *Convento de São Francisco de Xabregas*, Lisboa; (II) em 1865, pertencente à *Companhia Lisbonense de Tabacos* surge a fábrica de Santa Apolónia, situada no *Palácio Veloso-Rebello*. Mais tarde a *Companhia Nacional de Tabacos* funde-se com a *Companhia Lisbonense de Tabacos*, inaugurando-se a *Companhia Nacional de Tabacos de Lisboa* que administraria as fábricas de Xabregas e Santa Apolónia e, posteriormente, quatro novos espaços: (I) em 1866, a fábrica da Regalia; (II) em 1868, a fábrica de Santa Justa, enquanto (III) em 1871 é inaugurada a fábrica da *Centeno & Cª*; (IV) e em 1876 a fábrica da *Companhia Lusitana*.<sup>9</sup>

Em oposição à indústria tabaqueira em Espanha, cujo edifício da *Real Fábrica de Tabacos de Sevilha* fora construído com o objetivo de albergar a atividade fabril tabaqueira, as fábricas Portuguesas caracterizavam-se pela apropriação de antigos conventos ou palácios, adaptando o uso industrial, cuja organização espacial e estrutural implica a existência de maquinarias, a espaços projetados para usos religiosos ou residenciais.



**Figura 54** - Palácio Rebelo - Veloso - Calçada dos Barbadinhos (1998)

**Figura 55** - Palácio Veloso-Rebello

**Figura 56** - Convento de São Francisco de Xabregas (Planta Piso Térreo)

**Figura 57** - Convento de São Francisco de Xabregas (1944)

<sup>8</sup> A HISTÓRIA DO CIGARRO: A EVOLUÇÃO DE UM PRODUTO POLÊMICO in *Blog Prof. Artur Reis* [consult. 2017]. Disponível na Internet: <http://professorarturreis.blogspot.pt/2012/11/a-historia-do-cigarro-evolucao-de-um.html>

<sup>9</sup> *Monopólio do Tabaco* in *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$monopolio-do-tabaco](https://www.infopedia.pt/$monopolio-do-tabaco)

De todo o modo, estes conventos e palácios apresentavam uma morfologia algo flexível, contudo limitada, na medida em que não possuíam todas as condições necessárias à prática industrial, nomeadamente entradas de luz suficientes, área e dimensão de compartimentos dedicados ao livre fluxo do trabalho produtivo, assim como espaços sociais destinados aos operários. É nestas condições que são feitas diversas intervenções nas fábricas de Xabregas e Santa Apolónia. Acrescentam-se entradas de luz (coberturas de vidro e claraboias na fábrica de Xabregas) e projetam-se novos volumes, nomeadamente uma creche, refeitório, e novos espaços de produção, dando conta que a reutilização e reaproveitamento produtivo destes antigos edifícios era possível, necessitando, contudo, e sempre, de uma adaptação através de alterações físicas. Anote-se, uma vez que as ideologias do património não se encontravam estabelecidas ou estabilizadas: estes edifícios eram considerados como construções correntes (com raras exceções), constituintes de um parque imóvel ao qual se impunha o imperativo da rentabilidade, já que a amplidão dos espaços e das respetivas cercas admitiam tais transformações.

É neste contexto que, após a liberalização do mercado tabaqueiro em 1927 (que permitiu o fabrico, importação e comercialização do tabaco por empresas privadas), são construídos novos edifícios, aplicados à indústria do tabaco, sob o encargo das duas empresas que partilhavam o comércio do tabaco com a *Companhia dos Tabacos de Portugal*: a *Companhia Portuguesa de Tabacos* e a *Tabaqueira*. É sobre este princípio que surge a Fábrica “A Tabaqueira” no Poço do Bispo.

### 1.3.2. Da Fábrica à Ruína: “A Tabaqueira”



**Figura 58** - Nave interior do edifício da Tabaqueira. Autor: Irene Buarque (1983)

A Fábrica “A Tabaqueira”, localizada na frente-ribeirinha do Poço do Bispo (junto ao Cais da Matinha) foi fundada pela *Companhia União Fabril* (CUF) do industrial Alfredo da Silva, em 1927, no seguimento da liberalização da produção e comércio do Tabaco. Foi então atribuída a concessão da exploração do negócio do tabaco à empresa “A Tabaqueira” durante 30 anos.

A produção da fábrica era destinada ao mercado português e ultramarino, atingindo o máximo da capacidade produtiva em 1948 devido à qualidade da matéria-prima “*composta por ramos de tabaco das marcas Virgínia, Kentucky, Colonial e Marylan, entre outras igualmente afamadas*” (Custódio & Folgado, 1999) e ao investimento da tecnologia e mecanização da produção do tabaco, que permitiram a diminuição do custo do tabaco, assim como uma produção mais eficiente. Este aspeto motivou a popularização do tabaco em Portugal, alargando a classe de consumidores, na medida em que o cigarro se tornou um consumo generalizado, ao invés de um luxo. (Custódio & Folgado, 1999).

Assim, “*A Tabaqueira*”, caracteriza-se como a empresa tabaqueira que impulsionou a maior popularização, a gestão financeira – e económica – do mercado do tabaco.

Em 1957 terminou o período do regime de 30 anos concedido pelo estado para a exploração da fábrica, contudo, motivado pelos resultados lucrativos, o Estado renovou a concessão por mais 25 anos. É devido a essa restrição que é iniciada a construção da unidade de Albarraque, no concelho de Sintra (onde mais tarde se instalará a Tabaqueira) permitindo o aumento de produção e capital e em simultâneo, viabilizando as condições legais impostas pelo Estado ao excluir-se a necessidade de pagar a renda ao erário, pelo usufruto da Fábrica no Braço de Prata. Pois o acordo inicial obrigaria a reversão do edifício em Património público, após a concessão de 30 anos. (Custódio & Folgado, 1999)

Após a realocização da indústria associada à empresa “*A Tabaqueira*” em 1963, a fábrica do Poço do Bispo ao passar para as mãos do estado “*é reivindicada pelos vizinhos, a Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata com o objetivo de ali se instalarem os seus serviços sociais e desportivos*” (Custódio & Folgado, 1999:180), mantendo-se tais usos até à década de noventa.

Em suma, no decorrer da sua história, a fábrica “*A Tabaqueira*” serviu dois usos: como espaço de produção e distribuição de tabaco e, como espaço de serviços sociais e desportivos associados à *Fábrica de Material de Guerra*, traduzindo a dualidade e flexibilidade que o edifício contém, associado – em simultâneo – a diversos acrescentos construtivos, nomeadamente instalações sanitárias ou compartimentações extra que serviriam os últimos usos de cariz social. Atualmente, o edifício da antiga fábrica pertence à EDP, expondo a nu um espaço devoluto, em ruína, do qual o interior representa o eco da sua antiga atividade fabril.

É nestes termos que se pode documentar fotograficamente e graficamente – de forma expressiva - o processo de deterioração do edifício: *Da Fábrica à Ruína*.



**Figura 59** – Processo de Deterioração do edifício “A Tabaqueira”. À esquerda: Autor: Telmo Sequeira (2009). À direita: 2017

### 2.3.3. Valores e Permanências

O edifício da fábrica “A Tabaqueira” é um exemplar emblemático da arquitetura industrial portuguesa do século XX. Apresenta-se como um imóvel construído de raiz de planta quadrangular, centralizada, com um pátio interior, destacando-se a fachada de alvenaria de tijolo aparente, cujos panos se encontram integrados numa estrutura de aço laminado exposto, marcando a linha de diversos vãos de janela.

*“A tabaqueira desempenhou também um papel fundamental na organização espacial de Braço de Prata, porque ocupando uma área não urbanizada, modelou os novos eixos urbanos e o largo fronteiro, facto que se refletiu na própria toponímia da freguesia do Beato: Largo do Tabaco, Rua dos Cigarros, Rua dos Charutos.”* (Custódio & Folgado, 1999:177). Esta disposição urbana é ainda hoje aparente, apresentando-se como um elemento central na malha do Braço de Prata, cuja localização na frente-ribeirinha permite a sua abertura para o horizonte fluvial do Tejo, potenciando a sua monumentalização e articulação com a paisagem urbana e fluvial.

Contudo, o aspeto arquitetónico que distingue a Fábrica da Tabaqueira dos demais armazéns e fábricas existentes no Porto de Lisboa é a existência de um módulo central, das quais duas fachadas, *“ambas construídas em estrutura de vigas de ferro laminado, colunas de ferro fundido e serralharia artística, permitem caracterizar a Tabaqueira de Alfredo da Silva como um exemplar da arquitectura do ferro tardia, envolvendo um notório revivalismo oitocentista em plena afirmação de uma arquitectura em transformação, como já o era a experiência modernista nos finais da década de vinte.”* (Custódio & Folgado, 1999:177). Com efeito, apesar da construção do edifício datar 1927, a história da arquitetura da fábrica “A Tabaqueira”, iniciou-se cerca de quatro décadas antes da fundação da empresa de Alfredo da Silva, aquando a construção do módulo central referido, cujo frontão e características da arquitetura oitocentista, integraram o projeto do pavilhão “Empresa Industrial Portuguesa” em 1888, exposto na Avenida da Liberdade no contexto da “Exposição Nacional das Indústrias Fabris”.



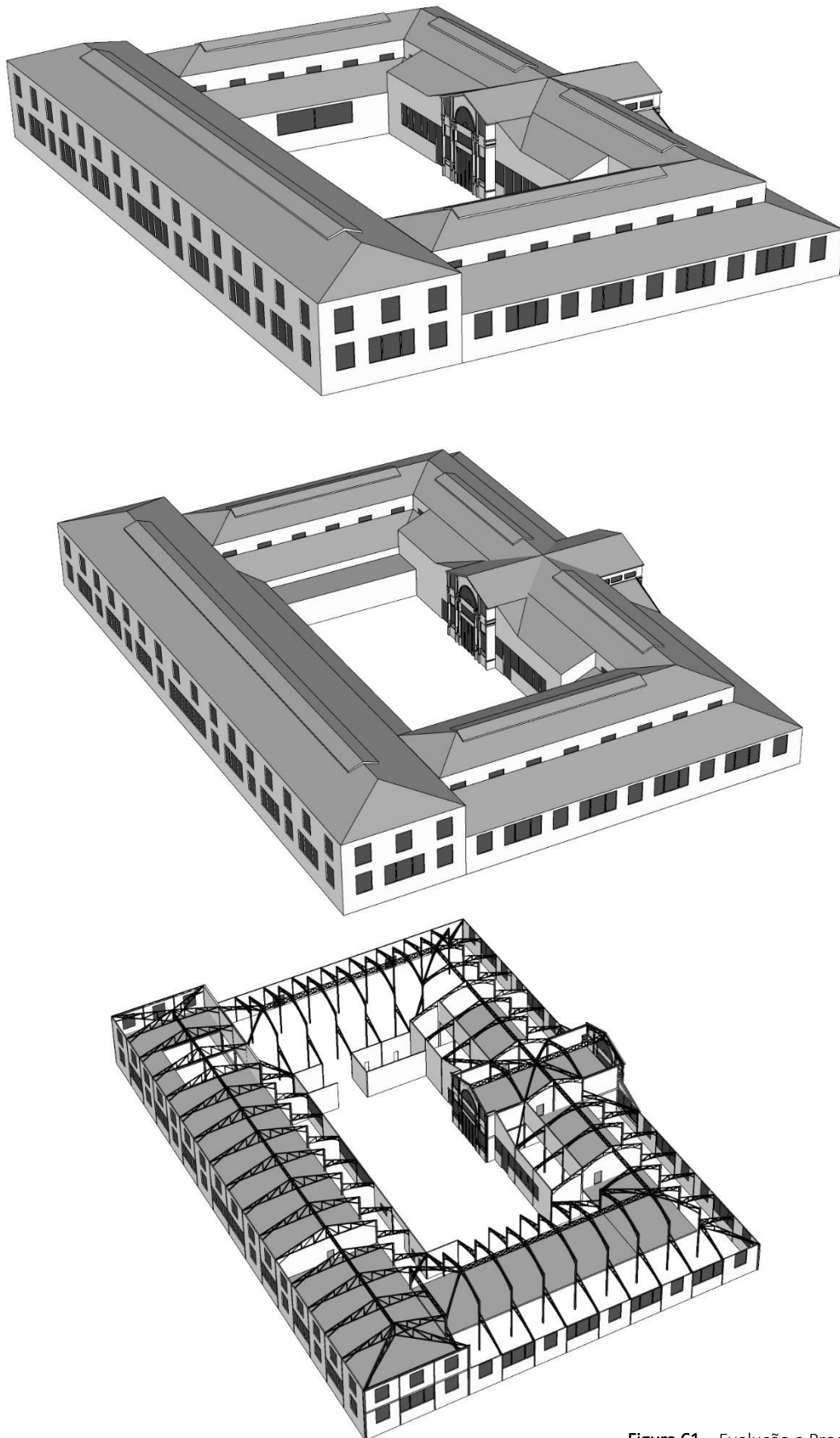
**Figura 60** – Pavilhão da Empresa Industrial Portuguesa na Exposição das Indústrias Portuguesas. (1888)

O pavilhão adquire assim um cariz temporário, sendo retirado e transportado para o alto de Santo Amaro após o término da referida exposição. É só em 1927 que as fachadas do pavilhão são recuperadas por Alfredo da Silva, ao serem encontradas nos estaleiros de uma unidade metalúrgica de Santo Amaro administrada pelo Industrial. Como forma de afirmação do poderio de Alfredo da Silva sobre o império do conde de Burnay, com quem disputara a Companhia União Fabril (Custódio & Folgado), o empresário integra as fachadas do antigo pavilhão no projeto da Fábrica “A Tabaqueira”, acrescentando valores estetizantes a um edifício pertencente a um *“universo industrial adverso à introdução de linguagem arquitectónico-artísticas”* (Custódio & Folgado, 1999:177).

O interior da tabaqueira revela um rigoroso funcionalismo no desenho estrutural, apresentando características de *open space*, cuja configuração interior é marcada pela presença de fileiras de pilares e asnas metálicas, propondo uma flexibilidade de organização espacial evidenciada pela remoção após o encerramento da fábrica, de todas as maquinarias.

Verifica-se – ou continuaram a verificar-se - também, ampliações e modificações no edifício acrescentado ao prédio original, nomeadamente adições de paredes e volumes no interior e pátio exterior, construídos em alvenaria de tijolo corrente que representam a necessidade de áreas de serviço complementares aquando a reivindicação da Fábrica como espaço de serviços sociais e desportivos da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata.

Atualmente o edifício da antiga “Tabaqueira” apresenta-se num estado de conservação crítico, senão mesmo preocupante, com diversos elementos deteriorados, expondo parcialmente paredes - algumas colapsadas - coberturas inexistentes, vidros partidos e janelas destruídas. A estrutura e a fachada mantêm-se em razoáveis condições físicas. O edifício apresenta-se assim, como uma Ruína e despojo da sua antiga atividade industrial.



**Figura 61** – Evolução e Processo de Deterioração do edifício “A Tabaqueira”.



## 2. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E COMUNIDADE

## 2.1. Património Industrial: Vazios Pós-Industriais, Ruína e Reabilitação

### 2.1.1. *Brownfields / Post Industrial Latent Spaces*

“*Brownfields*”, também conhecidos como “*Manufactured Sites*” (Niall Kirkwood e Michael Hough) ou “*Post-Industrial Latent Spaces*” ou “*PILS*” (Bryan Allen), são definidos como lugares industriais abandonados que acarretam uma responsabilidade ecológica grande, na medida em que é impossível ignorar a contaminação do solo causada pelos usos industriais anteriores, pois a Indústria deixa uma pegada evidente, não apenas histórica, urbana e social, mas também ecológica, onde a regeneração do lugar enfrenta obstáculos ambientais que envolvem a contínua presença de metais, óleos e resíduos químicos, resultantes dos processos industriais.

Os *brownfields* podem ser encontrados em diversos centros metropolitanos: a frente-ribeirinha oriental de Lisboa é uma localização clara destes lugares industriais. Estes incluem fábricas, “*scrap-metal yards*” e “*railroad corridors*”, estações de transferência de lixo e desperdícios, estações de combustível, e “*rusting machine shops*”, sendo que esta mera listagem não descreve a extensão do legado industrial da cidade.

Apesar da sua aparente desordem, estes vazios pós-industriais representam – e são baseados – na eficiência pragmática das indústrias que os originaram. Espaços de tipologias semelhantes, apresentam características e condições espaciais semelhantes, expondo uma relação entre modelos de fábricas. Contudo, mais que apresentarem um registo tipológico de condições urbanas, estas arquiteturas solicitam intervenções que não se foquem apenas na utilização dos terrenos e infraestruturas reminiscentes, mas também na sensibilidade aquando a inserção de novos volumes e elementos arquitetónicos, que se materializem nestes vazios e representem o espaço inteiramente através de novos processos, escalas e espaços. É assim que intervenções deste formato exigem, por fim, uma proposta intrinsecamente relacionada com os ecos da arquitetura original, considerando-os “(...) *hyper-local site conditions to be played off on and changed.*” (Allen, 2012:157)

Estes, como espaços de transformação, apresentam resiliência a mudanças tanto no sistema estrutural como programático, pois a complexidade das funções originais exigia maioritariamente, uma estrutura básica com capacidade de suportar alterações ou quaisquer transformações, sendo intrinsecamente flexíveis a adaptações que permitissem uma nova abordagem arquitetónica, enquanto vazios pós-industriais. (Allen, 2012)

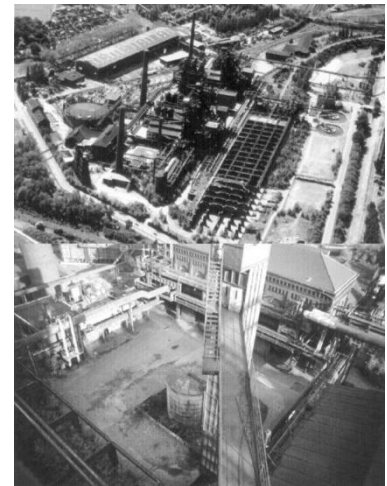
Ora, o que isto quer dizer, mesmo que pareça paradoxal, é que a essência ou a natureza destes espaços permite afinal, o suporte, a mudança, a reformulação, a reabilitação, mesmo que com obra nova, entendida esta, não apenas como arquitetura “de pé”, mas também como leitura social, simbólica e urbanística desses espaços pretéritos, como meio de inspiração, de indução de soluções. Por isso se pode dizer que, apesar de apresentarem o desuso da sua atividade original, estes espaços (*PILS*) não são, de todo, vazios.

Allen coloca a “ecologia do industrial” no eixo da necessidade de intervenção, no quadro de um processo de reabilitação<sup>10</sup>. É importante reconhecer que estes espaços “latentes” são em si mesmo a memória patrimonial que fornece um quadro de vida aos habitantes e que qualifica o ambiente, reequilibrando “ecologicamente” estes territórios.

Assim, o desafio ético para o projetista é implementar estratégias e táticas de precaução que usem o desenho e a paisagem como instrumentos que permitam a proteção da saúde da população, em simultâneo com a preservação da memória patrimonial intrínseca aos lugares.

É este conglomerado de variáveis que tornam estes espaços em ambientes férteis para novas abordagens arquitetónicas, não ignorando contudo, as questões ambientais intrínsecas ao processo de industrialização através da reposição da relação do Homem com a natureza.

Assim, a tradicional conexão entre as indústrias e centros urbanos está a ser cortada, havendo uma relocalização das indústrias para zonas rurais e periféricas, permitindo a projeção de infraestruturas que contenham sistemas de limpeza local, e desintoxicação de produtos contaminados. Na época, o mesmo sucedeu em Lisboa, fazendo parte inclusive, da história da zona Oriental, cujo factor característico da sua identidade, atual, é a existências de espaços industriais residuais, cujas indústrias foram relocalizadas. Este movimento é tratado a uma escala global e não apenas Nacional, apresentando-se como uma consequência intrínseca a um percurso normal do processo de industrialização, e desindustrialização, na cidade.



**Figura 62** - Antiga área industrial “Thyssen-Hochofenwerkno, distrito de Mederic, Berlin. Antes do projeto de recuperação IBA – Emscher Park. Autor: Jürgen Dreide,

**Figura 63** - Antiga área industrial em Duiburg-Nord, Berlin. Antes do projeto de recuperação IBA – Emscher Park. Autor: Jürgen Dreide,

<sup>10</sup> - “Ecologically the sites provide a haven within the city. They possess a unique ecological richness and opportunity despite a frequently toxic nature. Although it’s easy to postulate that in the absence of industrial processes a natural system would begin to reclaim a site and move back towards its initial state, this is rarely the case. There is a nature that recolonizes the sites, but it is a nature of graft and adaptation.” (Allen, 2012:157)

### 2.1.2. Estratégias Urbanas em Vazios Pós-Industriais



Figura 64 - Antiga área industrial no Parque das Nações, antes do projeto de recuperação Expo '98

Espaços Residuais Pós-Industriais representam um leque de oportunidades urbanas e arquitetónicas. Essas potencialidades, associadas à localização do lugar de intervenção na Frente-Ribeirinha, apresentam oportunidades paisagísticas e logísticas acrescidas. Sanchez afirma que as zonas portuárias e industriais, inicialmente ligadas diretamente ao centro urbano, são agora restos de um passado industrial, ganhando “força como áreas estratégicas para a paisagem urbana, um novo polo de desenvolvimento da cidade e como zonas onde se pode recuperar o contacto com a água como teve antes da industrialização.” (Sánchez, 2011:27).

Considerando as oportunidades de intervenções territoriais que a frente-ribeirinha do *Caminho do Oriente* apresenta, Maria da Graça Saraiva desenvolveu uma reflexão sobre os critérios que determinam a apreciação estética e paisagística do rio em meios urbanos. Essa reflexão apresenta três pontos relevantes: traduzem-se num triângulo rio-cidade-pessoas: “o rio, enquanto elemento natural, a cidade, enquanto sistema territorial e cultural, e as pessoas, atores e agentes de vivência social, perceptual e emocional, apreciadoras e utilizadoras das intervenções em frentes ribeirinhas contemporâneas” (Saraiva, 2010:125). Eis o que permitiria a valorização do rio como eixo ecológico de reabilitação urbana, que não só melhorasse consideravelmente a qualidade de habitar dos cidadãos, como permitisse a aproximação da cidade ao rio, considerando sempre a existência dos Espaços Residuais Pós-Industriais, como possíveis locais de intervenções urbanas que respeitem as condições anteriormente referidas.



Figura 65 - Domínios enquadrados nas metodologias de análise estética de frentes-ribeirinhas. Autor: Maria da Graça Saraiva (2010)

Ora, no processo de urbanização de *brownfields* presentes na Frente-Ribeirinha Lisboeta torna-se essencial a compreensão da estrutura ecológica metropolitana de Lisboa e a evolução do conceito de “espaço verde público urbano”, na medida em que espaços urbanos públicos situados em antigas áreas industriais carecem de uma abordagem ecológica na naturalização de vazios urbanos/espacos não qualificados; considerando os princípios de requalificação e limpeza de terrenos contaminados pela indústria. Estes princípios sobre a estrutura ecológica metropolitana de Lisboa são por sua vez, abordados por Manuela Magalhães, defendendo que as características da cidade moderna, após a Revolução Industrial, alteraram profundamente as exigências de vida cidadina,

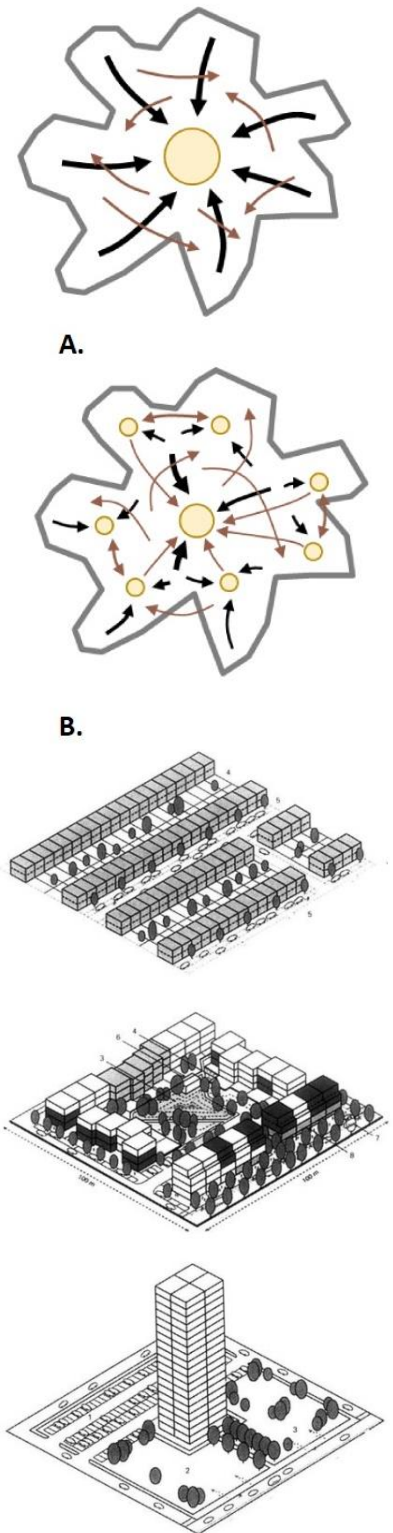
dando origem a diversos conceitos de espaço público verde, sendo este atualmente interpretado preferencialmente como um *continuum naturale*, integrando a cidade em modelos anteriormente existentes, ao criar “nichos ecológicos diversificados e assumindo formas e funções cada vez mais urbanas: do espaço de lazer e recreio” (Magalhães, 1992:17).

Contudo, a regeneração urbana de extensos *brownfields* não recai apenas na relação cidade-rio-ecologia, mas também nas potencialidades urbanas que estes espaços apresentam, nomeadamente potencialidades de usos e estratégias territoriais que permitam a criação de uma nova centralidade na cidade, propondo novas dinâmicas e formas de habitar um espaço residual. Neste contexto, Sieverts apresenta cinco conceitos que servem como ferramentas para a intervenção na cidade, mencionando (i) a urbanidade, (ii) centralidade, (iii) densidade, (iv) usos mistos e (v) ecologia. Segundo o autor, o urbanismo está estreitamente associado à imagem de cidade densa do século XIX, definida como “*urban-ness*”, cuja atmosfera social e urbana cosmopolita se tem vindo a perder: as atividades que tinham lugar nos espaços públicos migraram para as nossas residências, locais de trabalho ou instituições sociais, e é por essa razão que o autor dá importância ao espaço público como meio de qualificação da urbe, questionando qual a melhor forma de reviver esse espaço público ao atrair a população jovem e familiar.

Contudo, a hierarquia atualmente implícita aos centros nas cidades tem tendência a ser reformulada, criando-se um novo conceito de estruturas urbanas centrais distribuídas por diversos espaços urbanos, transformando o conceito de “subúrbio” ao aplicarem-se novas centralidades a estes espaços periféricos. Segundo Portas, estes núcleos de novas centralidades podem ser gerados por espaços ligados ao lazer e à cultura que comportam práticas de socialização (Portas, 2011).

Assim, é importante considerar os usos mistos como meio fundamental de revitalização e requalificação urbana, pois o seu programa e localização podem influenciar os movimentos e hábitos sociais de um território: a concentração de uma ampla mistura de usos, a integração densa de residência, trabalho e serviços podem reduzir substancialmente o uso do carro e promover a circulação pedestre e de ciclista, contribuindo em simultâneo, para uma vida de rua natural, sem controlo social (Sieverts, 2003).

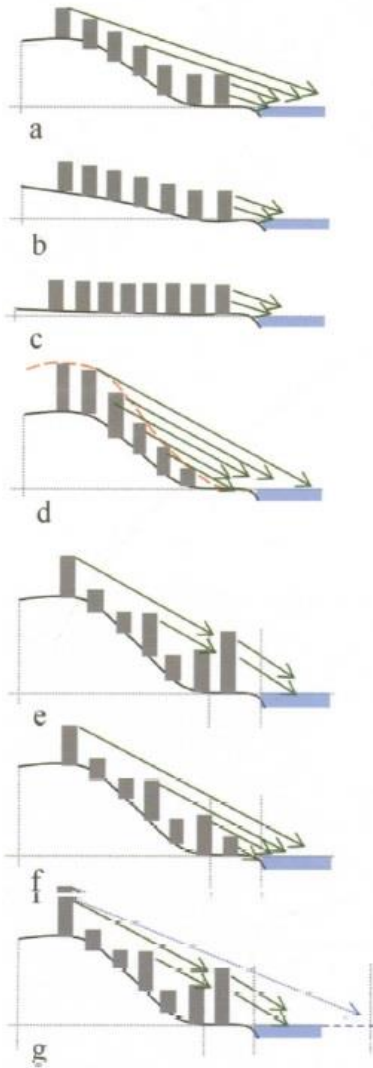
Estes conceitos são também abordados por Nuno Portas no capítulo “As transformações do espaço urbano” de um dos seus ensaios. Contudo, são aplicados à reurbanização de espaços urbanos consolidados ou extensivos, enquadrando-se no território a intervir: o Braço de Prata.



**Figura 66** - Esquema ilustrativo de diferentes centralidades. A. Monocêntrico, B. Policêntrico

**Figura 67** - Esquema ilustrativo de diferentes densidades. 75 Módulos Habitacionais por hectare. Autor: Richard Rogers

Nuno Portas aborda judiciosamente aquilo a que intitula a família dos “rês”: reabilitação, reutilização, revitalização, renovação, afirmando que a reabilitação do espaço público e da edificação, própria dos tecidos urbanos, se apresenta como uma forma de contrariar as tendências de expansão urbana. Ainda segundo Portas, “*são os espaços públicos ou coletivos, no modo como se relacionam e determinam a paisagem, as mobilidades, as infraestruturas e as fronteiras das edificações, os elementos mais estáveis da estrutura urbana (...) que podem ser entendidos como suportes (Habraken, 1976) da urbanização*” (Portas, 2011:63), apresentando o sistema de espaços coletivos como a base da estrutura do território urbanizado. É este sistema que conecta e relaciona os diversos elementos da aglomeração urbana e que define a forma como se lê o território, constituindo-se como um “*construtor de identidade*” da cidade. Estabelece-se como base de urbanização, o desenho (ou redesenho) de redes de infraestruturas, a estrutura ecológica e polos de atividades (parques públicos, parques temáticos, centros empresariais, de congressos e exposições, escolas, ginásios, etc.) que permitam a criação de espaços coletivos capazes de reestruturar a urbanização (Portas, 2011).



**Figura 67** - Relação entre a morfologia urbana e a frente-ribeirinha, influente na permeabilidade visual. Autor: Maria da Graça Saraiva (2010)

Estes conceitos de regeneração, reabilitação e intervenção urbana podem ser aplicados a vazios urbanos pós-industriais. Ora, a intervenção no Braço e Prata determina a estratégia de requalificação e reabilitação urbana, sendo possível avaliar a melhor abordagem, promovendo em simultâneo a relação cidade-rio. Maria da Graça Saraiva apresenta estratégias de análise, afirmando que a condição destes vazios pode ser avaliada segundo cinco pontos fundamentais: (i) a qualidade do espaço urbano, caracterizado por elementos como a permeabilidade visual; (ii) qualidade do espaço construído; (iii) intensidade da construção e espaço público; (iv) património cultural; (v) atividades e usos, bem como acessibilidade; e poluição. Estes cinco pontos são determinantes na definição do desenho urbano e sua morfologia, sendo esta determinada pelo terreno e malhas edificadas. Os edifícios criam obstáculos visuais, sendo fundamental a disposição e volumetria do edificado, determinando contato visual e linhas de vista como uma mais valia na relação com o rio.

Segundo Saraiva, é perspicaz intervir nesses *brownfields* com o intuito de promover a diversidade de usos públicos e acessibilidade elementar como a existência de parque de estacionamento, percursos pedonais, ciclovias, e uma rede de transportes de acesso próximo aos espaços públicos e da frente-ribeirinha. Reforçando os conceitos abordados por Sieverts e Portas.

### 2.1.3. Património Industrial

*“O processo industrializador vai deixando as suas marcas ou vestígios materiais que, ao contrário do que se possa imaginar, são dotados de significativas potencialidades.” (Mendes, 2006:6)*

O conceito de património é flexível e está em constante metamorfose, *“ou seja, em vez de se tratar de uma noção estática e definida de uma vez para sempre, estamos face a um conceito dinâmico, histórico por natureza e que, por isso mesmo, vai evoluindo consoante a época e os próprios condicionalismos históricos”* (Mendes, 2002:6). Desta forma, para compreender o Património Industrial de valor cultural, é necessário compreender o processo que permitiu a valorização e creditação de Património Arquitetónico como fonte de construção histórica e constitutiva dos valores culturais nas cidades, em oposição aos métodos tradicionais de exploração de documentos escritos, outrora considerados como fontes exclusivas (Mendes, 2006).

O Património cultural pode ser definido como conjunto de obras que sugerem o testemunho do passado, associadas a uma “memória”, transmitidas como a herança de identidade cultural e social de uma determinada comunidade. Ora, a origem do conceito de Património como identificador cultural das cidades está assente na conceção do Tempo, na medida em que os aspetos epistemológicos de reconhecimento dos traços do passado, permitiram a sua valorização como facto identitário.

Durante a Idade Média/ Ancien Regime, o tempo era entendido como um conceito cíclico, de repetição e eterno retorno aos hábitos e estados sociais, reforçando o conceito de “destino”. Esta conceção cíclica do tempo estava fortemente inscrita nas sociedades tradicionais e costumes religiosos de teocentrismo, provocando a imutabilidade social de diversas comunidades, na medida em que limitava a ascensão social de um indivíduo.

Como alguns têm teorizado, foi no século XIX, e após Revolução Francesa, que se manifestou uma quebra na conceção de tempo cíclico, propondo-se uma nova forma de olhar a sociedade e lidar com a realidade através de movimentos liberais de laicização da sociedade (rutura com pragmatismos religiosos implicados na conceção de tempo cíclico, nomeadamente o teocentrismo). É nesta época pós-revolução que surge a ideologia do património e é apresentada uma nova conceção de tempo linear surgindo, em simultâneo, novos conceitos como civilização, cultura, evolução e progresso, opondo-se à antiga perceção temporal.

Estes conceitos revelam-se importantes nas sociedades ocidentais, e o seu significado é entendido. É esta a modificação dos saberes – a epistemologia - que fundamentam o património:

*Cultura* entende-se como arte, vida do espírito, ou aquisição da cultivação do saber; *Civilização* é o resultado de uma concentração de pessoas de igual cultura; *Evolução* opõe a repetição existente nas sociedades tradicionais; o conceito de *Progresso* envolve o movimento, a transformação e mutação social, científica e cultural. Os valores que definem cada cultura ou comunidade tornam-se tangíveis à sociedade ocidental, valorizando-se o passado e a manutenção da sua memória como uma representação desse valor cultural que deve ser preservado, ao invés de substituído como é/era praticado numa sociedade cuja concepção de tempo cíclica implicava a periódica renovação do edificado.

A ideologia de património surgiu simultaneamente, com os movimentos românticos cuja sensibilidade, estética e artística, permitiu o aparecimento do novo conceito de “monumento”, deixando este de ser compreendido como um marco de sinalização histórica (estátua ou obelisco), para ser um objeto ou bem imóvel ou móvel herdado (igreja, capela ou mosteiro), cujo valor estético define um marco temporal que representa a época do seu desenvolvimento, superando o tempo em que se insere. O monumento adquire um significado documental científico com valores afetivos, técnicos e artísticos. O monumento deixa de ser um documento para historiadores, passando a ser um documento cultural acessível a todos.



**Figura 69** - Silos e Armazéns da Companhia Industrial de Portugal e Colónias – Exemplo de Património Industrial (1950)

**Figura 70** - Fábrica “A Nacional” – Exemplo de Património Industrial

Contudo, esta concepção de monumento (monumento excepcional e monumento dito “clássico”) era entendida como um objecto isolado, único, cujo restauro e manutenção era suportado sobre diversos critérios de restauro defendidos por autores como Viollet de Duc (1814-1879) e o restauro cópia, John Ruskin (1819-1900) e Camillo Boito (1836-1914) e o restauro moderno (arqueológico, pictórico e arquitectónico). É só por volta de 1950, com base nas ideologias de Gustavo Giovanni (1873-1947) e o restauro científico: “*uma vila histórica constitui em si um monumento*”, que os conceitos de património sofrem uma mutação, abrangendo a sua caracterização a um universo mais amplo.

A ideia de património é assim desdobrada e transformada em diversos tipos de património, dos quais se inclui o Património Industrial que precocemente se inicia de uma forma moderna e ao mesmo nível do “grande património” em Inglaterra (logo em 1950) naturalmente, por ser onde a industrialização mais cedo se deu e onde os mais antigos testemunhos patrimoniais de cariz industrial se situavam - resultante dos vestígios materiais do processo de industrialização, contendo “(...) *valor em si mesmos, pois trata-se de uma parte muito significativa do nosso património cultural, designadamente de património industrial.*” (Mendes, 2006:6) Os países anglo-saxónicos e todos aqueles em que a industrialização se tornou num marco de crescimento (e desenvolvimento) social, teriam já em 1970 iniciado o seu processo de reconhecimento e valorização do património industrial, movimento esse que em Portugal atinge a sua expressão reivindicativa após 1974 e pela ação

de Associações de Defesa do Património, então extremamente ativas. Outrora eram inexistentes ou encontravam-se dormentes por bloqueios políticos e sociais.

O Património Industrial apresenta assim, um percurso conceptual concentrado principalmente no último século, associando-se a uma época específica: a Revolução industrial. Contudo, entende-se este património como um processo inscrito” num *tempo longo*, sendo a *Revolução Industrial o momento de mudança, transformação e sincretismo das fases pré-industriais, proto-industriais, manufactureiras e industriais.*”<sup>11</sup>, apresentando as suas primeiras abordagens patrimoniais após o surgimento da designação de arqueologia industrial, proposta por Sousa Viterbo em 1896.

Desta forma, compreende-se o Património Industrial como uma coletânea de vestígios da cultura industrial que possuem valores históricos, culturais, arquitetónicos, técnicos e sociais, englobando os edifícios (fábricas, oficinas, armazéns), maquinaria e respetivos meios de transporte e núcleos urbanos que se encontrem relacionados com o processo industrial, nomeadamente Vilas, Pátios e outros bairros residenciais destinados a operários e que representam assim, a cultura industrial presente na frente-ribeirinha da cidade de Lisboa.

#### 2.1.4. Ruínas Industriais

O processo de desindustrialização da Zona Oriental da Cidade – ocorrido a partir da década de setenta do século XX – agregado a novas políticas urbanas e à alteração dos paradigmas ecológicos, obrigou à relocalização das fábricas nas periferias, provocando a desativação de grande parte dos exemplares da arquitetura industrial existentes na frente-ribeirinha Lisboaeta. Estes edifícios industriais apresentam-se agora obsoletos, caracterizados como “*carcaças*” num “*cemitério de fábricas*”.

Desta forma, citando Inês Moreira, “*O abandono do edificado corresponde a um pós-vida industrial: após a retirada de máquinas (exportáveis), o desmantelamento e roubo de sistemas (vendidos à sucata) ou o contrabando de peças e materiais nobres (como o cobre ou o ferro) aceleram a desertificação da paisagem e criam novas ruínas contemporâneas.*” (Moreira, 2014:1). Ruínas essas que, protegidas por normas Patrimoniais, apresentam grandes potencialidades de transformação, adaptação e celebração da sua estética devoluta, pois a ruína, mais que um edifício destruído pela sua própria efemeridade física, representa também a memória e história intrínseca ao objeto, seja nos elementos caracterizantes da sua época, seja nos entalhes e riscos que contam a história das vivências de outrora.



**Figura 71** - Rua Gualdim Pais. Antiga Vila Flamiano. Autor: Dulce Fernandes (1888)

**Figura 72** - Fábrica “A Tinturaria Portuguesa” em Ruína. Autor: André Daniel Duarte (2017)

**Figura 73** - Fábrica “A Samaritana” em Ruína. Autor: André Daniel Duarte (2017)

<sup>11</sup> CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) 17Julho 2003

A importância associada à reabilitação dos edifícios industriais e às suas ruínas, está diretamente ligada ao valor afetivo da memória que os lugares e objetos têm intrínsecos a si, desde as experiências sentidas pelos sujeitos que vivenciaram, na primeira pessoa, os espaços e a vida industrial, apresentando uma exponencial perda física de algo agora inexistente, aos que valorizam, exteriormente ao seu empirismo individual, a marca da indústria na estrutura urbana das cidades europeias e, no contexto atual, no desenvolvimento da paisagem frente-ribeirinha Lisboaeta. (Folgado, 2004) Esta apreensão afetiva do mundo fabril provoca a adoração da ruína Industrial, depositando nela diversas potencialidades de apropriação dos espaços ao valorizar o “nu” dos antigos edifícios industriais, tornando-se estes num “dispositivo de elevado poder simbólico e narrativo” (Domingues, 2014:112)



**Figura 74** - Fotografia do Interior da antiga fábrica “A Tabaqueira” em ruína

A ruína apresenta-se, assim, como uma das abordagens de reabilitação através da preservação ruína e memória original, expondo elementos que – antes pertencentes a uma regra funcionalista dentro de um sistema industrial – agora se exibem como um eco estético do banal, a representação de uma beleza insólita, conservando objetos que – ausentes de uma estética canónica - emocionam “*encontrando em determinado vestígio, fábrica, máquina, produto, qualquer bem associado a este universo produtivo, um simbolismo que permitirá uma cura emocional, funcionando como objecto que eternizará esse passado desaparecido*” (Folgado, 2004:5)

Acontece mesmo que, assim que nos debruçamos no âmbito da cultura contemporânea no que são as paisagens urbanas, somos confrontados com vazios-urbanos. Estes vazios-urbanos são, não apenas os “terrenos vagos”, mas também os edifícios vagos, ou devolutos, sendo que entre estes, os maiores e mais impositivos foram, quase sempre, unidades industriais.

Note-se ainda que a atenção que as periferias citadinas hoje suscitam e, a necessidade de requalificar essas áreas, onde se encontram estes esqueletos arquitetônicos, dotados de uma impressionante capacidade evocativa, tem provocado um exercício estético, que procura no valor da ruína, não já o valor estritamente histórico do romantismo, mas antes uma percepção contemporânea dos seus antigos usos, convocando uma nostalgia ou sentimento de melancolia.

Assim, quando admiramos as fotografias que se começaram a fazer desde finais do século XIX, em que o programa era o levantamento – o puro levantamento técnico – de estruturas devolutas para documentação sócio-industrial, é-se surpreendido pela súbita beleza, se assim se pode chamar, desses objetos órfãos, órfãos de tudo: os operários já não existem, os objetos (torres de arrefecimento, minas abandonadas, gasómetros, sistemas de guindagem e mineração, altos-fornos desativados, etc.). A sua realidade afinal, confere um novo ou um outro conhecimento da paisagem humana. Ocupam o lugar que no romantismo ocuparam os castelos, palácios e mosteiros, passe-se o exagero (ou talvez não). Esta “monumentalização da vulgaridade” é uma marca da “nova percepção estética contemporânea” (Paulo Pereira). Eis o que nos leva a olhar para muitos destes edifícios desqualificados, para ver neles valores inusitados, quer formais, quer ainda de carácter sensível uma vez que, muitas vezes dada a sua grandeza e imensidão – e trágico estado de ruína- convocam, por vezes mesmo, a ideia de Sublime.

Dentro do contexto de monumentalização da ruína, faz-se também referência ao conceito japonês “*Wabi-sabi*” cuja conceção estética, originada no Zen Budismo, é centrada no reconhecimento e valorização do imperfeito, incompleto, assimétrico, irregular, áspero, simples ou modesto como atributos intrínsecos aos objetos, contendo beleza em si mesmos. O imperfeito é o normal. “*A essência do wabi-sabi é que a beleza real, venha ela de um objecto, da arquitetura ou de uma arte visual, não se revela até que o caminhar do tempo tenha acontecido. Um metal enferrujado, por exemplo, tem uma essência que falta em um material novo e polido. A beleza está nos arranhões, nas áreas desgastadas e nas linhas imperfeitas.*”<sup>12</sup>

É na celebração destas imperfeições que o conceito *Wabi-sabi* se transforma em arte, através da prática “*Kintsugi*” propondo o remendar de cacos em objetos do quotidiano - porcelanas - através da colocação de ouro nas fendas ou cacos, acrescentando um novo valor a objetos imperfeitos através da monumentalização das



**Figura 75** – Reinterpretação de “Kintsugi” aplicado a um muro danificado. Autor: Jan Vormann

**Figura 76** – Porcelana remendada através de técnica “Kintsugi”

<sup>12</sup> Mirana, Bruna, in <https://reviewslowliving.com.br/2016/02/17/wabi-sabi-a-arte-e-a-beleza-da-imperfeicao/>, consultado em 2017

suas imperfeições. As imperfeições são entendidas como parte essencial da sua história e da sua beleza, são a reminiscência da sua memória e características, expondo a cru o ciclo de nascimento, morte e destruição: a efemeridade dos objetos, através de uma poética estética e, o incompleto permite a divagação do imaginário, cativando curiosidade, idealizando como poderia ser completado.

Esta relação imperfeito-belo apresenta-se igualmente intrínseca à valorização da ruína como um elemento importante na história do edifício e da cidade, pois *“(...) a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escritas nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes”* (Calvino, 2002, p.18).

### 2.1.5. Reabilitação de edifícios Industriais: Abordagens, Métodos e Usos

*“O que fazer, hoje, perante a ruína do espaço (e do negócio) industrial? Entre a contemplação romântica da beleza trágica dos grandes assentamentos devastados fixada no olhar subjetivo de, cada vez mais, fotógrafos amadores e as promessas de fôlego de grandes planos urbanísticos e imobiliários para regeneração de zonas industriais em terrenos nobres (...) procuram-se agora outros modos de intervenção que considerem a materialidade e a história industrial mas que, sobretudo, sejam mais contidos do que as grandes operações do passado.”* (Moreira, 2014:1)



**Figura 77** – Intervenção no complexo LX Factory. Autor: Marina Watson Peláez (2018)

A reabilitação de edifícios Industriais é um território promissor, contudo, ainda nenhum país adotou políticas de território que motivem a recuperação destas ruínas industriais (Alvés, 1999), sendo agora o momento de pensar no património como um meio de soluções para o futuro (Martins, 2009) que salvaguardem o

património em simultâneo com princípios de sustentabilidade e qualificação urbana, *“chamando a atenção para os valores a ele associados e seu potencial, inclusive em termos de reutilização para novas funções – dando-lhe assim uma “segunda vida” (BERGERON e GRACIA, 1996: 77 “(Mendes, 2012:2).*

Martins parafraseia os arquitetos Jorge Figueira e Ana Vaz Milheiro ao falarem do *“fim da fábrica, o início da ruína (...) sendo que este é o panorama do património industrial português herdado e o seu significado define-se numa espécie de nostalgia, de desejo não realizado” (Figueira e Milheiro, 2005:25).*

Sugerem, uns e outros, a oportunidade em realizar esse desejo ao atribuir novos usos e novas narrativas a esse património, permitindo em simultâneo a permanência dessa nostalgia e memória de interferências profundas e recentes na paisagem (Figueira e Milheiro, 2005), por sua vez, no dizer de outro autor, *“conjugando passados, presentes e futuros numa única leitura encontramos os espaços, suas histórias e narrativas, qual palimpsesto, revelando histórias que coexistem, se atropelam e que implodem numa mesma estrutura. Descobrimos que o abandono, deterioração, desmantelamento e estados avançados de ruína são estados de incompletude, e devem ser entendidos como novos estados de espacialidade e de materialidade.” (Moreira, 2014:3)*

Assim, é de interesse urbano e arquitetónico, estudar e intervir no património industrial como parte integrante da cidade, encontrando-se esta num ponto de viragem: ou se deixam morrer, ou se requalificam (Martins, 2009).

Neste contexto, é necessário compreender não apenas as políticas de salvaguarda e conservação do património edificado, assim como compreender a vertente simbólica da preservação da memória, e sua poética, associada a este tipo de reabilitação. *“O que interpela a memória (...) não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva” (Choay, 2008:16).*

Choay questiona como é que a reabilitação de património industrial pode manter os traços simbólicos sob a forma de alguns museus, considerando que a reconversão destes espaços perde concomitantemente, o contexto do habitat de trabalho intrínseco à prática industrial. É necessária uma imaginação na programação da reabilitação que não substitua a nostalgia sentida nos espaços.

Assim, Folgado apresenta um elenco de “modelos” quantificados numa escala gigantesca de espaços patrimoniais, tornando-se *“ideais para serem reutilizados para novas funções e, em muitos casos, para serem reconvertidos em museus, dedicados à memória industrial, preservando assim estruturas e equipamentos aos quais foi atribuído valor histórico e patrimonial” (Matos & Sampaio, 2014:6).*



**Figura 78** – Museu da Água da EPAL (2015)

**Figura 79** – Museu da Água da EPAL (2015)

**Figura 80** – Museu da Água da EPAL (2015)

Assim, “(...) as estruturas industriais, pela sua escala e dimensão, são apropriadas para a exibição de obras de grande porte (...)” (Mendes 2012:3), desenvolvendo-se, particularmente a partir dos anos de 1980, a “designada “*museologia industrial*” ou, segundo outra perspetiva, a “*museologia dos fenómenos industriais*” (Custódio & Folgado 1999:15).

Contudo, apesar da museologia se apresentar como um dos temas de reabilitação mais praticado no país, em edifícios industriais, Portugal também expõe um grande leque de exemplos de conversão de antigas instalações industriais com diversas finalidades funções. Em alguns casos, as instalações de museus em antigas estruturas industriais integram as suas antigas funções, destacando a questão da memória e símbolos patrimoniais referidos anteriormente – como é exemplo o Museu da Eletricidade da EDP e o Museu da Água da EPAL. Noutros casos a conversão das antigas instalações fabris são adaptadas a novos usos (Mendes, 2012) de cariz cultural e criativo (indústrias criativas) - nomeadamente o caso do *LX Factory* em Lisboa e do *El Matadero*, em Madrid - invocando o passado do edifício industrial através da sua arquitetura e elementos característicos.



**Figura 81** – Museu da Eletricidade.  
Autor Desconhecido. 2018

Por outro lado, é também importante ser sensível aos usos que serão estabelecidos para um edifício restaurado ou conservado, não implementando um programa que implique uma maior deterioração do edifício em questão, como afirma Choay, “*deveria ter-se transformado o frágil Palácio Salé em Museu Picasso, onde desfilam centenas de milhares de visitantes e que já teve de ser restaurado duas vezes?*” (Choay, 2009:193). Considerando também, os diferentes cenários prévios intrínsecos a estruturas pós-industriais, nomeadamente: (I) adições ou demolições no edifício, que representam diversas fases de expansão e produção; (II) mudanças de uso; (III) transformações ou substituições da fonte de energia, que resultam no acrescento ou mudança de sistemas de produção; (IV) reconstrução. (Ramos, 2011), realizando uma intervenção de carácter reversível, que provoque um impacto mínimo e, em simultâneo, salvaguardando a importância patrimonial do edificado industrial.

## 2.2. Comunidade: Trabalho, Indústrias Criativas e *Coworking*

### 2.2.1. O Trabalho e a Tecnologia na Cidade: Construção de Comunidades.

A morfologia das cidades é definida por factores económicos (estrutura económica, dimensão de mercados e comunicações), sociais (organização social, educação e qualificação), físicos (estrutura funcional e espacial, transportes, morfologia) e ambientais (ambiente, planeamento e gestão) que, agregados às práticas laborais e ao desenvolvimento tecnológico, expõem uma relação íntima entre o trabalho, a cidade e a tecnologia. A última caracteriza-se como um dos maiores impulsionadores nas transformações e nos modos de trabalho que moldaram a cidade, causando a metamorfose dos hábitos sociais que conduziram à caracterização da sociedade contemporânea. De forma a compreender esse impacto provocado pelo trabalho e a tecnologia na cidade, deve-se analisar e considerar a evolução dos modelos de cidade, distinguidos pela era em que se inserem: Pré-Industrial, Industrial e Pós-Industrial. Desta forma, a Indústria é colocada como a propulsora da reformulação dos modos de vida e trabalho, assumindo-se como um fator decisivo no desenvolvimento da cidade.

Antes da revolução industrial as cidades e centros urbanos expunham uma definição limitada, cujo ideal de centro era caracterizado pela religião e seus espaços físicos de adoração (Igrejas), pela política (palácios e cortes nobres) e pela economia (localização dos mercados), apresentando-se como cidades de pequenas dimensões e estruturas urbanas simples.

Os princípios de comunidade destas cidades pré-industriais eram reforçados pela sua dimensão reduzida, favorecendo as relações de vizinhança e proximidade humana (Zagalo, 2015). Talvez por esta razão, os locais públicos surgiam equipados com elementos que motivassem a reunião entre indivíduos, através da implantação de usos necessários ao normal sustento das famílias, nomeadamente os mercados ou poços. A construção destas cidades apresentava um cariz informal e orgânico, promovendo a necessidade humana de interação social através de um desenho instintivo da cidade. Desta forma compreende-se *a priori* a natureza social do Homem e como isso influenciou o *design* das cidades.



**Figura 82** – Ilustração de um Mercado Alemão no Séc. XV. (1430)

É durante a industrialização que se inicia a metamorfose do estilo de vida e uma maior propensão para a evolução tecnológica. Contudo, a industrialização provocou a rápida urbanização, “desvirtuando” as pequenas comunidades. O tecido da cidade e seus componentes tornaram-se mais complexos devido ao surgimento de grandes portos, zonas industriais, transportes, serviços, infraestruturas e bairros residenciais (Vilas, Pátios e Bairro operários) (Cormier, 2012), que se desenvolveram em torno da preponderante atividade industrial nas cidades, afirmando-se um novo tipo de crescimento urbano em torno da indústria e trabalho.

Contudo, o pragmatismo aplicado ao desenho de cidades industrializadas transformou o ambiente urbano, entendendo-se a sociedade enquanto um conglomerado de comunidades homogénea. Tal perceção da sociedade provocou políticas de zoneamento e separação das atividades humanas – habitação, indústria e comércio e lazer (Zagalo, 2015) e motivou a transformação da cidade num ambiente de supressão, dominado pelo controlo preestabelecido das necessidades humanas.

Segundo Oldenburg (1989), a interação social nestas cidades era feita nos chamados “terceiros lugares”. Estes eram locais que permitiam o encontro e reunião de indivíduos fora do escritório ou residências, permitindo a socialização de forma livre e casual em espaços neutros à segregação das classes, sendo essenciais no desenho do tecido social das cidades.

Estes terceiros lugares eram constituídos – tradicionalmente – por espaços como cafés, cabeleireiros, lojas, correios, e outros serviços comuns a todas as classes. A existência destes locais permitia assim um sentido de comunidade numa sociedade segregada, evidenciando a necessidade de interação social e colaboração entre indivíduos (Zagalo, 2015).

Em Portugal, a Indústria contribuiu consideravelmente para a construção e ampliação das cidades, contudo esta influência assumiu duas vertentes, distinguindo as abordagens urbanas entre Lisboa e Porto. Na primeira, a implantação da Indústria caracterizou-se pela expansão da cidade para oriente, ao longo da frente ribeirinha, provocando o surgimento de bairros e comunidades operárias em torno dessas indústrias, através da criação dos “Pátios” e “Vilas”. No Porto, o espaço era limitado, e devido à



**Figura 83** – Terceiros Lugares: Ilustração de um Barbeiro (1861)

**Figura 84** – Terceiros Lugares: Crianças a jogar Xadrez num jardim (1947)

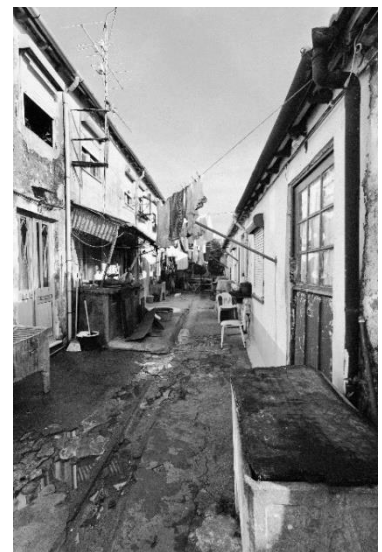
necessidade de alojar os diversos operários surgidos do fenómeno de “êxodo rural”, a Câmara e os investidores imobiliários promoveram uma prática de baixo custo ao alojar estes novos habitantes nas conhecidas “Ilhas do Porto”. Nestes espaços o sentido de comunidade era reforçado (mesmo que obrigados à coabitação devido à carência financeira) constituindo ambas uma forma de partilha do espaço físico presentes em conceitos contemporâneos: o *cohousing* e *coworking*.

Durante o século XX, o planeamento urbano sofre diversas mudanças, procurando aprimorar - e humanizar - o estilo de vida industrial através do melhoramento da qualidade dos espaços públicos, edifícios e espaços interiores, obrigando ao cumprimento das exigências mínimas do habitar: luz, ventilação e comodidades básicas. O cidadão é entendido como um elemento pertencente a uma comunidade e que possui o direito ao conforto humano.

Neste contexto, as cidades - influenciadas pela economia monetária - aumentaram consideravelmente de densidade, transformando a cidade numa série de multidões heterogêneas, que provocaram tanto a transformação dos comportamentos sociais dos indivíduos perante o “outro”, como a crescente tendência à independência e individualismo. A cidade contemporânea possui multidões de estranhos, apresentando uma vivência temporária dos espaços e das relações sociais.

Este individualismo é reforçado após o desenvolvimento das tecnologias que conduziram ao surgimento da internet e consequentes dispositivos móveis, provocando eles próprios a metamorfose dos comportamentos sociais nas cidades contemporâneas.

Segundo Zagalo, a internet possui também um papel na extinção dos terceiros lugares e da própria maneira de socialização. Antes da internet, a distribuição da informação era feita de modo homogêneo através de jornais, televisão ou rádio. Cada comunidade recebia a mesma informação pois os meios de divulgação eram limitados e comuns a todos. Deste modo, a disponibilidade de informação à distância de um clique, provoca o desinteresse involuntário por outros meios de conhecimento, nomeadamente através da interação e partilha social, limitando a afinidade perante o “outro” (Silva, 2016).



**Figura 85** - Rua do Açúcar (com uma ostentação arquitetónica a "Vila Pereira") (ant. 1998)

**Figura 86** – Ilha da Belavista. Autor: Luís Coelho (2014)

A cidade contemporânea expõe assim, uma metamorfose na urbanidade e ambientes domésticos, consequentes da evolução tecnológica móvel (Barajas e Garcia, 2012), introduzindo-se uma nova relação Trabalho-Cidade, moldada pelo progresso tecnológico e mutações no comportamento social e espaços físicos. As novas tecnologias causaram a transposição dos aparelhos de trabalho fixos, para dispositivos móveis, através do *wifi*, *tablets*, *smartphones* ou portáteis. A vida em ambiente doméstico tornou-se uma extensão da vida pública e urbana e as interações sociais – e entendimento da urbanidade - ganharam uma dimensão virtual.

Por outras palavras, a tecnologia móvel e a internet alteraram a compreensão da função dos espaços físicos em que habitamos, atenuando o limite entre espaço doméstico, trabalho e cidade. Com as novas tecnologias agora, mesmo em casa, um indivíduo é invadido por questões relacionadas com o trabalho, exteriores à vivência do espaço “presente”, transformando o espaço em que se encontra (Barajas & Garcia, 2012).

A transformação da vivência da cidade e acumulação de múltiplas experiências em múltiplos espaços, obriga a uma nova perspetiva sobre as divisões urbanas tradicionais que separam as atividades do quotidiano (educação, habitação, lazer e trabalho), o centro e a periferia, e as tipologias arquitetónicas pré-estabelecidas (Barajas e Garcia, 2012). Esta separação de funções provoca o desequilíbrio na ocupação de diversas zonas em algumas cidades, tornando as áreas residências como “zonas fantasma” durante o dia, cujos espaços públicos não são apropriados pela população. Em oposição, os espaços públicos das cidades são caracterizados como espaços temporários, como caminhos de ligação entre os seus destinos, *“Isto significa que o espaço urbano tem vindo a perder a sua componente orgânica e pública, transformando-se antes em mero local de passagem”* (Zagalo, 2015: 38)

Neste contexto em que a tecnologia afasta o indivíduo do “outro” e o trabalho se encontra dentro do registo de concentração de funções, nasceram novas formas de interpretar o espaço físico, procurando recuperar o sentido de comunidade e as interações sociais físicas através da flexibilidade e multivalência dos locais de trabalho e reunião, *“como os espaços de coworking – espaços destinados ao trabalho individual em comunidade. Isto é, trabalha-se no mesmo local informal, partilhando espaços, conhecimentos e equipamentos, contudo, de uma forma individual, sem pertencer à mesma empresa.”* (Silva, 2016:51)

## 2.2.2. Evolução dos Edifícios de Escritório e outros Espaços de Trabalho

O escritório esteve sempre associado à administração e produção intelectual<sup>13</sup>, como um centro administrativo concentrado no poder do estado (Mozias, 2014), emergindo dos mosteiros para as fábricas durante o período industrial. A procura de maior eficácia e produtividade no trabalho, em paralelo com a evolução das tecnologias da construção e tecnologias de armazenamento de dados e distribuição de informação, provocou a transformação do conceito de escritório. Atualmente os espaços de trabalho assumem diversas vertentes sociais e intelectuais, adquirindo uma dimensão humana no quotidiano laboral através de lugares que permitem não apenas a funcionalidade e produtividade, mas também interação social<sup>14</sup>, assumido características de comunidade que respeitam o estilo de vida contemporâneo.

O trabalho intelectual remota ao período medieval, iniciando o costume de trabalho individualizado numa sala – isolada – inserida em mosteiros. Aqui, eram expostas conjeturas de uma disciplina rigorosa através da ausência de cadeiras, pois o ato de sentar era considerado um privilégio.

Na renascença despontaram novas práticas produtivas, nomeadamente o desenvolvimento de técnicas – e conhecimentos – artísticos e científicos, mas é apenas no século XVIII que surgiram atividades administrativas organizadas, localizadas em edifícios cujo espaço de escritório deveria situar-se perto do arquivo local. Assim, a prática administrativa de recolha de informação e trabalho individualizado adquire um novo valor na sociedade, emergindo com a necessidade de espaços que permitissem disciplina e concentração, de forma a tornar a produção dos trabalhadores mais eficiente.

Contudo, o grande salto na conceção do escritório resultou da sociedade industrial, no norte dos Estados Unidos da América e, do desenvolvimento tecnológico no século XIX e XX, em que invenções no sector da construção e comunicação permitiram a reformulação do espaço de trabalho. Durante a era industrial, os centros administrativos situavam-se *in loco*, nas fábricas ou nas residências



**Figura 87** – Escriba europeu no seu espaço de trabalho (1456)

<sup>13</sup> DESKMAG – A Brief History Of The Office, Deskmag [em linha], Deskmag (2012). [consultado em 21-06-2017]. Disponível na internet: <<http://www.deskmag.com/en/a-brief-history-of-the-workspace-coworking-Chicago-Architecture>>.

<sup>14</sup> Idem.

do empresário industrial, assumindo o controlo da produção (Silva, 2016). Todavia, a invenção dos caminhos-de-ferro (1814) e do telefone (1876) e concomitantemente da telegrafia viabilizou a disseminação da informação a longas distâncias e, conseqüentemente, a deslocação das atividades de administração e gestão para fora dos lugares de produção, tornando possível gerir empresas internacionais a partir de escritórios dedicados exclusivamente a essa atividade.

Novas tecnologias como a eletricidade, a máquina de escrever e as máquinas calculadoras permitiram que uma maior quantidade de informação pudesse ser armazenada, processada e transmitida de forma mais rápida e eficiente (Mozas,2014).

Neste contexto, o local de trabalho adquire um cariz de atividade intensa entre os trabalhadores (assim como permite – perante a existência de iluminação artificial – o alargamento do horário de trabalho), assumindo uma divisão hierárquica na sua concepção que obrigasse a mais eficaz produção (Silva, 2016). Apenas trabalhadores com estatuto alto – supervisores e patrões – podiam ter escritórios individuais. A restante classe trabalhadora localizava-se em áreas centrais, barulhentas e condicionadas, com iluminação e higiene deficiente, apresentando ainda características medievais.

No final do século XIX a arquitetura sofreu transformações em Chicago, na medida em que a Escola de Chicago, influenciada pelos princípios industriais de produção e otimização, “*were seeking to monetize the price and the use of space for the reconstruction of Chicago.*”<sup>15</sup> Constituindo-se como a maior influência arquitetónica dos edifícios de escritório no século XIX. Juntamente com a invenção do elevador público (1857) e da estrutura em ferro Pilar-Viga (1885) tornou-se possível otimizar a implantação dos edifícios de escritórios através da construção - em altura - gerando o máximo de receita em lotes pequenos.

Um dos primeiros edifícios de escritórios construídos segundo estes novos conceitos e tecnologias (estrutura em ferro Pilar-Viga) foi o “*The home insurance building*”, inaugurado em 1885 em Chicago, cujo projeto pretendia projetar espaços iluminados e amplos. Neste contexto surge também o edifício “*Larkin Administration Building* (1904) de Frank Lloyd Wirght, combinando diversas inovações como ar condicionado (1902), paredes com eficiência acústicas e



**Figura 88** – Larkin Administration Building Photograph (1906)

**Figura 89** – Poster do edifício “Home Insurance Building”

<sup>15</sup> DESKMAG – A Brief History Of The Office, Deskmag [em linha], Deskmag (2012). [consultado em 21-06-2017]. Disponível na internet: <<http://www.deskmag.com/en/a-brief-history-of-the-workspace-coworking-Chicago-Architecture>>.

novas abordagens ao mobiliário que foram a base da estação de trabalho atual, nomeadamente uma secretária com três níveis e uma cadeira com três pés sobre rodas.

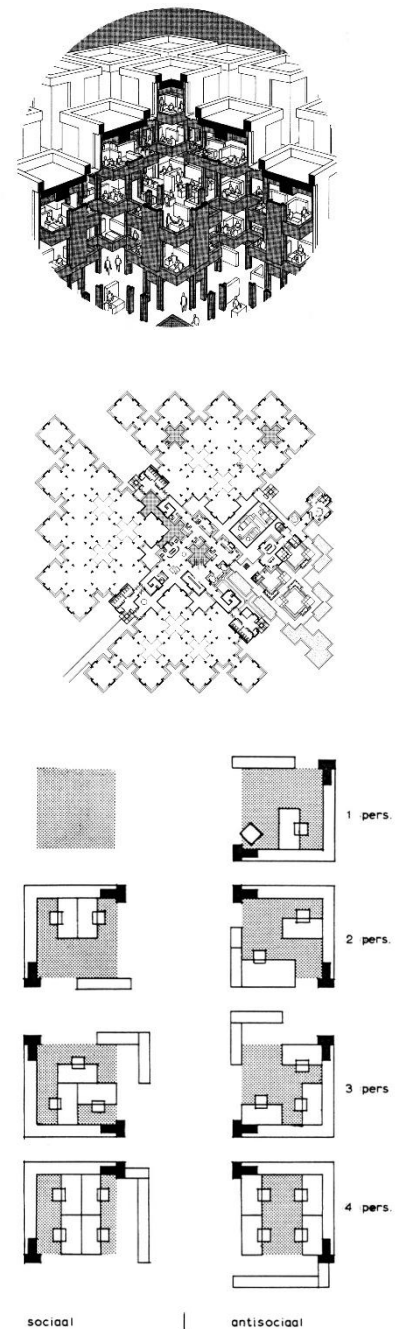
Em paralelo com o ideal industrial de produção em série, estes edifícios de escritórios em Chicago foram os primeiros que seguiram a tipologia tradicional de salas separadas abrindo para longos corredores.

Na década de cinquenta, o movimento modernista começou a questionar os modelos de urbanidade funcional, transpondo essas questões para o interior dos edifícios ao considerar o espaço físico do escritório como um factor que influenciava a produtividade<sup>16</sup>. Mozas estabelece esta relação de “*cities within a building*”, na qual a organização espacial dos escritórios é inspirada na malha urbana das cidades, apresentando “*A grid of continuous repeated units that accommodates difference and specific moments within a homogeneous pattern*” (Mozas, 2014:143).

É aqui que surge o “*office landscape*”, imaginado pelos irmãos Eberhard and Wolfgang Schnelle, cujo modelo precede o conceito de *open space* contemporâneo, uma abordagem arquitetónica que sugeria um ambiente de colaboração e interação entre os funcionários.

O *open space* fora desenhado com o objetivo de aumentar a dimensão das áreas do espaço de trabalho, promovendo também o baixo custo de construção. Assim, em 1974, Herman Hertzberger desenhou a companhia de seguros “*Centraal Beheer*”, em que o espaço era definido como uma “*Aldeia de Trabalhadores*”, concebido com o objetivo de estabelecer o sentimento de comunidade e partilha entre os funcionários. A distribuição da planta era flexível e expunha diversas plataformas em forma de ilhas, formando postos de trabalhos e permitiam o contato visual entre os funcionários.

Esta perspetiva sobre o habitar do espaço de trabalho, em paralelo com o ideal de *open space*, precederam os conceitos contemporâneos de diversidade, identidade (Silva, 2015) e comunidade, intrínsecos aos escritórios actuais, configurando-se como a base de estruturas laborais flexíveis recorrentes na morfologia dos escritórios contemporâneos, nomeadamente o *coworking*.



**Figuras 90, 91 e 92** – (De cima para baixo) Axonometria Concetual; Planta de Piso e Esquema de disposição de mesas do edifício “*Centraal Beheer*”. Autor: Herman Hertzberger (1968-1972)

<sup>16</sup> Idem

### 2.2.3. Indústrias Culturais e Criativas: Conceito

A sociedade contemporânea apresenta-se cada vez mais globalizada devido ao desenvolvimento tecnológico e crescente digitalização/informatização dos meios de comunicação. Estes novos recursos de informação surgem como estímulos a novas oportunidades de desenvolvimento das indústrias culturais e criativas, revelando o crescente estatuto dos elementos culturais na cidade.

Durante os séculos XIX e XX, a cultura fora considerada um setor de importância secundária na economia, na medida em que a indústria dependia da matéria-prima, ciência e tecnologia, porém, as novas indústrias são desenvolvidas com recurso a novos meios de conhecimento, fazendo maior uso da criatividade e inovação (Carvalho, 2009). A cultura assume assim, um papel preponderante na sociedade contemporânea, utilizando-se a criatividade em trabalhos mercantis de trocas e produção, geridos por diversos empresários, artistas e intelectuais que permitiam o desenvolvimento económico através da interação de diferentes culturas, possibilitando a criação de diversas novas ideias.

É no contexto de mercantilização da cultura e criatividade que surge o termo “Indústrias Culturais”, apresentando-se como uma análise crítica às políticas culturais em rigor durante o último século. O termo tem origem na corrente de pensamento da escola de *Crítica Teórica de Frankfurt*, tendo sido batizado por Adorno e Horkheimer em 1947 no livro “*Dialéctica do Esclarecimento*”.

Segundo Adorno e Horkheimer, a Indústria Cultural é uma ferramenta de perpetuação do sistema capitalista, utilizando este termo como uma crítica à mercantilização dos bens culturais, promovida por uma sociedade industrial de massas.

Os autores estabelecem a conexão entre cultura e indústria, através da crítica sobre a massificação e mercantilização da arte, entendendo a comercialização da cultura como uma forma de vulgarização da mesma e acusando a comercialização da cultura de ser um meio de manipulação das massas. A arte, outrora uma ferramenta para expressão ou contestação do artista, era agora produzida em série, produto de uma economia focada no desenvolvimento técnico.

Assim, o termo “cultura” respeitava o ideal Alemão de cultura traduzido na expressão dos valores partilhados por uma comunidade, enquanto o termo “indústria” se referia aos conceitos económicos marxistas de mercado.

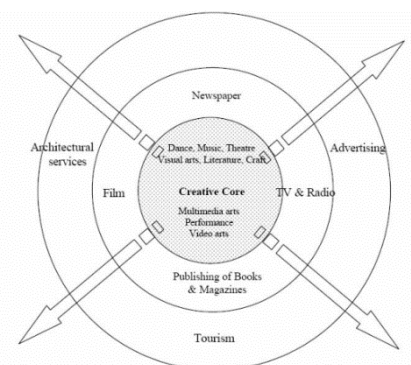
Contudo, a inclusão de bens e serviços culturais (televisão, rádio, cinema, música, concertos, livros, ou outras formas de arte) no mercado, introduzindo a cultura no sistema de financiamento público e economia nacional, permitiu o aumento da população laboral e por sua vez, novas oportunidades de emprego dentro de grandes corporações.

Na década de 90, o crescente desenvolvimento da informatização, digitalização e internet, provocou a alteração das condições tecnológicas em que um produto cultural é divulgado e distribuído, tornando o conceito “cultural” em “indústrias culturais” – cuja definição encontrava-se restrita à arte e cultura – insuficiente perante os avanços tecnológicos em curso. Assim, estas novas tecnologias promoveram o surgimento do novo termo “Indústrias Criativas”.

O *Creative Industries Mapping Document* define as indústrias criativas como “those industries that are based on individual creativity, skill and talent with the potential to create wealth and jobs through developing intellectual property” (CIMD: 1998), protegendo a propriedade intelectual e incluindo assim, o setor de design, desenvolvimento de softwares e outras áreas cuja criatividade representa uma factor importante no desenvolvimento intelectual, adequando-se a antiga “indústria cultural” à contemporaneidade informatizada, permitindo em paralelo, a inclusão social e diversidade cultural.

A transição do termo “indústrias culturais” para “indústrias criativas” também provocou a alteração do impacto económico destes tipos de indústrias. A integração de um termo mais amplo – o “criativo” – incluiu diversos setores maciços, nomeadamente produtos farmacêuticos, eletrónicos, engenharia, arquitetura, design e produtos químicos, numa “economia criativa” (Hesmondhalgh, 2008), apresentando uma nova abordagem à economia e ao seu impacto nas cidades. Richard Florida (2002) afirma que a economia criativa promove o surgimento de “cidades criativas”, permitindo que diversas pessoas “criativas” sejam atraídas para as cidades onde se destaca esse tipo de atividades, investindo capital nos impostos e serviços locais. Torna-se então necessário combinar o desenvolvimento destas industriais com o espaço urbano criativo, transformando-as em polos urbanos que dinamizem a cidade e promovam a inovação, concorrência e pluralismo do mercado.

Desta forma, compreende-se que as indústrias culturais e criativas contribuem para o crescimento económico, gerando “riqueza, emprego, coesão social e territorial, crescimento nas exportações, diversidade cultural, desenvolvimento humano, e servir de veículo à afirmação das comunidades” (Silva, 2016:60), representando – e preservando – os valores culturais das cidades.



**Figura 93** – Sistematização das Indústrias criativas. Autor: Dr Masayuki Sasaki (2007)

#### 2.2.4. *Coworking*: Conceito

O *coworking* é um conceito recente que se enquadra na sociedade contemporânea caracterizada pelo progresso tecnológico, flexibilidade dos comportamentos sociais no espaço físico e transformação dos meios de comunicação e acessibilidade. Estas alterações permitiram que os países desenvolvidos acometessem a uma economia dependente da informação e conhecimento <sup>17</sup>, privilegiando as áreas de trabalho intelectual. Deste modo surgiram diversas áreas da informação e cultura dirigidas por trabalhadores e consultores *freelancers*.

Assim despontou o *coworking*, um modo de trabalho desenvolvido com o objetivo de oferecer um espaço de trabalho flexível à classe de trabalhadores independentes que procuram uma solução temporária de trabalho, oferecendo a oportunidade de substituir o local privilegiado de trabalho da área *freelancer*: a casa.

O *coworking* permite resolver questões intrínsecas ao trabalho em casa, “tais como o isolamento, falta de produtividade e as distrações domésticas” (Zagalo, 2015:92), promovendo em simultâneo o ideal de comunidade através das interações sociais na partilha de um mesmo espaço. É este favorecimento da partilha de ideias e conceção de um espaço potenciador de interações sociais em comunidade, que torna os locais de *coworking* ideais para a ocupação das indústrias criativas.

Zagalo (2015) estabelece uma relação entre o conceito Terceiro Lugar e o *coworking*. Os terceiros lugares consistem nos lugares de encontro e interação entre indivíduos fora do ambiente doméstico ou de escritório. Estes espaços apresentam atualmente uma versatilidade intrínseca aos modos de trabalho contemporâneos ao adquirir um cariz casa-trabalho, procurando satisfazer as necessidades dos trabalhadores “nómadas” (Zagalo, 2015).

Cafés, restaurantes e outros espaços públicos são agora invadidos por trabalhadores remotos (Zagalo, 2015), obrigando a reformulação dos bens e serviços oferecidos por alguns destes locais públicos, através da oferta de *wifi* gratuita e espaços de *lounge* que suportem a necessidade de ligação de aparelhos eletrónicos (computadores, *tablets*, telemóveis) necessários à prática laboral.

Contudo, a qualidade do ambiente de trabalho destes locais é limitada, apresentando um diverso leque de distrações associados à sua ocupação heterogénea. Questões práticas como a fraca acessibilidade à internet, barulho e quantidade de tomadas disponíveis traduzem a insuficiente capacidade de suportar a



**Figura 94** – Freelancers em Atlas Café Williamsburg. Autor: Tim Donnelly (2012)

**Figura 95** – Freelancers num café Starbucks (2016)

<sup>17</sup> Lévy e Jouyet cit. por Zagalo in “COMUNIDADE, UMA FORMA DE PENSAR A CIDADE: Cohousing, Coworking e Codesigning na cidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado”

produtividade laboral, não resolvendo também a questão da ausência de interação social intrínseca ao isolamento e alienação dos trabalhadores (Zagalo, 2015).

De facto, o *coworking* apresenta soluções a todas as questões mencionadas, surgindo como uma alavanca a novas interpretações dos modos de trabalho atuais. O movimento *coworking* sugere um espaço dinâmico, maioritariamente *open space*, partilhado por uma comunidade de trabalhadores independentes que apesar de possuírem diferentes objetivos laborais, têm os mesmos valores. Deste modo, é possível a partilha de conhecimentos e colaboração entre si, fomentando a proximidade entre indivíduos e equipas. Estes locais constituem uma rede de contactos informal e natural ao espaço de trabalho, que *“apela ao contacto diário e a conversa resultante da partilha dum mesmo espaço para troca de ideias. Esta troca informal de ideias beneficia todos os participantes, ajudando a desenvolver conceitos e projetos.”* (Zagalo, 2015:93)

Segundo Zagalo, outro factor potenciador do *coworking* recai na globalização da sociedade e na possibilidade de aceder à *Internet* fora do ambiente doméstico através de tecnologias de *wifi* e dados móveis. Este novo método de comunicação permitiu o acesso fácil à informação e explodiu na digitalização excessiva da informação através da promoção, e enorme aderência a novos serviços e aplicações *online*. O setor terciário foi transmutado para a era digital permitindo uma maior flexibilidade de trabalho.

Atualmente muitos trabalhos na área de informação podem ser executados apenas através de computadores portáteis ou *tablets*, ligados a uma *cloud* que partilhe e armazene – *online* – diversos dados, facilitando a mobilidade e diminuindo a necessidade de vastos recursos ou ferramentas para a prática dessas atividades laborais. O mundo da informação é agora abstrato e está inserido numa rede que conecta o indivíduo contemporâneo a grande velocidade. Esta facilidade de partilha de ideias e comunicação favorece a transposição destes ideais para o espaço físico através do *coworking*, transformando o virtual – parcialmente – em físico.

Em suma, o *coworking* é um espaço híbrido que converge a vida de trabalho com a vida social, fomentando a criatividade e inovação. Ainda, a existência de espaços destinados ao trabalho em comunidade favorece trabalhadores independentes que não queiram trabalhar nas suas residências, ou pequenas empresas que não possuam os recursos financeiros necessários à administração de escritórios isolados, eliminando em si mesmo o problema da alienação social e isolamento no trabalho em casa. *“Criar algo em conjunto é a melhor forma de aprendizagem e a mais alta forma de colaboração, é a possibilidade de aprender diretamente com o outro e com as nossas experiências.”* (Silva, 2016:71)



Figura 96 – Ilustração do conceito de *coworking*

Figura 97 – Ilustração do conceito de *coworking*. Autor: Irina Siryanova (2017)

### 2.4.3. Valores do *Coworking*

O *coworking* apresenta diversos valores que favorecem como modo de trabalho. Zagalo (2015) aponta quatros valores que suportam o conceito *coworking*:

- (I) *Acessibilidade*: constituída pela abertura de acesso ao público que define os locais *coworking*. Estes locais estão localizados em zonas com boa acessibilidade e praticam baixos preços, tornando-se acessíveis a indivíduos com menos recursos financeiros;
- (II) *Colaboração*: resulta do apoio e colaboração entre trabalhadores, especialmente *freelancers* que necessitam de opiniões noutras áreas, contribuindo para um fluxo natural de resolução de problemas que motivem o desenvolvimento dos projetos individuais;
- (III) *Sustentabilidade*: a partilha de espaços, equipamentos e serviços de secretariado apresenta repercussões positivas no ambiente. A partilha de recursos de escritório permite uma poupança em materiais extra, a eletricidade é consumida em menor quantidade e a utilização partilhada de dispositivos tais como impressoras, projetores, aparelhos audiovisuais, máquinas de café, fogões, frigoríficos, entre outros, permite a redução dos custos associados a esses aparelhos. Acrescentamos ainda que o próprio edifício de *coworking* revela uma autossuficiência na sua manutenção e gestão, suportando os custos através do simples aluguer dos espaços;
- (IV) *Comunidade*: é a característica essencial que distingue este conceito de trabalho, afinal “co” em “*coworking*” refere-se ao termo “comunidade de trabalho” que sugere uma interação social e criação de relações humanas, facilitando a aquisição de novos conhecimentos e troca de favores informais.

De facto, a característica “Comunidade” invoca um dos valores de elevada importância num espaço *coworking*: a socialização. Esta surge como um elemento contraditório ao isolamento existente nos ambientes domésticos. Na verdade, um dos males do trabalho “em casa” está na ausência de interação humana. Quando um trabalhador se encontra privado de interação social durante um longo período, encara o trabalho como uma tarefa maçuda. Esse “isolamento” prepotente pode resultar na desmotivação e pouca produtividade. Deste modo o *coworking* revela vantagens para a saúde mental e produtividade do trabalhador, promovendo a socialização através de conselhos, favores, colaboração e troca de ideias, que transformam o local de trabalho num espaço agradável, enriquecendo a produtividade e a rede de contatos que suportam os projetos independentes.

#### 2.4.4. A Arquitetura e o Processo Criativo

O processo criativo implica ambientes de trabalho específicos que fomentem o fluxo de ideias inovadoras, criando condições especiais ao processo de criação, ou simplesmente produtividade no local de trabalho. Um dos elementos motor deste processo criativo e inovador são as tecnologias acessíveis, perfeitos para a difusão e acolhimento de boas ideias.

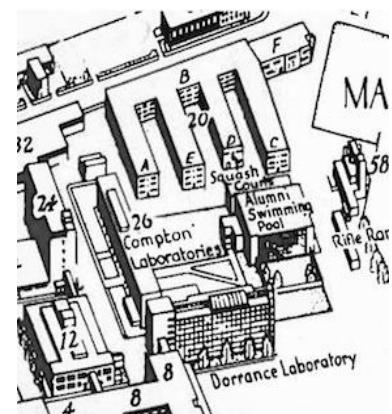
É neste contexto de análise sobre os padrões que melhoram a eficiência do indivíduo na prática da sua atividade laboral que Johnson apresenta, no seu livro “De onde vêm as boas ideias”, uma série de princípios inerentes ao processo criativo, expondo diversas maneiras de compreender que parâmetros estão na origem das ideias mais inovadoras, pois *“alguns ambientes sufocam novas ideias; outros parecem gerá-las sem esforço”* (Johnson, 2011:12).

Segundo Johnson, o Homem é um ser com necessidade básica de socialização e agrupamento. Assim, o trabalho em grupo fortalece a qualidade de ideias criativas individuais, tornando-se necessário sugerir um espaço de trabalhado que produza naturalmente essas interações sociais.

Um exemplo de um espaço fomentador de interações sociais é o MIT Building 20 cuja estrutura, construída com o objetivo de ser temporária, se transformou num dos edifícios mais criativos do mundo, dando origem a inovações como o primeiro vídeo jogo (Molloy, 2013). Este fluxo de ideias inovadoras só fora possível devido à configuração do espaço como algo orgânico, livre de ser manipulado por aqueles que habitavam o espaço. Esta capacidade flexível provocou a sensação de independência dos trabalhadores e conseqüentemente, a disponibilidade de manipular o edifício sem preocupações. *“Esta flexibilidade manteve o edifício vivo e em movimento, com a influência de seus habitantes”* (Molloy, 2013: 3).

Outro ponto de vista sobre a interação social recai na distância física entre os trabalhadores, traduzindo-se num factor que influencia produtividade e qualidade do trabalho. Isaac Kohane elaborou um estudo que comprovou que os coautores que trabalharam lado-a-lado apresentavam trabalhos de melhor qualidade que aqueles que se encontravam a uma distância considerável (Lehrer, 2012), contudo *“If you want people to work together effectively, these findings reinforce the need to create architectures that support frequent, physical, spontaneous interactions”* (Kohane, cit. Por Lehrer 2012:8) sugerindo-se arquiteturas que maximizem a proximidade dos trabalhadores, incentivando a construção de relações que se traduzem em camaradagem.

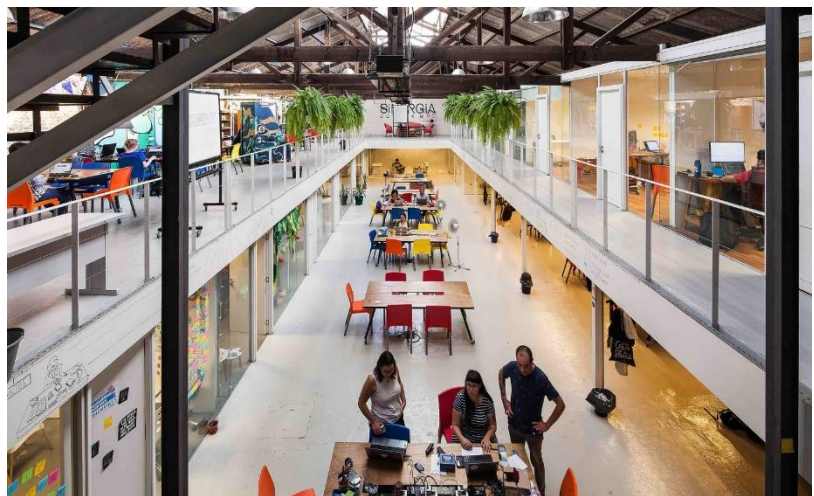
Deste modo, os espaços comuns de reunião são fundamentais no processo criativo, sendo um exemplo clássico o caso da Pixar, cuja sede possui um átrio central que obriga a passagem e encontro entre pessoas. Estes espaços de encontro e lazer representam o



**Figura 98** – Axonometria do MIT Building 20 e respectivas Alas A, E, D e C (1946)

**Figura 99** – Building 20, Vista da Ala A (1997)

busílis do conforto do trabalho. Algumas destas áreas apresentam até características domésticas, como a cozinha e a copa (Steelcase Inc, 2013). Estes são os “terceiros lugares” dentro do espaço de trabalho, são espaços onde se criam laços e relações de camaradagem, transformando – em simultâneo – o local de trabalho numa zona segura. Mais, associados a modelos com base no conceito de partilha recursos em comunidade, podem caracterizar-se por áreas que beneficiam da luz natural e uma organização espacial que permita o fluxo livre dos trabalhadores. Sugerindo os espaços modulares flexíveis sugeridos por Johnson, que podem ser adaptados segundo as necessidades dos trabalhadores. Afinal, “*sistemas modulares que simplificam as mudanças físicas.*” (Molloy, 2013:5)



**Figura 100** – Espaço “Sinergia Cowork Palermo” dos Arquitetos Emilio Magnones. Autor: Marcos Guiponi (2014)

Todavia, mais que conceitos de comunidade, partilha e flexibilidade, a defesa da produtividade de um espaço também recai sobre o ambiente que este apresenta. Ambientes hostis e esteticamente desagradáveis reduzem a produtividade, seja em espaços *coworking* ou escritórios convencionais, conduzindo ao stress e necessidade do trabalhador de deslocar-se a um local mais confortável em busca de maior produtividade.

Balch (2013) coloca a questão “Será que um escritório bonito torna os trabalhadores bonitos?”. A resposta é elaborada fazendo referência a um estudo conduzido pela *Warwick Business Scholl*, que recolheu dados estatísticos sobre diversas imagens de paisagens cuja estética revelava uma “aura cénica”. As imagens mais votadas expunham cenários como montanhas cobertas de neve, rios em florestas e paisagens marinhas selvagens.

De facto, existe uma conexão entre o bem-estar individual e o local onde os indivíduos vivem, demonstrando que residentes em áreas “cénicas” são mais felizes do que em locais menos atraentes. Essa sensação de bem-estar pode ser influenciada pela disposição mental e os traços comportamentais, na medida em que locais atraentes cativam o indivíduo a passar mais tempo no exterior.

Chanuki Seresinhe (cit. por Balch, 2013) afirma que o ambiente de trabalho afeta ativamente os trabalhadores. Se uma paisagem agradável provoca o bem-estar pessoal, um ambiente de trabalho esteticamente agradável terá um efeito semelhante. É a compreensão da influência da estética nos locais de trabalho, como impulsionador de bem-estar, que originou diversas intervenções decorativas em espaços onde a produtividade e o melhor desempenho cognitivo e intelectual, são aspetos fundamentais ao eficaz funcionamento desses locais, nomeadamente espaços como escolas infantis, cujas intervenções permitem o estabelecimento da relação entre os desenhos nas paredes – lúdicos – com a motivação das crianças em frequentar esse espaço e aprender.

No escritório, essas intervenções decorativas focam-se na colocação de obras de arte nas paredes, estações de trabalho com luz e ventilação natural e colocação de outros elementos decorativos, tais como vegetação. Estudos do movimento “*Biophilia*” sugerem que os espaços com presença de vegetação geram respostas fisiológicas nos trabalhadores, nomeadamente o aumento da atividade cognitiva e a redução dos níveis de *stress*. Um artigo na Universidade Harvard afirmou, inclusive, que o desempenho cognitivo de trabalhadores em locais com vegetação é o dobro daqueles que trabalham em locais tradicionais.



**Figura 101** – Vegetação e Decoração do Espaço “Sinergia Cowork Palermo” dos Arquitetos Emilio Magnones. Autor: Marcos Guiponi (2014)

Aliás, a decoração e ambiente de escritórios atrativos proporcionam uma conexão psicológica positiva com os trabalhadores e o grupo de pessoas com quem coabitam no espaço de trabalho, transformando este num espaço seguro que motiva o trabalhar a – de vez em quando – despegar os olhos do ecrã do computador, documentos ou outros elementos de trabalho, permitindo o reajustamento da focagem dos olhos e, por isso, reduzindo a fadiga, evitando as dores de cabeça e efeitos de tensão ocular.

Esta envolvência cénica agradável deve transpor a decoração e recair na arquitetura dos interiores – e quiçá – exterior dos locais de trabalho. Deste modo, existem diversos edifícios abandonados que apresentam qualidades estéticas e uma memória histórica, intrínseca a si, que torna a sua ruína e consequentes imperfeições num objecto de beleza inegável. A reabilitação consciente destes edifícios em espaços de trabalho pode transformá-los nos elementos cénicos que Serensinhe sugere. A ventilação natural, a luz natural, a transposição do interior para o exterior, criando visões panorâmicas são elementos que contribuem para o bem-estar no trabalho.

A potencialização dos locais de trabalho em comunidade e flexíveis, está no conforto e na sensação de familiaridade. Os locais mais propícios à criatividade não são apenas aqueles que potenciam a reunião, interação social, fluxos de ideias e colaboração, mas também aqueles que providenciam os bens e serviços necessários à redução do stress. Mais que uma envolvência estética confortável, o espaço de trabalho deve também ser dotado de espaços com diversas funcionalidades, destinados às pausas e momentos de descontração, permitindo a regeneração do processo cognitivo e criativo de cada trabalhador.

### 3. (RE)HABITAR A RUÍNA INDUSTRIAL

### 3.1. Requalificação da Frente-Ribeirinha do Braço de Prata.

#### 3.1.1 O Vazio Pós-Industrial: Estratégias Urbanas

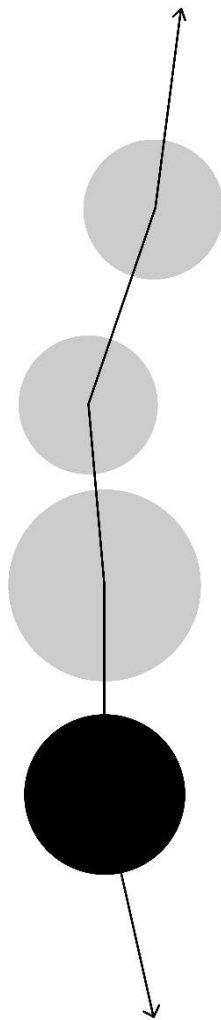
*“Rather than simple phantoms of past industry, in their latent state they are the host to heterotopic uses. From scrappers to paintballers, taggers to urban explorers these sites are host to a myriad of temporal users” (Allen, 2012:157)*

Relembrando as reflexões de Allen reforça-se o potencial urbano que *brownfields* como o Braço de Prata representam, revelando a importância que estes “fantasmas industriais” têm na cidade. É a marca física e a sua memória que melhor representam a história do lugar, devendo ser enaltecida e monumentalizada em abordagens que fomentem a diversidade urbana e social.

O Braço de Prata é um dos primeiros pontos que ligam as duas zonas mais consolidadas de Lisboa, nomeadamente o Parque das Nações e a Baixa Pombalina, permitindo uma primeira abordagem à revitalização do “Caminho do Oriente”. Este lugar, marcado pela presença monumental das estruturas em ruína dos antigos gasómetros da fábrica Gás da Matinha, do terreno expectante resultante da demolição da antiga Fábrica do Braço e da presença devoluta da antiga fábrica “A Tabaqueira”, representa a oportunidade e – mais que tudo - a necessidade de intervenção em *brownfields* na cidade. Sendo necessário valorizar as suas qualidades, nomeadamente memória industrial e localização frente-rio (que tanto enaltece a qualidade da vivência urbana) e abordar os diversos problemas que afligem este lugar obsoleto: os terrenos expectantes pós-industriais, a frágil rede viária e de transportes públicos, a segregação urbana entre a zona a Norte (Cabo Ruivo) e a zona a Oeste (Chelas), a barreira física presente na linha ferroviária, o envelhecimento da população e a ausência de espaços públicos e de permanência que cativem a vontade de habitar o lugar.

É neste contexto e, considerando a responsabilidade ecológica na intervenção em terrenos com vestígios tóxicos, que se torna importante a necessidade de abordar as condições ambientais associadas aos espaços residuais pós-industriais, propondo-se a naturalização de parte da antiga Fábrica de Gás da Matinha e da Frente-Ribeirinha do Braço de Prata como o primeiro elemento que define a estratégia urbana, seguido da proposta do desenho de um espaço público e edificado, cujos usos dinamizem o Braço de Prata e o transformem numa das centralidades do “Caminho do Oriente”.

Ora, como ponto inicial da estratégia urbana do Braço de Prata torna-se impossível não considerar o PDM e Planos de Pormenor existentes para este local obsoleto.



**Figura 102** – Esquema dos Núcleos Industriais localizados entre Santa Apolónia e o Parque das Nações

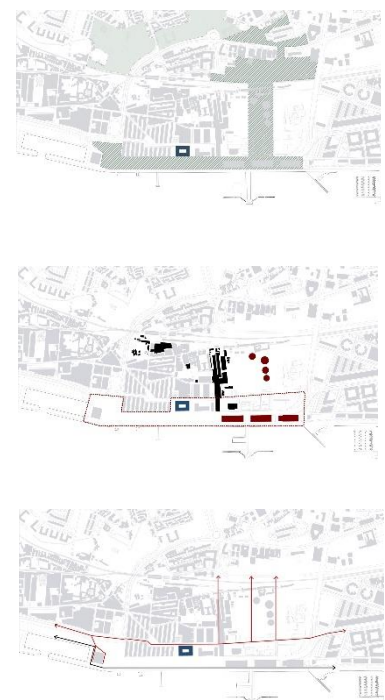
Felizmente a potencialidade do lugar não passou despercebida e foi elaborado um Plano Diretor Municipal intitulado “Parque Ribeirinho Orienta” que propõe a naturalização e requalificação deste espaço frente-ribeirinho. É neste plano que se enquadram os projetos do Parque do Vale Fundão, os Jardins do Braço de Prata do arquiteto Renzo Piano e o Plano de Pormenor da Matinha, da autoria dos arquitetos RISCO + NPK.

A primeira proposta recai na criação de uma estrutura verde, a ser implantada na antiga fábrica Gás da Matinha, que naturalize e regenere este *brownfield* contaminado, permitindo também uma ligação entre a frente-ribeirinha do Braço de Prata e o (previsto) Parque do Vale Fundão. Esta proposta apresenta um parque urbano composto por diversos espaços recreativos a ser implantados nas antigas estruturas dos gasómetros, promovendo a monumentalização da ruína destes elementos industriais, como elemento fundamental na identidade do Braço de Prata. Os gasómetros são então reabilitados e adquirem novos usos culturais e de lazer, transformado este *Post-Latent Industrial Space* num novo centro cultural, recreativo e ecológico da cidade.

O Parque Urbano no Braço de Prata procura não apenas naturalizar um território contaminado como estabelecer uma ligação contínua, verde, entre a cidade de Lisboa e o Braço de Prata, dinamizando o espaço público através da dialética entre o natural e o edificado. Essa ligação será realizada através da criação de pontes pedonais e viárias sobre a linha ferroviária – procurando transformar esta barreira física num dos elementos de conexão com a zona oeste e o Parque do Vale Fundão - e da reestruturação de vias pedonais, automóveis e ciclovias que potenciem a ligação fluida do trânsito entre o Parque das Nações e Santa Apolónia, libertando o espaço imediatamente adjacente à linha costeira de modo a tornar possível a criação de um projeto de espaço público pedonal (e natural) que potencie a relação cidade-rio.

*“More than dealing with any one site, to design with a post-industrial space is to deal with a network. It's about reigniting the interface of the site to the city to impart a dynamic social condition in a formally static space, thus projecting the evolutionary urban condition of the industrial city beyond the individual site.” (Allen,2012:159)*

Esta estratégia é articulada com o Plano de Pormenor da Matinha sugerindo, contudo, algumas alterações. A principal alteração encontra-se na opção de manter as estruturas originais dos gasómetros e trabalhar o terreno em torno delas. Enquanto que na proposta de RISCO + NPK os gasómetros são relocados – um deles é inclusivamente demolido – na presente estratégia procura-se ter uma abordagem sustentável, que (re)utilize os gasómetros, aceitando as suas potencialidades e valor patrimonial.



**Figura 103** – De cima para baixo: Esquema de Espaços Verdes; Esquema de edifícios demolidos (preto) e edifícios reabilitados (vermelho); Esquema de novas vias

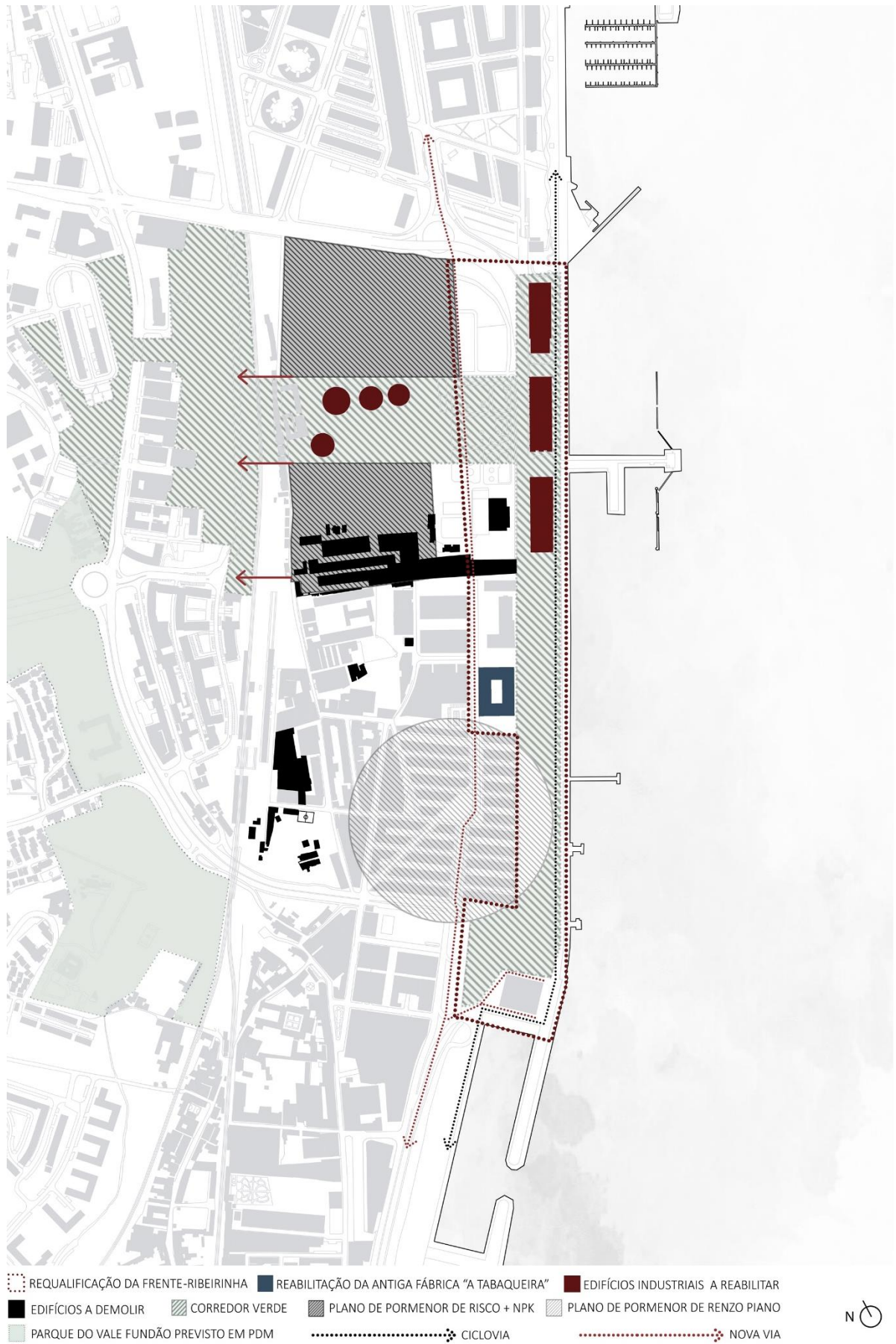


Figura 104 – Estratégia Urbana do Braço de Prata

Desta forma mantem-se o complexo habitacional de usos mistos como forma de cativar população e promover um espaço dinâmico, mas trabalha-se o seu desenho de modo a ser regido pela pré-existência industrial, ao invés de procurar dominá-la.

Optou-se também em manter na totalidade o Plano de Pormenor de Renzo Piano, pois já se encontra em construção e apresenta um projeto interessante que se enquadra na estratégia de dinamizar o Braço de Prata através de usos mistos, nomeadamente habitação, serviços e comércio.

Definida a estratégia de naturalização do Braço de Prata, procura-se então ponderar em que medida a requalificação da Frente Ribeirinha pode transformar este “PILS” num novo centro da cidade, regado de todos os usos e espaços necessários ao desenvolvimento económico e demográfico do território.

Aqui, aplica-se os princípios de Sieverts, o qual afirma que as ferramentas principais para intervenção na cidade assumem-se através da urbanidade, centralidade, densidade, usos mistos e ecologia, é então proposta a divisão do espaço em duas áreas:

1. Área de Trabalho e Lazer, dotada de escritórios (ou outros modos de trabalho), oficinas, indústria existente, equipamentos culturais, educacionais, desportivos, serviços, comércio e restauração. Assim como espaços públicos que incentivem a permanência e melhor vivência urbana, no ato de reunião e interação social (terceiros lugares), pois afinal *“são os espaços públicos ou coletivos, no modo como se relacionam e determinam a paisagem, as mobilidades, as infraestruturas e as fronteiras das edificações, os elementos mais estáveis da estrutura urbana (...) que podem ser entendidos como suportes (Habraken,1976) da urbanização”* (Portas, 2011, p.163). Também é proposta a reutilização das estruturas industriais pré-existentes, transformando os seus usos, ou mantendo a indústria local existente, com a intenção de fomentar a relação, e respeito, entre a população atual e os novos habitantes do braço de prata.

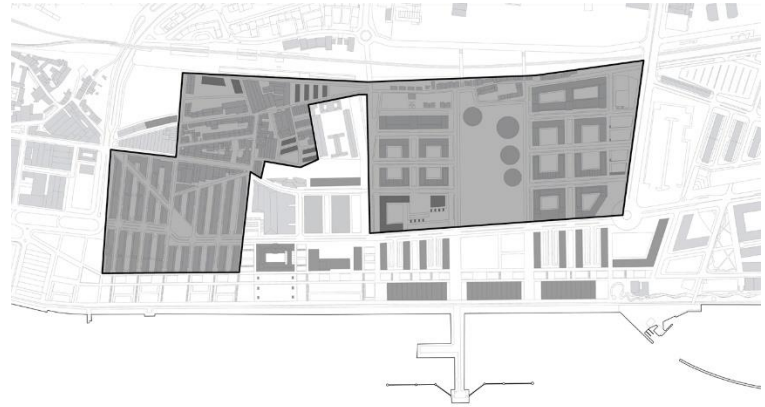


**Figura 105** – Edifícios do Plano de Pormenor do Arquiteto Renzo Piano em construção (2017)

**Figura 106** – Área de Trabalho e Lazer

2. Área Residencial, ocupada pelos Planos de Pormenor pré-existent, destinada a usos mistos, tradicionais, de habitação (pisos superiores) e comércio/ serviços (Piso térreo)

Apresenta-se assim um plano urbano com densidade e diversidade que permita o suporte ao desenvolvimento e instalação de nova população.



**Figura 107** – Área Residencial



- "A TABAQUEIRA": POLO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS
- EDIFÍCIOS DE TRABALHO
- EDIFÍCIOS NOVOS DE HABITAÇÃO
- EQUIPAMENTOS
- EQUIPAMENTOS EM EDIFÍCIOS REABILITADOS
- EDIFÍCIOS PRÉ-EXISTENTES



**Figura 108** – Plano Urbano do Braço de Prata

### 3.1.2. A Frente-Ribeirinha: Rio, Cidade e Pessoas

*“(...) o rio, enquanto elemento natural, a cidade, enquanto sistema territorial e cultural, e as pessoas, actores e agentes de vivência social, perceptual e emocional, apreciadoras e utilizadoras das intervenções em frentes ribeirinhas contemporâneas” (Saraiva, 2010:125).*

Considerando a afirmação de Saraiva referenciada no capítulo “Estratégias Urbanas em Vazios Urbanos e Espaços Residuais Pós-Industriais”, a proposta de requalificação da Frente-Ribeirinha procura adotar o conceito triangular de Rio-Cidade-Pessoas através da naturalização de um vazio pós-industrial e criação de edificado e espaços de reunião (terceiros lugares), complementares aos complexos residenciais previstos.

O elemento **cidade**, enquanto sistema territorial e cultural (Saraiva, 2010) encontra-se aplicado na proposta de edificado da frente-ribeirinha, cujos usos mistos de cariz laboral, cultural e de lazer, complementares aos complexos residenciais previstos, permitem a criação de uma nova centralidade e dinamização do ambiente urbano e social, promovendo o movimento populacional para o Braço de Prata, seja pela procura de residência ou experiência de “passeio”, seja pela procura de estabelecimentos para praticarem a sua atividade laboral.

Neste contexto, os edifícios industriais rehabilitados, nomeadamente os gasómetros e o Armazém 23, possuirão principalmente usos de lazer e serviços, enquanto que os edifícios novos serão destinados ao trabalho. Estes, encontrando-se na continuação do complexo habitacional de RISCO+NPK, estabelecem a transição entre habitação, trabalho e lazer.



**Figura 109** – Gasómetros da Fábrica Gás da Matinha (2017)

**Figura 110** – Armazém 23 (2017)

Contudo, o centro da proposta de requalificação da Frente-Ribeirinha encontra-se na reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira”. É neste edifício que nascerá o novo Polo de Indústrias Criativas, um núcleo de atividade laboral, cultural e lazer. Aqui, aplicar-se-á um programa de *coworking*, pois o seu dinamismo transforma-o num espaço público dentro da cidade, cujos usos laborais se tornam transversais aos serviços na periferia deste espaço de trabalho.

A reabilitação e centralização deste lugar surge também com o objetivo de monumentalizar um dos edifícios industriais remanescentes como um elemento característico da história do Braço de Prata, e é “A Tabaqueira” que influenciará o desenho urbano da presente proposta.

A história da antiga fábrica “A Tabaqueira” encontra-se fortemente ligada ao rio na medida em que a sua proximidade estabelecia a rede náutica de importação do Tabaco. Deste modo torna-se importante recuperar essa memória – e relação – criando uma praça que a envolva e projete visualmente sobre o rio. Aqui são implantados quiosques e bancos, promovendo-se a permanência e contemplação de um espaço aberto a interpretação, entre o rio e a memória industrial. É nesta praça que surge o primeiro terceiro-lugar, e a introdução do elemento **rio**.

Ora, mais que a atribuição de usos mistos que dinamizem o espaço público, o desenho da frente-ribeirinha procura estabelecer uma dialética entre o **natural** e o **rio** através da proposta de parque Ribeirinho – nomeadamente um corredor verde que conecte o Braço de Prata à cidade segundo a premissa ecológica de recuperação de espaços residuais pós-industriais.

*“(...) a possibilidade de ver diretamente o rio influencia fortemente a sua avaliação em termos estéticos” (Saraiva, 2010:136).*

A aproximação ao rio, enquanto elemento natural potenciador da estética e experiência urbana, é proposta, aplicando as sugestões de Maria da Graça Saraiva através de uma disposição volumétrica de edificado e espaços visualmente permeáveis que permita a criação de linhas de vista sobre o rio, assumindo o lugar como um “anfiteatro” natural (regido pelas diferentes cotas de soleira), em que o rio é o “palco”.

Aqui, o desenho dos espaços verdes é determinado pelo edificado, criando-se linhas visuais sobre o rio que conectem (I) o eixo viário principal do Braço de Prata, (II) os arruamentos do complexo habitacional de Renzo Piano e RISCO + NPK (III) e os corredores pedonais interiores, ao Rio. Essa ligação é reforçada através da criação de espaços de transição transversais ao rio, que cortam o corredor verde através da colocação de lajetas de betão semipermeáveis, assentes entre árvores, propondo passagens com o menor impacto visual possível. É nesta abordagem que se insere o elemento **pessoas**, enquanto participantes da vivência urbana.

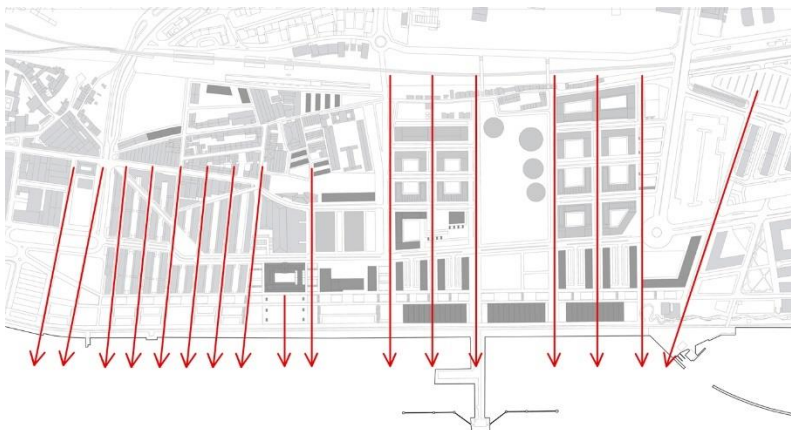
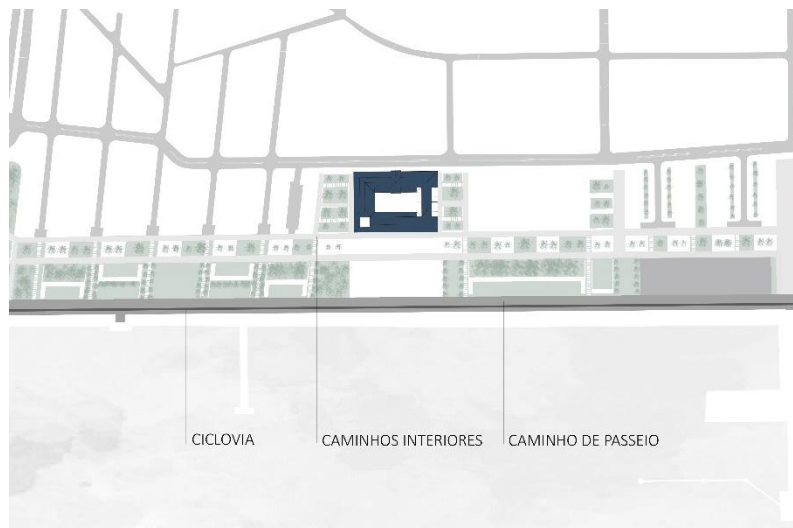


Figura 111 – Linhas de vista sobre o rio

Entre esses corredores perpendiculares ao rio, o desenho do parque é definido por vários núcleos de reunião onde se promove atividades quotidianas: piqueniques, atividades desportivas, passeios, em suma, a paragem e o desfrutar do natural. O espaço verde eleva-se do solo, e são criados diversos “anfiteatros” naturais que permitem uma perspetiva natural sobre o rio e interior do Braço de Prata, convidando-se a contemplação.



**Figura 112** – Esquema de Caminhos Interiores e Caminhos de Passeio

Os caminhos que definem a Frente-Ribeirinha são, também eles, agentes de vivência social que estabelecem a relação entre **cidade, rio** e **pessoas**. Na frente-ribeirinha o espaço é pedonal: o passeio e permanência são prioridade, criando um lugar que fomente a contemplação e uma vivência situada entre a experiência urbana e a experiência do natural. Da “Praça da Tabaqueira” desenvolve-se todo o percurso que envolve o corredor verde, dividindo-se em dois tipos de caminhos:

1. Dois caminhos “interiores” de características ligeiramente pragmáticas que, por entre vegetação e pequenos núcleos de permanência (nomeadamente áreas com bancos de betão que surgem como uma elevação do pavimento), fazem a ligação entre a área de trabalho e a área de lazer;
2. O caminho “de passeio”, que contém uma ciclovia<sup>18</sup> e percorre toda a frente-ribeirinha paralelamente ao rio. Este caminho procura ser o elemento de complementação ao rio, permitindo o acesso aos “anfiteatros naturais”. Aqui pode-se percorrer os edifícios culturais e edifícios de restauração e comércio, nomeadamente “A Tabaqueira” e os “Armazéns 23”, assim como se pode sentar na margem junto ao rio, sobre o monumental muro de mármore que percorre toda a costa Lisboeta. O toque com o rio torna-se mais próximo e o horizonte é a maior paisagem.



**Figura 113** – Visualização tridimensional de estudo da frente-ribeirinha do Braço de Prata: Corredor Verde

<sup>18</sup> A ciclovia proposta surge em continuidade com uma ciclovia pré-existente, localizada junto ao Armazém 23

Considerando o Parque como elemento natural e de vivência social, é importante referir a escolha de espécies **arbóreas** propostas para a frente-ribeirinha. A sua localização protegida de fortes ventos torna propício a utilização de árvores de pouca densidade. Aqui, procura-se incentivar a experiência sensorial causada nas **pessoas**, optando-se por espécies arbustivas e florais como o **Jasmim**, **Lavanda** e o **Jacinto**, que estimulem olfativamente e visualmente. Relativamente a espécies arbóreas, optou-se por árvores como a **Laranjeira e Limoeiro** – devido às suas propriedades olfativas agradáveis – **Jacarandá** – devido à sua propriedade visual estimulante, pois produz flores roxas que podem ocorrer em dois momentos do ano, verão e outono – **Medronheiro** – devido à folha persistente e produção de frutos no inverno – **Choupo Branco** - pois prospera em ambientes urbanos à margem de cursos de água e, juntamente com o **Carvalho Cerquinho**, acrescenta alguma densidade arbórea. Optou-se maioritariamente por árvores de folha persistente, pois permitem sombra no verão, e proteção de chuva no inverno.

Relativamente aos **materiais** escolhidos, pretendeu-se manter a materialidade existente no Braço de Prata articulando-a com novos elementos a betão. Deste modo dá-se continuidade ao passeio em calçada de granito junto à frente ribeirinha, intercalando-se com o pavimento contínuo de betão poroso esquartelado, cujo desenho (determinado na última cofragem) é definido pela projeção das linhas do edifício “A Tabaqueira” que determinam a entrada e a sua malha de pilares, no chão. Deste modo estabelece-se a continuidade entre a fachada do edifício com o pavimento, determinando os acessos ao mesmo. Este pavimento caracteriza-se, também, como o elemento que exprime continuidade aos espaços verdes, distinguindo os caminhos principais, da praça. Na área mais próxima ao eixo viário automóvel – onde se insere o edifício “A Tabaqueira”, o complexo de Renzo Piano e os novos edifícios de Trabalho - optou-se por aplicar a calçada tradicional, mantendo a materialidade pré-existente, como elemento representativo do lugar.

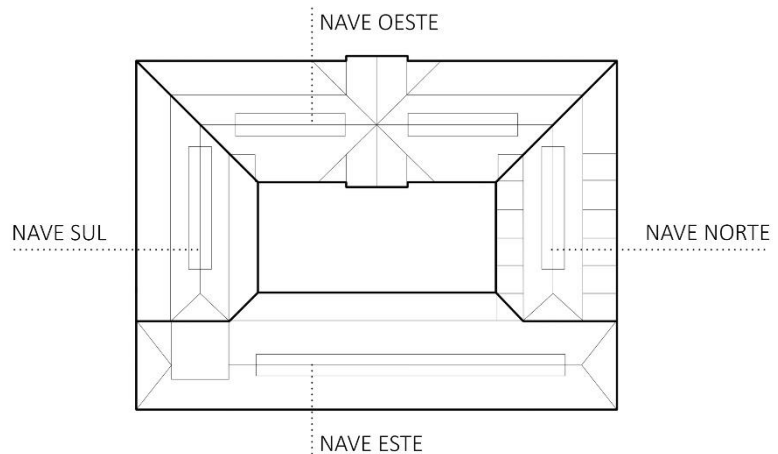


**Figura 114** – De cima para baixo: Ilustração da árvore Jacarandá, Ilustração da árvore Carvalho cerquinho e Ilustração da árvores Choupo Branco e respetivas folhas, flores e frutos.

### 3.2. Da Ruína à Indústria Criativa: Reabilitação da antiga fábrica “A Tabaqueira”.

#### 3.2.1 A Fábrica: Memória Industrial

Inicialmente, como forma de apresentação e descrição do edifício, optou-se por dividir “A Tabaqueira” em quatro naves: **Nave Norte**, **Nave Sul**, **Nave Este** e **Nave Oeste**.

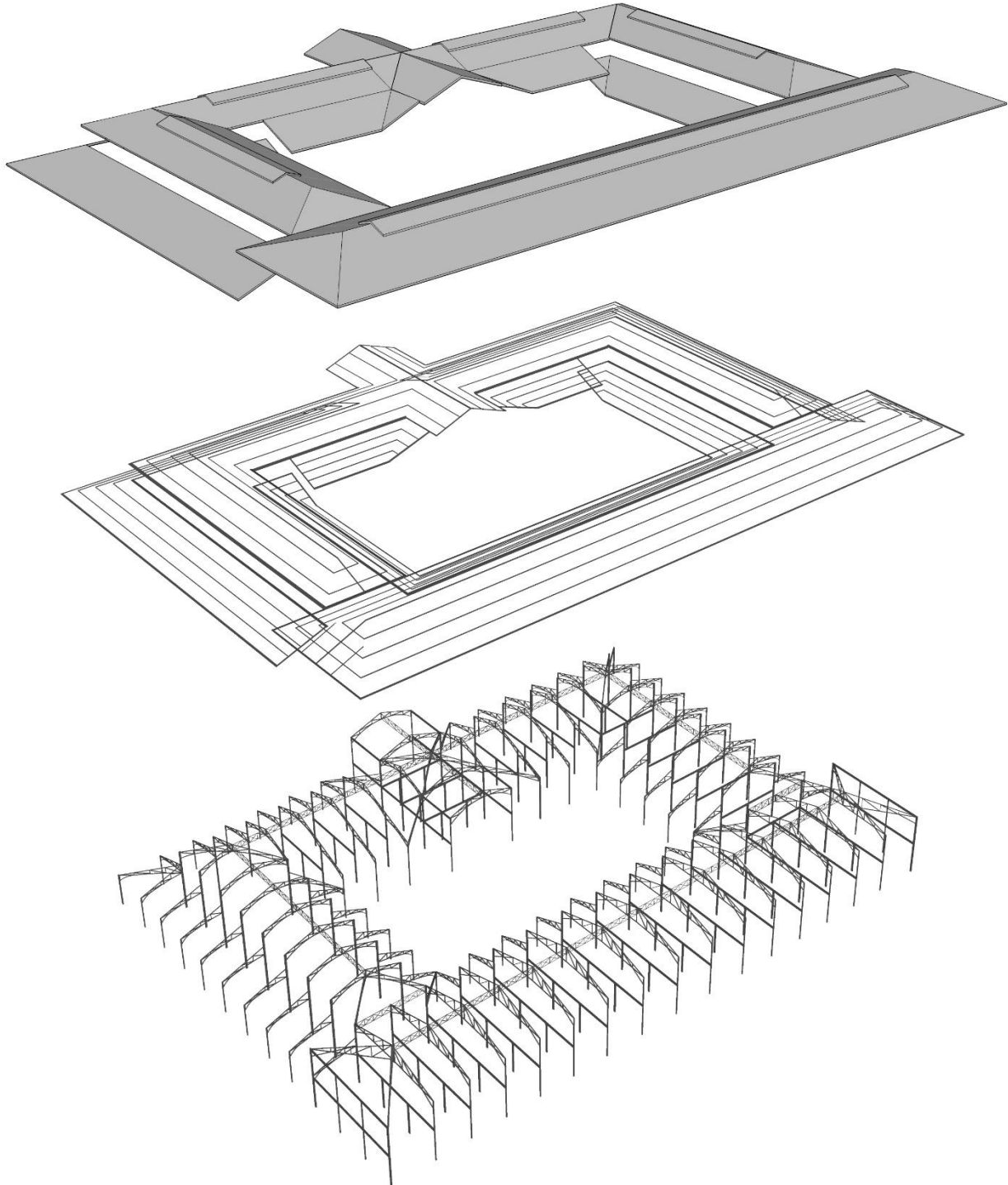


**Figura 115** – Planta indicativa das quatro Naves do edifício “A Tabaqueira”

O edifício da antiga fábrica “A Tabaqueira”, apresenta-se como um dos primeiros edifícios fabris com tipologia *open space* em Lisboa, sendo dominado pela presença de uma rigorosa malha pilar-viga. Este é um edifício que possui dois pisos e uma planta centralizada, cujas características flexíveis transformam-no num lugar propício à aplicação de um programa espacial flexível – por vezes temporário - que motive a adaptação do espaço a quem o usufrui.

É neste contexto que a reabilitação da fábrica da Tabaqueira tem como objetivo converter o antigo edifício fabril num polo de atividade, através da aplicação de um programa de Indústrias Criativas e *coworking*, mantendo a linha programática Industrial, contudo aplicada aos hábitos de trabalho contemporâneos. Da indústria do tabaco, surgem as “Indústrias Criativas”.

Ora, atendendo aos valores presentes no edifício, propõe-se eliminar maioria dos elementos divisórios, nomeadamente paredes acrescentadas após a conversão da fábrica em usos sociais e desportivos (associados à Fábrica do Braço de Prata), mantendo exclusivamente os elementos de maior valor arquitetónico, sendo eles as fachadas, frontão oitocentista, lajes de piso, janelas e respetivos caixilhos. Também se propõe a exposição dos elementos estruturais (pilares e asnas metálicas), como representação de memória e identidade do espaço.



**Figura 116** – Axonometria da estrutura e cobertura do edifício “A Tabaqueira”

Todos os elementos construtivos que se encontrem destruídos – nomeadamente cobertura e algumas paredes exteriores, serão reconstruídos segundo os princípios regulamentares de segurança e conforto térmico dos edifícios. Apenas se reconstruiu, na totalidade, as paredes e vãos de janelas do piso superior, pois encontravam-se em estado crítico e não permitiam a implantação de elementos térmicos eficientes. Optou-se também, por manter os espaços onde será implantado o comércio pois, pelas suas características construtivas, presume-se serem elementos originais da fábrica.



**Figura 117** – Fotografia do local onde será implantado comércio (à direita) e restauração (2017)

Estabelecida a base da intervenção no edificado, surgiram novas questões associadas à iluminação e ventilação desta ruína. “A Tabaqueira” contém vãos de janela a uma altura elevada (2,10m), tornam o espaço algo claustrofóbico. Assim, com a intenção de abrir o espaço e estabelecer uma melhor relação física com o rio e a praça, optou-se por “abrir” dois acessos horizontais no edifício que o atravessem e liguem a Praça ao Pátio interior da Tabaqueira. Esta abertura será materializada numa “caixa” revestida por aço corten preto, que evidencie o “rompimento” da ruína industrial. Esta caixa terá aberturas para o interior da Nave Este, permitindo a iluminação e ventilação lateral.

Serão também acrescentados vãos de janela nas paredes que definem os espaços de comércio, permitindo uma transparência horizontal ao aproveitar a continuidade dos vãos de janelas situados nas paredes exteriores desses mesmo espaços de comércio. A iluminação do canto que conecta a Nave Este com a Nave Sul também é reforçada pela abertura de um espaço ajardinado interior, a implantar na antiga zona de “palco” do complexo desportivo e social da fábrica do Braço de Prata.

Também serão abertos novos vãos de janela na Nave Sul pois, aquando a conversão da fábrica num complexo social e desportivo, todos os vãos de janela foram cobertos, tornando esta nave num espaço escuro e pouco ventilado.

Ora, a presente intervenção pretende restaurar a vivência original do edifício colocando novos vãos que não só permitam a iluminação e ventilação natural, como façam uma alusão ao ambiente de outrora. Nesta Nave também será mantida a localização das aberturas de portas pré-existentes.

Ainda atendendo à iluminação e ventilação natural do edifício, o piso superior será o que apresenta maior intervenção através da introdução de novos vãos de janelas e paredes que cumpram as necessidades térmicas contemporâneas e proporcionem uma melhor ventilação e iluminação do piso superior.

Numa última abordagem pragmática é acrescentado um piso técnico sob a Nave Este, permitindo a aplicação de tecnologias de exaustão e sistemas AVAC necessários em edifícios de trabalho contemporâneos.

A proposta arquitetónica procura então monumentalizar os elementos que melhor caracterizam o edifício através da sua exposição, procurando torná-lo habitável segundo os princípios de segurança e conforto térmico contemporâneos. Propõe-se assim uma intervenção flexível de cariz temporário, cuja organização espacial é definida pela introdução de estruturas independentes, nomeadamente módulos de caixas e painéis, que permitam encaixar-se entre a estrutura, sem a afetar diretamente. Apenas os locais de distribuição vertical, áreas de instalações sanitárias, áreas técnicas e arrumos é que são caracterizados como elementos estáticos, evidentemente novos, e fixos à estrutura original, determinando uma planta livre na sua periferia.

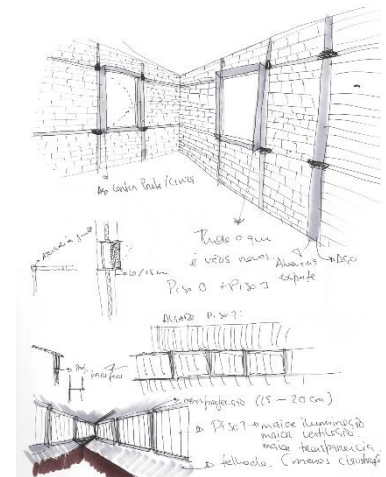


Figura 118 – Croqui ilustrativo da introdução de novas janelas do edifício

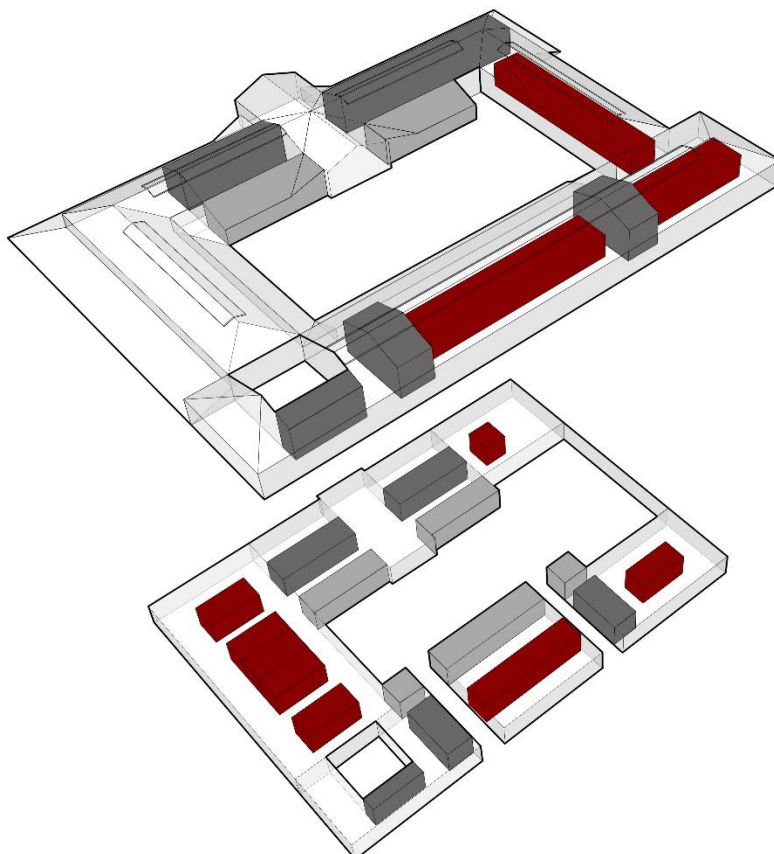


Figura 119 – Esquema de Volumes

### 3.2.2 O Espaço Partilhado: Dialética Entre Trabalho e Lazer

A presente intervenção arquitetónica é assim dividida em dois momentos, articulando um **piso de produção** com um **piso de divulgação e lazer**.

O **Piso 0** é composto pelo piso de divulgação e lazer, na medida que é apresentado um programa de usos criativos e comerciais que permitam a divulgação – ou venda – do trabalho artístico produzido no piso superior. Aqui, a planta contém galerias de circulação livre que definem os espaços de restauração e percorrem as quatro naves, permitindo sempre a comunicação com o pátio central.

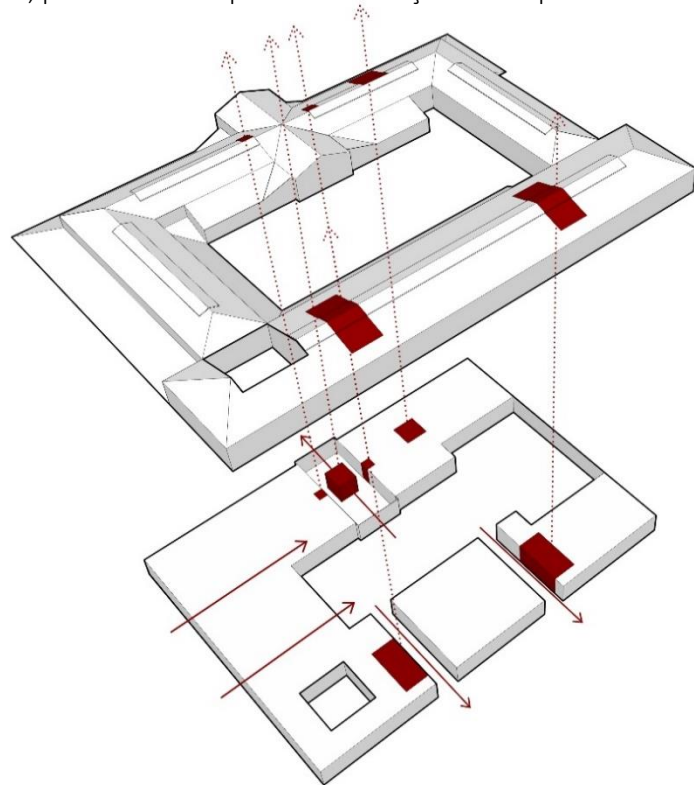


Figura 120 – Esquema de Acessos

Os **acessos** à Tabaqueira são feitos em dois locais: Através da entrada original, situada na Nave Oeste e, através dos dois acessos inseridos na Nave Este. É na entrada original que se localiza o elemento patrimonial mais emblemático da Tabaqueira: o **pavilhão oitocentista**. Deste modo, com a intenção de monumentalizar os seus elementos arquitetónicos, propõe-se libertar o espaço dos compartimentos e laje de piso acrescentados, aquando a construção da fábrica. Aqui o espaço é amplo e iluminado. O único elemento presente no centro deste pavilhão será uma escada em aço *corten* preto, como uma escultura metálica cujos degraus permitem a transparência entre o espaço. Esta escada será o principal acesso vertical ao piso superior, terminando num patamar que atravessa o “pavilhão” de entrada, como uma ponte.

Lateralmente é feita a distribuição ao restante piso contendo também, nas paredes laterais do pavilhão, os elevadores e a receção.

É junto à entrada principal, na Nave Oeste, que se localizam as áreas técnicas e **acessos verticais**, nomeadamente instalações sanitárias, escadas e espaços de arrumos, tratando-se da zona com elementos fixos mais evidentes. Optou-se pela implantação destes elementos fixos na Nave Oeste, não apenas pela sua proximidade à entrada principal, mas também por se tratar de uma zona originalmente mais compartimentada nos pisos 0 e 1. Contudo, também são introduzidos **acessos verticais** e instalações sanitárias, destinadas aos funcionários de restauração, na Nave Este, junto às duas entradas mencionadas anteriormente.

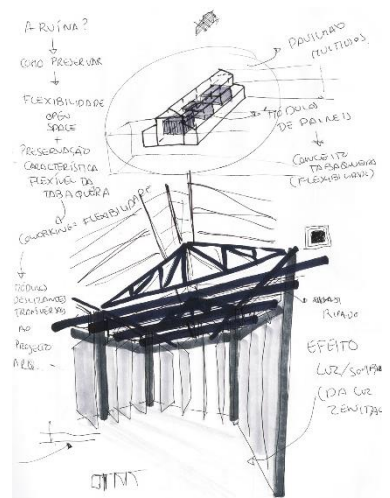
A Nave Oeste também possui uma **livraria** e um espaço complementar à livraria intitulada “**Sala de Leitura**”. Aqui pretende-se oferecer um espaço de relaxamento após a compra de algum livro na livraria, ou apenas porque se procura uma zona para passar o tempo, o público possa desfrutar de um livro. É proposta uma zona com o conceito “leva um livro emprestado”, estimulando-se a leitura, a partilha e a troca.

A livraria apresenta um espaço desimpedido e flexível, possuindo uma cafeteria no seu centro, implantada num módulo independente que, associado à presença de painéis deslizantes, permite a manipulação do espaço, criando uma zona fechada, semiaberta ou totalmente aberta que acolha a ocasional presença de eventos - apresentação de autores e outros eventos - mas que também permite a adaptação desse módulo de painéis a outros usos como um espaço lounge ou uma esplanada.

Agora, fazendo referência à intenção de estabelecer uma dialética entre produção, divulgação e venda: No **pavilhão multiusos** será divulgado o trabalho produzido no piso superior através de exposições, feiras, conferências ou outros eventos, permitindo também a rentabilidade do espaço como lugar de arrendamento para eventos. Optou-se pela implantação do pavilhão na Nave Sul, pois era aqui que localizava originalmente o pavilhão da associação desportiva da Fábrica do Braço de Prata. Ao ser um espaço originalmente sem compartimentações, com duplo pé direito e presença de um “palco”, tornou-se o local indicado para o uso previsto. Aqui será mantida uma planta flexível, cuja organização espacial é determinada pelo descolamento, abertura ou encerramento de diversos painéis, permitindo a adaptação do espaço a diversos usos.

Nos espaços de **comércio** prevê-se a venda de alguns trabalhos produzidos no piso superior, entendendo o comércio como um complemento às necessidades do piso superior, nomeadamente através da instalação de papelarias ou livrarias.

Contudo, apesar de se sonhar com a relação direta entre as atividades criativas e os espaços de comércio instalados, estas áreas são isentas de obrigações, tornando-os espaços livres de serem arrendados consoante a procura da população local.



**Figura 121** – Croqui do espaço modular da livraria

**Figura 122** – Croqui dos espaços modulares do pavilhão multiusos

**Figura 123** – Fotografia do local onde será implantando o pavilhão multiusos

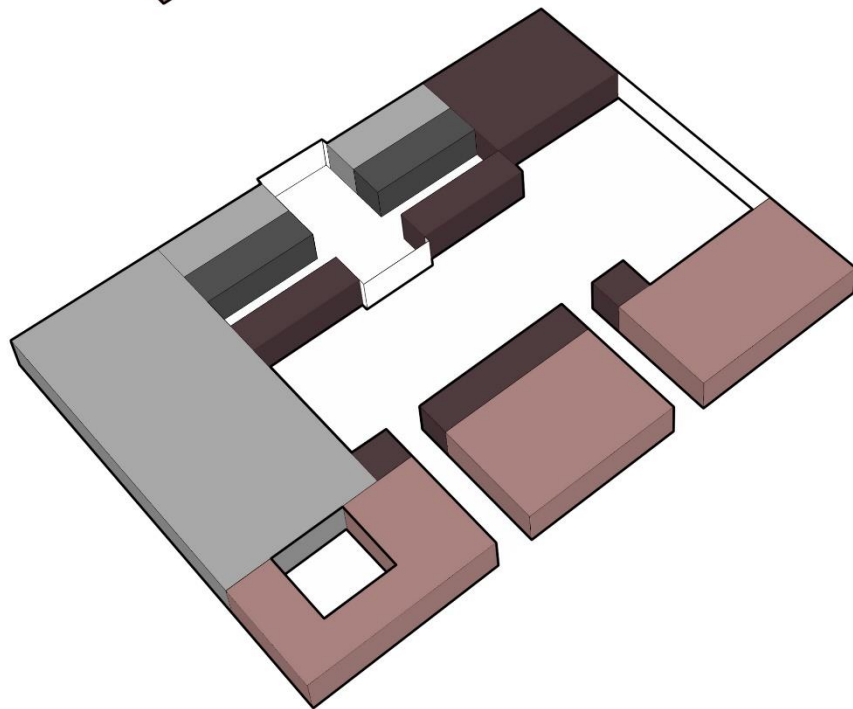
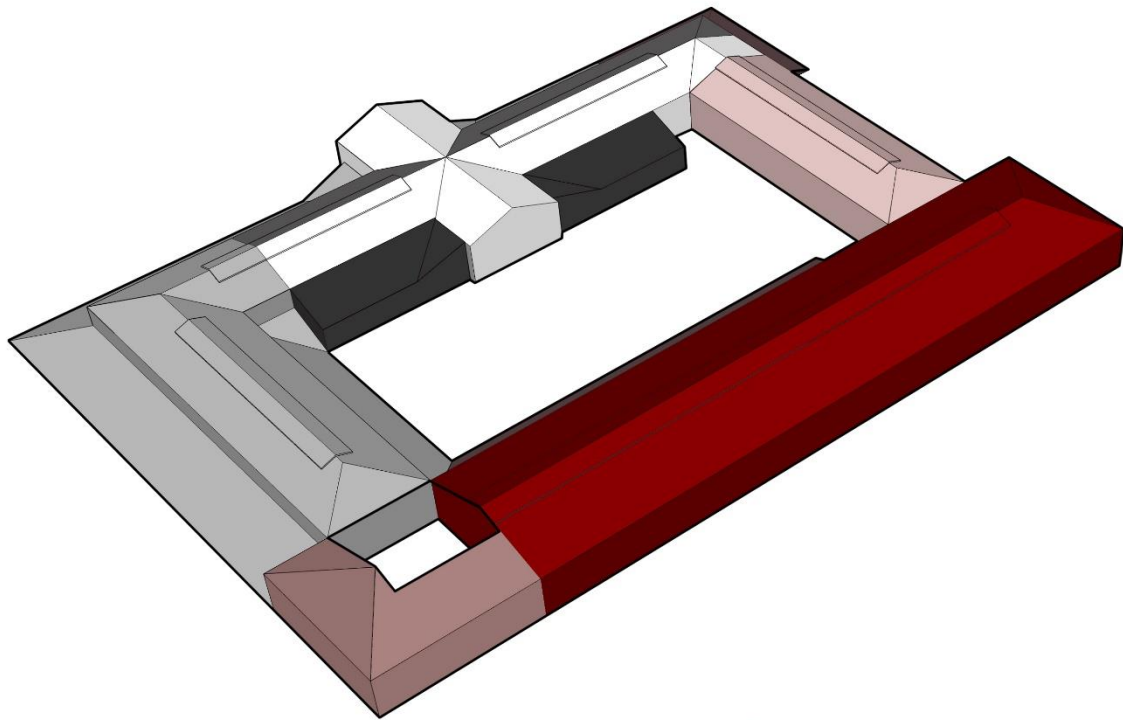


Figura 124 – Esquema de Usos

Pretende-se que o Piso 0 seja de acesso ao público geral e não apenas aos trabalhadores do presente edifício e, por isso, conjugasse o programa de comércio com um programa de **restauração** composto por módulos independentes, do género “mercado”, que sirva tanto os trabalhadores como o público que procura desfrutar dos elementos de lazer do edifício.

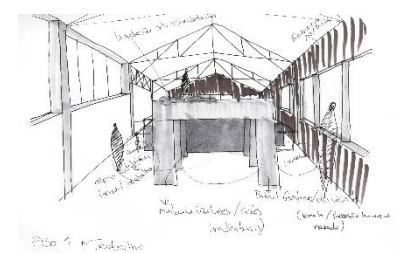
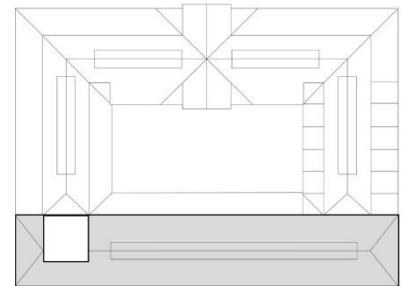
O **Piso 1** é assim caracterizado pela zona de produção. Este piso possui as funções de trabalho, através da implantação de Indústrias Criativas que possuem um espaço *coworking*, dotado de oficinas, ateliers e elementos complementares ao processo de trabalho.

O espaço *coworking* apresenta uma diversidade de vivências temporárias, ultrapassando o estatuto de simples “aluguer de espaços”. Este é acessível e pode ser considerado um lugar público, um “**terceiro lugar**” que promove o encontro ou reunião passageira de indivíduos. Este espaço expõe uma conceção espacial que sugere traços *open space* através do desenho de uma planta flexível formada por diversos postos de trabalho que, apesar de ocupados por indivíduos independentes, fomentam a interação e contato visual entre os trabalhadores. Estas plataformas de trabalho possuem uma unidade de mobiliário, comum a todos os trabalhadores, exibindo elementos de mobiliário móvel e flexível, passível de se adaptar às necessidades de trabalho de cada utilizador.

Neste piso, a Nave Este é caracterizada como a “**Nave de Trabalho**” apresentando um espaço dinâmico, definido pela implantação de módulos independente que, articulados com a malha estrutural do edifício, se encontram no centro desta nave determinando o que é espaço de trabalho partilhado de espaço de trabalho individual.

A cobertura destas “caixas” é acessível, permitindo a utilização de um terceiro piso, cuja vista sobre as novas janelas, permite a comunicação não apenas com a paisagem do Tejo, mas também com o Natural presente no Pátio do edifício. É no interior destes espaços que se encontram os **ateliers**, cuja planta procura ter características flexíveis através da introdução de painéis deslizantes e pivotantes, permitindo a transformação e ampliação do seu espaço interior.

Contudo, esta ampliação não está limitada apenas ao interior dos módulos, sendo transposta para o espaço *open space*, situado na periferia dos **ateliers**, que permite a sua adaptação aos trabalhadores. Dos **ateliers** podem surgir painéis que encerram espaços novos, definindo uma ampliação da sua área original. Estes painéis, instalados ao longo das zonas de *coworking*, permitem também a articulação do espaço e tomadas de decisão por partes dos trabalhadores que habitam este espaço, permitindo a criação de zonas de reunião temporárias.



**Figura 125** – Planta indicativa da “Nave de Trabalho”

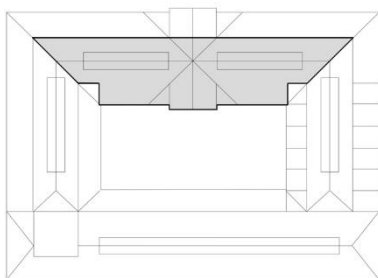
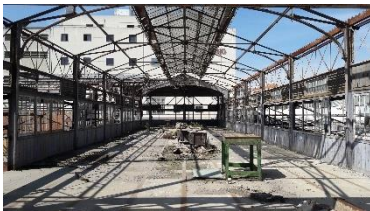
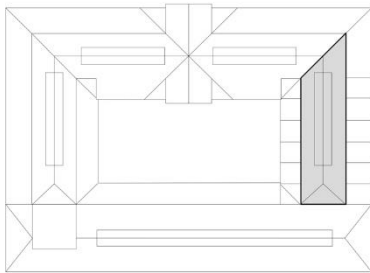
**Figura 126** – Fotografia Interior da Nave Este (2017)

**Figura 127** – Croqui do espaço de *coworking*

As extremidades dos módulos também contêm um espaço dotado de flexibilidade que possibilitam, através da abertura ou encerramento de painéis, a criação de zonas de lazer ou reunião.

A Nave de Trabalho também possui uma zona de refeição cujo cenário causado pelo Jardim Interior procura transmitir um local iluminado e relaxado, distinguindo-se da área de trabalho.

Na Nave Norte do piso 1 é intitulada “**Nave de Aprendizagem e Relaxamento**”. Em concordância com a premissa da Nave de Trabalho, também aqui o espaço é definido pela implantação de módulos independentes centrais, no qual o seu interior apresenta flexibilidade e dinamismo pela presença de painéis deslizantes que permitam encerrar ou ampliar o espaço. Nestes módulos funcionam as **oficinas** e **espaços de *workshop***, caracterizando o espaço como uma **zona de aprendizagem e formação**. Na cobertura destes módulos é proposta a **zona de relaxamento e recuperação**:



**Figura 128** - Planta indicativa da “Nave de Aprendizagem e Relaxamento”

**Figura 129** – Fotografia Interior da Nave Norte, Piso 1 (2017)

**Figura 130** - Planta indicativa da “Nave Oeste, Piso 1

**Figura 131** – Fotografia Interior da Nave Oeste, Piso 1 (2017)

O trabalho criativo compreende um estado psicológico específico que por vezes pode encontrar-se “bloqueado”. É neste contexto que é proposta uma zona onde seja possível descontraír, conversar e até ter *brainstormings* casuais. Este é um espaço regrado de decoração como vegetação, *puffs* e almofadas, contrastando-o com a agitação produtiva presente na Nave de Trabalho. A cobertura, por se encontrar ao nível dos vãos de janela, permite a comunicação visual com a Praça e os seus elementos naturais, sendo possível exponenciar essa experiência com o natural dos sons e cheiros provindos do exterior.

Na **Nave Oeste** estão localizadas as áreas de serviço, **zona de administração**, **salas de reunião** e **áreas úteis** como **espaço de reprografia**. Esta zona é caracterizada por ser o espaço mais pragmático do Piso 1.

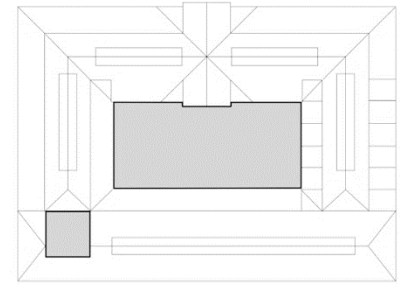
Assim, através da proposta para o piso 1, sugere-se um espaço dinâmico e orgânico, que não só motive a partilha de uma comunidade de trabalhadores que possuem os mesmos valores, mas que sejam capazes de adaptar o espaço às suas necessidades, motivando a interação e o diálogo entre si.

Mas, como o processo criativo não é apenas motivado pela disposição flexível do espaço, procura-se também criar um ambiente iluminado e decorado, cujos cenários apresentem espaços agradáveis ao trabalho criativo. Desta forma propõe-se a instalação de elementos de vegetação nas coberturas dos módulos centrais, presentes na Nave de Trabalho e Nave de Aprendizagem e Relaxamento, permitindo que, em articulação com os elementos naturais no Jardim Interior, Pátio e vista sobre o rio, se crie um cenário decorativo estimulante.

### 3.2.3 O Pátio: Ruína e Natureza

*A ruína “(...) é coisa estimada que sobreviveu à destruição total. Na versão heroica, é o memorial de ideais passados-presentes” (Domingues, 2014:112)*

A memória do lugar e a transformação de um edifício em ruína são temas que provocam a apreciação inestimável dos indivíduos contemporâneos. Neste contexto, optou-se pela preservação de alguns elementos em ruína, nomeadamente o espaço que deu origem ao Jardim Interior (atualmente dominado por vegetação) presente na Nave Este, e o Pátio do edifício, em jeito de representação visual do edifício enquanto um lugar cuja história está inscrita nas suas imperfeições, na sua ruína.



**Figura 132** - Planta indicativa do espaço “Ruína”: Pátio e Jardim Interior



**Figura 133** – Fotografia do pátio atualmente (2017)



**Figura 134** – Fotografia do pátio atualmente (2017)

Atualmente a natureza tomou conta deste espaço exterior, os pilares e as asnas estão a nu, em contraste com a fachada de alvenaria aparente, cujos caixilhos originais se apresentam em condições decentes. Estes elementos remissivos, articulados com a Natureza dominante, retratam a efemeridade e a passagem do tempo no edifício. Assim, o Pátio surge como uma ode à ruína, procurando evocá-la através da preservação dos elementos estruturais como se apresentam, introduzindo o desenho de um espaço verde que, envolvendo os elementos ruína, transmita experiências sensoriais a quem o habita.

O Pátio procura ser um lugar de intimidade, contrastando com o enorme corredor verde da Frente-Ribeirinha. É um Pátio dentro de uma Praça, comunicando com o Rio através dos acessos presentes na Nave Este, mas que contém em si uma privacidade não conseguida no exterior. Aqui é proposta uma faixa vegetal que contém “nichos” de contemplação presentes em lugares sentados, enterrados no solo. Estes, viram-se sobre a natureza, encontrando árvores e vegetação implantadas no seu centro. Aqui procura-se motivar o relaxamento e a contemplação do vegetal.

Na periferia desta faixa verde funciona a galeria de circulação, dotada de bancos, que permite o acesso aos espaços de comércio e a ligação entre a área de restauração e a livraria, localizada num lugar semiexterior, na medida em se apresenta coberto. Aqui era onde se dava a continuação na Nave Norte, cujo colapso da cobertura e paredes que a definiam deu origem ao espaço Ruína.

A intenção de tornar o Pátio num lugar que estimule a experiência sensorial é proposta através de elementos que despertem os cinco sentidos. O sentido do olfato é motivado pela escolha da vegetação, nomeadamente árvores e flores como a **Laranjeira** e o **Limoeiro**, que libertam fragrâncias agradáveis, o **Jacinto** e a **Lavanda** - Libertam fragrâncias complementares durante o dia e – o **Jasmim** – liberta um aroma agradável durante a noite. O sentido auditivo é estimulado através da instalação de quatro chafarizes que, conectados entre si através de uma pequena corrente de água, apresentam um elemento produtor de sons e frescura. O sentido da visão é representando também no elemento **água**, uma vez que este produz reflexos, assim como é estimulado pelas cores das flores e frutos. O sentido paladar é motivado na experiência de provar os frutos produzidos pelas espécies arbóreas, nomeadamente pela Laranjeira. E o tato está presente na diversidade de texturas do Pátio: A madeira das árvores, a erva, a vegetação, a água, o metal dos pilares, os bancos de betão e a alvenaria de tijolo.



Figura 135 – Croqui de estudo do pátio

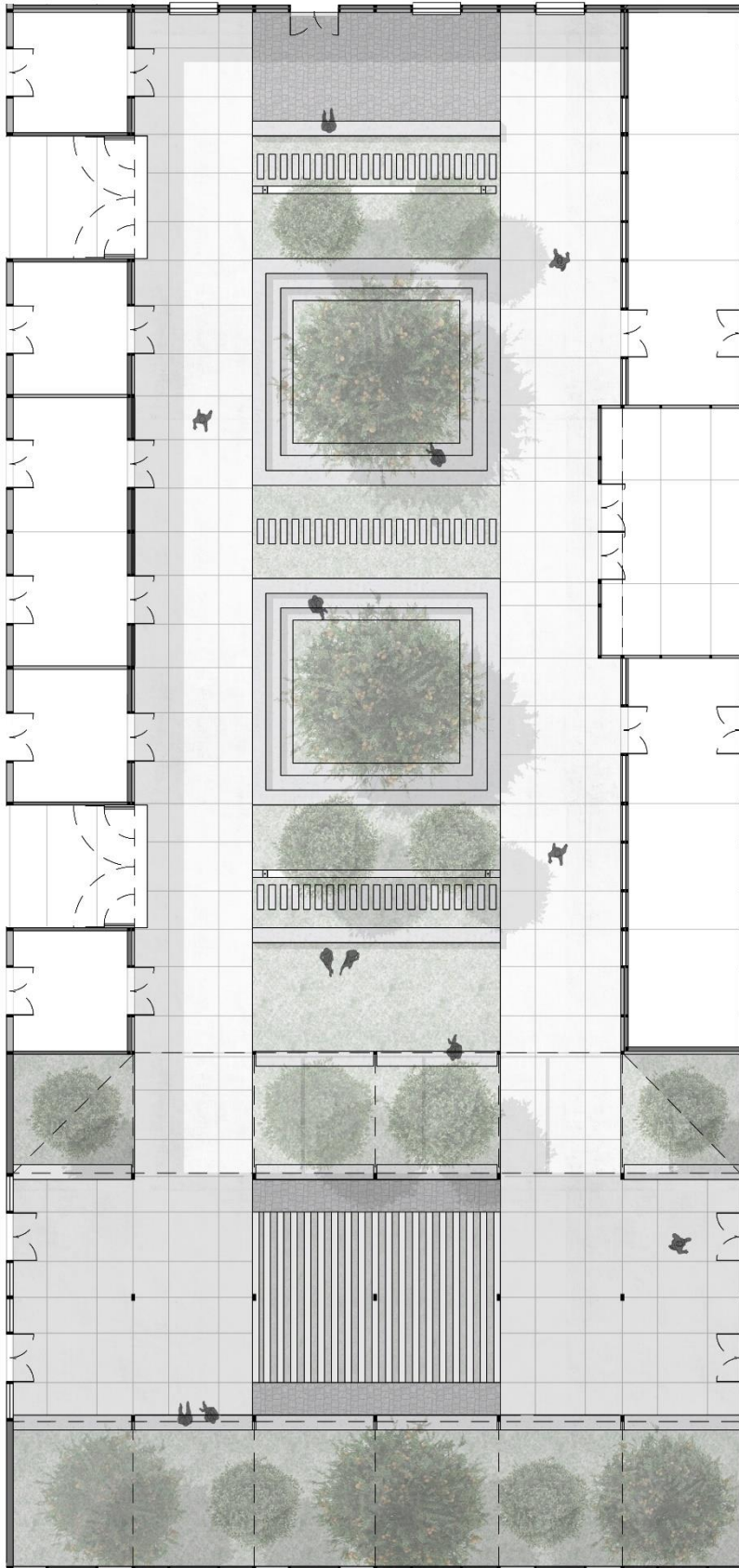


Figura 136 – Planta de materialidades do Pátio

### 3.2.4. A Caixa e o Pannel: Modelo de Flexibilidade Espacial

A presente proposta procura representar a flexibilidade inerente à qualidade *open space* da “Tabaqueira”. Deste modo, a “caixa” e o Pannel surgem como elementos concetuais, transversais ao projeto, dotados dessas qualidades flexíveis. É nestes módulos independentes e, na introdução de painéis deslizantes e pivotantes, que se encontra transposto o ideal de espaço enquanto lugar dinâmico, determinando várias apropriações através da sua abertura ou encerramento.

O Pavilhão Multiusos é assim o primeiro espaço onde são implantados os painéis de aço *corten* preto. Aqui, estes painéis encontram-se fixos à estrutura, sem nunca a cobrir, detendo espessura suficiente para suportar a sua altura e conter em si isolamento acústico. Estes possuem também um ripado no topo que, mais que criar um jogo de sombras e luz, conseguido através da iluminação zenital, também permite o total encerramento destas “caixas”, possibilitando a adaptação às necessidades dos seus utilizadores.

Já no piso de cima, “a caixa” não é determinada apenas por painéis deslizantes, mas também por módulos composto por uma estrutura independente em aço leve, também eles dotados de isolamento acústico. Aqui a caixa ganha transparência, reduzindo o seu impacto visual através da articulação de vãos e portas de vidro com a existência de painéis deslizantes inseridos na caixa, ou no seu exterior. Os painéis exteriores a estas caixas, presentes na Nave de Trabalho, são suspensos em vigas contínuas à estrutura dos módulos, permitindo não só o suporte dos painéis deslizantes, como a compartimentação suave e involuntária do espaço.

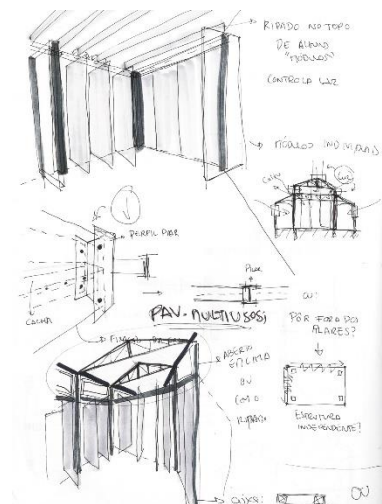
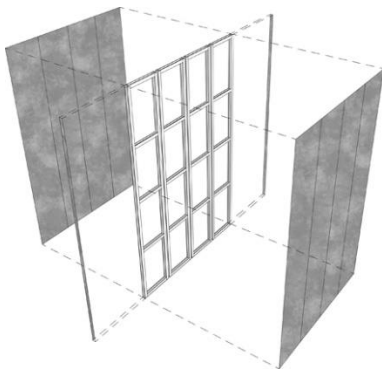


Figura 137 – Esquema construtivo da estrutura dos painéis deslizantes

Figura 138 – Croqui dos módulos de painéis deslizantes

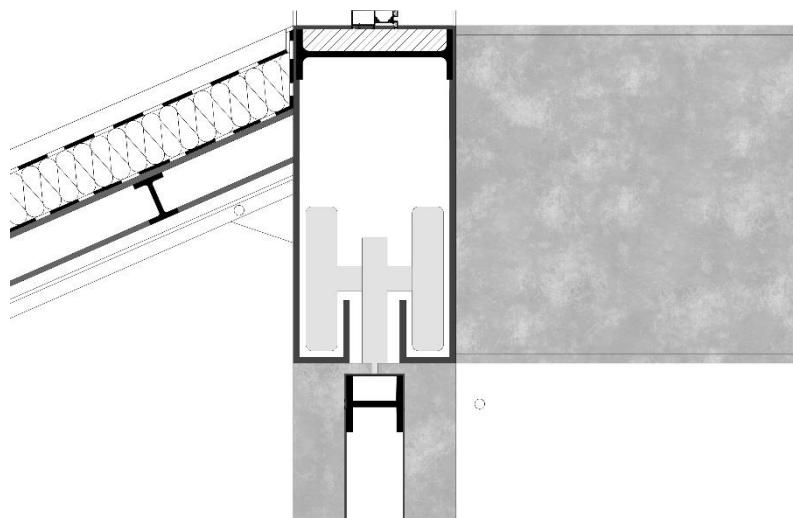
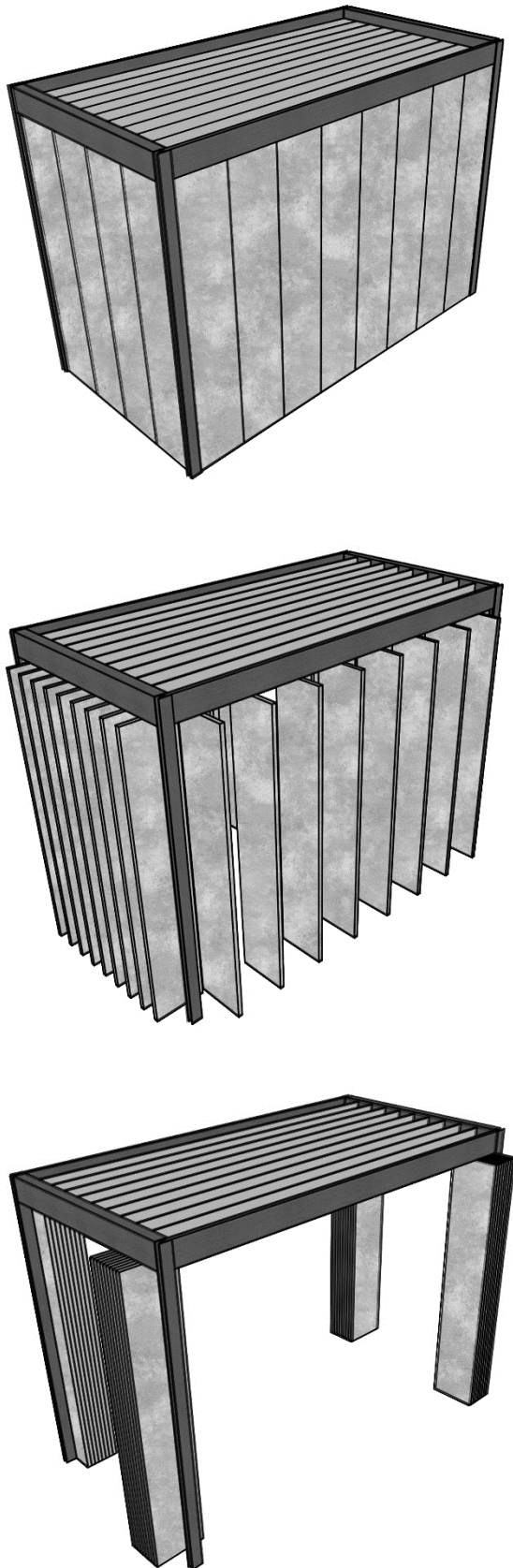
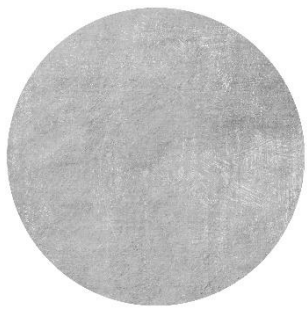


Figura 139 – Detalhe do carril dos painéis deslizantes



**Figura 140** – Esquema de abertura e encerramento dos módulos de painéis

### 3.2.5 A Construção e a Materialidade



**Figura 141** – De cima para baixo: Betão, calçada de granito, tijolo maciço, aço corten preto, madeira de carvalho

Um das preocupações iniciais na abordagem **construtiva** ao edifício “A Tabaqueira” recai nas condições de isolamento. Ao ser um edifício industrial, “A Tabaqueira” apresenta paredes exteriores de dimensões precárias, contendo um único pano de alvenaria de tijolo maciço, com 13cm de espessura.

Considerando a necessidade de uma melhor eficácia térmica, é proposta a reprodução total das paredes exteriores pelo interior, através da aplicação de isolamento e um novo pano de alvenaria – cujo tijolo apresenta as mesmas características e dimensões, na sua altura e comprimento, da parede original – encaixada entre pilares iguais aos originais. Desta forma pretende-se que o ambiente material seja reproduzido sem se aperceber diferenças entre exterior e interior.

Todas as paredes novas fixas, serão em alvenaria de tijolo corrente, facilitando a fixação à estrutura original.

Também os caixilhos de janelas serão reforçados. É proposto manter – e restaurar – os caixilhos originais do edifício, pois são elementos que caracterizam e valorizam a arquitetura da antiga fábrica. Deste modo, juntamente com o novo pano de alvenaria, são acrescentadas novas janelas de vidro duplo simples com caixilho de ferro. Algumas janelas apresentam a possibilidade de abertura, permitindo a ventilação natural do interior, assim é proposta a introdução de janelas basculantes novas e conversão de alguns caixilhos originais em sistemas basculantes que sejam articulados com as novas janelas. Deste modo, ao abrir-se uma janela no interior, a janela exterior é também, automaticamente, aberta. Todas as janelas novas possuirão um aro em aço corten preto, que se projeta da parede, assumindo estes vãos como elementos novos, independentes da estrutura original.

As janelas presentes no piso 1 apresentam também, caixilhos de ferro, contudo contém um sistema de abertura pivotante que permite não só ventilar o espaço, como manter a linguagem visual transmitida pelos painéis deslizantes presentes no projeto. Estas janelas, pela sua elevada altura, contêm um sistema de abertura manual, através da instalação de varões verticais à janela.

Relativamente à **materialidade** do projeto, optou-se por materiais que representassem, ou complementassem o ambiente industrial original à fábrica “A Tabaqueira”. Assim, todas as paredes exteriores apresentam alvenaria de tijolo aparente, emolduradas por pilares e vigas de aço, propondo um ambiente industrial e puro na exposição, tanto dos elementos estruturais como dos elementos de alvenaria. Já os painéis são materializados em aço *corten* preto, como reforço da potente presença de aço nos pilares, vigas e asnas.

Os elementos fixos novos, em particular os acessos verticais e áreas de serviço na Nave Oeste, serão assumidamente novos através a aplicação de reboco contínuo de tinta branca, contudo texturada, representando a rudeza áspera que o edifício industrial contém em si.

As paredes dos espaços de comércio mantêm o acabamento original, nomeadamente o reboco branco apresentando, porém, os elementos de aço originais, nomeadamente o emoldramento de pilares de aço, distinguindo este espaço das demais introduções novas.

No Piso 0, o pavimento é revestido por microbetão afagado numa tentativa de representar a pureza na exposição dos elementos materiais presentes neste projeto. Contudo, também se optou por revestir o pavimento em microbetão, com a intenção de manter a linguagem visual atual onde uma fábrica em ruína se apresenta sem quaisquer vestígios do antigo pavimento, expondo o cimento a nu. No Pátio o pavimento é revestido por Betão poroso esquadrado, permitindo permeabilidade ao piso. Já as passagens pela faixa verde são materializadas em calçada de granito, remetendo ao material original da frente-ribeirinha.

No piso 1, o uso de madeira no pavimento remete às introduções esporádicas de madeira na antiga fábrica, através da construção de paredes divisórias em madeira.

Os módulos independentes presentes em todo o projeto serão materializados em aço *corten* – nos painéis, guardas e escadas – gesso texturado no seu revestimento e madeira no pavimento e elementos fixos, nomeadamente balcões, bancos e estantes.



**Figura 142** – Fotografia do edifício “A Tabaqueira”. Autor: Telmo Sequeira (2009)

## 4. Considerações Finais

O território da zona Oriental de Lisboa sofreu diversas transformações urbanas e sociais devido à forte Industrialização da cidade. Este território, antigamente ocupado por campos agrícolas, quintas, conventos e palácios, apresentava uma génese rural que fora dominada pela implantação de instalações fabris ao longo da sua linha costeira.

Contudo, a desindustrialização e abandono das infraestruturas industriais converteram este território num “cemitério de fábricas”, marcado por terrenos expectantes e vazios urbanos pós-industriais. Agora o “Caminho do Oriente” é um “caminho” obsoleto e fragmentado, onde apenas a frágil atividade portuária, e reminiscentes pequenas indústrias, preservam esta área, outrora tão viva.

Surge assim a emergência de refletir sobre o território e elaborar estratégias que o “revivam” na cidade. É neste contexto que foi proposto o “Reviver do Braço de Prata”, o primeiro lugar de ligação entre o – recente – Parque das Nações e a zona histórica de Lisboa, conjugando o Plano Diretor Municipal previsto, com o projeto, através de um desenho que estabeleça a dialética entre o rio, a cidade e as pessoas, sem ignorar a memória e história do lugar ao reutilizar-se – e reabilitar-se – o seu património industrial.

Numa primeira instância revelou-se de maior importância compreender o Território (Caminho do Oriente), o Lugar (Braço e Prata) e o Objeto (Antiga fábrica “A Tabaqueira”), através do estudo do seu contexto histórico, social e Ambiental.

Foi assim necessário conhecer o território e o lugar na primeira pessoa, ao percorrer os diversos núcleos industriais de Xabregas até ao Braço de Prata. Assim se distinguiram as vivências entre si e se compreendeu a singularidade do Braço de Prata. Sendo o último núcleo industrial a ser formado, o Braço de Prata apresenta características fortemente associadas à atividade fabril, possuindo vazios urbanos de grande escala – que aliás, ocupam a maioria do seu território - cujas áreas expõem as suas ruínas industriais, marcando fortemente este lugar.

A grande escala de espaços residuais pós-industriais colocam o lugar no contexto de *brownfields*, obrigando à necessidade de aplicar um projeto que considere a responsabilidade ecológica associada a tais territórios. Assim se propôs uma estratégia urbana de revitalização, regeneração e requalificação que procure conjugar o Natural com um desenho urbano que repusesse a vivacidade social deste lugar abandonado através de usos mistos.

No seguimento da proposta de requalificação da Frente-Ribeirinha do Braço de Prata, propôs-se reabilitar a antiga Fábrica “A

Tabaqueira”, convertendo os antigos seus usos industriais em indústrias contemporâneas: As Indústrias Criativas. Aqui criou-se um núcleo de atividade que procurou restabelecer a dinâmica urbana sentida – outrora – em torno desta ruína Industrial.

A memória industrial presente na ruína, a natureza e a flexibilidade dos espaços como fomentadores de interações sociais e dinâmicas urbanas foram as premissas deste projeto, cuja intenção surgiu da necessidade de conjugar o passado com o presente e o futuro através de um projeto capaz de se articular com o passado e, em simultâneo adaptar-se às realidades da sociedade contemporânea e suas futuras mutações.

As ruínas industriais não são só isso: ruínas. Elas apresentam valores e potenciais inestimáveis que, associados a uma política de sustentabilidade, contêm o poder de transformar vazios pós-industriais em locais dotados de valor urbano, arquitetónico e patrimonial.

Assim, é de grande importância refletir, procurar compreender estes “cemitérios de fábricas” e integrá-los na cidade como lugares capazes de fomentar dinâmicas urbanas e novas comunidades recheadas de atividade sociocultural.

Neste contexto, o projeto pretende estabelecer um lugar que comporte essa atividade sociocultural, reforçando a relação entre o Património Industrial – recheado de história e valores – com uma Comunidade baseada nas trocas e partilhas, cujo núcleo de vida se centra num lugar construído sobre a ruína do construído.

## BIBLIOGRAFIA

ACKER, Olaf - The digital future of creative Europe - The impact of digitization and the Internet on the creative industries. [Em linha] **Strategy &**. (2015) [consultado em 4-07-2017]. Disponível em: <<https://www.strategyand.pwc.com/media/file/The-digital-future-of-creative-Europe-2015.pdf>>.

AGUIAR, José; ROSA, Daniela - **O Futuro da Memória da Manutenção Militar**. 2015-2016 Conservação, Restauro e Reabilitação. Vol. 1. Lisboa: FAUL, 2016.

ALLEN, Bryan - Post-Industrial Latent Space in OOSTERMAN, Arjen – **Volume**. nº 31 (2012) pp. 157-159.

ALVÉS, Gille (1999) - O património industrial - um território promissor. In **Património - Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais**. Porto: S.E.I.P., 1999.

BARAJAS, Diego; GARCIA, Camilo (2012) - Dispersed Urban Geographies and The Quest for Common Atmospheres. **Volume**. ISBN: 9 789 077 966 310. Nº 32 (2012) pp. 118-125.

BAUMAN, Zygmunt - **Comunidade: en busca de seguridad en un mundo hostil**. Madrid: Siglo XXI, 2003.

BALCH, Oliver (2016) – Does a pretty office make a productive workforce? [Em linha] **The Guardian** [consultado 4-07-2017]. Disponível em: <URL: <https://www.theguardian.com/sustainable-business/2016/feb/10/office-beautiful-pretty-views-employees-productive> >.

CALVINO, Italo - **As Cidades Invisíveis**. Lisboa: Estórias, Editorial Teorema, 2003.

CASHMAN, Anna (2012) - **2000 Coworking Spaces worldwide**. [Em linha] **DeskMag** [consultado em 5-07-2017]. Disponível em: <URL:<http://www.deskmag.com/en/2000-coworking-spaces-worldwide-617>>.

CORMIER, Brendan – City Planning the Interior. **Volume**. ISBN 978 90 779966 327. Nº 32 (2012) pp. 116-117.

CORMIER, Brendan (2012) – The Cult of the Center. **Volume**. ISBN 978 90 779966 327. Nº 32 (2012) pp. 4-7.

COSTA, João Pedro – **La Ribera entre Proyectos. Formación y transformación del território portuário, a partir del caso de Lisboa**. Catalúnia: Universidade Politécnic de Catalúnia: Departamento de Urbanismo e ordenação de território, 2007. Dissertação de Doutoramento.

COSTA, Pedro - **A Cultura em Lisboa, Competitividade e Desenvolvimento Territorial**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

COSTA, Tiago - **Património Industrial Português da Época do Movimento Moderno: Das Experiências Modernistas às Novas Necessidades Contemporâneas**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, 2011. Dissertação de Mestrado.

COUCEIRO, João - **Urbanidade e património**. Lisboa: Igaphe Urbe, 1998.

CHOAY, Françoise - **Alegoria do Património**. 2a edição. Lisboa: Edição 70, 2008.

CRUZ, João Pedro – **A cidade e o Rio: Origem e Evolução da Frente Ribeirinha de Lisboa**. Évora: Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora, 2016. Dissertação de Mestrado.

DESKMAG – 1st Results of the 3rd Global Coworking Survey. [Em linha] **Deskmag** (2012) [consultado em 5-07-2017]. Disponível em: <URL:<http://www.deskmag.com/en/1st-results-of-the-3rd-global-coworking-survey-2012>>.

DESKMAG – A Brief History Of The Office. [Em linha] **Deskmag** (2012) [consultado em 4-07-2017]. Disponível na internet: <<http://www.deskmag.com/en/a-brief-history-of-the-workspace-coworking-Chicago-Architecture>>.

DESKMAG – The History of Coworking. [Em linha] **Deskmag** (2015) [consultado em 5-07-2017]. Disponível na internet: <URL:[http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/156192/The-History-Of-Coworking-Presented-By-Deskmag/#vars!date=2015-10-04\\_12:17:10!](http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/156192/The-History-Of-Coworking-Presented-By-Deskmag/#vars!date=2015-10-04_12:17:10!)>.

DOMINGUES, Álvaro – Ruinofilia. Percurso crítico pelas imagens das ruínas portuguesas. **arqa – Arquitetura e Arte**. ISSN 1647-077X. Nº114 (2014) pp.112-117.

DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno – **Território: Casa Comum**. Lisboa: FAUP, 2015.

DURÃO, Victor C. M. (2011) – Análise Urbana de Territórios Construídos. Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal. **RGCI**. ISSN 1646-8872. Vol.12. Nº1 (2011).

ERDEM, Meltem; NAUSSAUER, Joan Iverson - Design of Brownfield Landscapes Under Different Contaminant Remediation Policies in Europe and the United States. **Landscape Journal**. ISSN 0277-2426. Vol. 31. Nº2 (2013) pp. 277-292.

FERNANDES, José Manuel– **Arquitetura e Indústria em Portugal no Séc XX**. Lisboa: Secil, 2006

FOERTSCH, Carsten – Coworking Study: The Coworker. [Em linha] **Deskmag** (2010) [consultado em 5-07-2017]. Disponível na internet:<URL:<http://www.deskmag.com/en/survey-coworking-spaces-144>>.

FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz - Fim da fábrica, o início da ruína. In BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕESS, Ana - **A Arquitectura da Indústria, 1925-1965**. Barcelona: Docomomo, 2005.

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge - **Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FOLGADO, Deolinda - **Património Industrial. Que memória?** Porto: FLUP, 2004.

FOLGADO, Deolinda - **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa 1933-1968**. Lisboa: FLUL, 2008.

FOUCAULT, Michel- Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias. **Arquitetura/ Mouvement/ Continuité**. Nº5 (1984) pp. 46-49.

FRANÇA, José Augusto - **Lisboa Pombalina e o Iluminismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 1989.

GUIMARÃES, Carlos - Arquitetura e indústria modernas (1925-1965). in BRAÑA, Celestino, LANDROVE, Susana, TOSTÕESS, Ana - **A Arquitectura da Indústria, 1925-1965**. Barcelona: Docomomo, 2005.

GONÇALVES, Carlos - Flexibilidade no Trabalho e o modelo "every time anywhere". [Em linha] **Avilaspaces** (2013) [Consult. 02-06-2017]. Disponível em: <URL: <http://avilaspaces.com/pt/rss/flexibilidade-no-trabalho-e-o-modelo-every-time-anywhere/>>.

JACKSON, Katy - **Making space for Others** (2013) [Consult. 02-06-2017]. Disponível em: <URL: <http://www.makingspaceforothers.com>>.

JOHNSON, Steven - **De onde vêm as boas ideias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KIRKWOOD, Niail - **Manufactured Sites – Rethinking the Post-Industrial Landscape**. Londres: Spon Press, 2001.

LEHRER, Jonah – Groupthink: The brainstorming myth. [Em linha] **The New Yorker** (2012) [Consult. 02-05-2017]. Disponível na internet:

<URL:<http://www.newyorker.com/magazine/2012/01/30/groupthink>>.

MARTINS, Luísa Pimentel - **O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade**. Coimbra: FCT Universidade de Coimbra, 2009. Dissertação de Mestrado.

MATOS, Ana Cardoso de; SAMPAIO, Maria da Luz (2014) – Património Industrial e Museologia em Portugal. **Museologia & Interdisciplinaridade**. ISSN 5576-7635. Vol.III. Nº5 (2014) pp.95-112.

MENDES, José Amado - O património industrial na museologia contemporânea: o caso Português. **Ubimuseum**. Nº 1 (2012) pp. 89-104.

MENDES, José Amado - **Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura**. Ericeira: Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, 2006.

MIHIC, Neda - **Património Industrial como nuevo paisaje cultural**. Lisboa: FAUTL, 2012. Dissertação de Mestrado.

MOLLOY, Jonathan – Pode a arquitetura nos tornar mais criativos? [Em linha] **Archdaily** (2013) [Consult. 12-06-2017]. Disponível em: <URL:<http://www.archdaily.com.br/br/01-117575/pode-a-arquitetura-nos-tornar-mais-criativos>>.

MOLLOY, Jonathan – Pode a arquitetura nos tornar mais criativos? Parte II: Ambientes de trabalho. [Em linha] **Archdaily** (2013) [Consult. 12-06-2017]. Disponível em: <URL:<http://www.archdaily.com.br/br/01-117881/pode-a-arquitetura-nos-tornar-mais-criativos-parte-ii-ambientes-de-trabalho>>.

MOREIRA, Inês - Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais. ISSN 1647-077X. **arqa - Arquitetura e Arte**. N.112 (2014) pp. 118-119.

MORISSET, Bruno – **Building New Places Of The Creative Economy: The Rise Of Coworking Spaces**. Utrecht: Utrecht University, 2014.

MOZAS, Javier – Workforce Series - A Better Place to Work. **Independent Magazine of Architecture**. ISSN 1132-6409. Nº43 (2014) pp. 4-21.

OLDENBURG, Ray - **The Great Good Place: Cafes, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, e How They Get You Through the Day.** Nova Iorque: Paragon House, 1989.

PAIVA, J.; AGUIAR, J.; PINHO, A. - **Guia Técnico de Reabilitação Habitacional.** Lisboa: LNEC-INH, 2006

PEREIRA, Paulo - **Património Edificado: Pedras Angulares.** Lisboa: Aura, 2006.

PORTAS, Nuno – **Cidades e Frentes de Água. Mostra de Projetos de reconversão urbana em frentes de água.** Porto: Administração do Porto de Lisboa e Parque EXPO, 1998.

PORTAS, Nuno (2011) – **Políticas Urbanas II. Transformações, regulações e projetos.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

RAMOS, Ricardo Jorge de Brito - **Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu. Museu do Fado, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Oriente.** Lisboa: FAUL, 2001. Dissertação de Mestrado.

ROBERTS, Peter; SYKES, Hugh – **Urban Regeneration: A Handbook.** Londres: SAGE Publications, 2000

RODRIGUES, Maria João Madeira - **Tradição , Transição e Mudança. A produção do Espaço Urbano na Lisboa oitocentista. Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa. Nº 84 (1978)**

SARAIVA, Maria da Graça - **O Rio como Paisagem. Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia (MCT), 1999.

SARAIVA, Maria da Graça - **Cidades e Rios, Perspectivas para uma relação sustentável.** Lisboa: Ed. Parque Expo' 98 SA, 2010

SVIERTS, Thomas– **Cities Without Cities.** London and New York: Spon Press, 2003.

STRATTON, Michael - **Industrial Buildings: conservation and regeneration.** Londres: E& FN Spon, 2000.

SÁNCHEZ, José Manuel - **Frente Ribeirinha e cidade. Equipamentos públicos culturais como solução de conexão e regeneração.** Lisboa: FAUTL, 2011. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Élsio – **Centro para a criatividade das Caldas da Rainha. Ambientes de Trabalho para Indústrias Criativas em contexto de reabilitação de arquitetura industrial.** Lisboa: Fautl, 2016. Dissertação de Mestrado.

MEL, George - **Metropolis and Mental Life.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2002.

Steelcase Inc. - Work Hospitality: Visitors to the Workspring. [Em linha] **Steelcase Inc** (2013) [Consultado em 12-06-2017] Disponível em: <URL: <https://www.steelcase.com/research/articles/topics/coworking/work-hospitality/>>.

WABER, Ben – **People Analytics: How Social Sensing Technology Will Transform Business And What It Tells Us About The Future Of Work.** Pearson Education. New Jersey: FT Press , 2013.

WARNIER, Jean-Pierre – **A Mundialização da Cultura.** Lisboa: Noticias Editorial, 2000.

ZAGALO, Romeu– **Comunidade, uma Forma de Pensar a Cidade: Cohousing, Coworking e Codesigning na cidade de Lisboa.** Lisboa: FAUL, 2015. Dissertação de Mestrado.



## ANEXOS

### Anexo I – Casos de Referência

- I.1. Emscher Park, Alemanha, 1989
- I.2. Hafencity, Hamburgo, 2000
- I.3. El Matadero, Madrid, 1924 – 2011
- I.4. Oliva Creative Factory, São João da Madeira, 2003
- I.5. Fábrica ASA, Guimarães, 1946

### Anexo II – Análise Demográfica

### Anexo III – Levantamento Fotográfico

### Anexo IV – Processo de Trabalho

### Anexo V – Maquetes

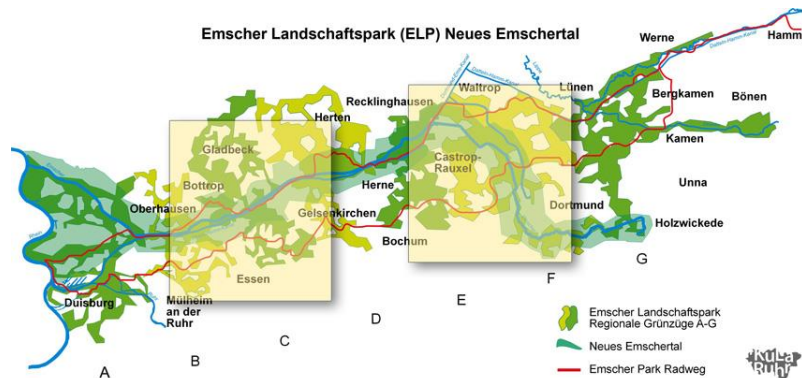
### Anexo VI – Esquemas e Modelos Complementares ao Trabalho

### Anexo VII – Peças Desenhadas: Painéis

## Anexo I – Casos de Referência

### I.1. Emscher Park, Alemanha, 1989

1. Planta esquemática do Emscher Park, Autor: KuLaRuhr



O presente caso de estudo insere-se na compreensão dos *brownfields* como espaços contaminados com possibilidade de ser regenerados e reabilitar estruturas industriais devolutas, como objetos que permitem a permanência da identidade e memória dos lugares.

O Emscher Park localizado na região Ruhr, na Alemanha, nasceu numa das regiões pós-industriais mais poluídas e devastadas do mundo, renovada através da “*International Building Exhibition*” (IBA), em 1989. Esta exposição permitiu que diversos marcos de ruínas industriais fossem adaptados a novas funções recreativas, integrando a história e identidade da região numa nova paisagem dominada por vegetação e natureza. O parque surge como um paradoxo entre a máquina, o Homem e a natureza, renovando uma área contaminada pela indústria tóxica da outrora, massiva indústria de aço e carvão em Ruhr.

Perante o estado de abandono e perigo ambiental intrínseco à dita região, a “*International Building Exhibition*” assume o papel de plano de reconversão urbana promovendo a revitalização económica e ambiental do Vale de Ruhr e do rio Emscher, ao introduzir uma paisagem renovada, através de uma grande “ligação verde” que atravessasse o vale de Ruhr conectando dezassete cidades e sete cintos verdes existentes na sua periferia através de dezanove projetos urbanos e arquitetónicos.

As intenções da (IBA) tiveram sucesso e, após a expiração da exposição, foi criado o plano “Projeto Ruhr”, concentrado na limpeza do rio Emscher que biologicamente morto devido à descarga de águas residuais desde o século XIX, atravessa a região de este a oeste numa extensão de 70km.

O Emscher Park contém diversos campos industriais revitalizados e florestas recuperadas, apresentando uma infraestrutura verde que acolhe áreas recreativas de cariz urbano público, variando desde grandes áreas de permanência a edifícios de pequena escala.



2. Parque Duisburg- Nord. Autor: Air-Quad UG (2010)

A utilização das degradadas infraestruturas visava melhorar a qualidade das áreas associando-se a uma economia sustentável de reabilitação. A reconversão desses edifícios permitiu a transformação de gasómetros e chaminés, monumentalizando essas estruturas devolutas através da apreciação e aceitação das qualidades estéticas e história intrínseca a si. Agora essas estruturas recebem usos que se integram nas vivências urbanas e lazer, acolhendo serviços diversos, arte, cultura, comércio, escritórios, e áreas de habitação, promovendo eventos como concertos e espetáculo. O parque também incentiva a contemplação da natureza e espírito de aventura, procurando cativar os mais interessados através de trilhas para caminhadas e paredes de escalada (esculpidas em antigos montículos de carvão).

Dentro deste contexto de regeneração e reconversão de usos, o Emscher Park inclui uma nova estação de tratamento de esgoto e novas formas de vida através de projetos de bairros residenciais, centros de tecnologia e reintegração de áreas urbanas através de projetos sobre a acessibilidade e a rede de transporte público.

Destas abordagens destacam-se o parque *Duisburg-Nord*, o gasómetro de *Oberhausen* e o *Complexo Industrial da Mina de Carvão*.

O parque *Duisburg-Nord* localiza-se numa antiga área industrial contaminada pela presença de aço. Em 1991 foi regenerada e convertida num parque urbano que procurou preservar as estruturas industriais existente. O projeto urbano de Peter Latz apresenta fortes intenções de preservar a memória e reminiscências industriais, dividindo o parque em diferentes áreas, desenhadas segundo estruturas ferroviárias e estradas pré-existentes. A memória do local assume um papel importante no desenho da malha urbana do parque, permitindo a reinterpretação, e reapresentação, do que fora o local no passado.



3. Duisburg- Nord, Alemanha. Autor: Michael Latz (2011)

A divisão do parque em várias áreas transformou o parque num padrão fragmentado, em que cada peça apresenta uma identidade própria pertencendo, porém, ao complexo geral em que se insere.

Os vários caminhos conectam as várias áreas, permitindo aos visitantes a liberdade de percorrer o espaço como desejarem.

Latz integrou programas específicos aos diversos volumes existentes no parque: os *bunkers* em betão desenharam uma série de pequenos jardins, os tanques de gás foram convertidos em piscinas, algumas paredes são transformadas em paredes de escalada, e a antiga fábrica siderúrgica foi reabilitada numa praça “metálica”.



4. “Praça Metálica”, Duiburg- Nord, Alemanha. Autor: Michael Latz (2011)

O gasómetro de *Oberhausen* é um exemplo notável da temática presente nas reabilitações das estruturas devolutas de Ruhr. Este gasómetro acolhe agora uma sala de exposições e teatro contemporâneo transformando-se – em simultâneo – num museu industrial. A adaptação deste gasómetro implicou a necessidade de adição de elementos estruturais e acessos verticais, nomeadamente três escadas externas que permitissem o acesso até ao terceiro piso das salas de exposição, uma quarta escada que permitisse o acesso à cobertura e um elevador integrado na caixa de escadas, que colmata numa plataforma envidraçada, oferecendo vista panorâmica sobre Ruhr. No interior, a placa de pressão de gás foi fixada e suportada por fixantes intermédios, servindo como segundo piso do espaço de exposição. No interior é também, criada outra plataforma onde foi instalado o anfiteatro, suportando 500 visitantes.



5. Gasómetro Oberhausen, Alemanha.  
Autor: Tuxyso (2012)

O Complexo Industrial da Mina de Carvão de Zollverein caracteriza-se como um museu sobre a história da mineração e da arquitetura Industrial. Este museu é caracterizado por um percurso que manteve os edifícios industriais no seu estado original, apresentando a arquitetura dos anos 1920 e 1930 e a história do desenvolvimento do processamento do outro negro, através de um trilho que percorre a antiga instalação de peneiração, os depósitos de carvão e as instalações de lavagem, desenhando o espaço público através de projetos de áreas verdes e espaços de permanência e lazer.

O Emscher Park, assim como outros projetos em *brownfields*, apresenta pontos que expõem o passado industrial, equilibrando e contextualizando a história do sítio com o novo uso, rompendo com o estigma intrínseco a espaços industriais, sendo possível transformá-los em espaços convidativos e ordenados, que contam a história sobre o seu passado. Esta estratégia de transmitir a história industrial ao introduzir o ordenamento urbano, é assim uma abordagem comum a estes espaços.



6. Complexo Industrial da Mina de Carvão de Zollverein. Autor: Rem Koolhaas (2010)

## I.2. Hafencity, Hamburgo, 2000



7. Hafencity, Hamburgo. Planta de Implantação. Autor: ASTOC Architects and Planners (2000)

O presente caso de estudo insere-se no desenho de um projeto urbano que estabelece uma forte relação cidade-rio, através da configuração dos seus espaços públicos. *Hafencity*, em Hamburgo, apresenta-se como um projeto urbano, em desenvolvimento, de um novo distrito com cerca de 150 hectares de área, inserido no porto e antigas docas de Hamburgo. Este é um projeto que prevê oferecer um espaço residencial a 12000, criando cerca de 40 mil novos empregos.<sup>19</sup>

A implantação deste projeto urbano deve-se à gradual extinção das instalações portuárias onde antigamente estava localizado o terminal de contentores. Estas docas com cerca de 100 anos de existência, tornaram-se insuficientes para essa atividade portuária devido à impossibilidade de atracagem e normal gestão de barcos modernos de maiores dimensões. Assim, este terminal foi realocado, transformando esta área – então abandonada – num território promissor a nível urbano. Após a abertura – e encerramento – de uma competição de planeamento urbano vencida pelos arquitetos ASTOC, Kees Christiaanse e Hamburgplan, foi desenvolvido o conceito de *Hafencity* que determinava a conversão deste porto e a extensão do centro da cidade através deste novo distrito urbano, dividido em onze sectores.

A caracterização de *Hafencity* em onze sectores permitiu o faseamento dos processos de construção, contribuindo para o crescimento gradual desta nova área de Hamburgo que apresenta uma imensa diversidade de tipologias existentes, como apartamentos, comércio, escritórios e instalações recreativas e turísticas que contribuem para uma vivência urbana rica e acesso a todos os serviços necessários à vida na cidade.



8. Magellan – Terrassen im Quartir. Sandtorkai. Hamburgo. Autor: ELBE & FLUT (2009)

9. Promenade im Quartir. Sandtorkai. Hamburgo. Autor: ELBE & FLUT (2009)

<sup>19</sup> Informação disponível in <URL: <http://www.astoc.de/index.php?lan=en&p=p&s=2&id=142&t=>>

Contudo, o que torna este caso de estudo interessante para o trabalho presente, é a caracterização e desenho de espaços públicos urbanos, cuja tipologia e localização permite a interligação entre a cidade antiga e nova, oferecendo novos espaços que revivam o rio Elba. Estes espaços apresentam-se em forma de pontes, *promenades* verdes e praças sobre o rio, com um tráfego automóvel reduzindo, promovendo áreas pedestres e ciclovias. Estas estruturas junto ao rio estabelecem uma relação cidade-rio, essencial à identidade deste novo bairro.

As estruturas presentes no planeamento de *Hafencity* revelam um desenho urbano em função do rio, percorrendo – paralelamente - os seus limites de forma a projetar os edifícios sobre o rio, como miradouros fluviais. O primeiro sector junto ao rio (*Sandtorkai*) é composto por cinco edifícios destinado a habitação, e três destinados a escritórios que se elevam sobre um porto de recreio (*Porto Tall Ship*) e uma *promenade* debaixo dos edifícios. Este setor apresenta espaços urbanos públicos que se projetam sobre o rio e o porto de recreio, expondo um desenho urbano caracterizado pela gradual descendência ao rio, através de um sistema de escadas e rampas que permite a transição de diversos níveis e plataformas em mármore, transformando a frente-ribeirinha num anfiteatro “natural”, motivadora de uma vivência de contemplação sobre o horizonte portuário.



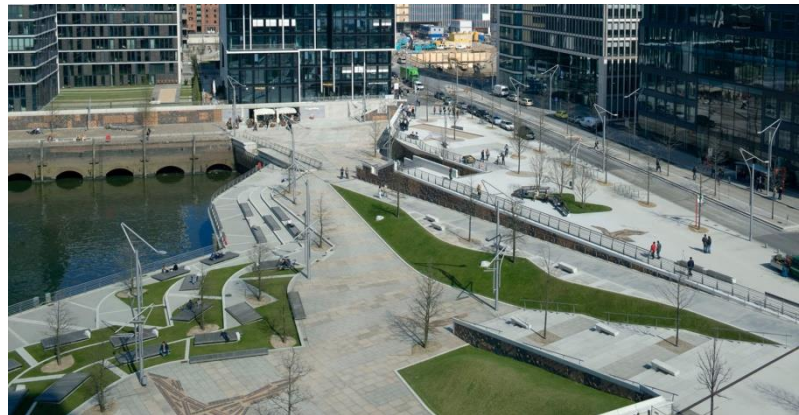
**10.** Porto de recreio em Sandtorkai. Autor: ELBE & FLUT (2009)



**11.** Porto de recreio em Sandtorkai. Alex Gaultier (2015)

O segundo sector existente em *Hafencity* é o *Kaiserkai*, localizado no promontório entre *Sandtorhafen* e o *Grasbrookhafen*. Este setor apresenta grande densidade urbana e diversidade arquitetónica, apresentando um espaço público repleto de passeios, terraços e praças verdes sobre os canais fluviais. Na mesma linha temática que *Sandtorkai*, descendem ao rio, transformando-se em miradouros urbanos em betão e mármore.

*“We provide pedestrian and playing places also at street level, introducing here, as well as in the lower levels, the presence of water, of trees and green, of playing areas and promenades, indicated by pergolas.”<sup>20</sup>*



12. Marco Polo Terraces em Kaiser Kai, Hamburgo. Autor: Alex Gaultier (2015)

Nos bairros interiores, nomeadamente Am Sandtorpark/ Grasbrook, o tecido urbano expõe diversas áreas verdes entre edifícios de uso misto, que incluem grandes escritórios, edifícios residências e uma escola, agrupados em torno de um parque urbano verde.

O projeto de *Hafencity* também dispõe de uma estratégia que proteja a cidade de inundações, oferecendo espaço à água, ao invés de a conter, através da elevação do espaço público. A materialização deste espaço público é feita usando materiais tradicionais do porto, assim como outros que apresentem características sustentáveis e boa resistência mecânica às intempéries, como mármore, tijolo, betão e espécies de vegetação adaptativas como carvalhos, salgueiros e relva.

*“The new urban planning brings the public in a fluid movement from the new housing blocks down to the water, making for everyone’s enjoyment a new artificial landscape that is inhabited by natural elements: water and plants.”<sup>21</sup>*

---

<sup>20</sup> Citação in <URL<https://architizer.com/projects/hafencity-public-spaces/>> [Consultado em 12 de Junho de 2017]

<sup>21</sup> Idem

### I.3. El Matadero, Madrid, 1924 – 2011



13. El Mtadero, Madrid. Autor: espormadrid.es (2015)

O presente caso de estudo insere-se no contexto da construção do espaço arquitectónico que preserve a memória patrimonial de antigos espaços industriais. O *El Matadero* fora o matadouro e mercado municipal de Madrid, durante a maior parte do século XX. Este edifício surgiu como resposta ao crescimento da cidade, onde se tornou necessário uma indústria que gerasse o abastecimento local de carne. Em 1911 iniciou-se a construção do complexo industrial, ao encargo do arquiteto Luis Bellido, sendo inaugurado em 1924. Este é um edifício que apresenta uma longa história de usos e intervenções arquitetónicas, nomeadamente ampliações e reabilitações.

Originalmente, o complexo industrial era constituído por cinco sectores de produção, gestão e administração, matadouro, mercado de alimentos, mercado de trabalho e secção de saúde, alojamento para os funcionários, capela e um sistema de circulação e acessos privados, assim como uma linha ferroviária, que reproduzia o sistema alemão de pavilhões isolados. Mais tarde, entre 1927-1930, o matadouro foi expandindo pelo arquiteto Fernando de Escondrillas, que projetou uma colónia de alojamento para os funcionários do matadouro. Mais tarde ainda foi inaugurado o Mercado Central de fruta e vegetais que, por se localizar em frente do *El Matadero*, do outro lado da estrada, era acessível através da ponte da Andaluzia.

A nave principal do *El Matadero* prestou diversos serviços desde então como depósito de munição durante a Guerra Civil, como espaço de armazenamento de batatas depois da Guerra Civil, e como estufa. Foi nesse momento que começou o processo de abandono do complexo industrial, tornando-se obsoleto. Contudo, foi no contexto de abandono, que surgiram as primeiras intervenções arquitetónicas, cujo objetivo era regenerar e reabilitar algumas naves do complexo: (I) Na década de 80, Rafael Fernández

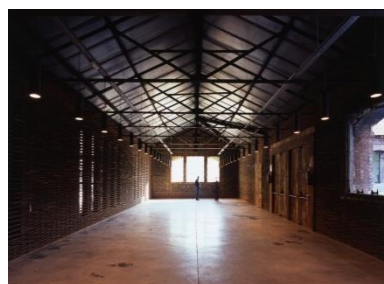
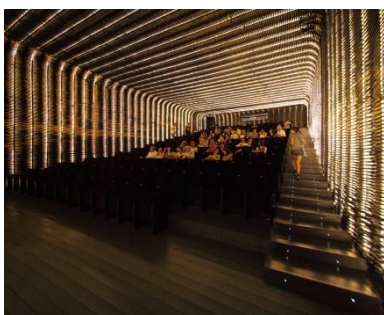


14. El Matadero e Nave 16, Madrid. Autor: OCIO KYMCO (2015)

Rañada reabilitou o edifício de gestão e administração, transformando-o na sede do Conselho Municipal de Arganzuela, assim como renovou os estábulos e a área de venda de animais, num espaço destinado a atividades socio culturais; (II) Na década de 90, o arquiteto Antonio Fernández Alba, transformou os estábulos na sede da Companhia Nacional de Ballet de Espanha e da Companhia de Dança Nacional. É só em 1996 que é encerrado o espaço dedicado ao matadouro.

Em 2006 foi aprovado um plano de intervenções que permitisse a adaptação e conversão do complexo industrial, transformando-o num centro de criação contemporânea, com o objetivo de responder às necessidades que afetam os espaços de criação contemporânea, promovendo o desenvolvimento do trabalho coletivo da cidade e afirmando a cultura da capital.

*“Matadero Madrid se define en su plan director como un gran laboratorio de creación actual interdisciplinar vinculado a la ciudad, un espacio generalista de intercâmbio de ideas sobre la cultura y los valores de la sociedad contemporánea, abierto a todos los campos de la creación, con el fin de favorecer el encuentro y el diálogo de los creadores entre sí y de éstos con el público.”<sup>22</sup>*



15. Café Teatro, El Matadero, Madrid.  
Autor: mataderomadrid.org

16. Cineteca Madrid, El Matadero, Madrid Autor: ch+qs (2011)

17. El Taller, El Matadero, Madrid.  
Autor: Carlos Fernández Piñar (2009)

Atualmente, o *El Matadero* é um complexo multidisciplinar assente em programas que promovem a expressão artística, investigação, produção, formação e difusão do pensamento artístico contemporâneo através da reunião e diálogo participativo entre artistas e jovens aprendizes. Este centro de criação acolhe grande parte das áreas onde se manifesta a arte e a cultura, nomeadamente artes visuais e cénicas, literatura, música, cinema, design, moda, arquitetura, urbanismo e paisagístico, integrando-as em diversas entidades que dão apoio ao complexo artístico, nomeadamente: o *Centro Internacional de Artes Vivas* (Nave 10 e Nave 11 e café teatro), *Oficinas de Coordenação* (Nave 16, El Taller e espaço público), *Cineteca*, *Central de Desenho*, Espaço de debates AVAM (*Artistas Visuales Asociados de Madrid*), *Fundación German Sánchez Ruy Pérez*, *Casa del Lector* (Centro internacional para a investigação e desenvolvimento da literatura) *Factoria Cultural* (Associação de apoio às indústrias culturais e criativas), distribuídos pelos edifícios e naves do complexo.

Assim, o Matadero resulta como uma residência para artistas onde podem produzir, contemplar e discutir arte. Oferecendo espaços de produção, trabalho e experimentação, (oficinas e ateliers) assim como espaços de exposições dedicados à divulgação do trabalho dos artistas locais e outros eventos culturais.

<sup>22</sup> Definição in <URL: <http://www.mataderomadrid.org/queesmatadero>. Html> [Consultado em 12 de Junho de 2017]

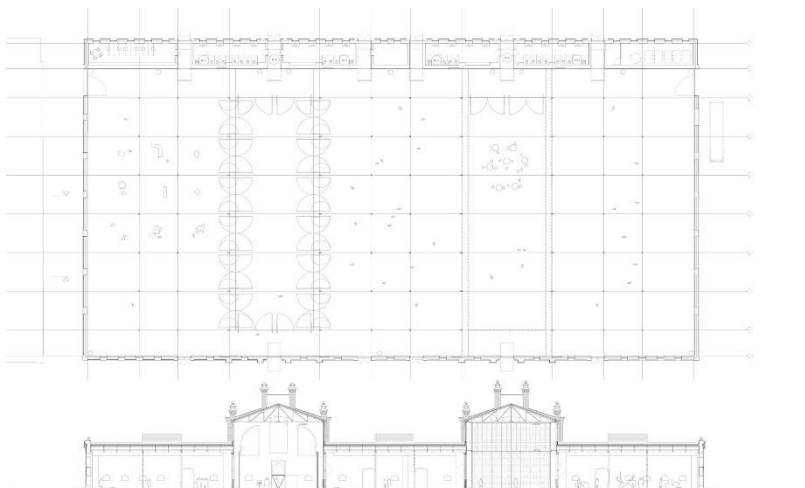
É no contexto de espaço de exposições e eventos culturais, que surge a Nave 16, um espaço com 5200.0 m<sup>2</sup> de área, projetado em 2007 pelos arquitetos Iñáqui Carnicero, Ignacio Vila, Alejandro Virseda do *ICA Arquitectura*.

A Nave 16 apresenta-se como a reabilitação de um dos antigos edifícios do *El Matadero*, convertendo-o num multifuncional espaço cultural contemporâneo que possa acolher diversos eventos como: concertos, exposições, conferências e até eventos de moda. Assim, a nave adquire um carácter flexível, aberto e amplo, possibilitando a maleabilidade do espaço no ato de construir o seu interior para receber os diversos eventos indicados.

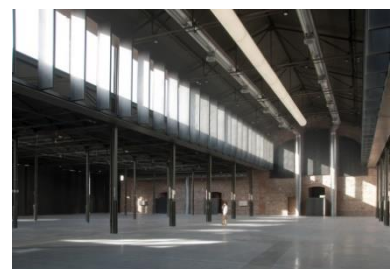
A reabilitação deste edifício procurou preservar os detalhes arquitetónicos e construtivos que valorizam o edifício original e dão materialidade à memória do antigo complexo, recuperando a fachada em alvenaria aparente e deixando a nu a estrutura de pilares e asnas de aço. A distribuição – e divisão - do espaço são conseguidas através de painéis deslizantes. A luz natural é mantida através do duplo pé direito, cujas persianas permitem o controlo da luz e ventilação natural.

*“La introducción del espacio de doble altura, rodeado por las puertas contrasta con el carácter tectónico y la arquitectura intemporal de la capa restante del matadero.”<sup>23</sup>*

A Nave 16 revela uma intenção de manter e partilhar o património e legado cultural da cidade, usando o espaço como um invólucro de um programa flexível, que não afetasse a estrutura ou a identidade do lugar. A sua tipologia e tecnologia construtiva apresenta semelhanças com a fábrica “*A Tabaqueira*”, revelando a sua pertinência como caso de estudo.



20. Planta piso térreo, corte longitudinal e corte transversal. Autor: Iñáqui Carnicero (2007)



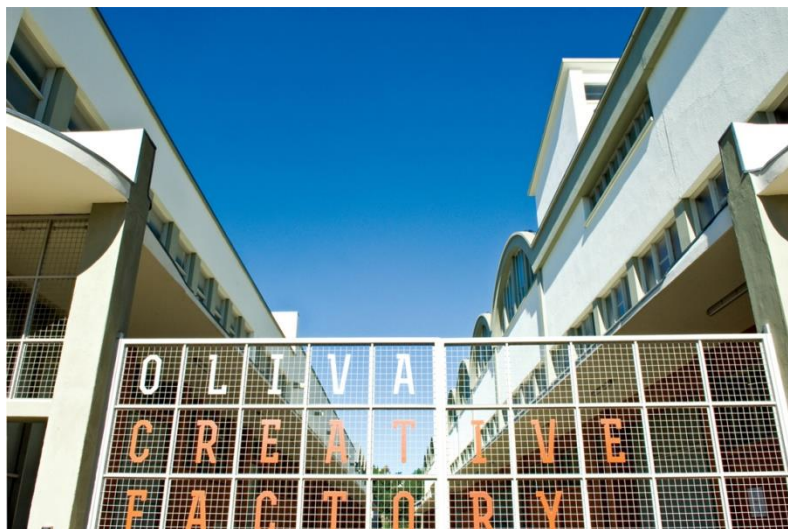
18. Painéis Deslizantes da Nave 16, El Matadero, Madrid. Autor: Roland Halbe (2007)

19. Nave 16, El Matadero, Madrid. Autor: Roland Halbe (2007)

<sup>23</sup> Descrição dos arquitetos in <URL: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitectura>> [Consultado em 12 de Junho de 2017]

## I.4. Oliva Creative Factory, São João da Madeira, 1925 – 2003

21. Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Carlos Cezanne (2015)

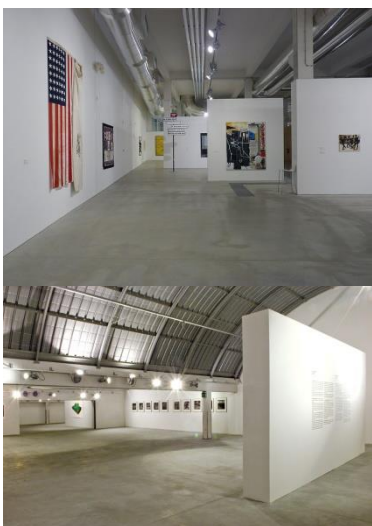


O presente caso de estudo insere-se no contexto de conversão de edifícios industriais devolutos, num *Business Center* e Centro de Artes, destinado a empresas e indústrias criativas.

*“(…) o edifício da fábrica Oliva é hoje, mais do que um legado da história da arquitetura industrial, o ponto de partida para uma nova etapa inspirada na audácia e nas realizações do passado.”<sup>24</sup> (Alexandra Novo, 2015)*



O edifício da *Olive Creative Factory*, cuja fundação assenta no empresário António José Pinto de Oliveira (1925), representa uma das maiores e inovadoras fábricas da indústria dedicada ao ferro. No final da década de noventa, após a aquisição da fábrica pelo grupo ITT- *International Telephone Corporation*, a fábrica Oliva encerra portas, iniciando o seu processo de abandono.



22. Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Carlos Cezanne (2015)

23. Núcleo de Arte: Espaço de exposições. Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Carlos Cezanne (2015)

É em 2013 que a fábrica recebe um projeto de reabilitação promovido pela Câmara Municipal de S. João da Madeira (Arquitetos Joaquim Milheiro e Maria João Leite), cuja reabilitação consistiu na conversão dos dois edifícios das Oficinas de Fabrico Gerais (pertencentes ao complexo industrial da Oliva), num espaço de Incubação de Negócios Criativos e espaço museológico, que promoviam a formação artística e o fomento da cultura da região.

<sup>24</sup> Novo, Alexandra – “Oliva Creative Factory” in *Attitude Interior Design Magazine*. [Consultado em 12 de Junho de 2017] Disponível na internet : <URL: <http://www.attitude-mag.com/pt/blog/portugal/2015-05-04-oliva-creative-factory/>>

A *Oliva Creative Factory*, adquire, assim um valor cultural, cujo lema é “*Criatividade a gerar negócio*”, fazendo alusão às indústrias criativas e ao poder económico que representam na sociedade contemporânea. O edifício disponibiliza um espaço de incubadora, completamente equipada e dotada de todos os serviços necessários, de empresas do setor criativo, nomeadamente da escultura, pintura, design, moda, software, *webdesign*, multimédia, arquitetura, entre outras, assim como possui um business centre destinado a empresas consolidadas, complementados com áreas comuns interdisciplinares, que apresentam características de partilha criativa e trabalho em comunidade (*coworking*), promovendo a interação social e colaboração na prática laboral. Estas áreas de reunião e convergência apresentam-se como espaços multiusos, oficinas, ateliers, residências artísticas, salas de ensaio e serviços de apoio. Contudo, mais que um edifício dedicado à comunidade, trabalho, formação e produção criativa, a *Oliva Creative Factory* também oferece espaços destinados a exposições permanentes, temporárias e outras áreas dedicadas à arte, nomeadamente uma escola de dança, espaços de eventos. Aplicando os conceitos de Indústrias Criativas e *coworking*, abordados nos capítulos anteriores.



**24.** Incubadora de Indústrias Criativas. Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Ana Pina (2015)

**25.** Sala de Reuniões. Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Carlos Cezanne (2015)



**26.** Espaço Incubadora de Indústrias Criativas, São João da Madeira. Autor: olivacreativefactory.com

O antigo edifício fabril apresenta espaços de características *open space*, e flexíveis através de uma distribuição feita pelo mobiliário fixo e móvel. Estes elementos temporários permitem o contato mínimo entre novos elementos construtivos e a estrutura pré-existente, permitindo uma intervenção mais económica, que preserva algumas características originais do edifício, através da consagração da memória do espaço. Os espaços de trabalho, multiusos e exposições definem-se como espaços maleáveis na sua distribuição interior, definindo a liberdade dos usuários de moldarem o espaço de acordo com a sua necessidade.

Este edifício possui uma estrutura em betão que implicou o reforço aquando a sua recuperação. A cobertura foi recuperada, sendo necessário – em situações pontuais – a incorporação de uma estrutura metálica que complementasse o suporte da cobertura. As fachadas exteriores receberam uma intervenção superficial, através da limpeza e reparação de patologias como fissuras e pintura danificada e as caixilharias também foram recuperadas. Os pavimentos e paredes interiores foram substituídos, deixando, porém, alguns elementos aparentes. A maioria dos acabamentos são betão aparente, madeira e reboco branco, expondo alguns elementos originais da estrutura fabril, assim como elementos técnicos como condutas de ventilação que tornam o espaço cru em simultâneo com a materialidade nova posterior à reabilitação do edifício.



**27.** Torre Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Carlos Cezanne (2015)



**28.** Piso 1 e Piso 2 - Torre Oliva Creative Factory, São João da Madeira. Autor: Joaquim Milheiro e Maria João Leite (2013)

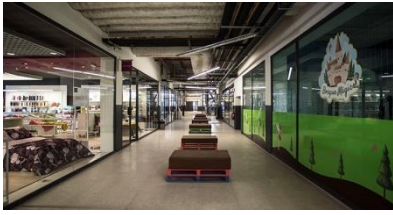
### I.5. Fábrica ASA, Guimarães, 1946



29. Fábrica ASA, Guimarães. Autor: FPGUIMARÃES (2016)

O presente caso de estudo insere-se no contexto de reabilitação de edifícios industriais devolutos e sua conversão em diversos usos, através de espaços que apresentem flexibilidade e cariz temporário.

O edifício *Fábrica ASA* foi construído em 1946 com o objetivo de servir a produção Têxtil da região. Em 2006 o processo de produção é realocado, reduzindo as instalações da fábrica à função de armazém e espaço de lojas *Outlet*. É só em 2011 que a antiga Fábrica ASA recebe um novo programa, ao encargo dos arquitetos Balonas e Menano, adaptando-se o antigo espaço industrial a novos espaços sob o conceito “RE-MADE BY YOU”, cujo objetivo é dinamizar as plataformas empresariais e sinergias criativas, através de um conceito de comunidade, apresentando um espaço multidisciplinar e multifuncional, ocupado por escritórios, comércio, restauração e espaços dedicados à produção e divulgação cultural.



30. Galeria comercial, Fábrica ASA, Guimarães. Autor: FPGUIMARÃES (2016)

31. Nave de exposições temporária, Fábrica ASA, Guimarães. Laboratório de Curadoria. Autor: Paulo Mendes (2012)

“A Fábrica ASA é uma cidade dentro de Guimarães”<sup>25</sup>, afirma o contém diversos serviços de apoio às atividades laborais e recreativas que tomam lugar no espaço pós-industrial, incluindo espaços de comércio com horário alargado, estúdios de música, *Freepass* Guimarães fazendo referência às diversas funções que ocupam o antigo espaço industrial. De facto, assim o é, a *Fábrica ASA* apresenta-se como um *hub* internacional e artístico de cabeleireiro, pistas de *slot-cars*, campos de futebol *indoor*, restaurantes, ginásios e uma série de salas e espaços destinados ao arrendamento, como elementos de suporte financeiro do edifício.

Contudo, a função essencial da *Fábrica ASA* está na sua caracterização como uma plataforma criativa e cultural, fornecendo espaços de cariz temporário que promovam a ocupação de indústrias criativas ou outros eventos culturais. Um exemplo está na ocupação temporária do Laboratório de Curadoria que “*desafia os artistas, arquitetos, curadores, escritores, investigadores e designers, que no âmbito da Capital Europeia da Cultura passarem por Guimarães em 2012, a realizarem intervenções físicas, residências, palestras ou ações performáticas.*”<sup>26</sup> Este Laboratório apresenta-se distribuído por diversos espaços centrais da fábrica, nomeadamente a nave central, duas salas de exposição, uma sala de ensaios e uma *black box*, exibindo o conceito de flexibilidade e efemeridade na arquitetura, através de um projeto temporário e colaborativo na construção do espaço.



32. Fábrica ASA, Guimarães. Laboratório de Curadoria. Autor: Hardmusica (2012)

<sup>25</sup> “Fábrica ASA é uma cidade dentro de Guimarães” in *Freepass Guimarães* <URL:

<https://www.fpguimaraes.pt/fabricaasaemacidadedentrodeguimaraes/> > [Consultado em 12 de Junho de 2017]

<sup>26</sup> “Laboratório da Curadoria na Guimarães 2012” in *Jornal Hard musica*. Disponível online <URL: [http://arquivo.hardmusica.pt/noticia\\_detalhe.php?cd\\_noticia=12171](http://arquivo.hardmusica.pt/noticia_detalhe.php?cd_noticia=12171) [Consultado em 12 de Junho de 2017]

Este espaço pretende promover a reflexão e a liberdade no processo criativo, através da colaboração na construção de um espaço acessível a todos que, porém, permita ter a liberdade de alteração e desmantelamento, posterior, dos espaços criados. Este é um projeto que utiliza a estrutura da fábrica como um invólucro, colocando diversas “caixas” de forma a definir o espaço, utilizando um conceito de *open space* com ocupação de volumes esporádicos. A materialidade escolhida para o volume principal é a madeira, um material sustentável e de montagem simples que servirá como um espaço de residência, comunhão e copa dos membros do grupo artístico.



**33.**Fábrica ASA, Guimarães.  
Laboratório de Curadoria. Autor:  
Alexander Romer (2012)

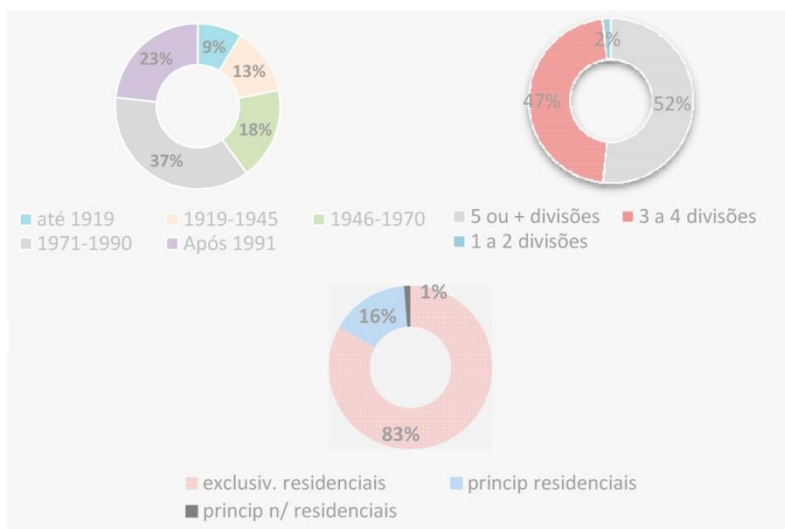
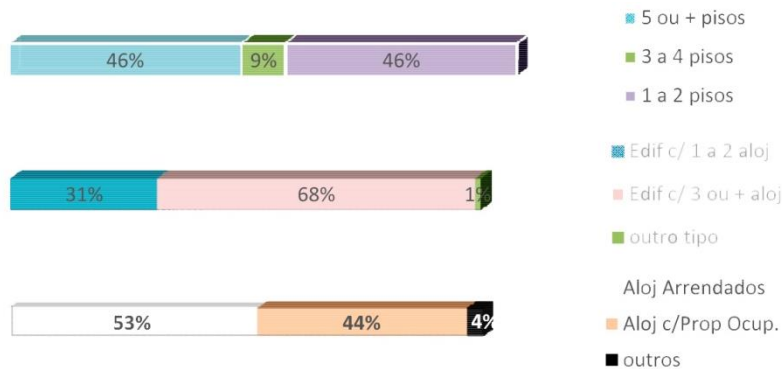


## Anexo II - Análise Demográfica

Procurando conhecer melhor a demografia que caracteriza o Braço de Prata, aprofundou-se a análise social elaborada no capítulo 1. **TERRITÓRIO, LUGAR E OBJETO**. Para além de relatos na primeira pessoa, também existem valores demográficos que caracterizam os lugares, sendo possível determinar o tipo de população predominantes, fazendo recurso aos dados disponibilizados pelo INE (Instituto Nacional de Estatística) e pela Câmara Municipal de Lisboa.



34. Planta de Localização da Freguesia Marvila. Autor: Câmara Municipal de Lisboa

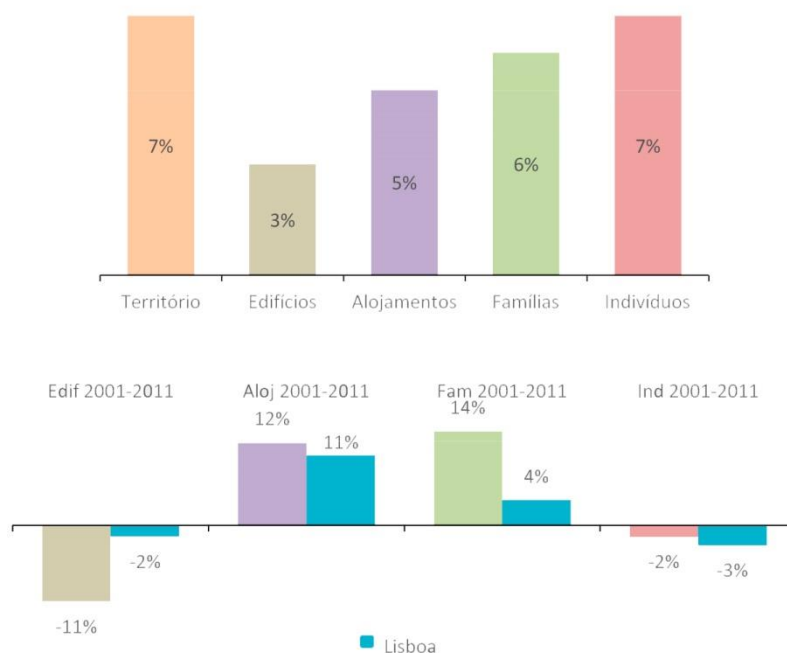


35. Enquadramento da Freguesia no Contexto da Cidade. Autor: Câmara Municipal de Lisboa

Marvila contém um limite constante no território, fazendo fronteira com as freguesias Parque das Nações, Olivais, Alvalade, Areeiro e Beato. A freguesia apresenta uma área total de 6,23 km<sup>2</sup>, cuja ocupação territorial – no contexto da cidade de Lisboa – é de 7%. A população total em 2011 era 37.794 (17945 Homens contra 20157 Mulheres), com um edificado total de 16.528 alojamentos.

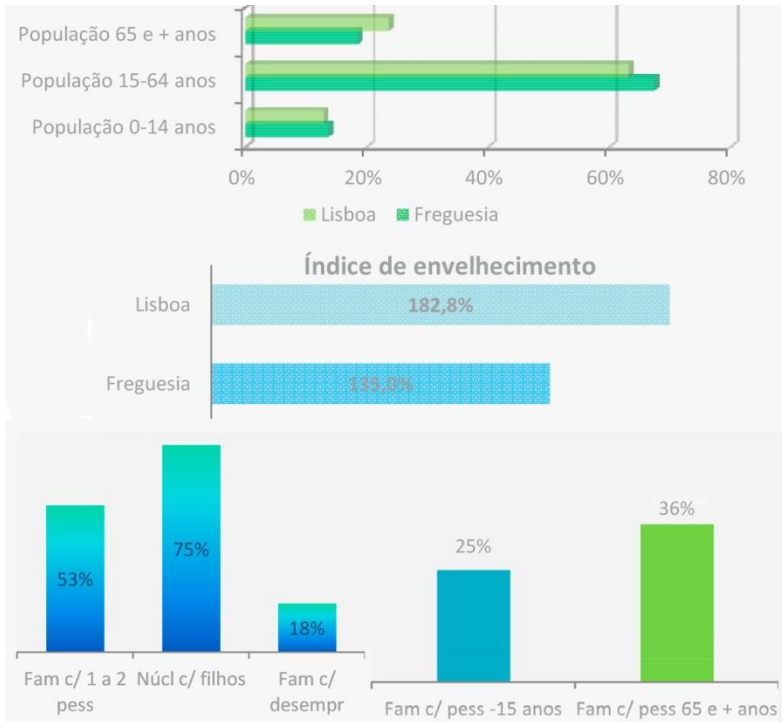
A evolução de Marvila – medida no período entre 2001 e 2011 – apresenta-se idêntica à evolução da cidade no mesmo período, contudo, Marvila perde mais que a cidade em quantidade de edifícios (-11%) obtendo, porém, mais alojamentos através da construção em altura (11%). O número de famílias também aumentou (14%).

Maioria do edificado teve construção entre 1971 e 1990 (37%), adequando-se ao período de maior desenvolvimento industrial da freguesia. Este edificado apresenta-se com uma variação – em altura – empatada entre 1 a 2 pisos (46%) e 5 ou mais pisos (46%), sendo um edificado com predominância de função exclusivamente residencial (83%), apresentando uma percentagem de 16% de edificado exclusivamente não residencial (nomeadamente as áreas industriais do Braço de Prata). Maior parte das residências possui 3 ou mais alojamentos (68%), constituídos maioritariamente por 5 ou mais divisões (52%), ou de 3 a 4 divisões (47%).



36. Características do Edificado.  
Autor: Câmara Municipal de Lisboa

Quanto às características principais da população, esta é uma população com cerca de 60% de indivíduos entre os 15 e 64 anos, seguindo-se de 25% de população com mais de 65 anos, para uma população menor de 0 a 14 anos (15%), afirmando que é uma freguesia enquadrada no contexto da cidade, cuja maioria da população residente compreende idades entre os 15 e 64 anos, caracterizando-se como a classe trabalhadora. Contudo, a percentagem de idosos é superior ao contexto da cidade (25% contra 18%) enquanto que as camadas jovens apresentam uma percentagem menor que a cidade (60% contra 65%), sendo uma freguesia com mais população envelhecida. Apesar do índice de envelhecimento da freguesia é inferior (135% contra 182m6%), a população residente apresenta uma variação (entre 2001 e 2011) de – 19% do grupo etário de 15 a 24 anos em oposição a um aumento de 5% da população de 25-64 e de 25% da população com 65 anos ou mais, entendendo-se a mudança/ saída da freguesia, por parte das camadas jovens.



37. Características da População  
 Autor: Câmara Municipal de Lisboa

Maioria da população tem apenas o 1º Ciclo do Ensino Básico (30%), apresentando valores aproximados de níveis de educação como 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico (13%, 16% e 11% respetivamente), destacando-se a maioria de população com menos qualificações literárias, o que sugere não apenas uma predominância de residentes idosos, assim como a tradição escolar transmitida por essas famílias. Neste contexto familiar, a Marvila apresenta uma maioria de famílias com filhos (75%) em oposição a 53% de famílias constituídas com 1 a 2 membros. Estas famílias apresentam uma maioria de pessoas com mais de 65 anos (36%) e oposição a famílias com crianças e adolescentes (25%) revelando, contudo, a proximidade percentual entre estes tipos de família.

A freguesia possui uma constante demográfica em concordância com a cidade, contudo, perante o aumento das camadas idosas em oposição às camadas mais jovens, a freguesia carece de polos que atraiam população mais jovens, permitindo o desenvolvimento da freguesia e a maior ocupação de edificados sem alojamento, assim como necessita de equipamentos de educação que permitam a proximidade das famílias a escolas, promovendo a melhor qualidade educacional.



## Anexo III – Levantamento Fotográfico

“A TABAQUEIRA”: PISO 0 (2017)



38. Entrada principal do edifício “A Tabaqueira”



39. Fachada Norte e fachada Oeste



40. Interior da Nave Norte (Local onde se implanta a livraria no



41. Interior da Nave Oeste (Local onde se implanta a “Sala de Leitura” no projeto)

**42.** Antigo espaço de bar da Associação Social e Desportiva da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata



**43.** Antigo espaço de reunião e refeição da Associação Social e Desportiva da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (Local onde se implanta as lojas da Nave Oeste, no projeto)



**44.** Antigo espaço desportivo e multifuncional da Associação Social e Desportiva da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (Local onde se implanta as o pavilhão multiusos, no projeto)





**45.** Antigo espaço desportivo e multifuncional da Associação Social e Desportiva da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata (Local onde se implanta as o pavilhão multiusos, no projeto)



**46.** Interior da Nave Este. (Local onde se implanta a cafetaria, no projeto)



**47.** Interior da Nave Este. (Local onde se implanta a cafetaria, no projeto)

48. Interior da Nave Este. (Local onde se implanta a restauração, no



49. Interior da Nave Este. (Local onde se implanta a restauração, no



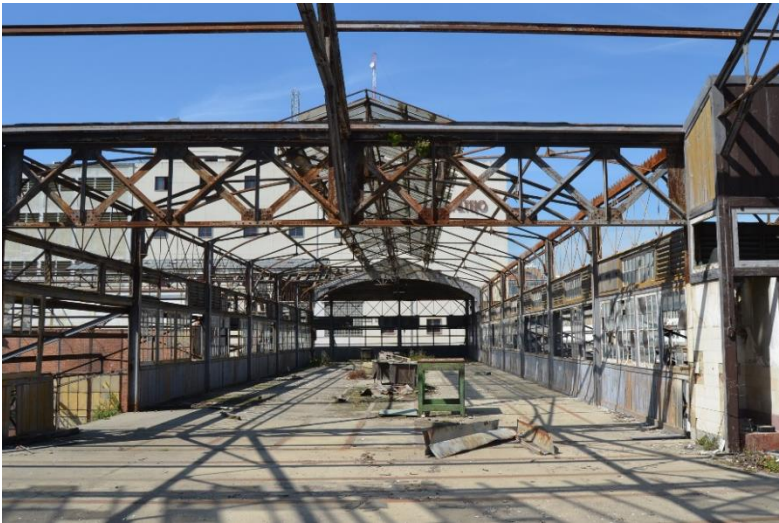
50. Interior da Nave Este. (Local onde se implanta o comércio, no projeto)



“A TABAQUEIRA”: PISO 1 (2017)



51. Interior da Nave Este. (Local onde se implanta o Jardim Interior, no projeto)



52. Interior da Nave Norte. (Local onde se implanta a Nave de Aprendizagem e Relaxamento, no projeto)



53. Interior da Nave Este. (Local onde se implanta a Nave de Trabalho, no projeto)

54. Interior da Nave Oeste. (Local onde se implanta serviços e áreas técnicas, no projeto)



55. Interior da Nave Oeste: Antigo Pavilhão da Empresa Industrial Portuguesa



56. Interior da Nave Oeste: Antigo Pavilhão da Empresa Industrial Portuguesa



“A TABAQUEIRA”: ELEMENTOS CONSTRUTIVOS E ESTRUTURA (2017)



57. Estrutura e Alvenaria original de novos elementos



58. Pano de alvenaria original em parede exterior

59. Pilares centrais localizados na Nave Este



60. . Pilares centrais localizados na Nave Este



61. Fixação do pilar à viga





62. Estrutura de cobertura. Nave Oeste



63. "Palco" junto à Nave Sul. Introdução de paredes novas



64. Detalhe da ligação

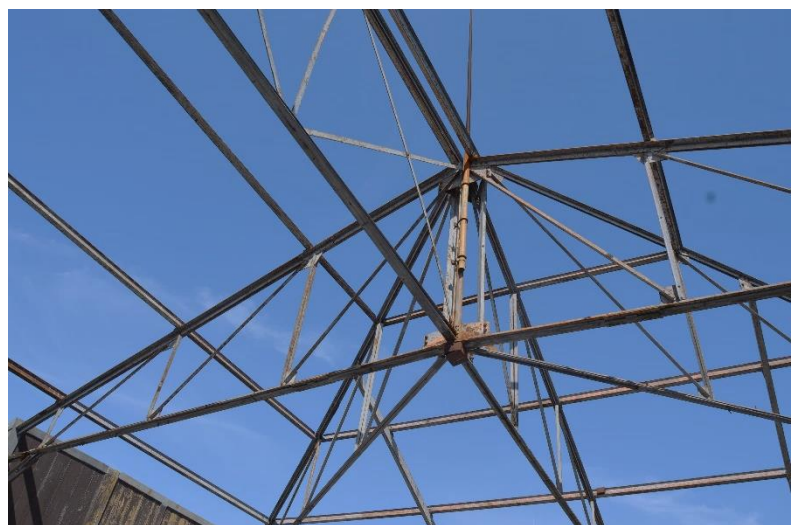
65. Encaixe de asna no piso 1



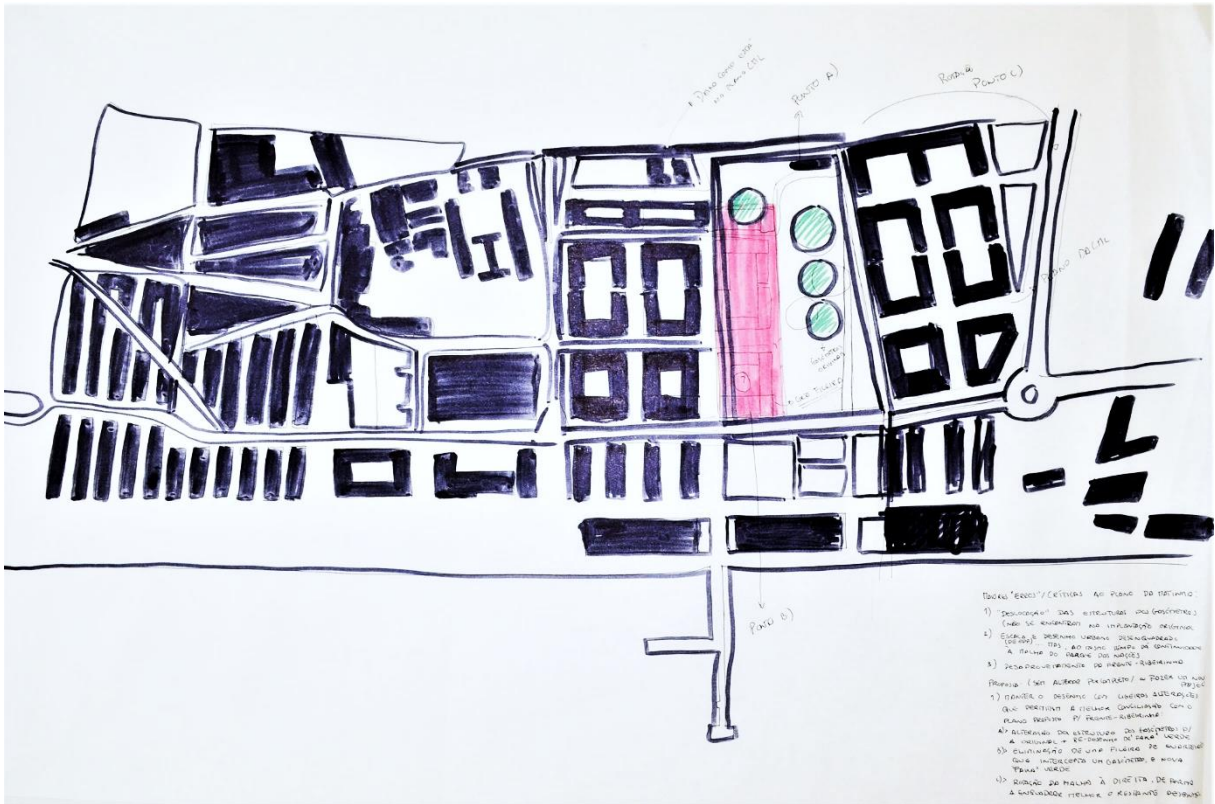
66. Estrutura de cobertura, vista do piso 1



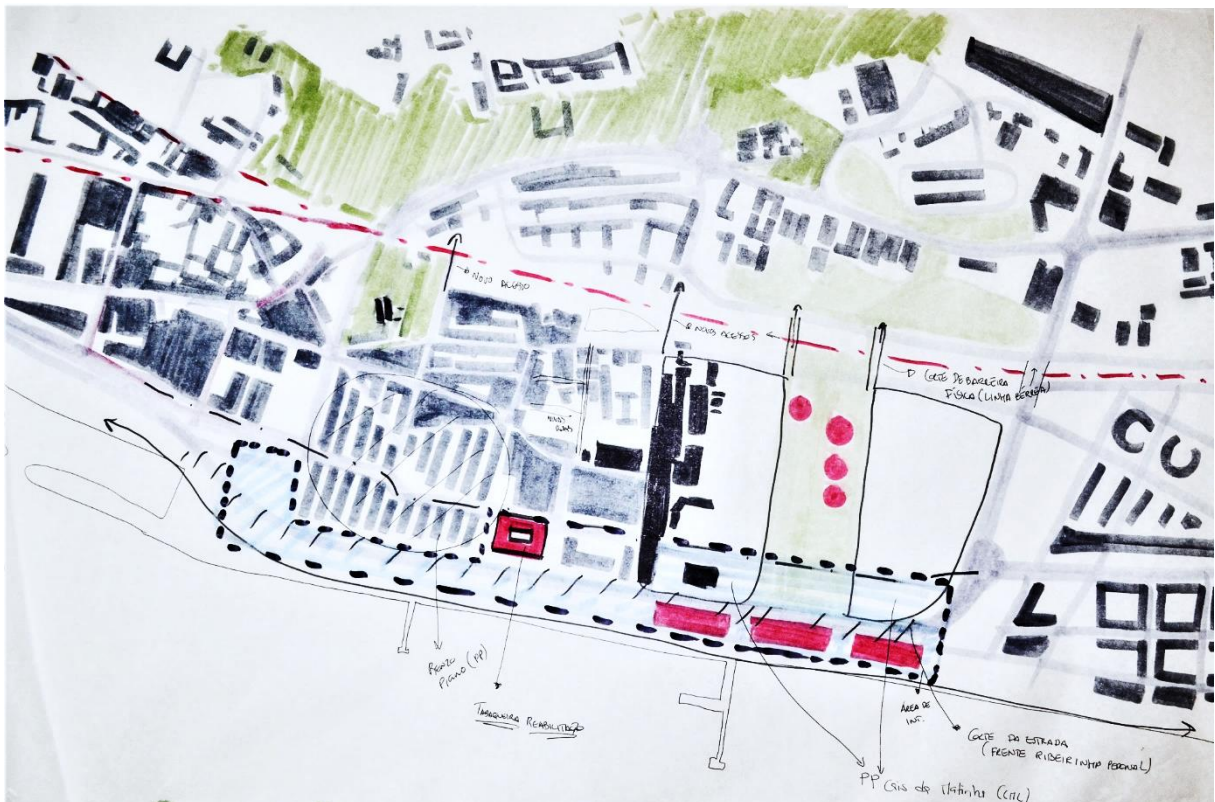
67. interseção de asnas. Nave Este



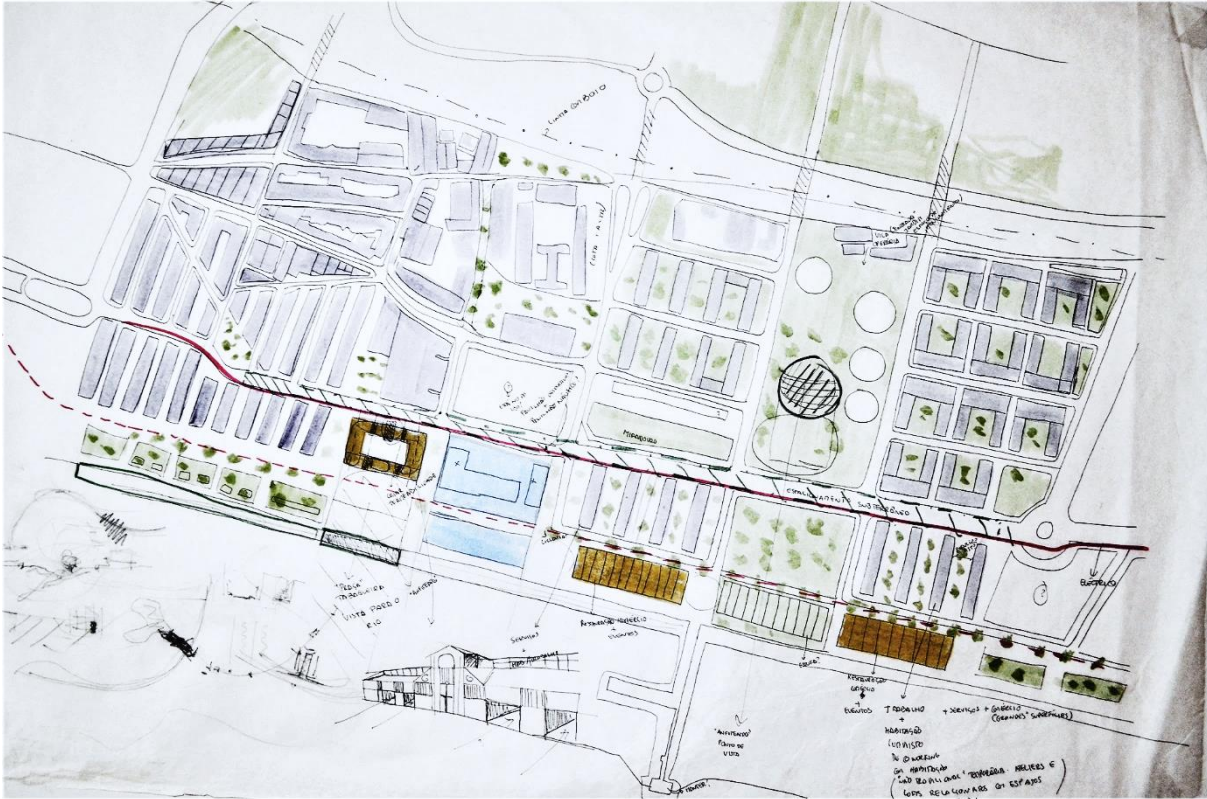
Anexo IV – Processo de Trabalho



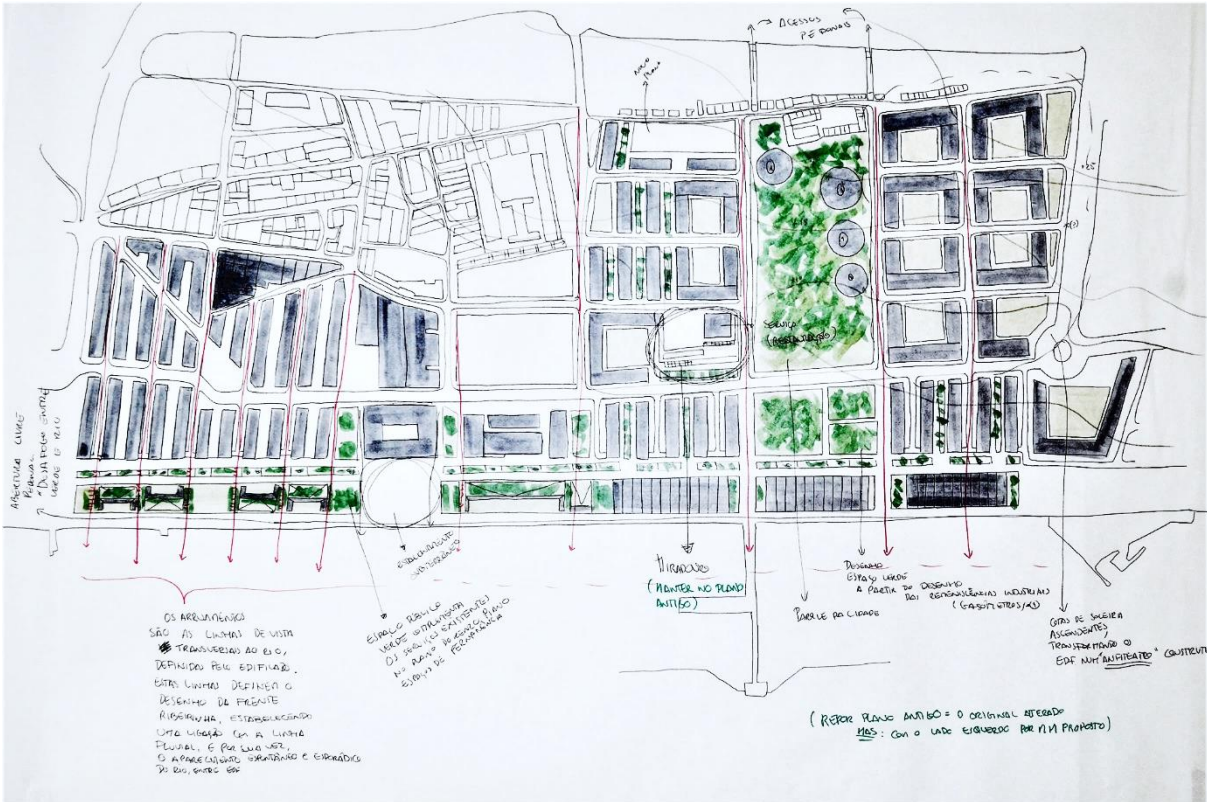
68. Levantamento do Lugar incluindo os Planos de Pormenor pré-existent



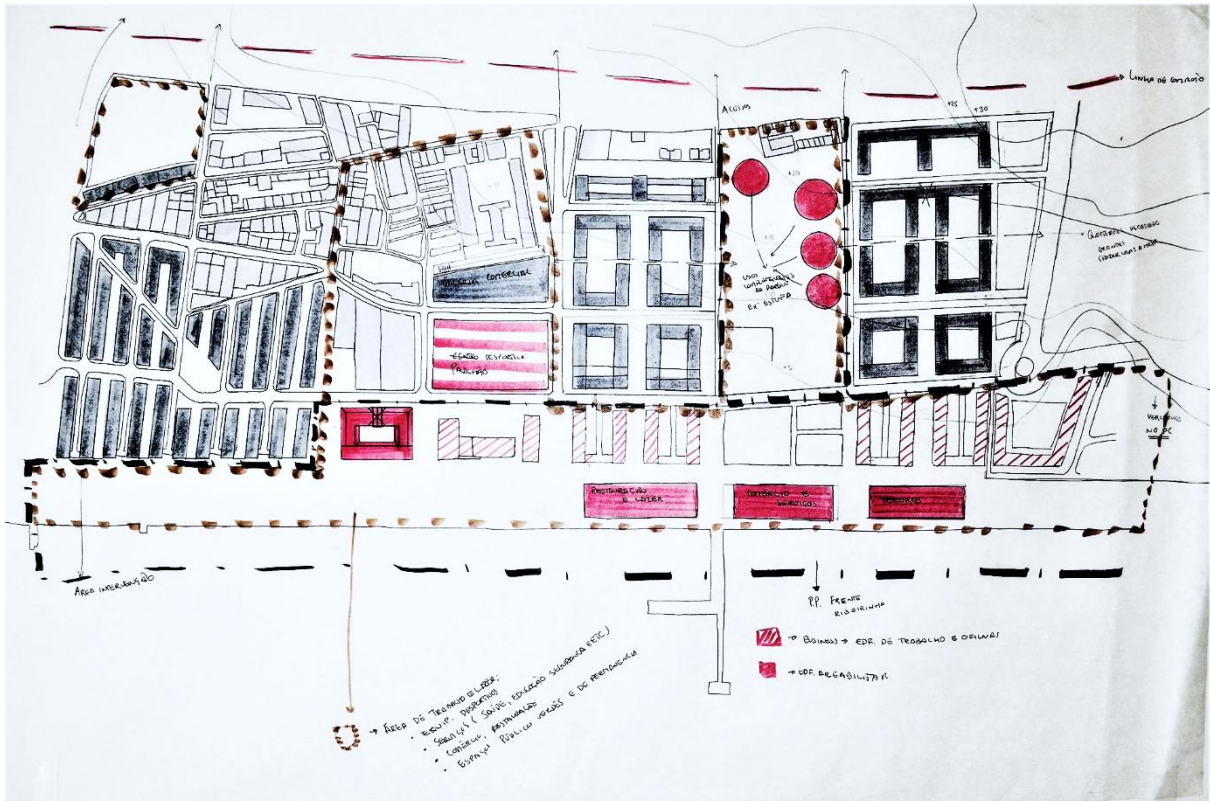
69. Estratégia Urbana



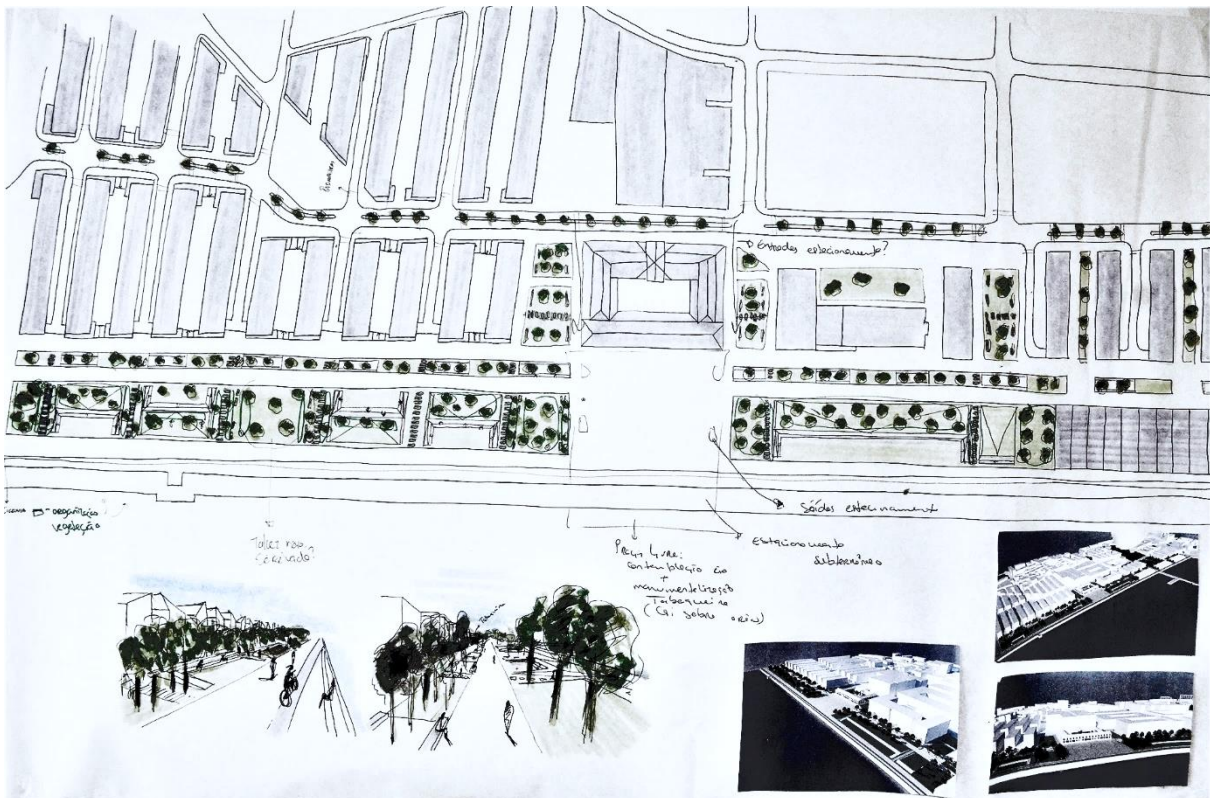
70. Primeiro estudo do projeto urbano



71. Planta de projeto urbano inicial



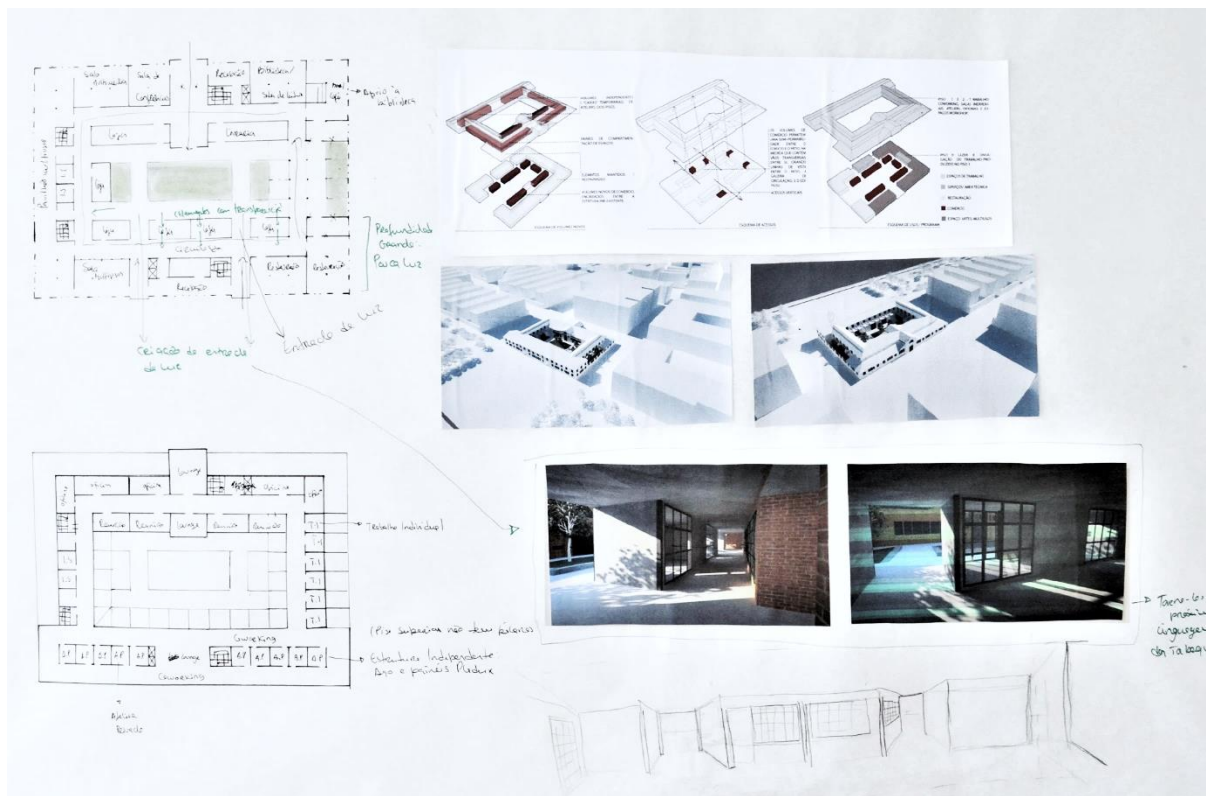
72. Planta de projeto urbano



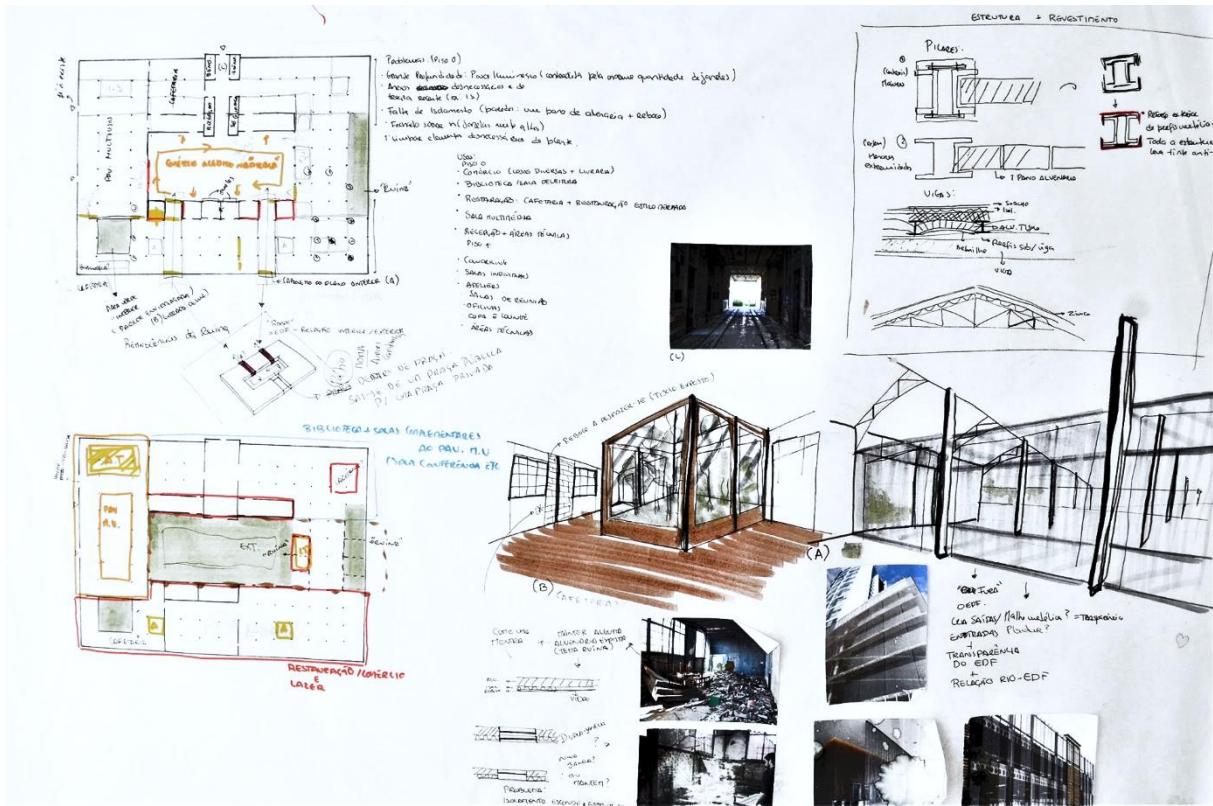
73. Planta de projeto de requalificação da frente-ribeirinha



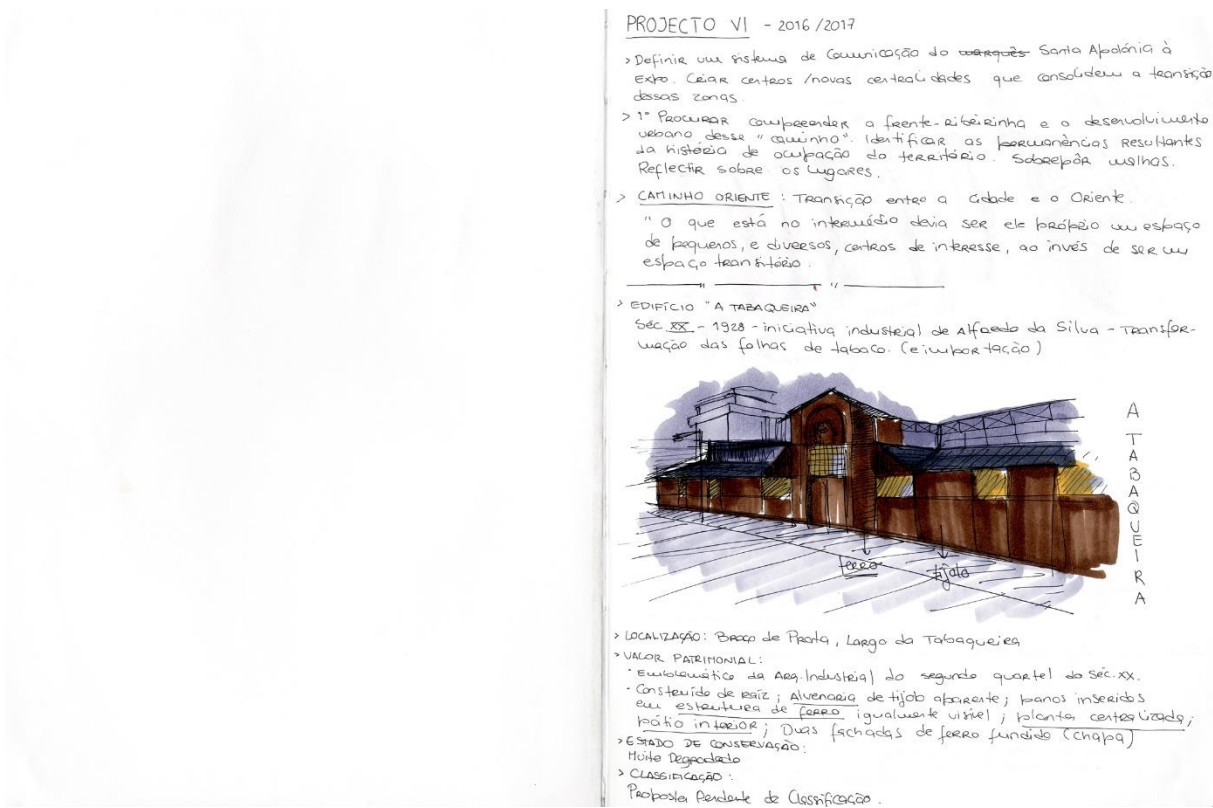
74. Levantamento fotográfico e gráfico do edifício “A Tabaqueira”



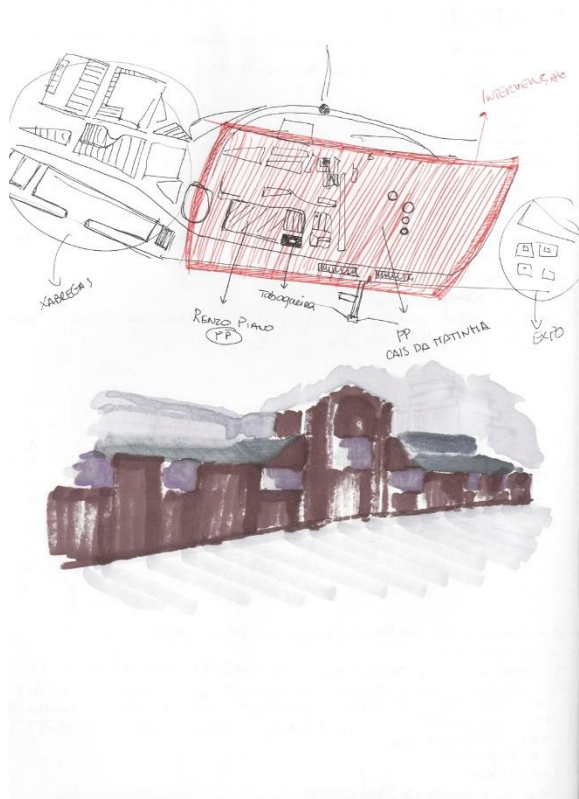
75. Plantas e esquemas iniciais de projeto arquitetônico.



76. Plantas e esquemas iniciais de projeto arquitetónico.



77. Primeiro esboço e análise do tema de Projeto Final de Mestrado



CATINHO ORIENTE:

- > Pesquisar iconografia (fotografias, gravuras, pinturas);
- > Ver PDMs ou PPs;
- > Procurar estratégias e projectos já existentes;
- > Topografia e identificar a indústria e espaços verdes (públicos)
- > Pesquisar a história das fábricas / história territorial;
- Como é que a cidade reagiu ao progresso industrial?
- > Circulações, Comboios, água, história, bibliografia e micro-estratégia (depois).
- Qual o impacto das fábricas na cidade?

EVOLUÇÃO DA CIDADE - DESENVOLVIMENTO / HISTÓRIA TERRITORIAL

Lugar: Braço de Prata

Análise Fato:

Fofoes:

- > Proximidade ao rio
- > Lugar Resolvidora
- > Museu Industrial
- > Porto de Lisboa
- > Zona Ribeirinha

Atéras:

- > Risco de Inundação
- > "Exoto urbano" para os subúrbios

Facos:

- > Rede de Transportes públicos deficitária
- > Segregação Urbana com a zona norte (Cabo Ruivo) e Oeste (Chelas)
- > Excessiva área devoluta
- > Estrutura viária insuficiente
- > População envelhecida (e baixa)
- > Ausência de espaços de recreação (evidenciado por pouco espaço público)

Oportunidades:

- > Fazis urbanos / Terras esportantes
- > Preservação e reaproveitamento do Património Industrial
- > Conexão com o Rio
- > Criação de nova centralidade
- > Requalificação urbana + Requalificação da estrutura viária
- > Diversidade de novos usos + Diversificação de novos espaços
- > Consolidação da zona Ribeirinha

78. Análise inicial do território e do Lugar

PERMANÊNCIAS BRAÇO DE PRATA:

- > Alguns edifícios tipo quarteirão
- > José Domingos Barreiro e Companhia: Rua Teófilo Pátio - Património
- > Sociedade Comercial Atal Pereira da Fonseca - imóvel de interesse público
- > Tabaqueira - Património
- > Silos da Petroquímica / Cais da Tatinha
- > Edifício GNR

FRENTE RIBEIRINHA - USOS:

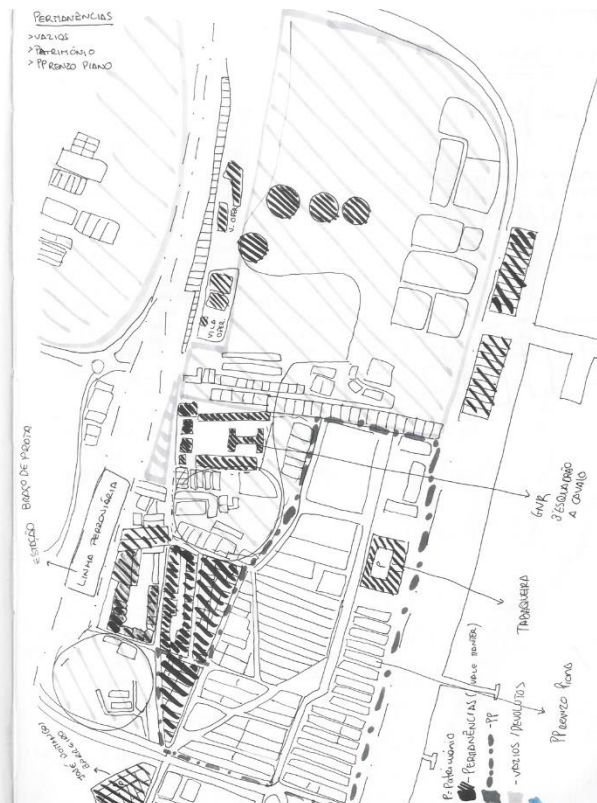
EQUIPAMENTOS QUE COMPLEMENTEM OS PROJECTOS DE RESIDÊNCIAS HABITACIONAIS:

- SERVIÇOS: SAÍDA ~~DE~~ (CINEMAS?)  
DIVERTIR PARA IDOSOS E CRIANÇAS / EDUCAÇÃO (L...)  
RESTAURAÇÃO (CAFÉ)
- Comércio (Respeito)
- EQUIPAMENTO DESPORTIVO / TURISMO
- LOCAIS DE TRABALHO / BUSINESS ÁREA
- EQUIPAMENTO CULTURAL (TABAQUEIRA): Área = 4.355,7m<sup>2</sup> + 7.302,9m<sup>2</sup> TRABALHO + Lazer
- 1) Espaço comunitário relacionado com áreas que complementem os locais de lazer
- 2) Espaço múltiplos
- 3) Restauração
- 4) Serviços complementares

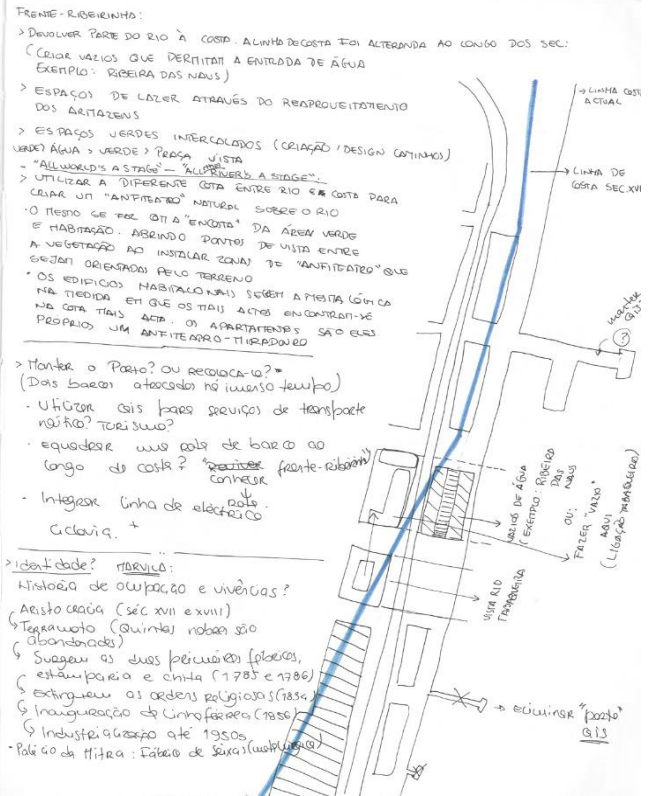
1º PISO 1:

- 1) SALAS DE TRABALHO INDIVIDUAL E DE TRABALHO COLECTIVO "FREE LANCE" (2º andar)
  - CO-SPACES (OPERACIONAIS): FERRAGENS / TECNOLOGIAS (OFICINAS)
  - SALAS DE REUNIÃO - WORK: ETC.
  - ESPAÇOS PARA ATELIEIS: PINTURA / ARQUITECTURA / DANÇA / FOTOGRAFIA / ESCULTURA / PLANTAS (EMPRESAS) / FÍSICA / (ALGOU ABRIGADO AO PÚBLICO)
- 2) ATELIEIS DE PERFORMANCE (1º PISO)
  - SALAS DE WORKSHOPS / OFICINAS AO PÚBLICO
  - SALAS QUE PODERIAM TER EXPOSIÇÕES / CONFERÊNCIAS / EVENTOS (FEIRAS, ETC) - MÚLTIPLOS
- 3) PISOS - PLUVIO: RESTAURAÇÃO SERVE O LATER DO PÚBLICO E DEPOIS QUE TRABALHAM
- 4) BIBLIOTECA = RESTAURAÇÃO + ARQUIVO ABERTO 1º PISO
- 5) SALAS DIRETAMENTE RELACIONADAS COM OS ESPAÇOS DE TRABALHO:
  - LOCAIS DE TRABALHO A VENDA DE PRODUTOS ETC (1º PISO)
  - PINTURA / FOTOGRAFIA / MÚSICA / ESCULTURA
  - LOCAIS QUE COMPLEMENTEM ESSAS ÁREAS: PRODUTOS DE PINTURA / ARQ / ESCULTURA / FOTOGRAFIA / INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS MÚSICA

> Integrar a memória e pré-existência da Tabaqueira. Estão até a indústria (e Sawn wood / Sawn halls) onde o museu é ele próprio. Cada espaço contém administrativos da Tabaqueira.



79. Análise de usos do Lugar



80. Estratégias urbanas iniciais

USOS TABAQUEIRA:

ESPAÇO TRABALHO + LAZER. TUDO O QUE É PRODUZIDO PODE SER VENDIDO; EXPOSTO, APRESENTADO NO MESMO ESPAÇO. COMPONENTE PRIVADA + PÚBLICO

1500m<sup>2</sup>

4.529m<sup>2</sup>

ESPAÇO PÚBLICO:

RESTAURAÇÃO (SERVE PÚBLICO E TRABALHADORES) + BAR

SALA MULTIUSOS: EXPOSIÇÃO, EVENTOS (FEIRAS, ETC) CONFERÊNCIAS

AMFITEATRO

↳ DIRECTAMENTE RELACIONADOS COM O TRABALHO

LOJAS QUE ENVOLVAM A VENDA DO QUE É PRODUZIDO:

- PINTURA, FOTOGRAFIA, MÚSICA

LOJAS QUE COMPLEMENTEM AS ZONAS DE TRABALHO:

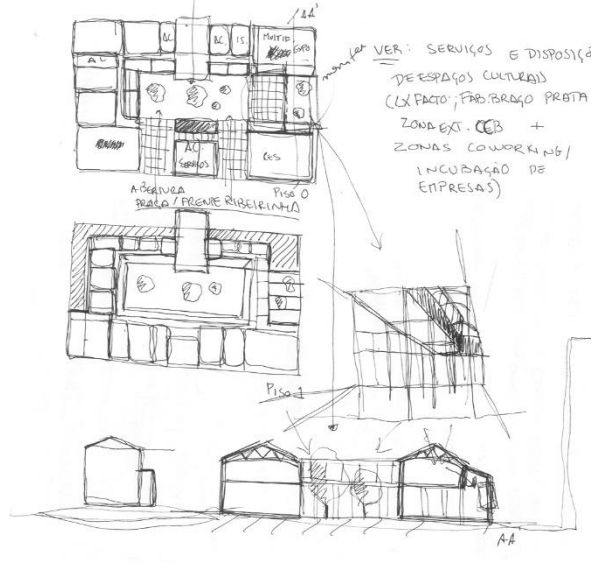
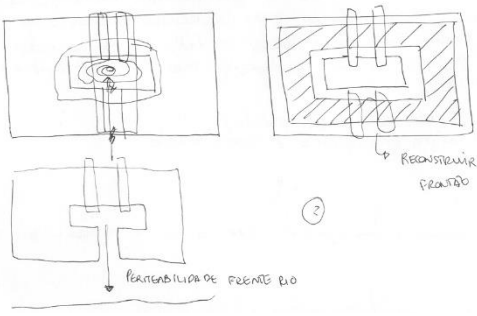
- VENDA DE PRODUTOS PARA PINTURA, FOTOGRAFIA, MÚSICA (INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS)

LOJAS DE EXTERIORES / PRIVADOS

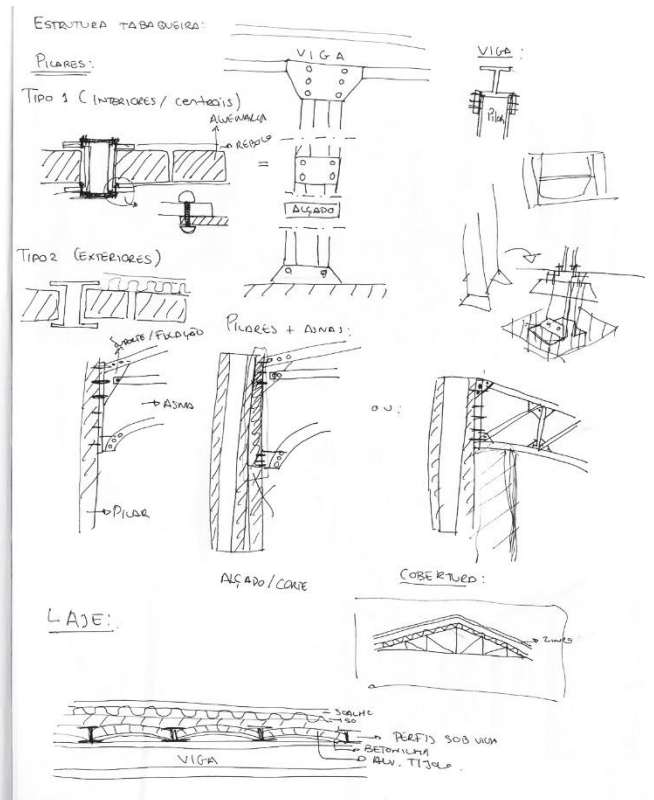
AMFITEATRO

ISO 1: (5.330m<sup>2</sup>) (2,060m<sup>2</sup>)

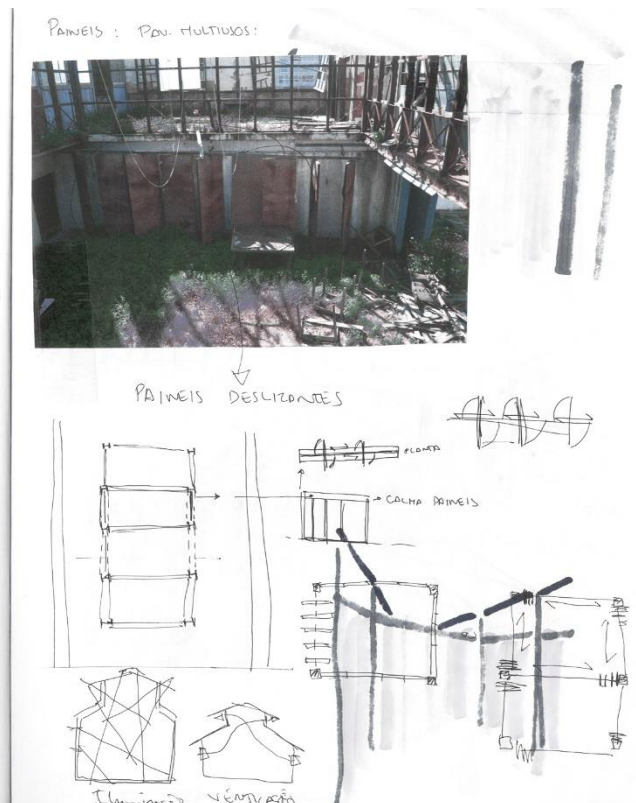
- SALAS DE TRABALHO "INDIVIDUAL" (1 ÚNICA EMPRESA) (ATELIERS)
- SALAS DE TRABALHO COLECTIVO (COWORKING + FREE LANCERS)
- LABORATÓRIOS (ESPAÇOS COMPLEMENTARES P/ FOTOGRAFIA)
- OFICINAS COMPLEMENTARES
- BIBLIOTECA / LUNARIA + ARSUNA ARTE(?) (+ zona snack / bar?)
- ESPAÇOS P/WORKSHOP O TRABALHO AVULSO (24h?)



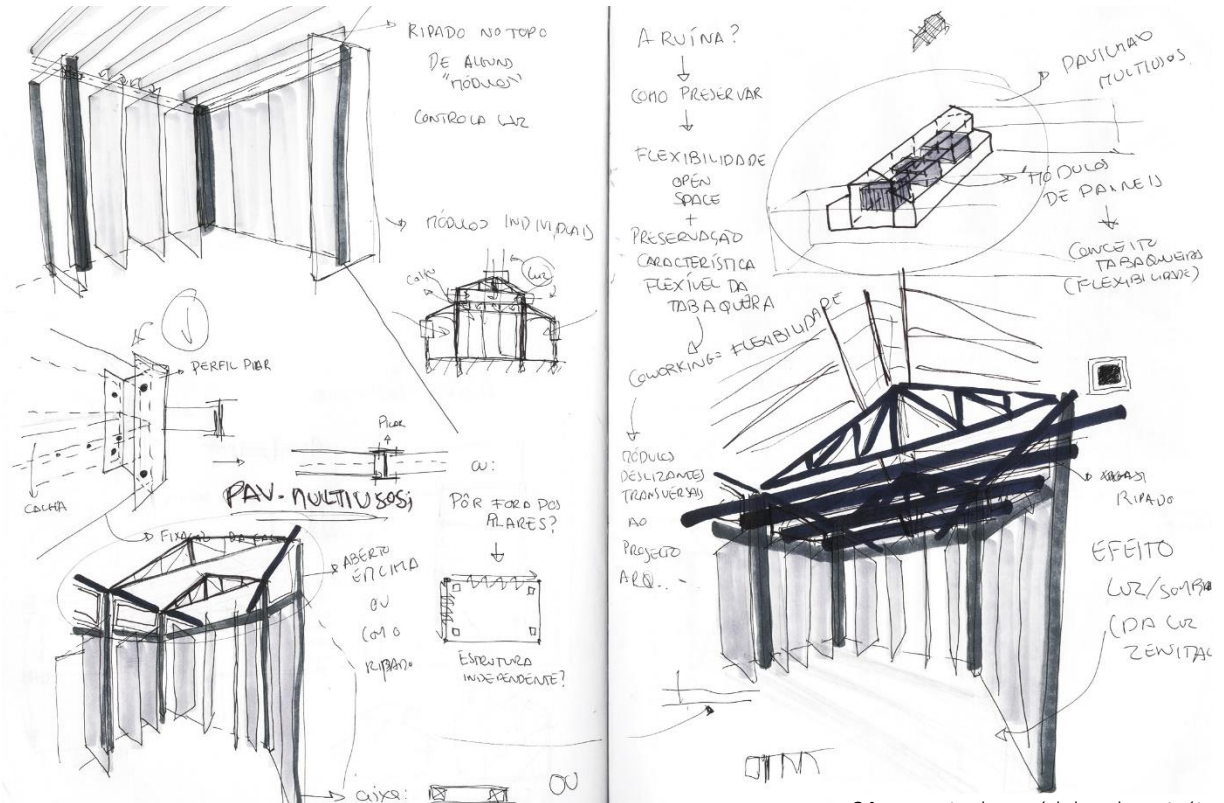
81. Esboço inicial de projeto arquitetónico

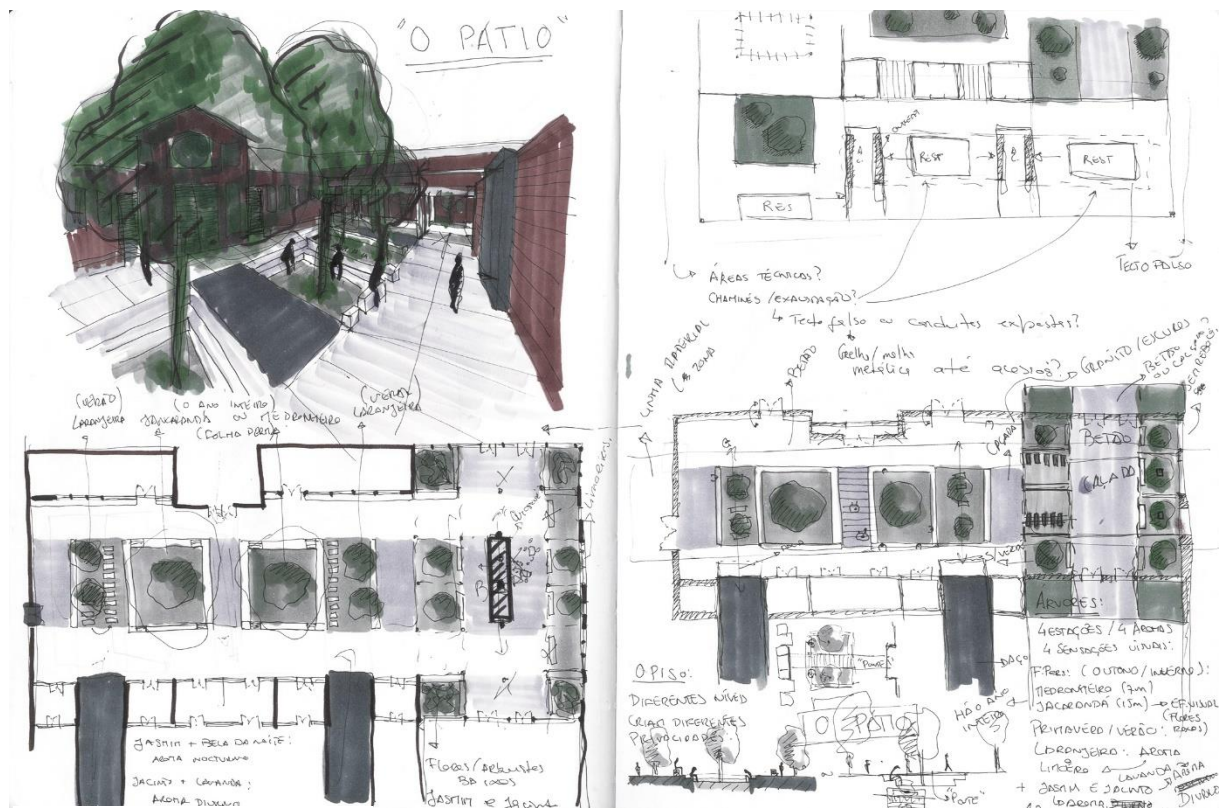


82. Levantamento de elementos estruturais e construtivos do edifício “A Tabaqueira”

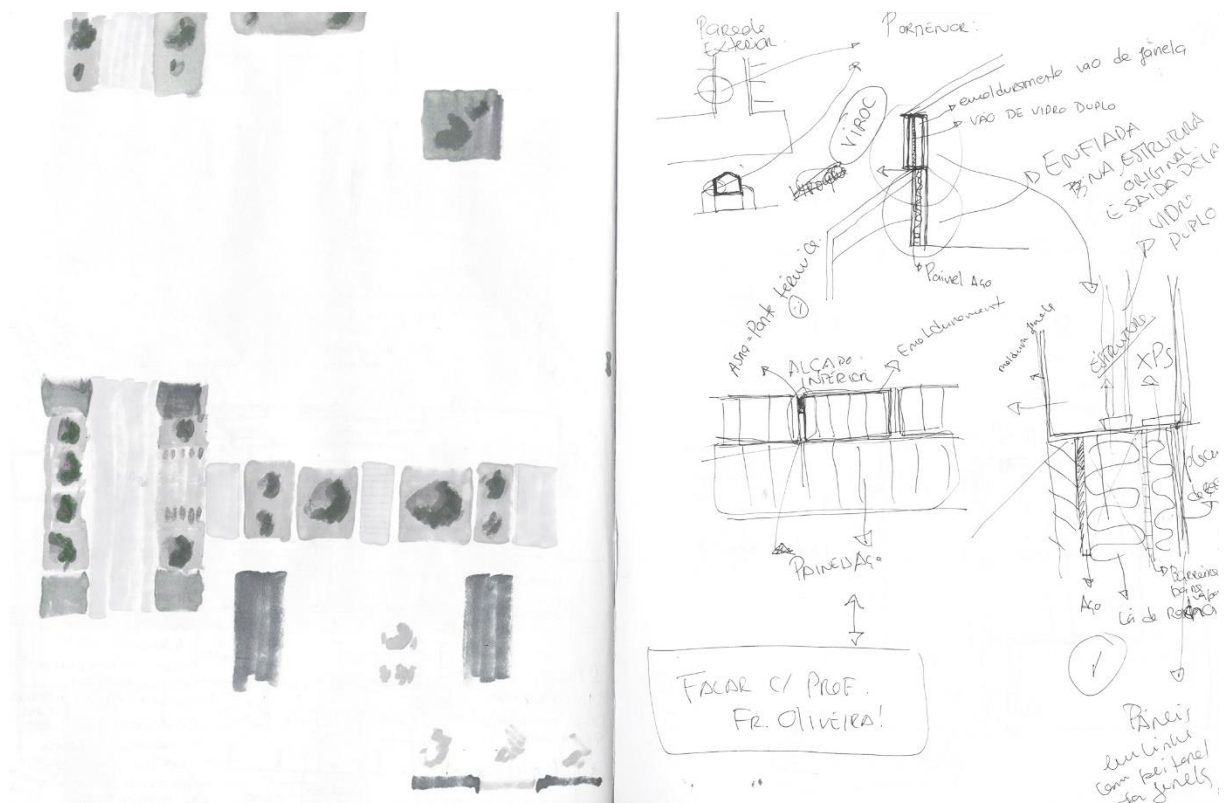


83. Croquis de estudo da iluminação e distribuição do pavilhão multiusos

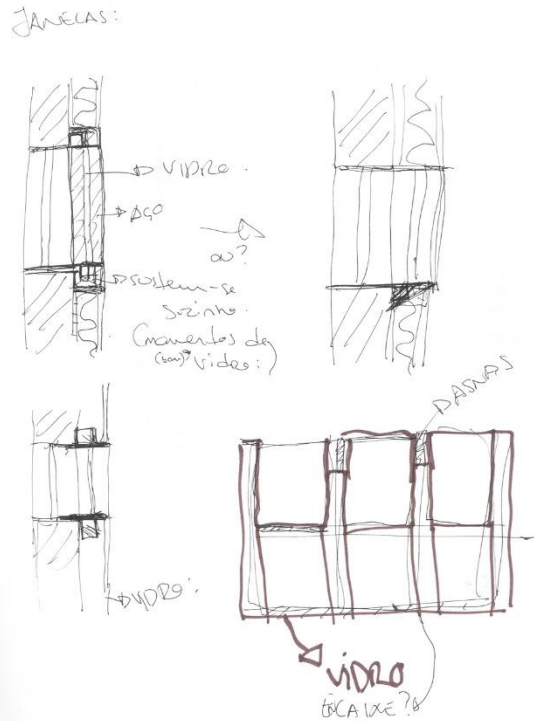
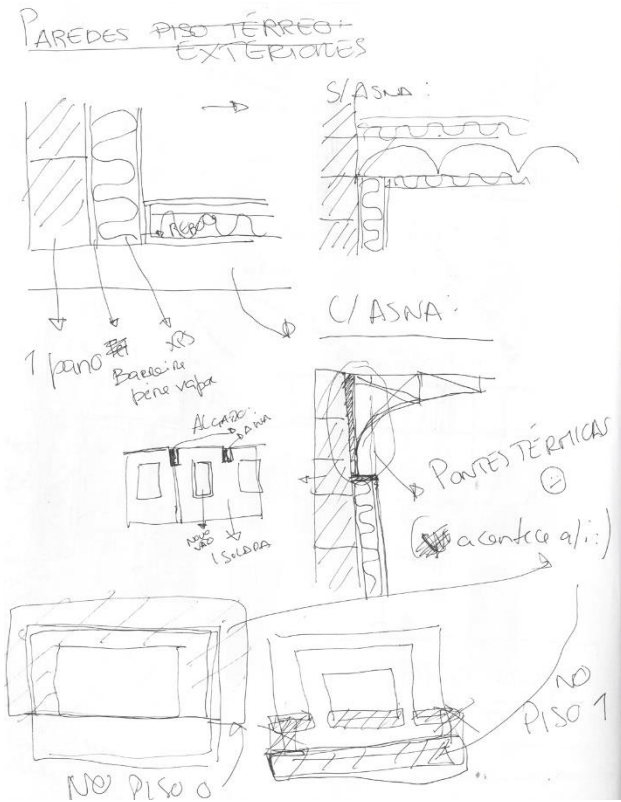




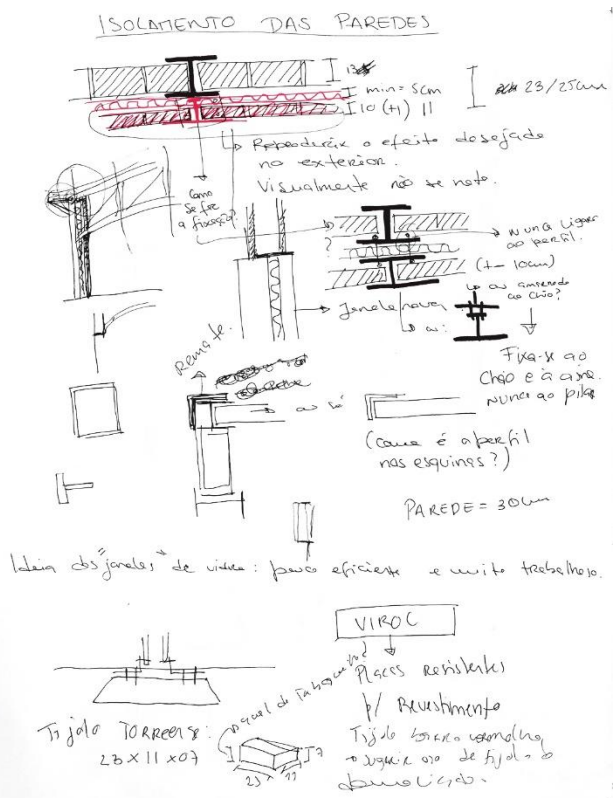
86. Croquis e plantas iniciais do pátio



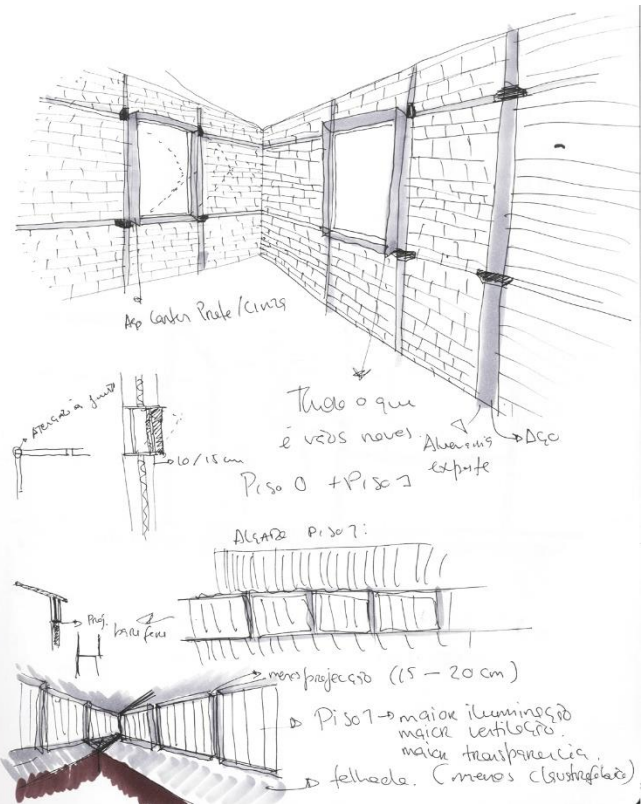
87. Plantas e cortes iniciais de estudo do isolamento térmico do edifício



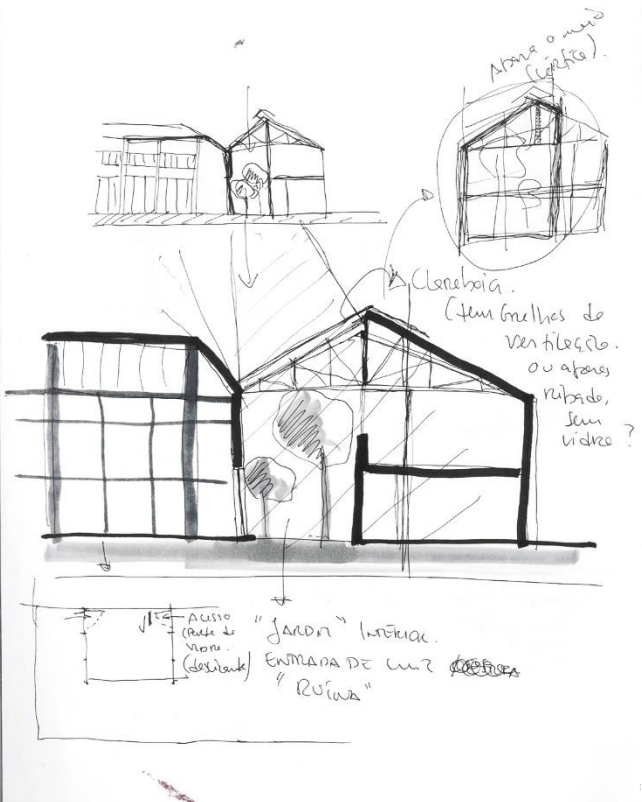
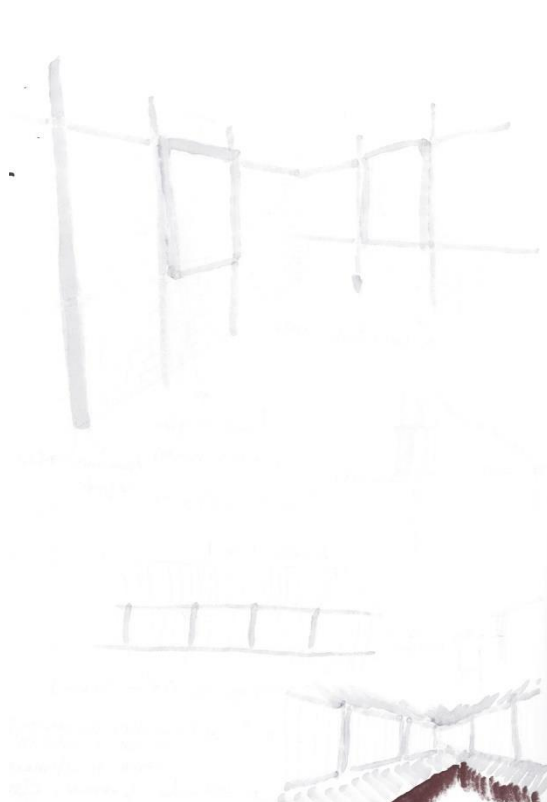
88. Plantas e cortes iniciais de isolamento térmico do edifício



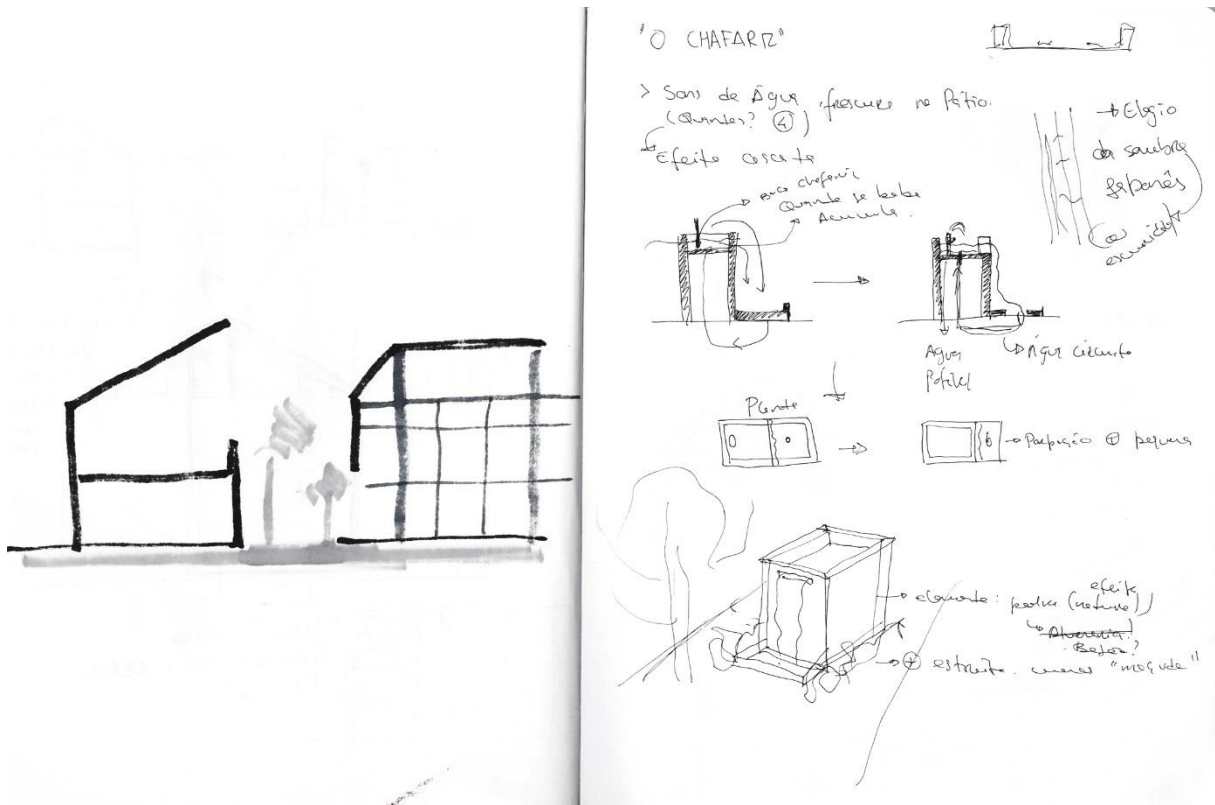
89. Plantas e cortes de solução para isolamento térmico do edifício



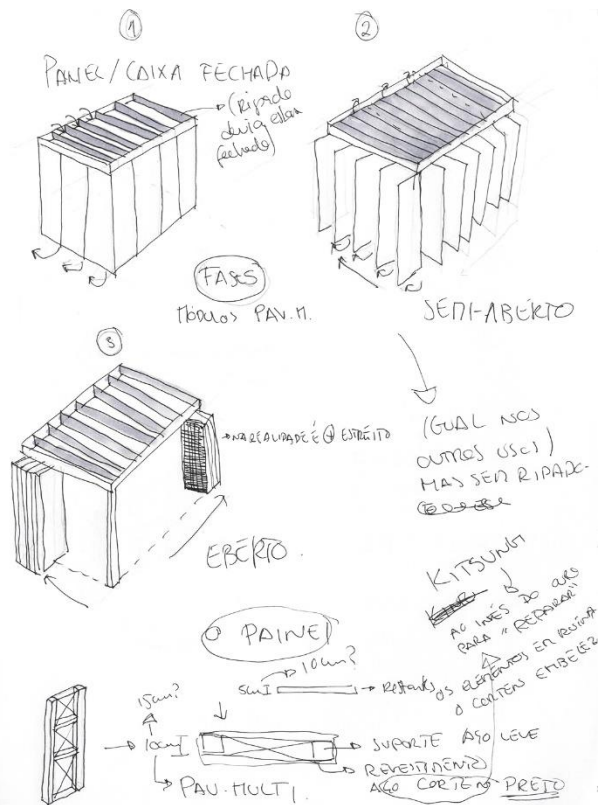
90. Croqui ilustrativo da introdução de novas janelas do edifício



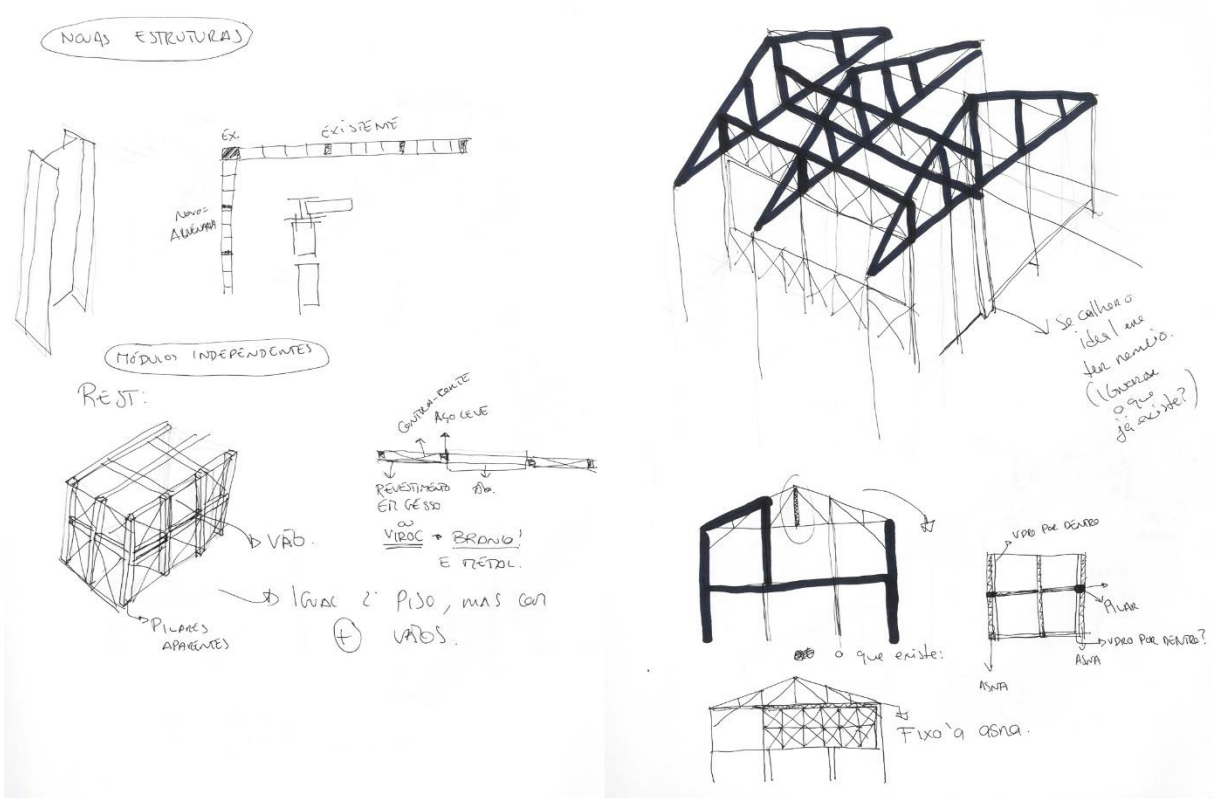
91. Croqui de estudo do jardim interior



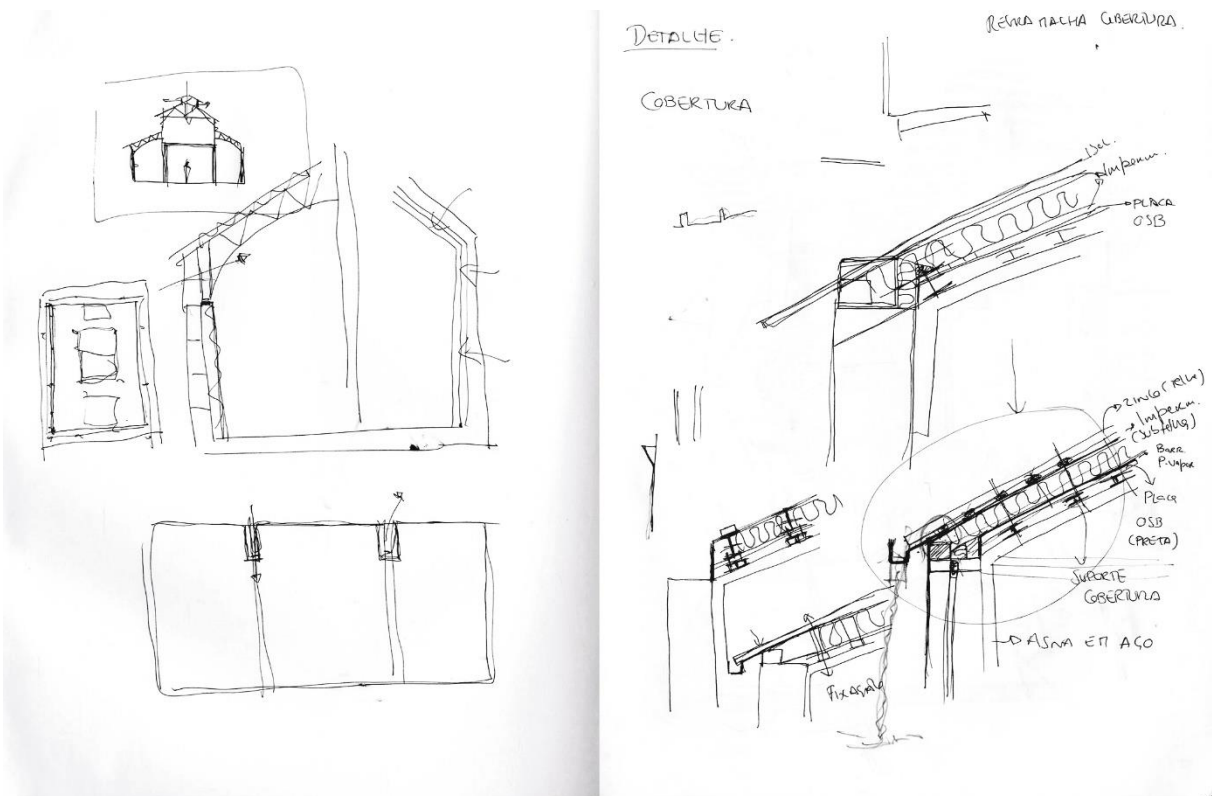
92. Croqui dos chafarizes presentes no pátio



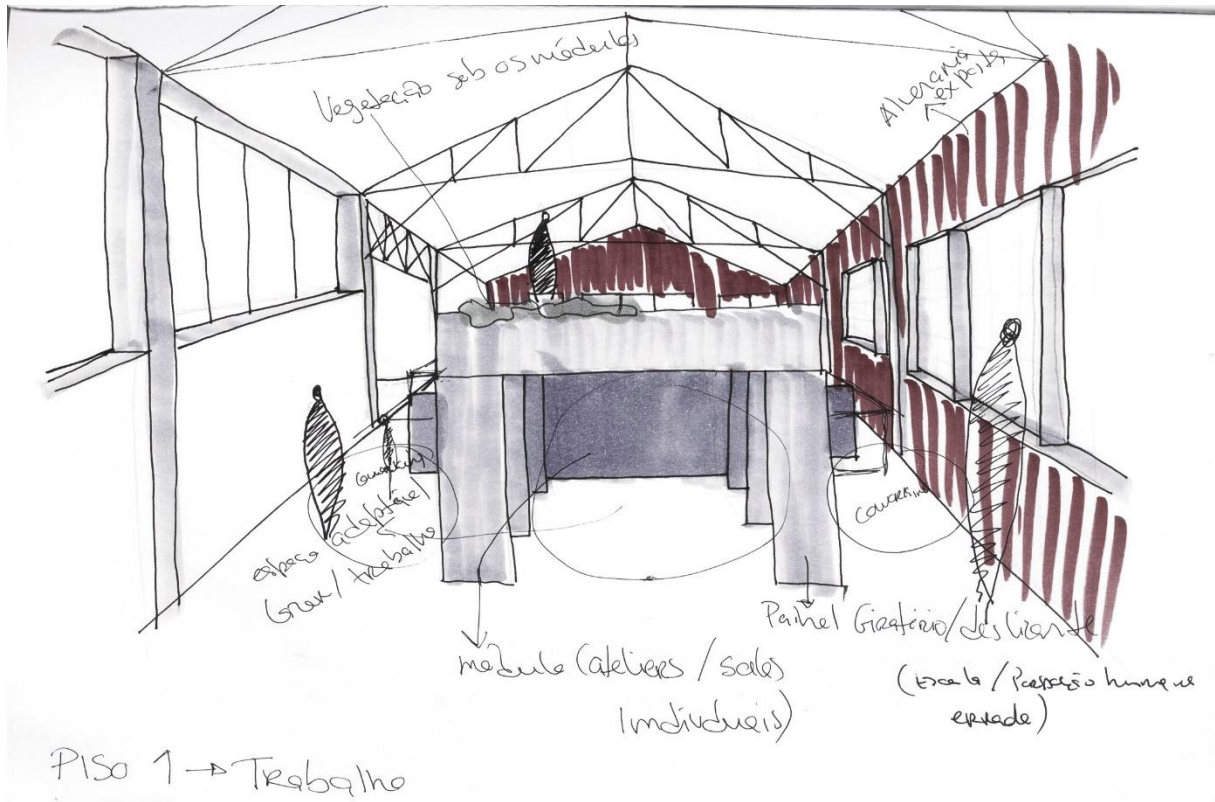
93. Estudo dos modos de abertura e encerramento dos módulos de painéis



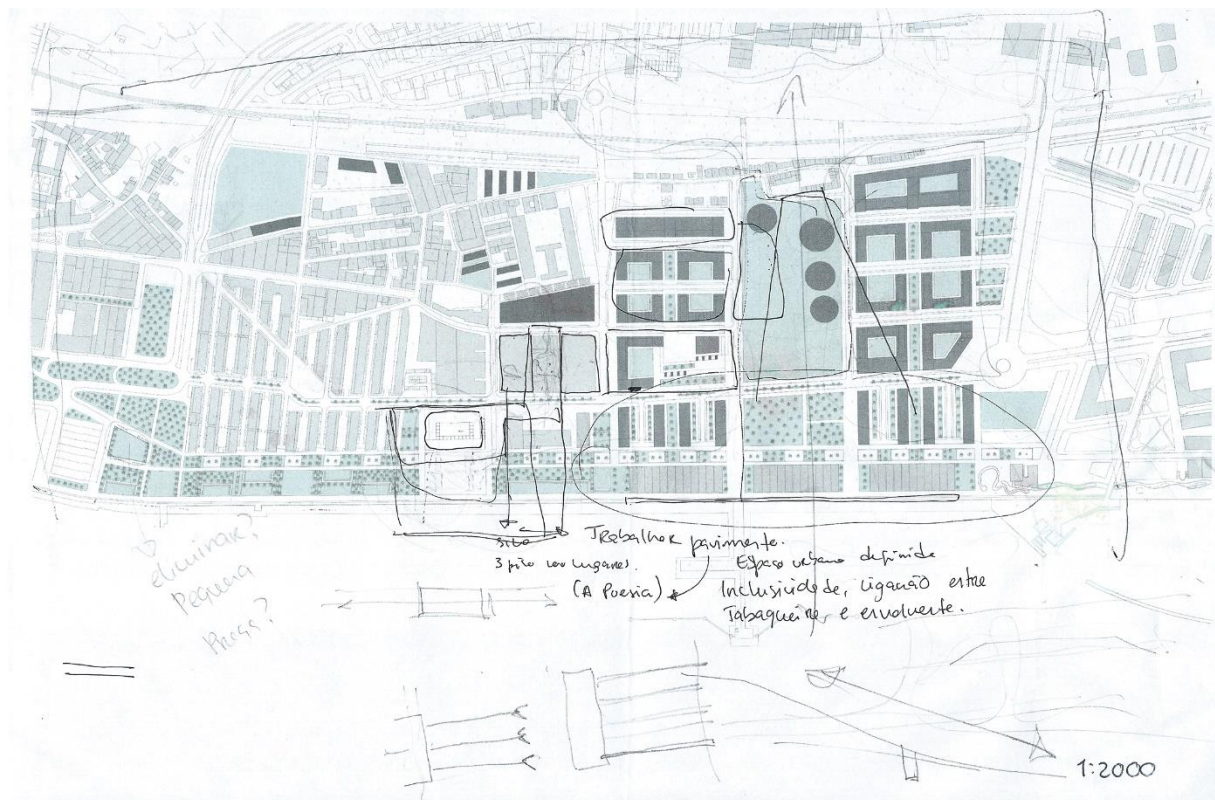
94. Estudo construtivo dos painéis deslizantes e do Jardim Interior



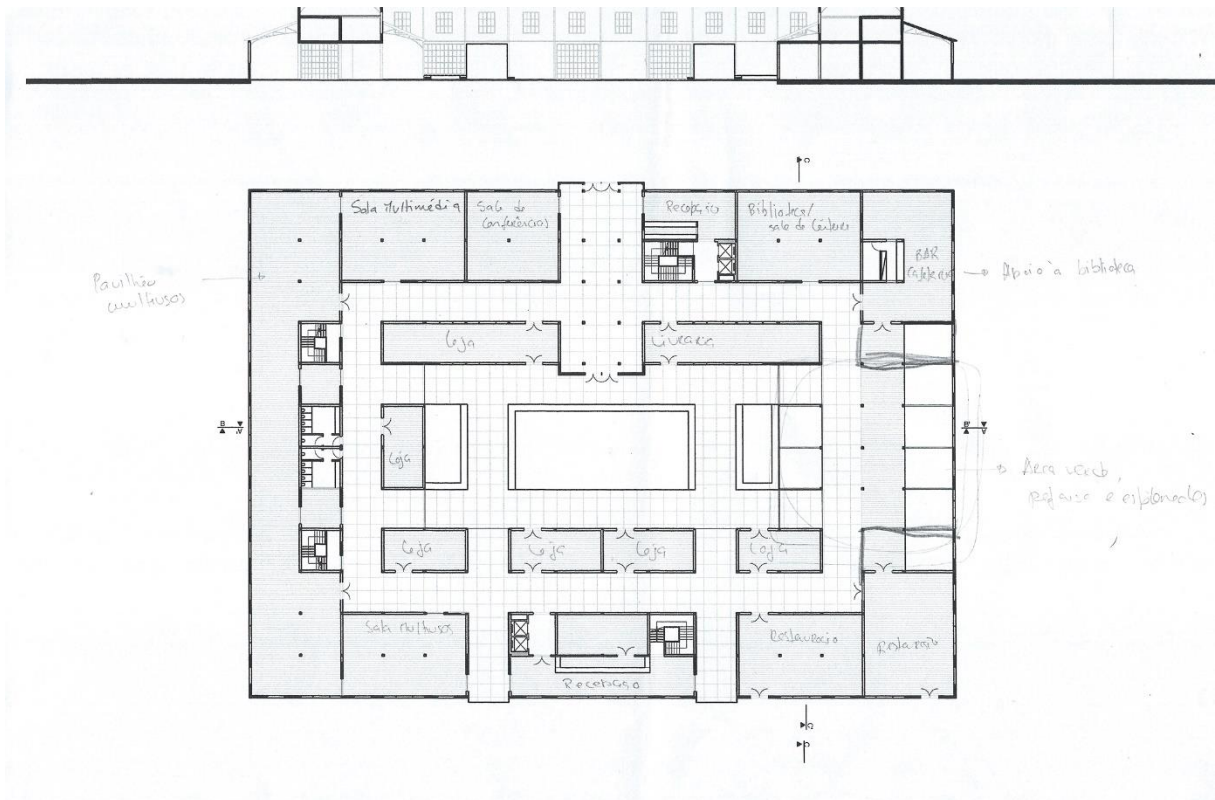
95. Croqui da escala construtiva da cobertura do edifício



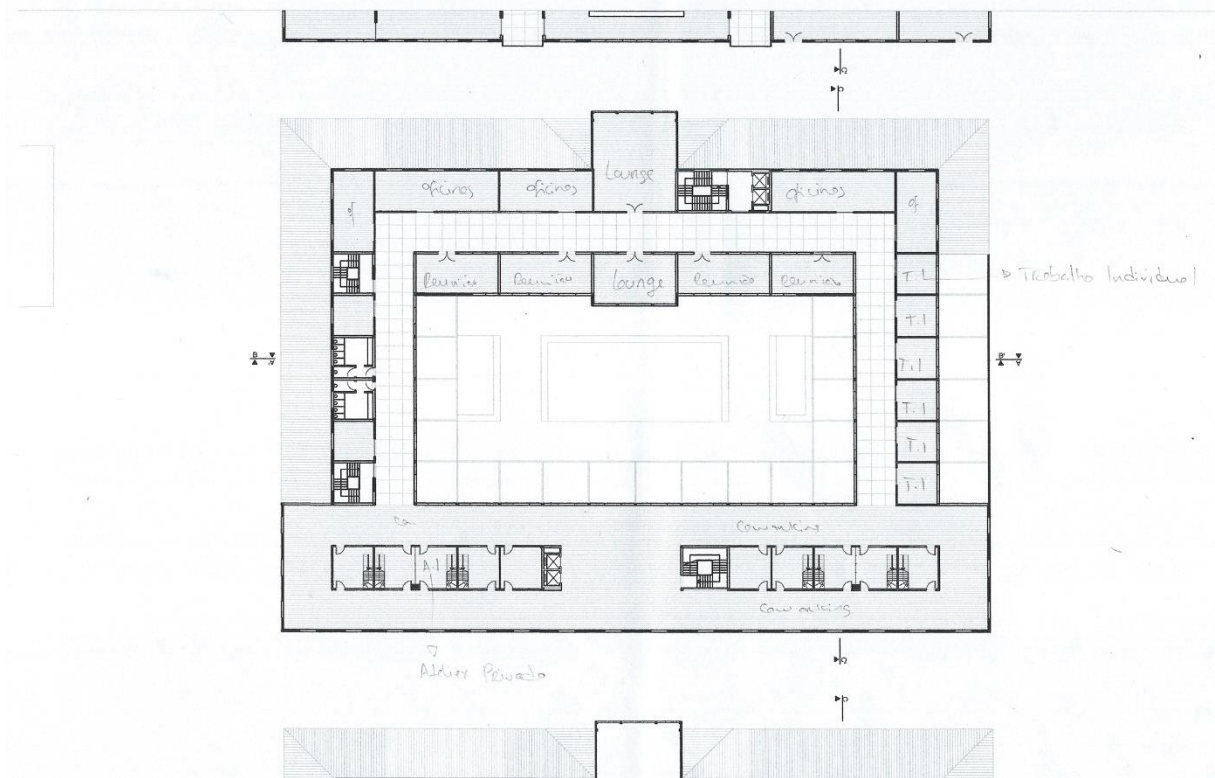
96. Croqui da "Nave de Trabalho" e respectivos módulos centrais



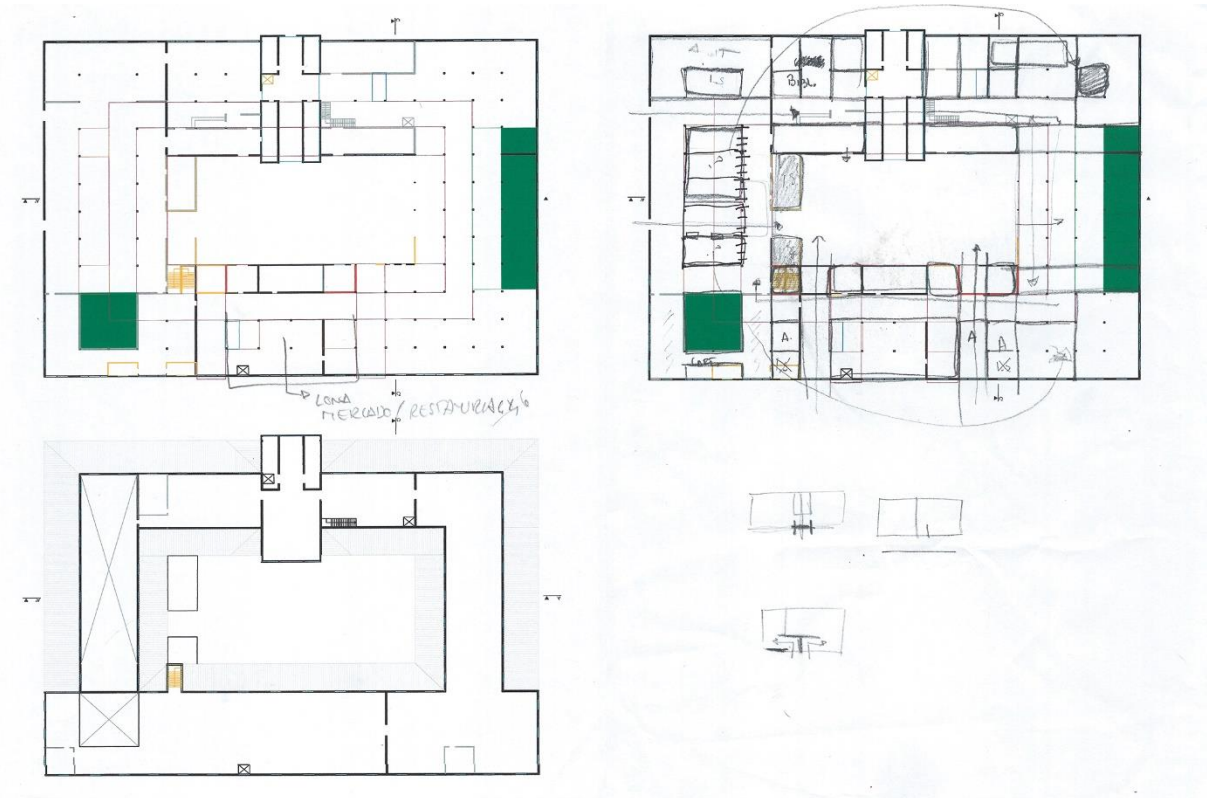
97. Planta de projeto urbano do Braço de Prata



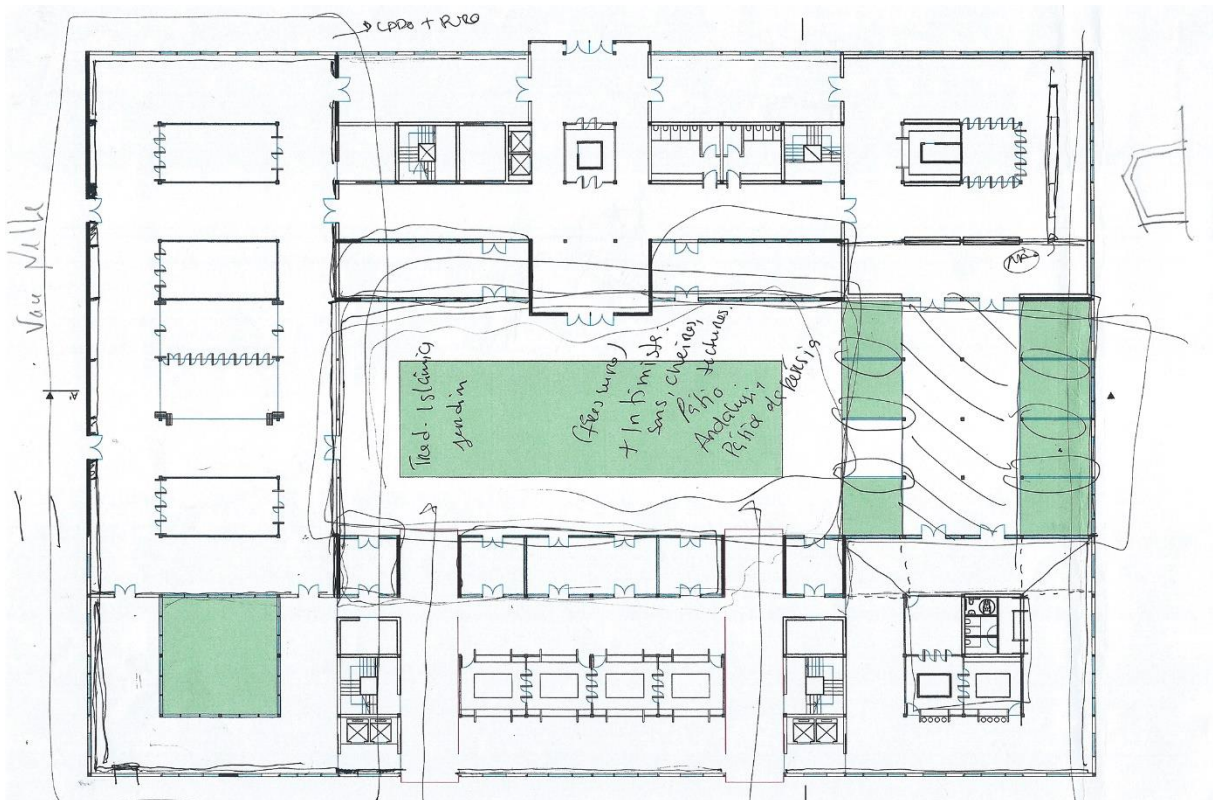
98. Planta inicial de projeto arquitetônico: Piso 0



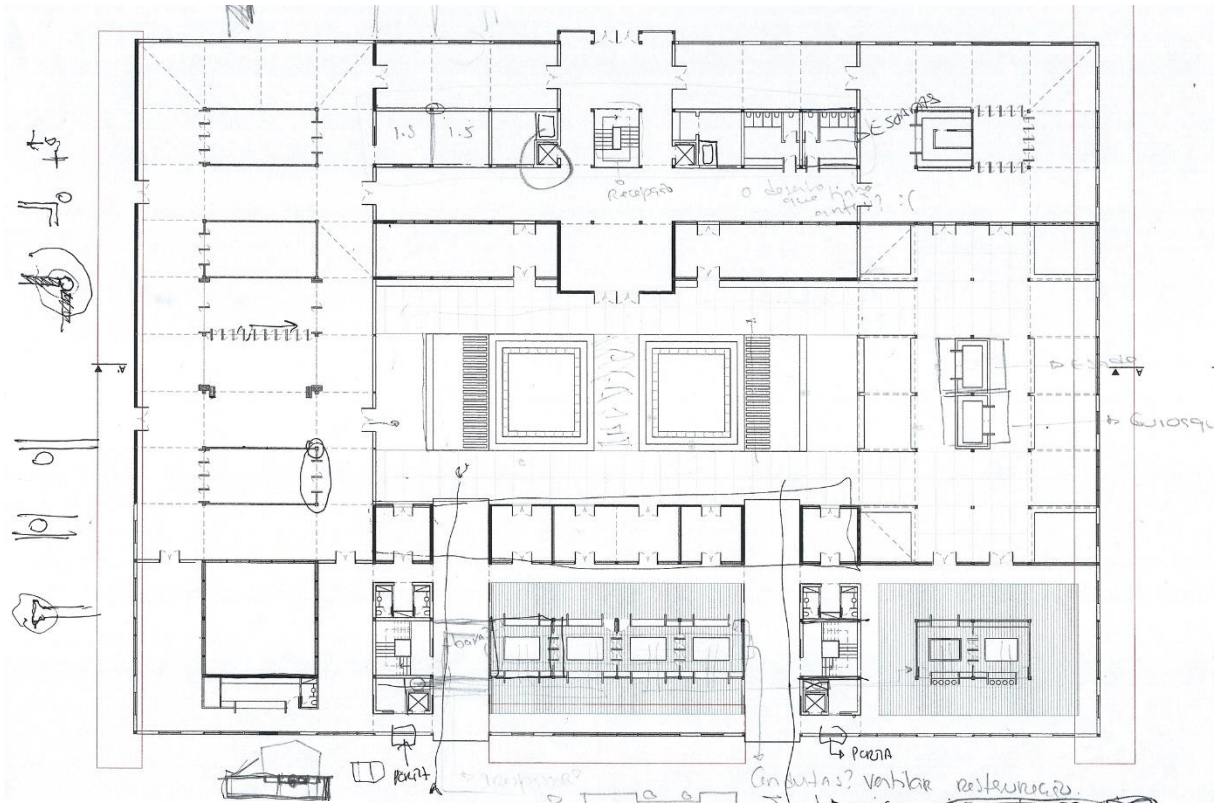
99. Planta inicial de projeto arquitetônico: Piso 1



100. Estratégias iniciais de projeto arquitetónico

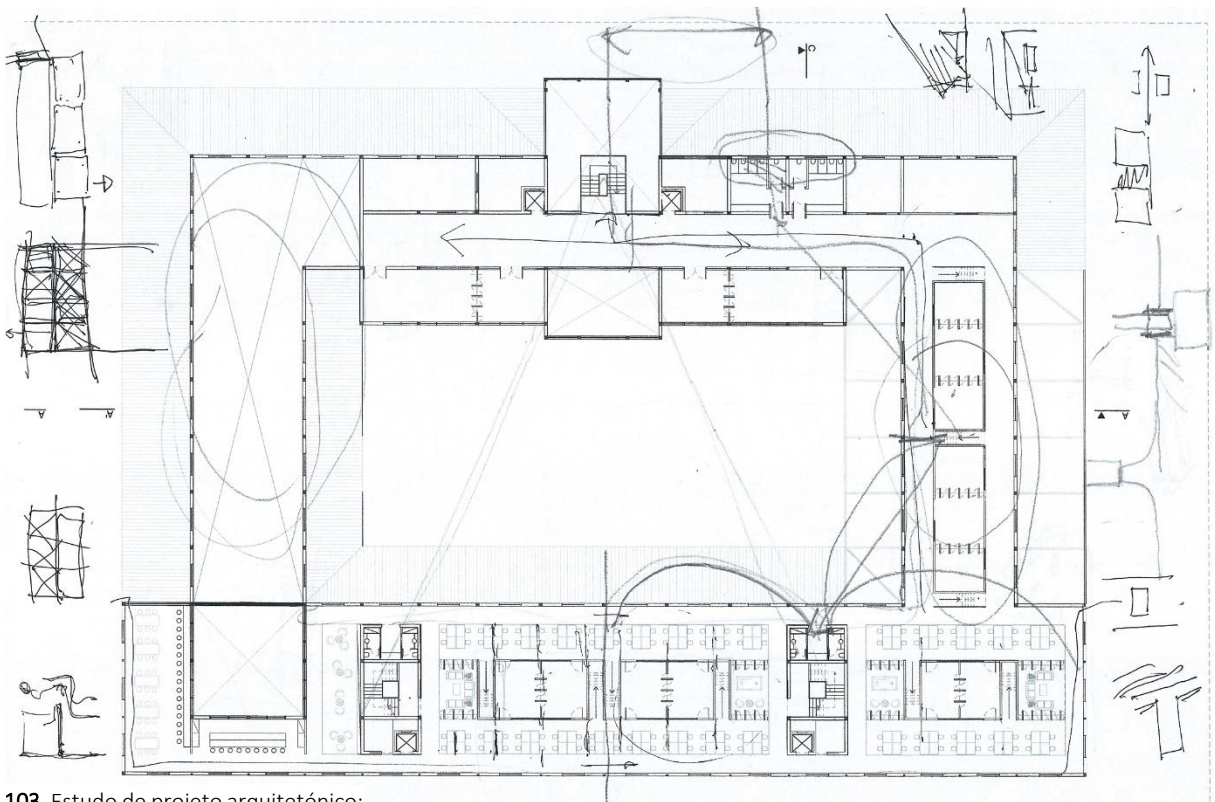


101. Estudo de projeto arquitetónico: Piso 0



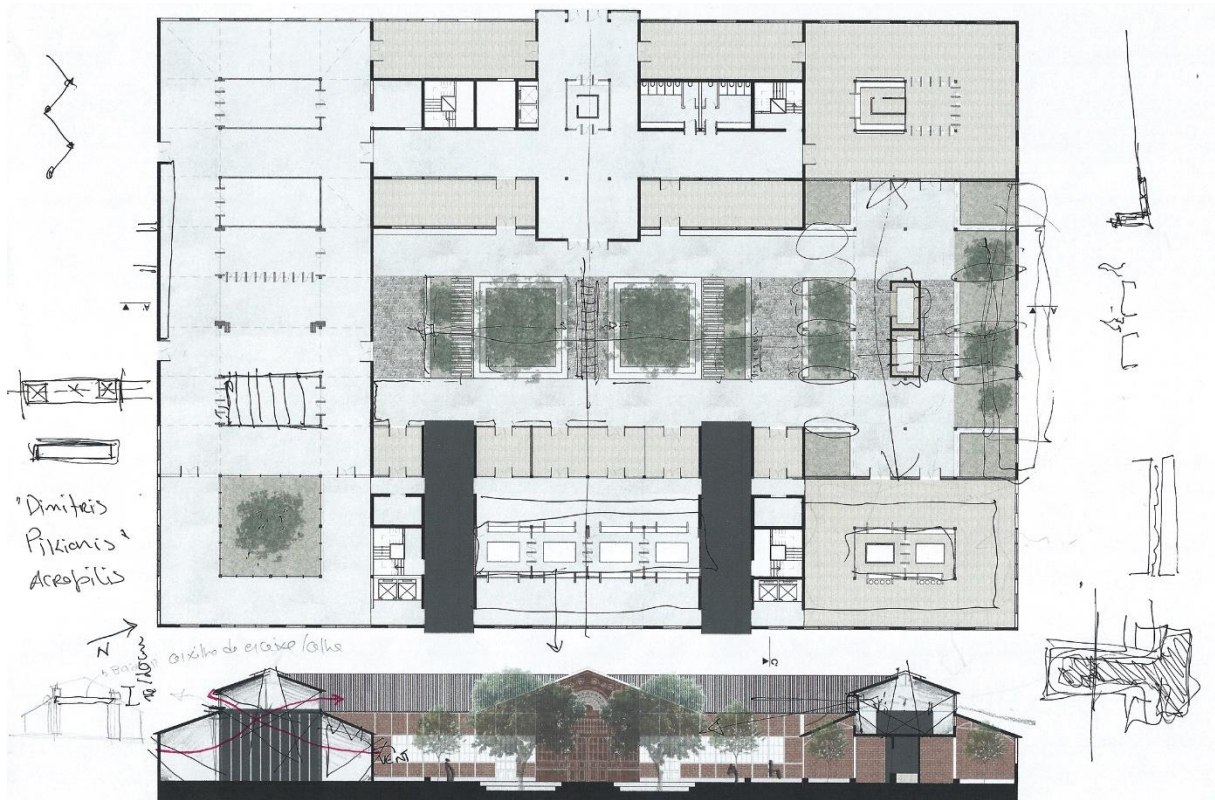
102. Estudo de projeto arquitetónico:

Piso 0

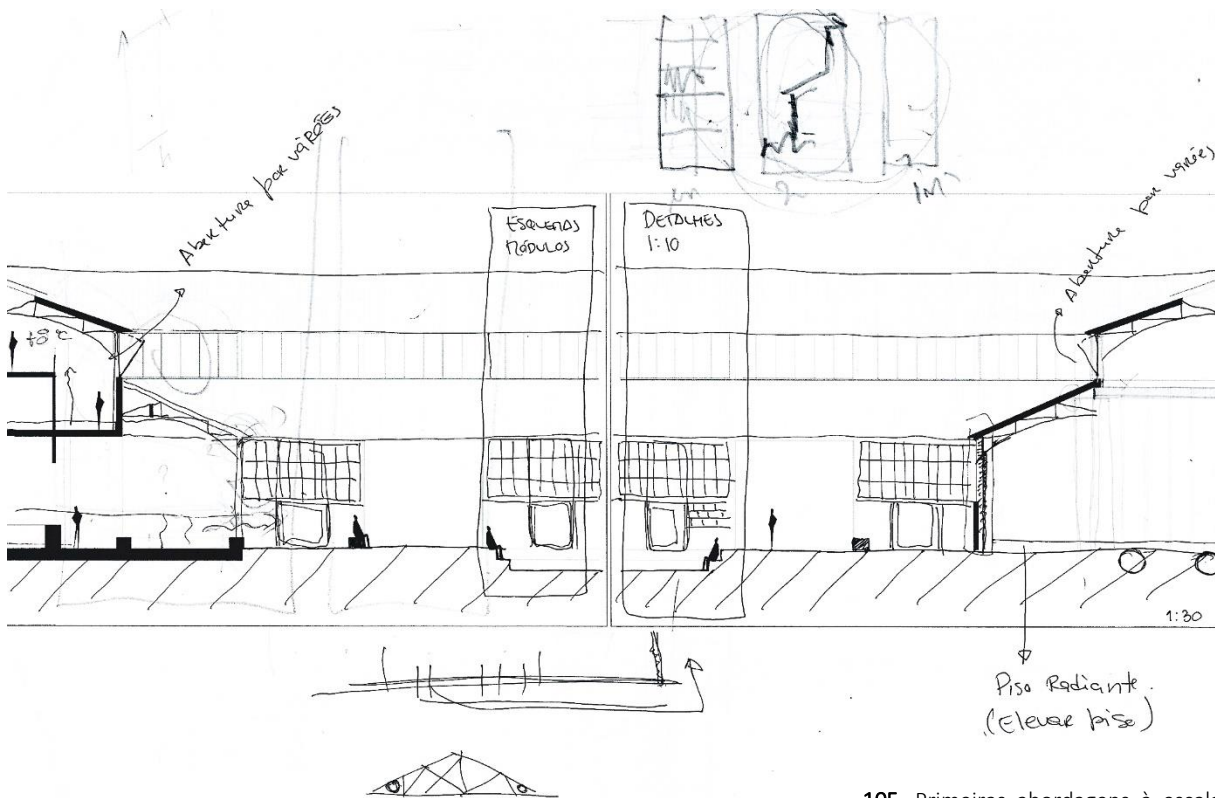


103. Estudo de projeto arquitetónico:

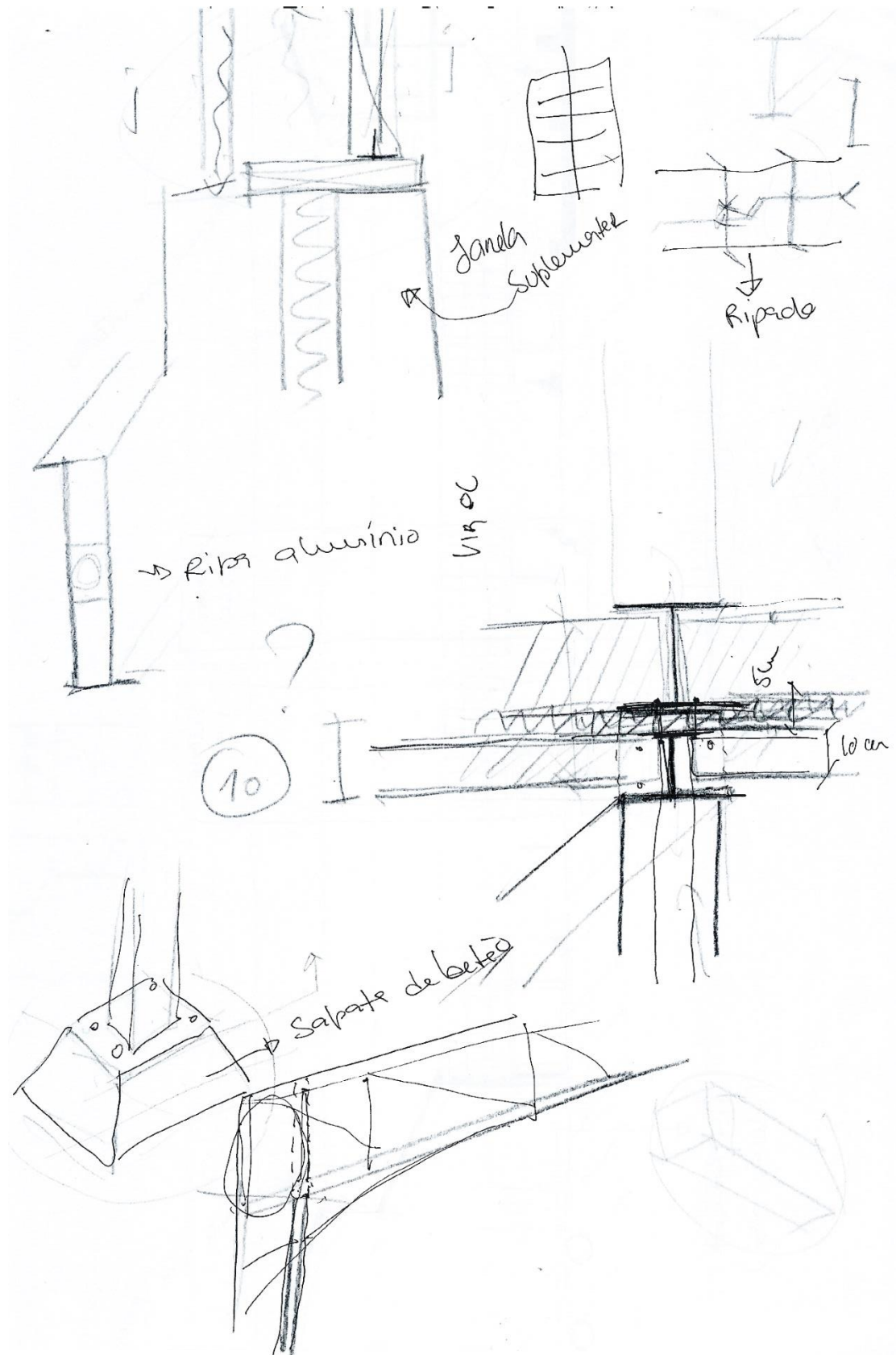
Piso 1



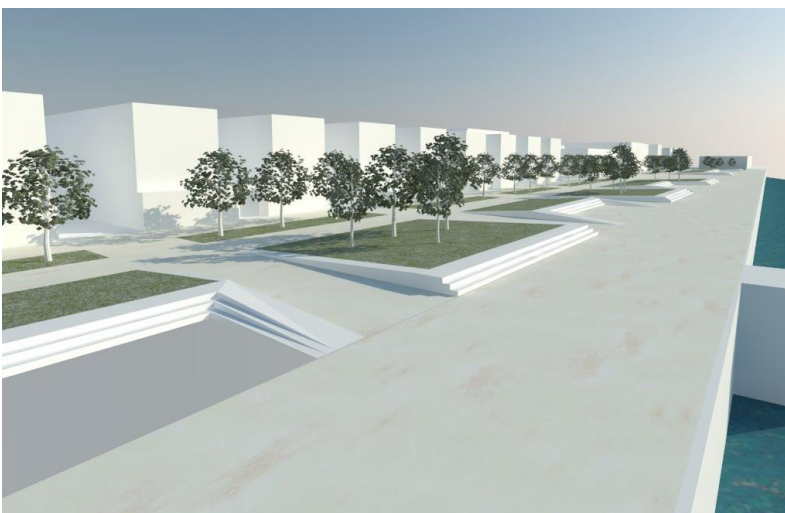
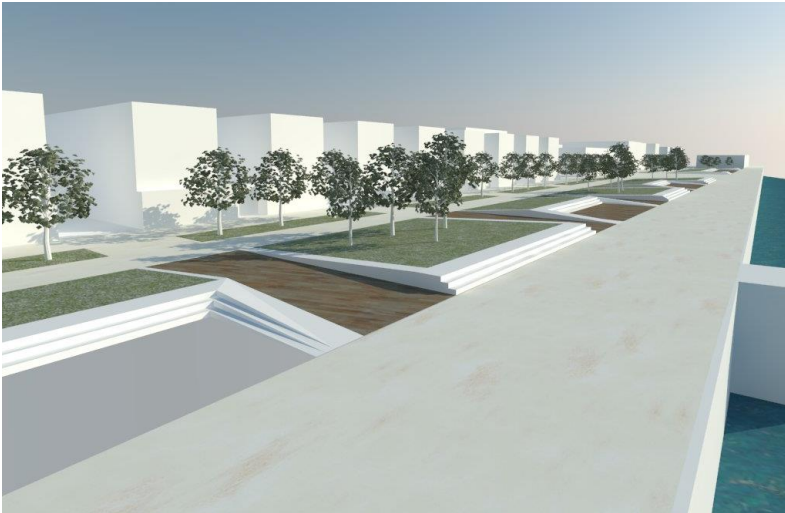
104. Estudo de materialidades do projeto arquitetónico: Piso 0



105. Primeiras abordagens à escala construtiva



106. Estudo construtivo do edifício



**107.** Modelos tridimensionais de estudo do projeto de espaços verdes na frente-ribeirinha



108. Modelos tridimensionais de estudo do projeto urbano



109. Modelos tridimensionais de estudo do projeto arquitetônico





**110.** Modelo tridimensional de estudo do projeto arquitetónico



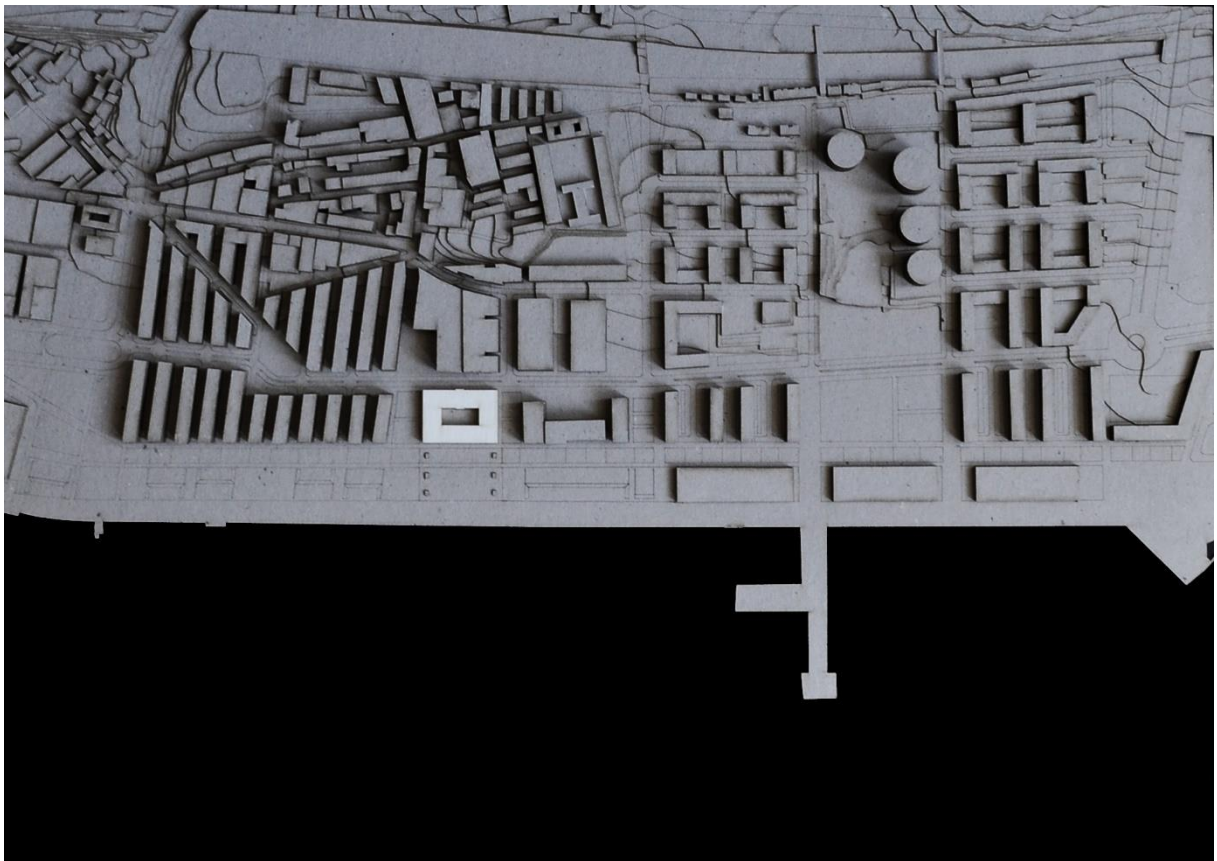
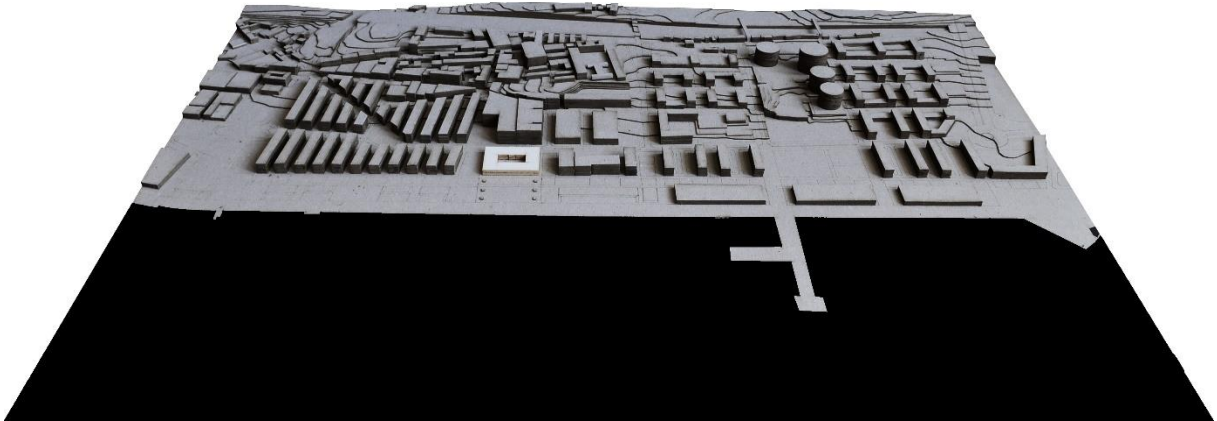
**111.** Modelo tridimensional de estudo do interior do projeto arquitetónico ao nível do piso térreo



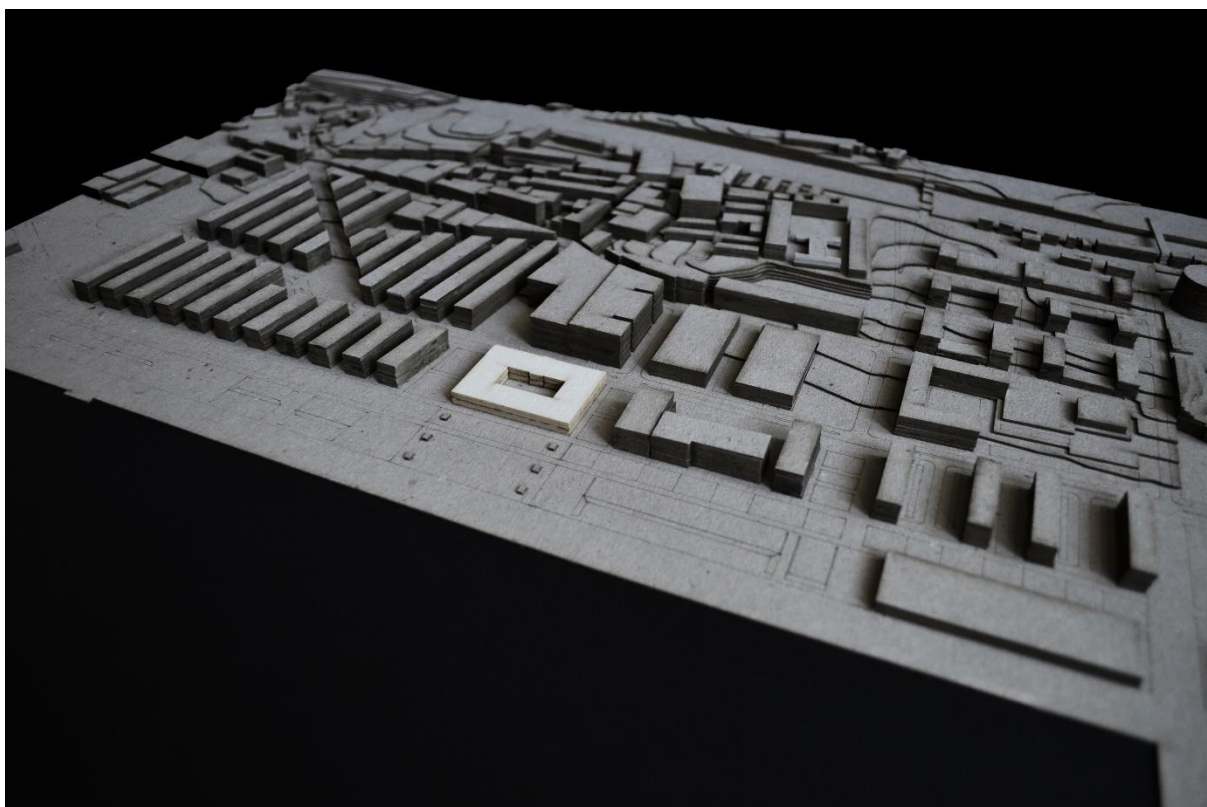
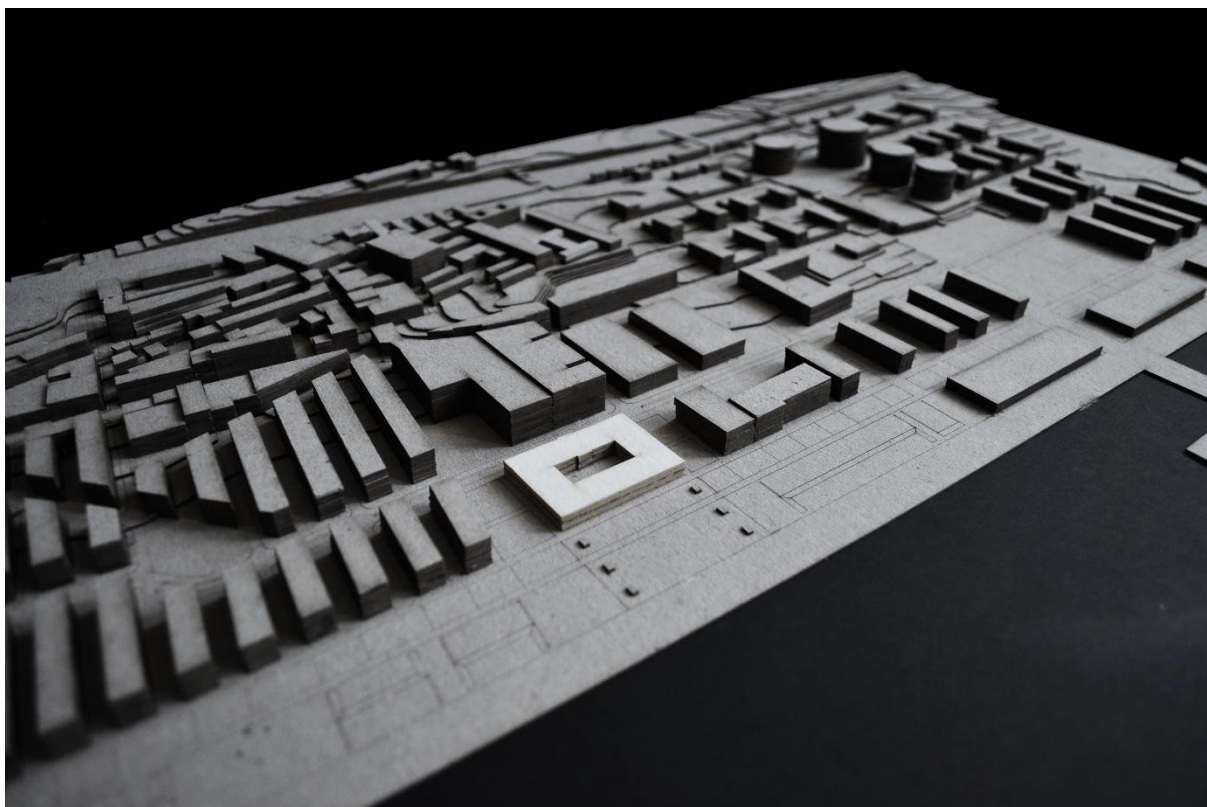
**112.** Modelo tridimensional de estudo do interior do projeto arquitetónico da “Nave de Trabalho”



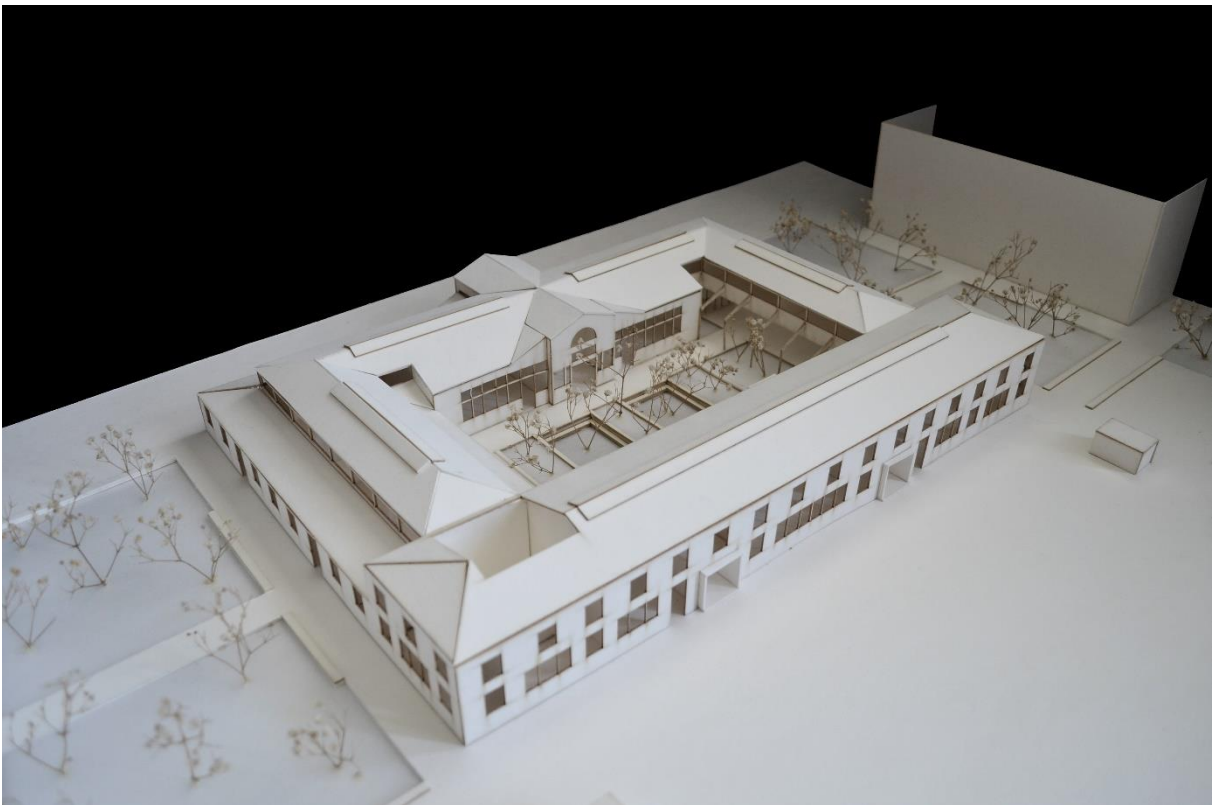
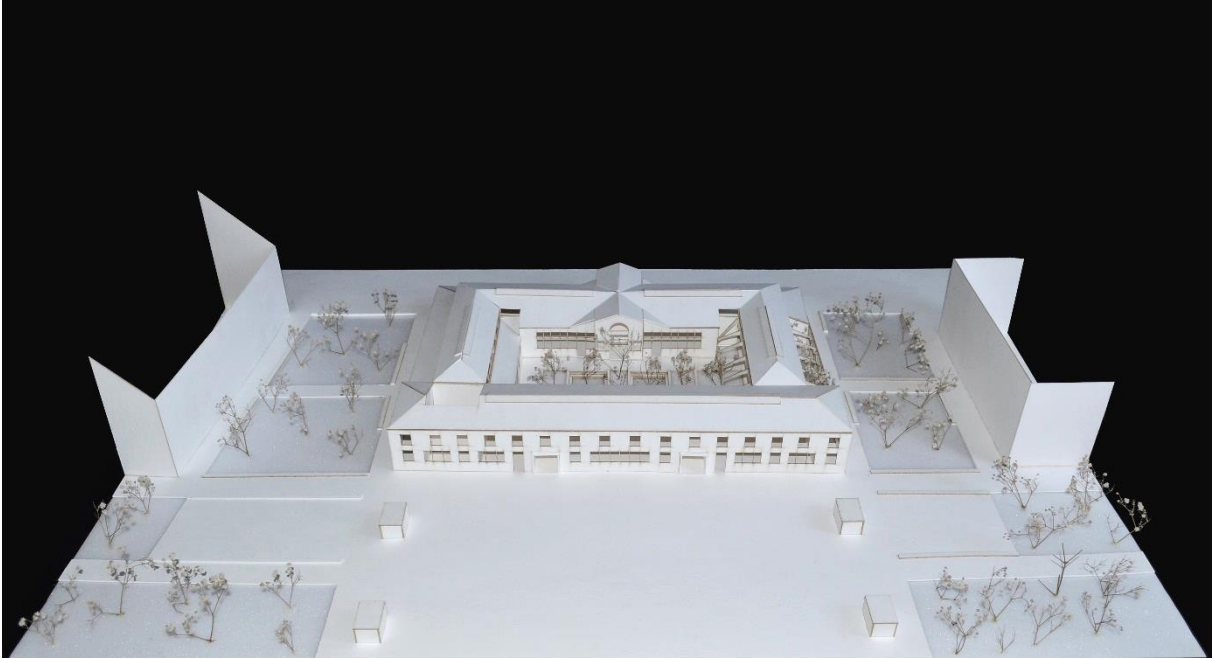
Anexo V – Maquetes



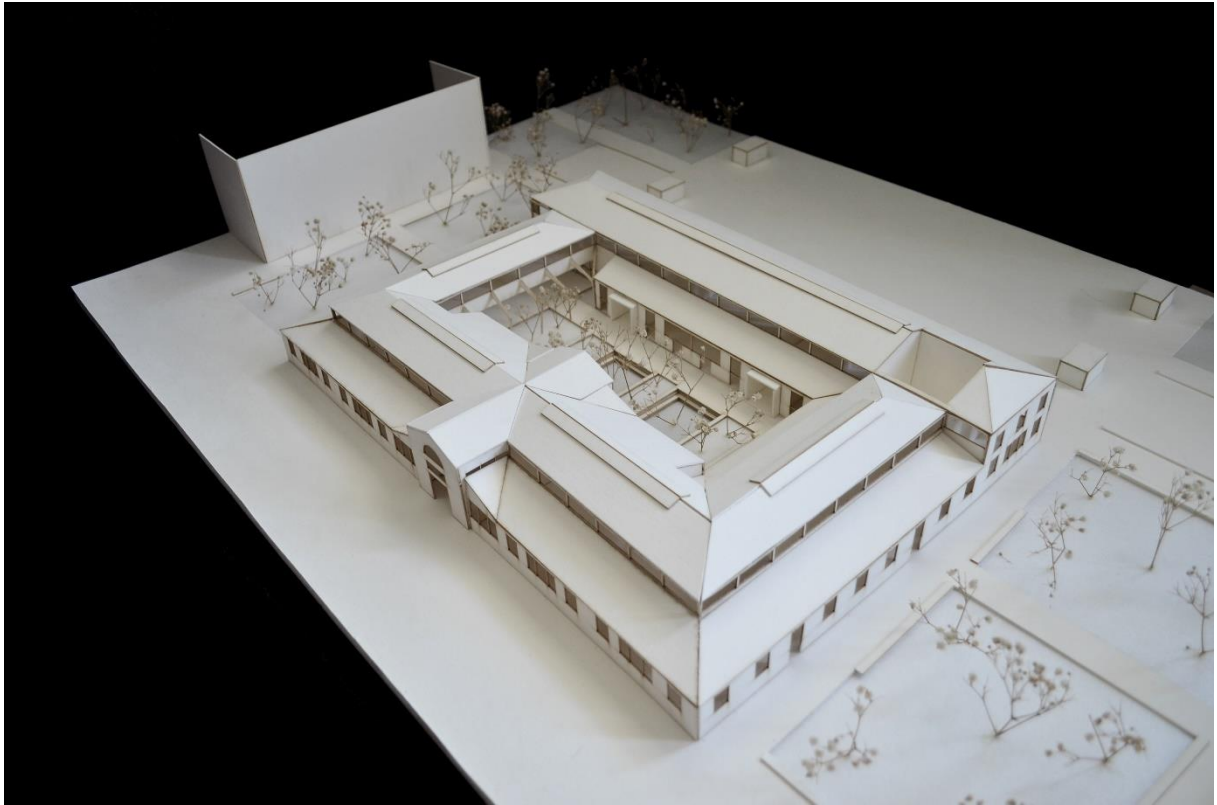
113. Maquetes da Proposta Urbana. Escala 1:1000



114. Maquetes da Proposta Urbana. Escala 1:1000



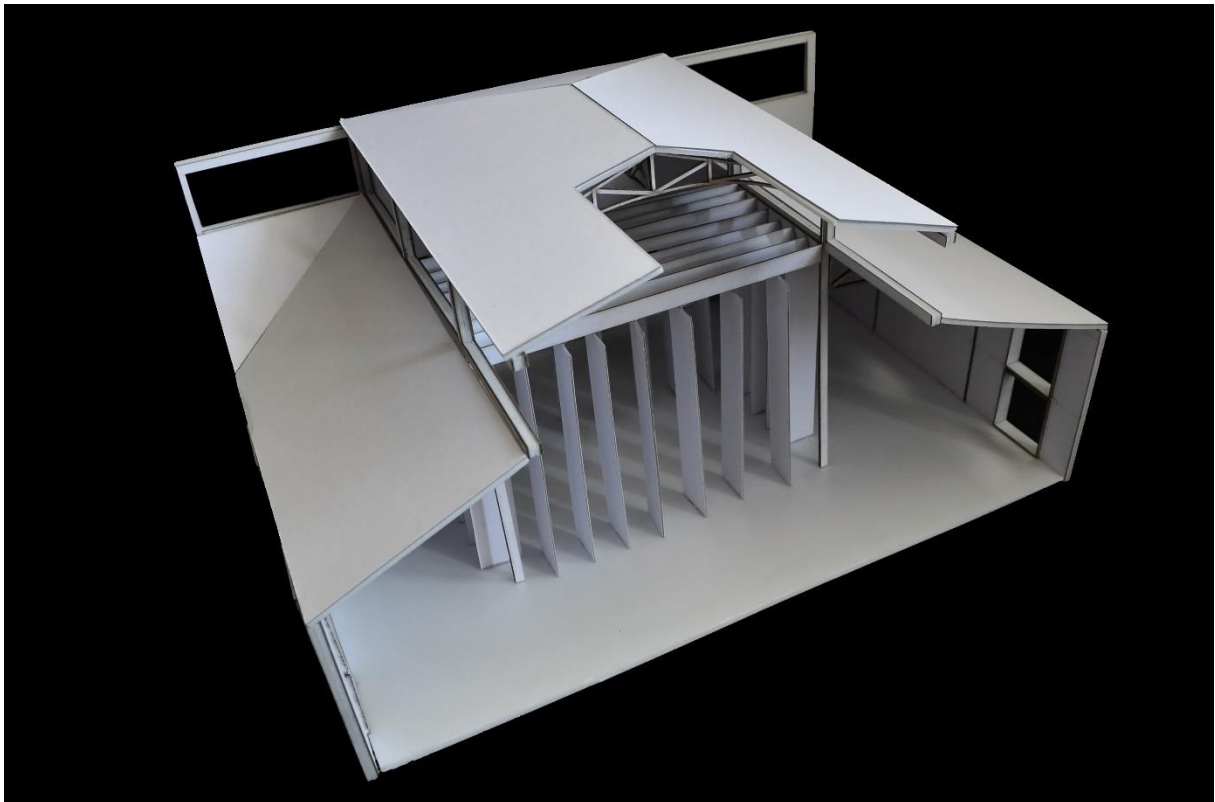
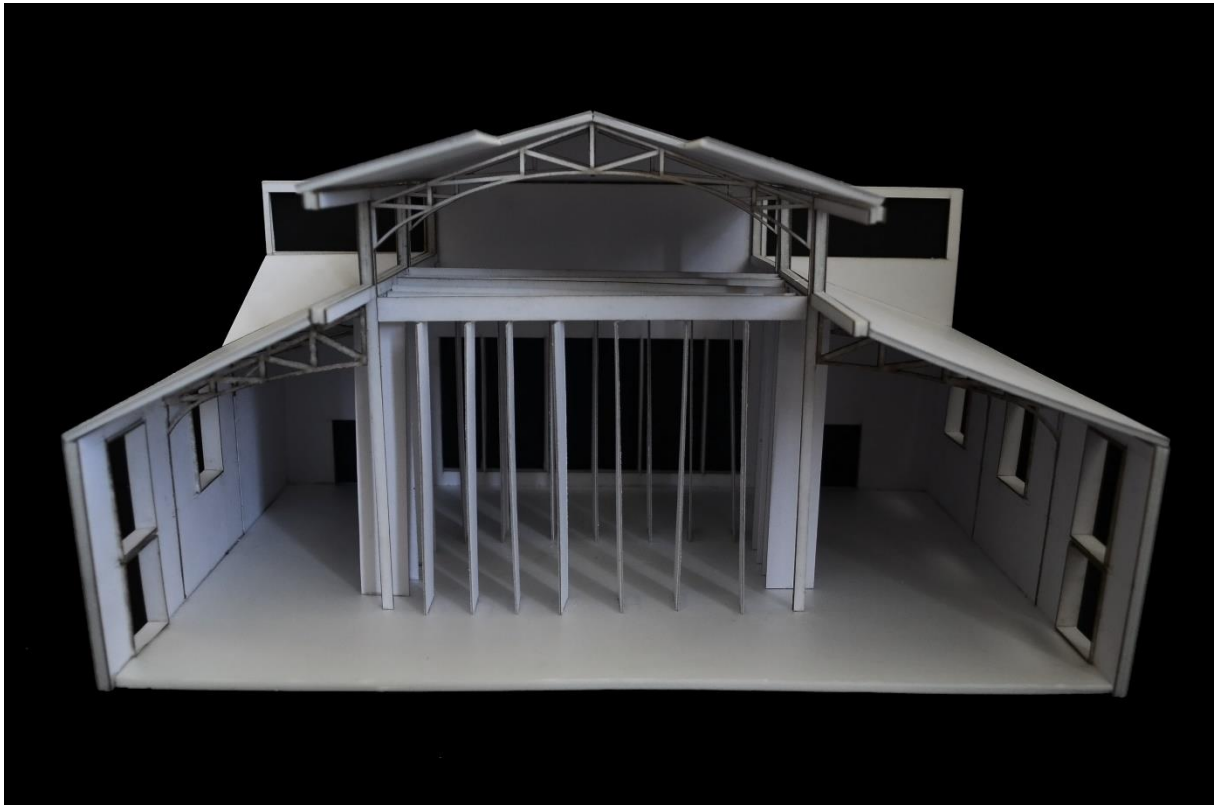
115. Maquetes da Proposta Arquitetónica. Escala 1:200



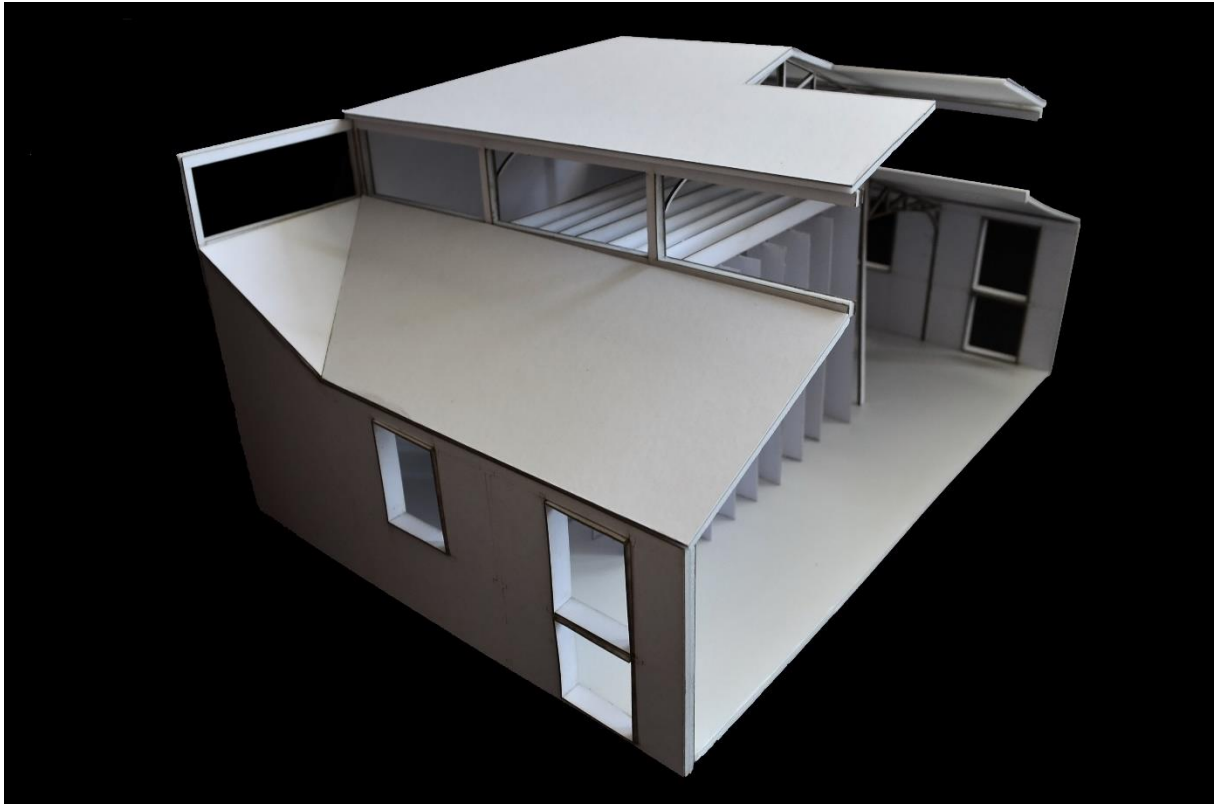
116. Maquetes da Proposta Arquitetônica. Escala 1:200



117. Maquetes da Proposta Arquitetónica. Escala 1:200



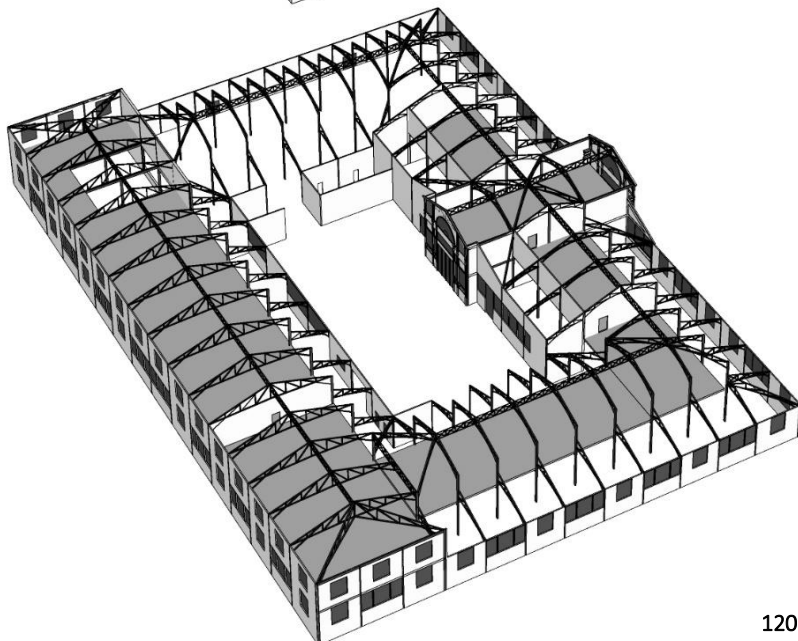
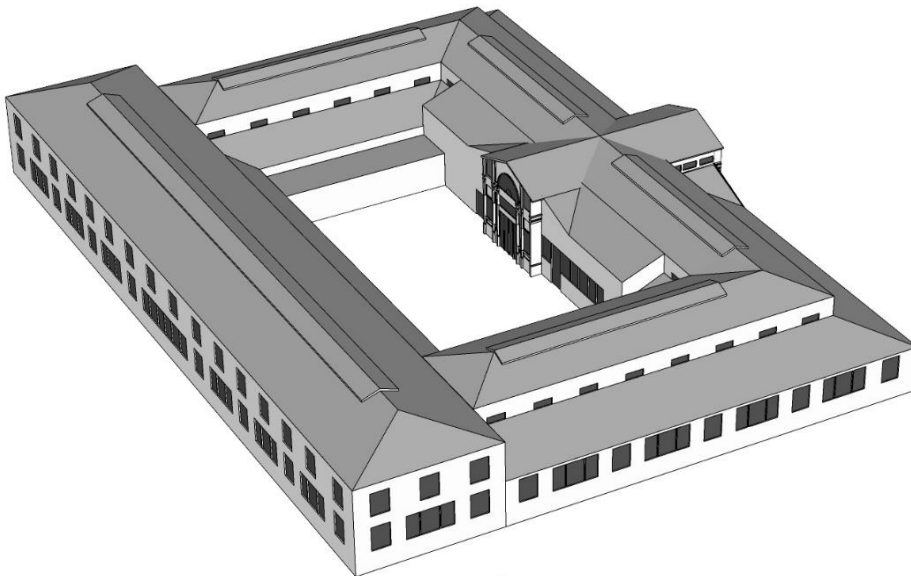
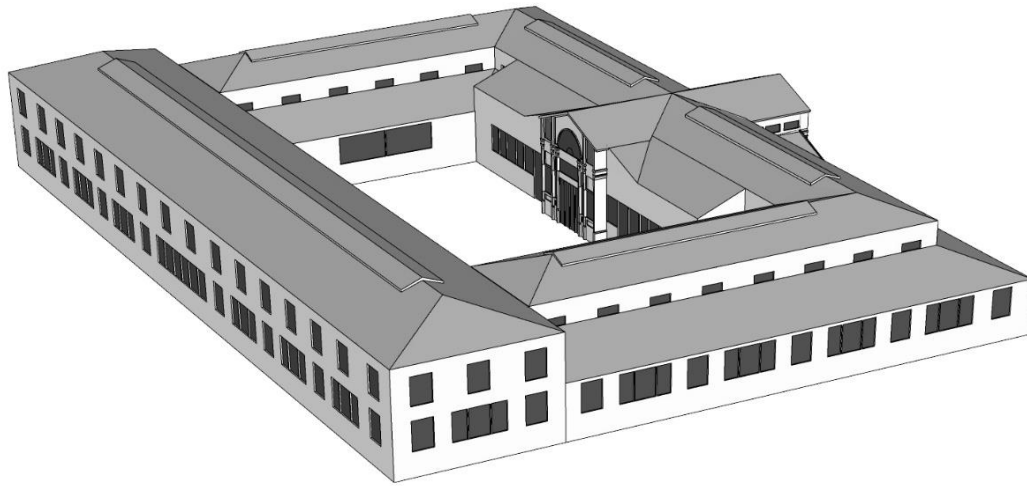
118. Maquetes de Pormenor do Pavilhão Multiusos. Escala 1:50



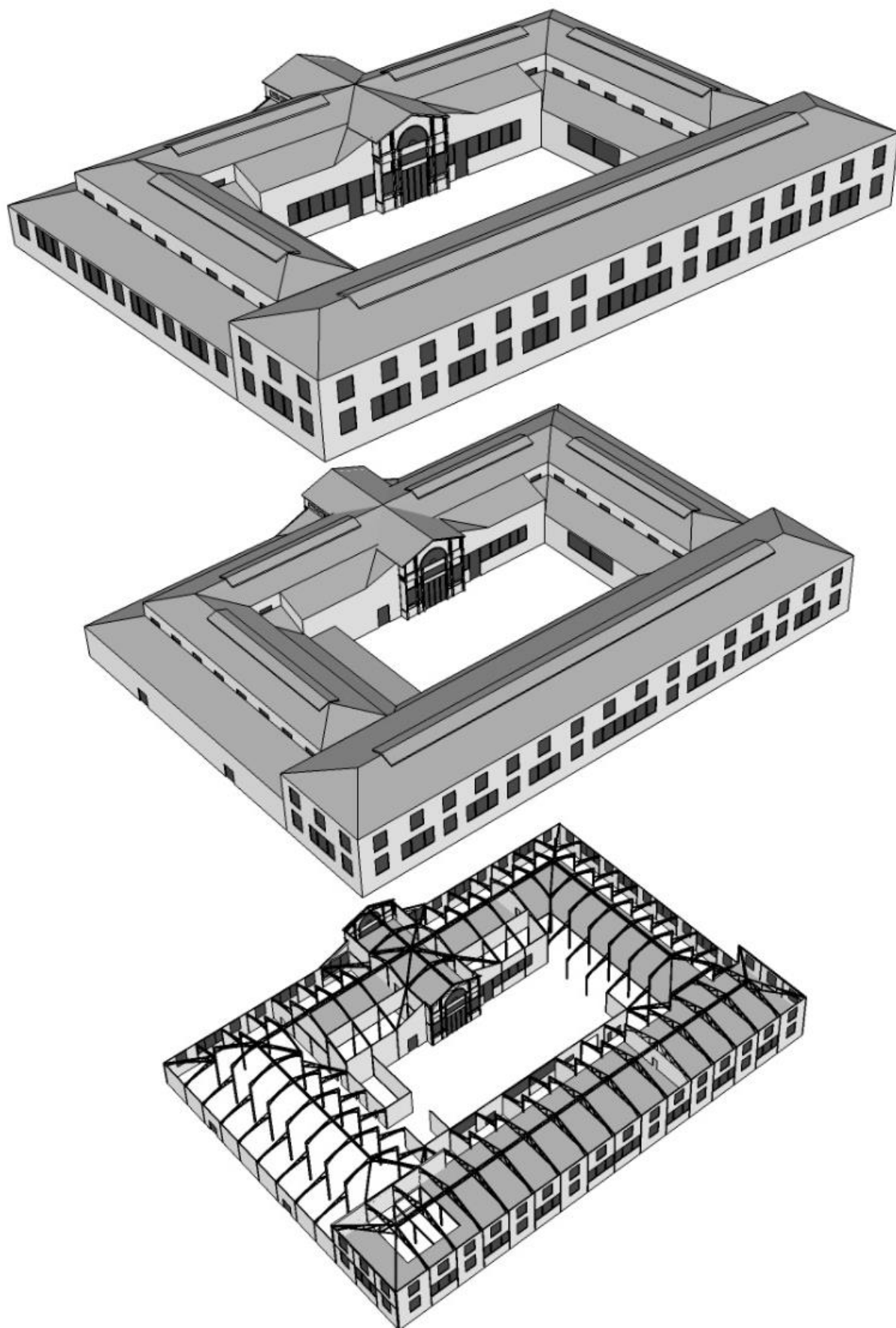
119. Maquetes de Pormenor do Pavilhão Multiusos. Escala 1:50



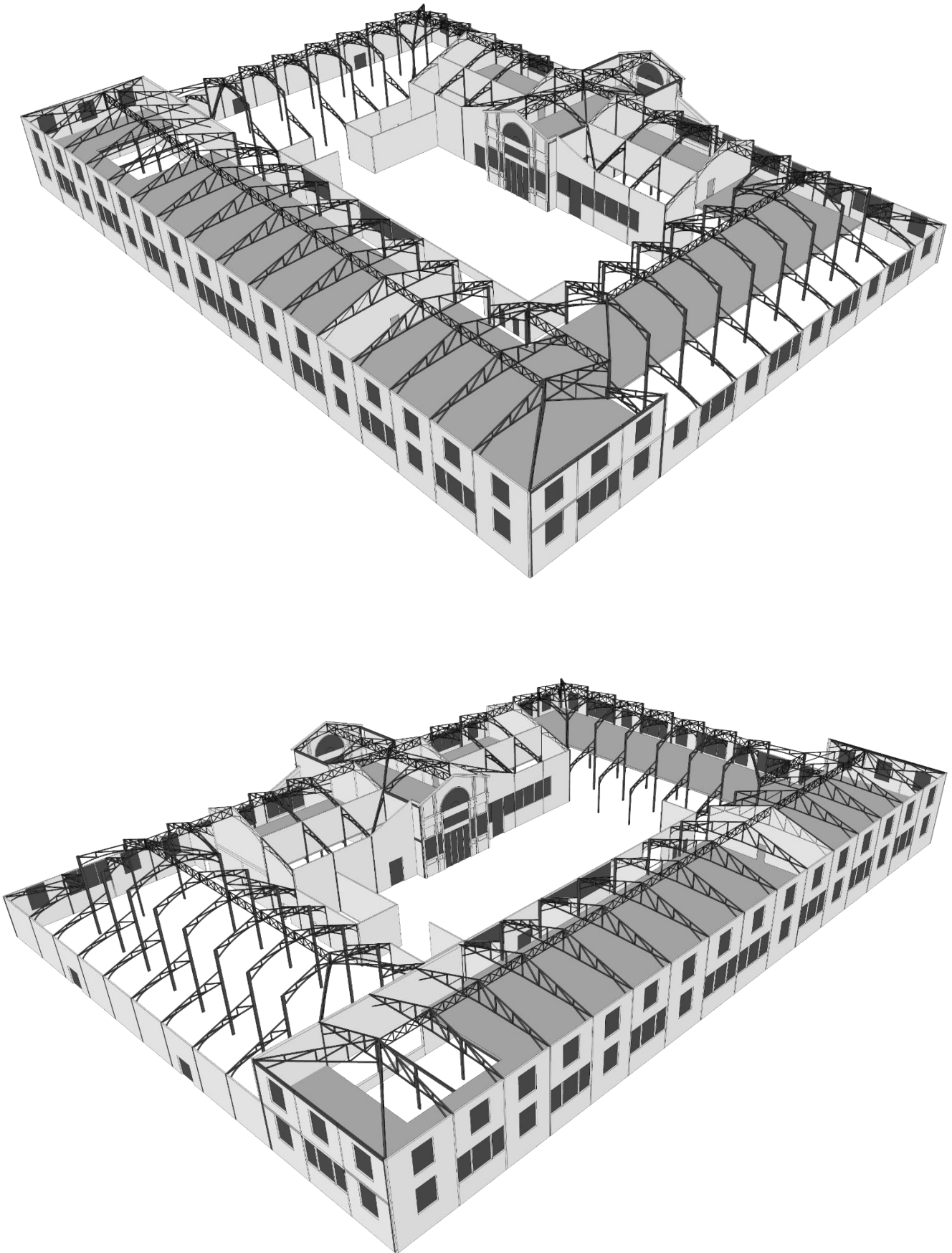
## Anexo VI – Esquemas e Modelos Complementares ao Trabalho



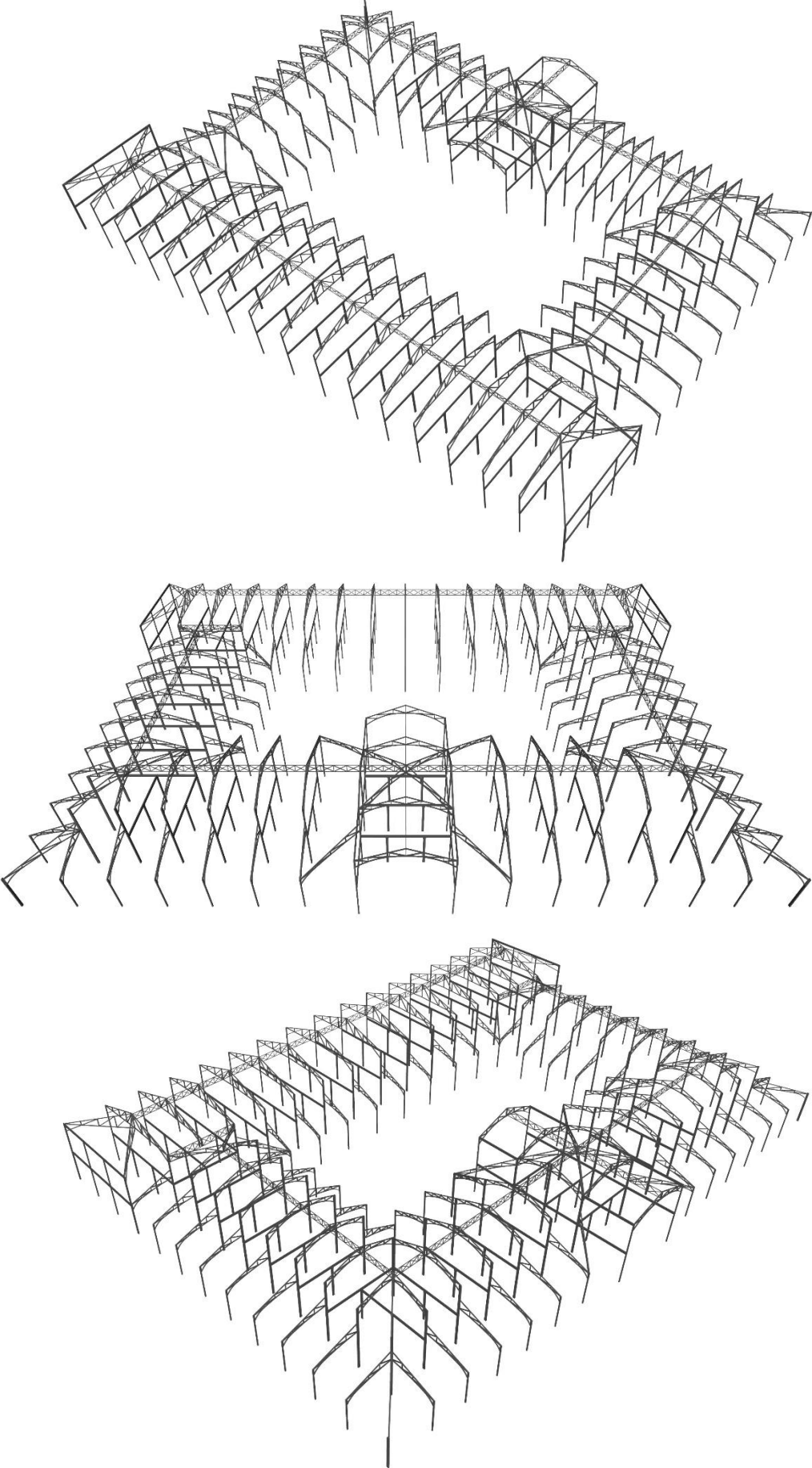
120. Evolução e Processo de Deterioração do edifício “A Tabaqueira”.



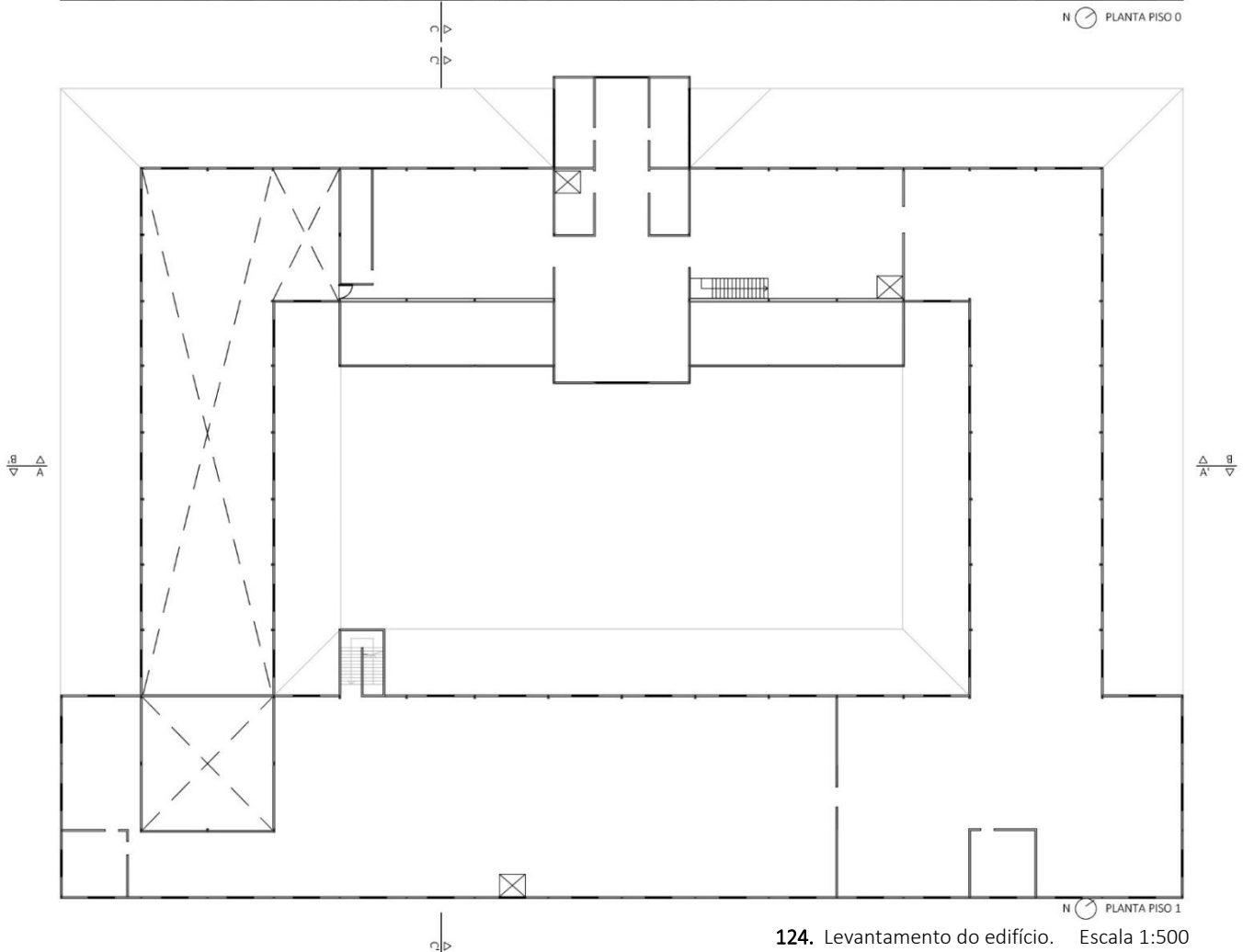
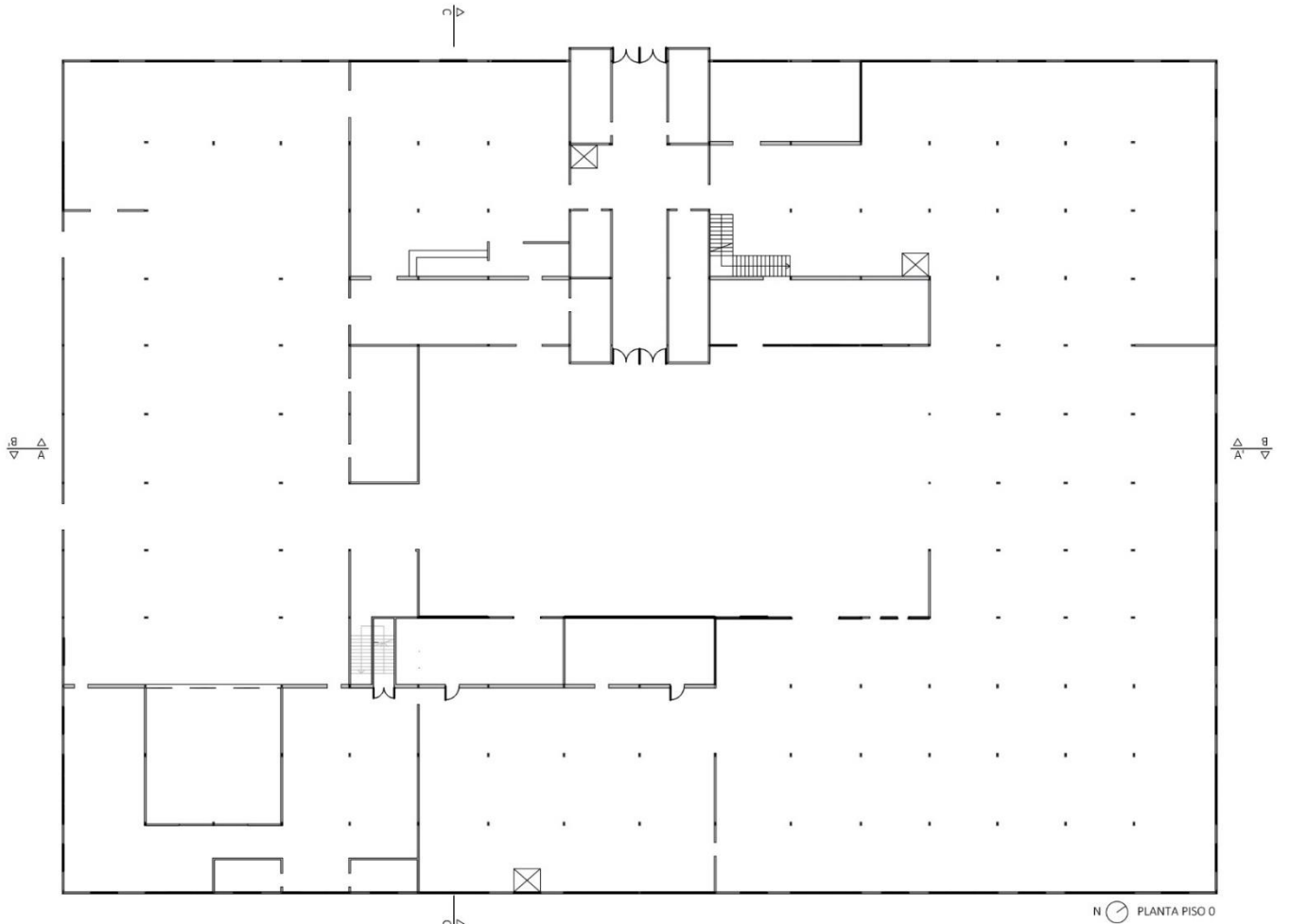
121. Evolução e Processo de Deterioração do edifício “A Tabaqueira”.



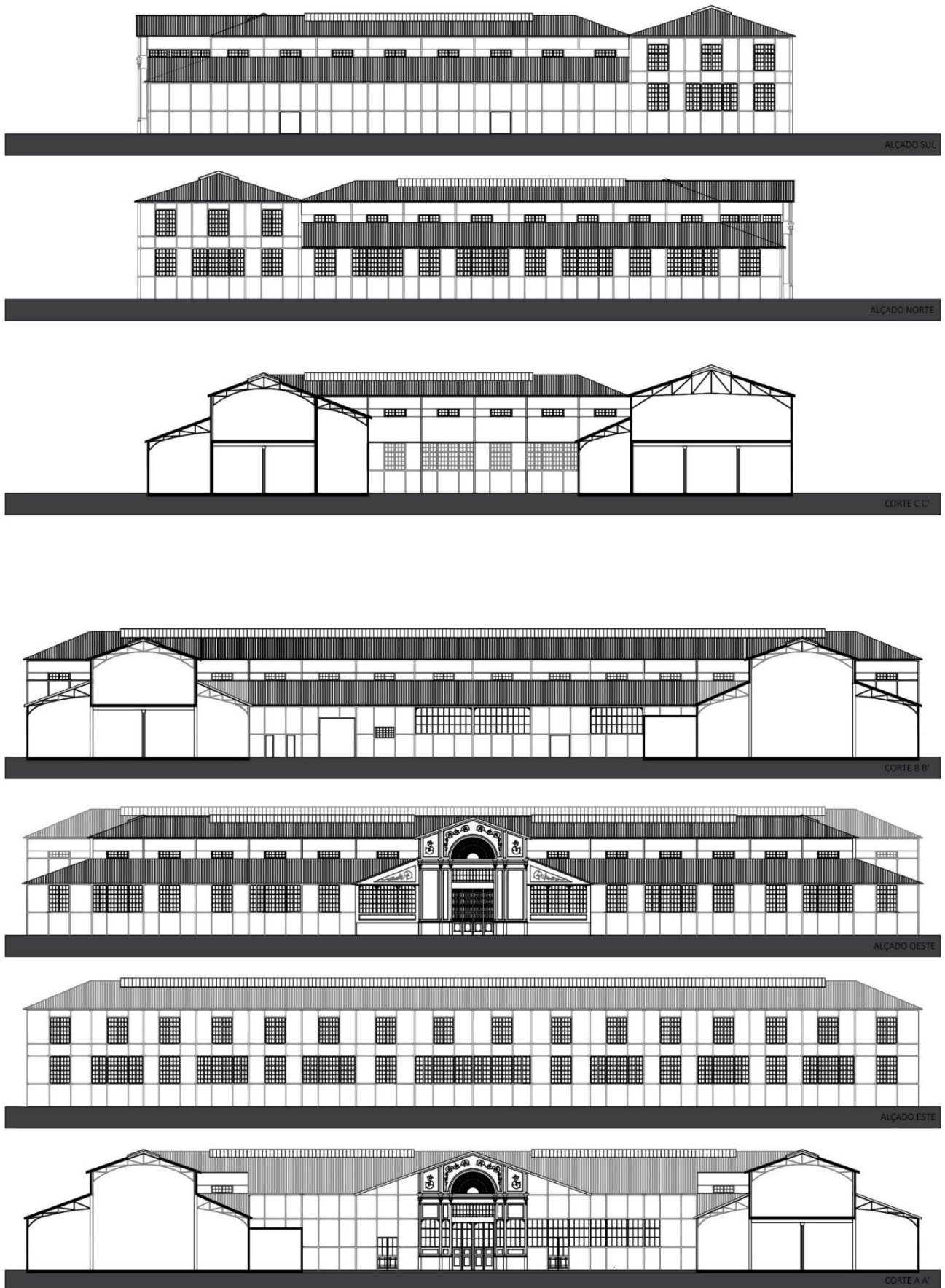
122. Estado atual do edifício "A Tabaqueira"



123. Estrutura do edifício



124. Levantamento do edifício. Escala 1:500



125. Levantamento do edifício. Escala 1:500

## Anexo V – Peças Desenhadas: Painéis

### Lista de Painéis:

- P01** PLANTA DO TERRITÓRIO | ESTRATÉGIA URBANA: BRAÇO DE PRATA – 1:8000 | 1:3000
- P02** PLANTA DA PROPOSTA URBANA – USOS E NATUREZA | CORTE TOPOGRÁFICO – 1:2000
- P03** PLANTA DE IMPLANTAÇÃO – 1:500
- P04** PLANTA PISO 0 | CORTE-ALÇADO H H' – 1:200
- P05** PLANTA PISO 1 | CORTE-ALÇADO G G' – 1:200
- P06** PLANTA PISO 2 | CORTE B B' – 1:200
- P07** PLANTA DE COBERTURA | CORTE A A' – 1:200
- P08** CORTE-ALÇADO J J' | CORTE D D' | CORTE F F' – 1:200
- P09** CORTE-ALÇADO I' I | CORTE E E' | CORTE C C' – 1:200
- P10** PLANTA PISO 1 – O ESPAÇO COWORKING: FLEXIBILIDADE | CORTE A A' – 1:50
- P11** AXONOMETRIA DA PROPOSTA | INTERIOR DA NAVE DE TRABALHO | INTERIOR DO PAVILHÃO MULTIUSOS
- P12** CORTE CONSTRUTIVO DA ANTIGA FÁBRICA “A TABAQUEIRA” - 1:30
- P13** CORTE CONSTRUTIVO DA ANTIGA FÁBRICA “A TABAQUEIRA” - 1:30



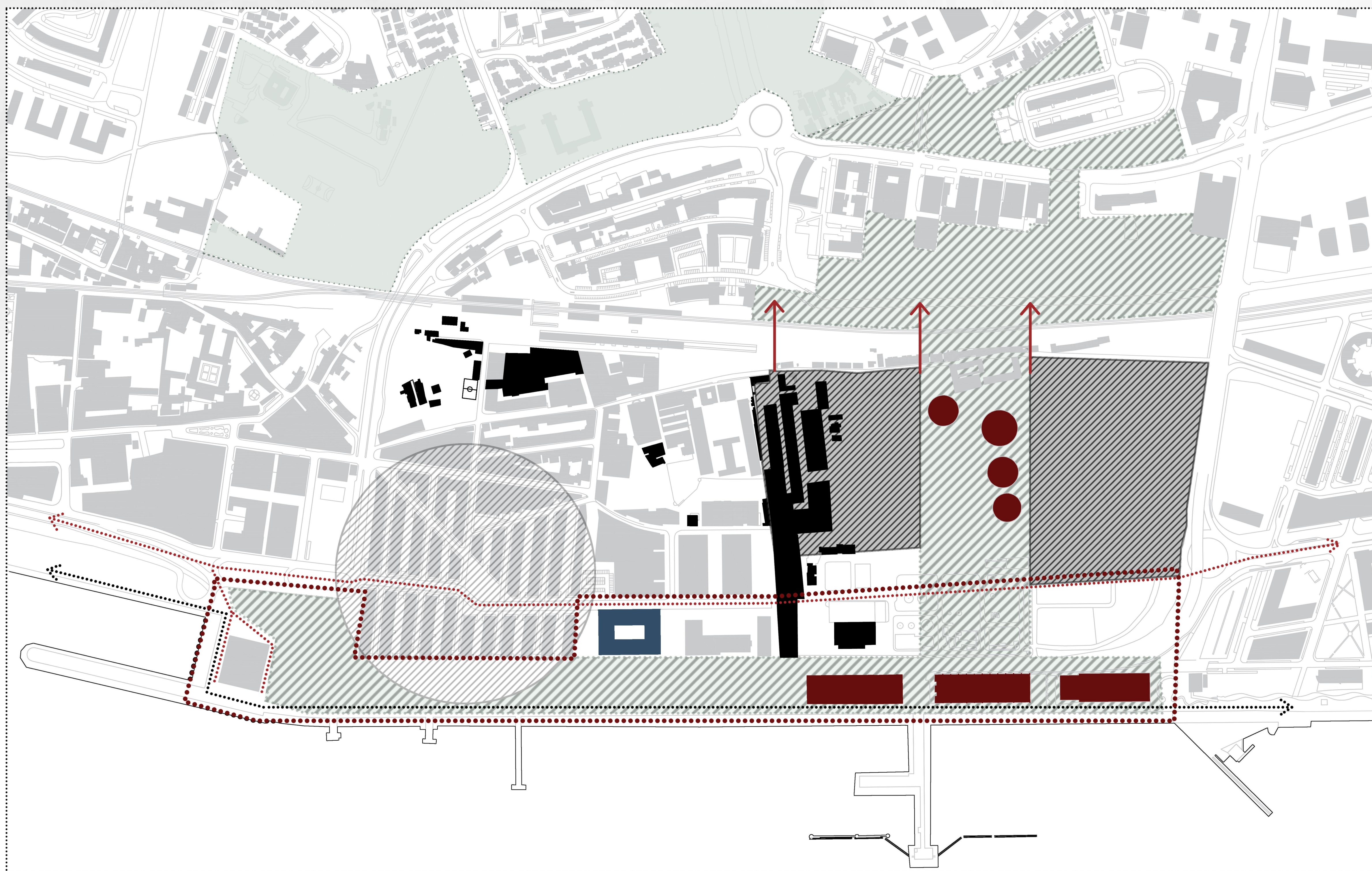
NÚCLEO INDUSTRIAL DE SANTA APOLÓNIA

NÚCLEO INDUSTRIAL DE XABREGAS

NÚCLEO INDUSTRIAL DE MARVILA

NÚCLEO INDUSTRIAL DO POÇO DO BISPO

NÚCLEO INDUSTRIAL DO BRAÇO DE PRATA  
(LOCAL DE INTERVENÇÃO)

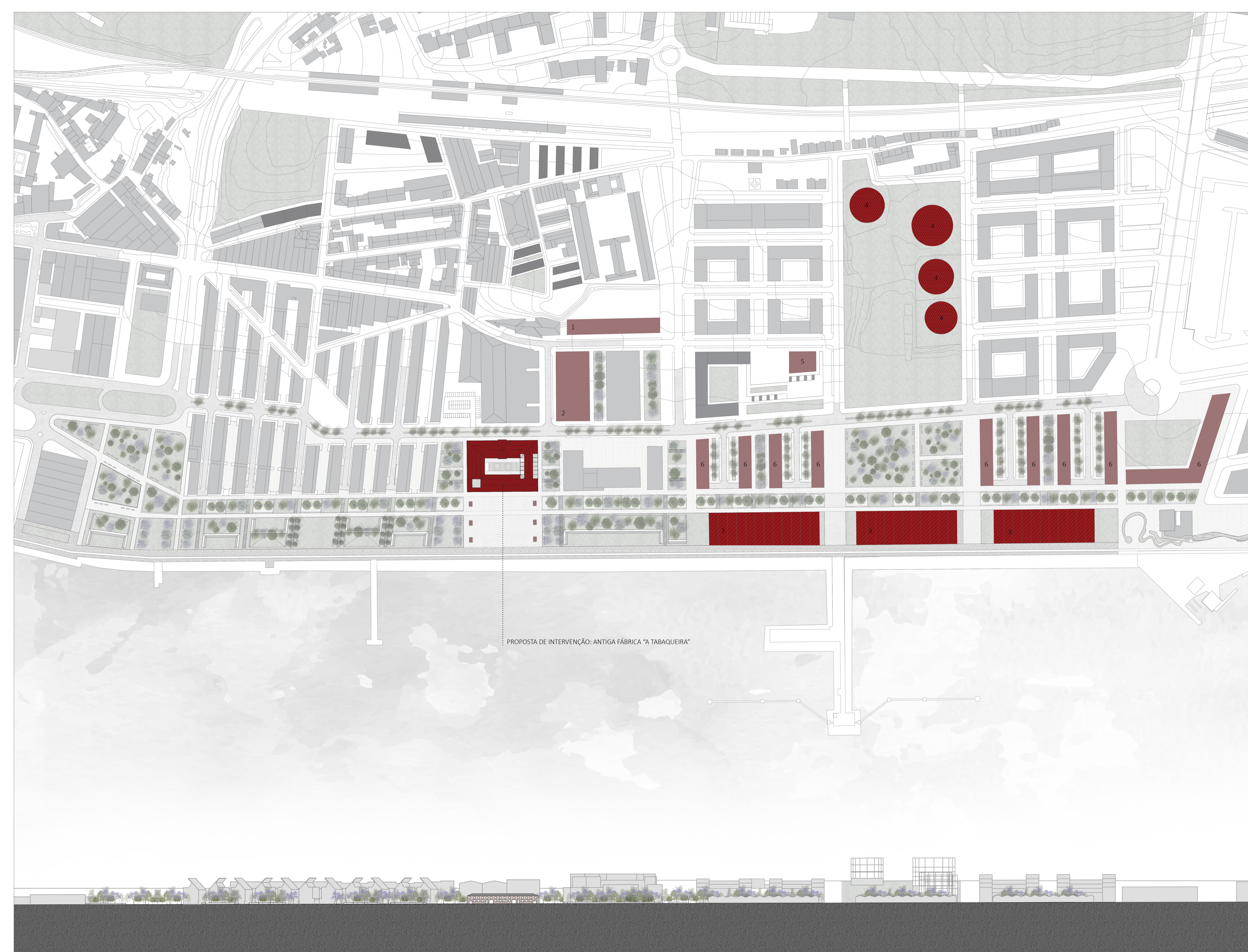


CORREDOR VERDE
  PLANO DE PORMENOR DE RISCO + NPK
  PLANO DE PORMENOR DE RENZO PIANO
  PARQUE DO VALE FUNDÃO PREVISTO EM PDM
  REQUALIFICAÇÃO DA FRENTE-RIBEIRINHA
  REABILITAÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA "A TABAQUEIRA"
  EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS A REABILITAR
  EDIFÍCIOS A BEMOLIZAR
  NOVA VIA
  CICLOVIA

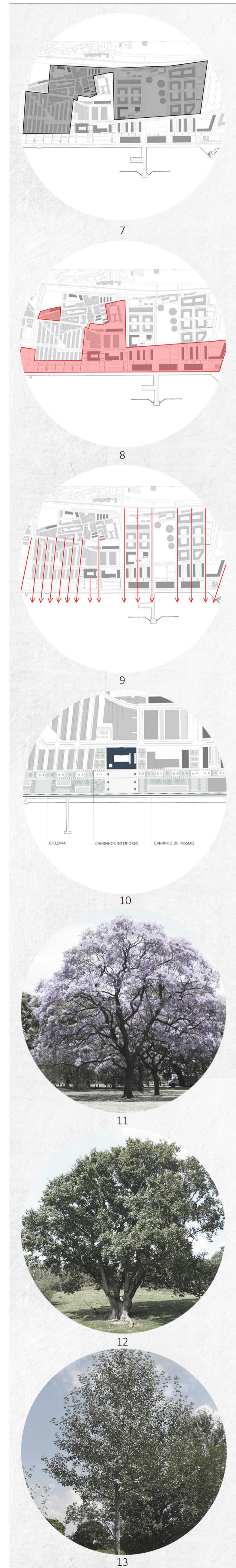
ESTRATÉGIA URBANA: BRAÇO DE PRATA



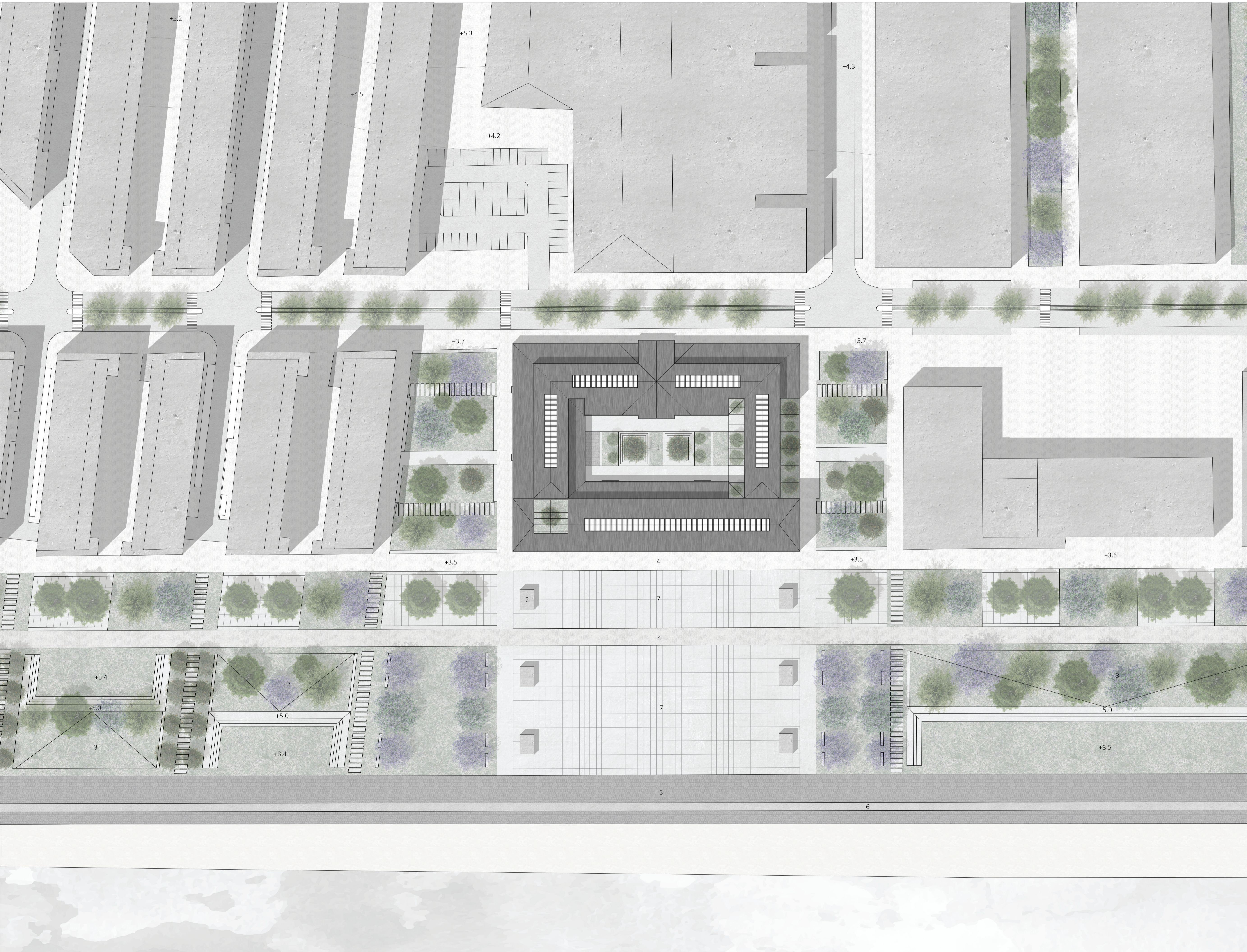
**LEGENDA:**  Património Industrial
  Edifício Proposto no Braço de Prata
  Vilas Operárias
 1. Fotografia Aérea do Braço de Prata (1944)
 2. Armazém 23 e Ruínas da Fábrica Gás da Matinha
 3. Armazém 23
 4. Ruína dos Silos da Fábrica Gás da Matinha
 5. Antiga Fábrica "A Tabaqueira"
 6. Entrada Principal da Antiga Fábrica "A Tabaqueira"

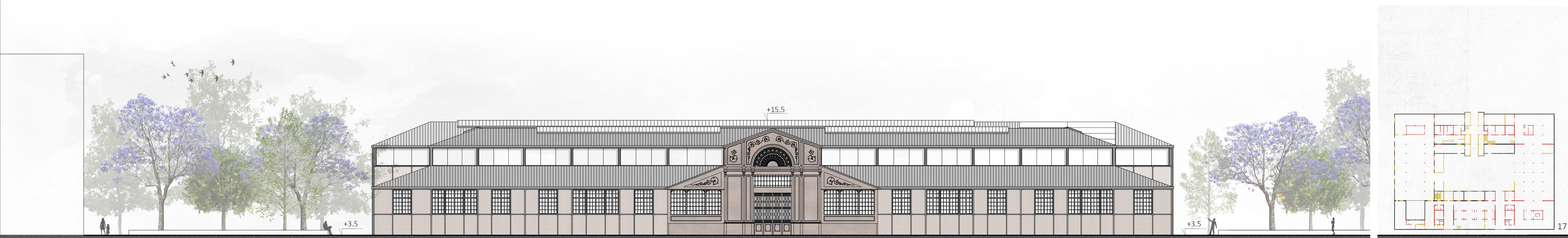
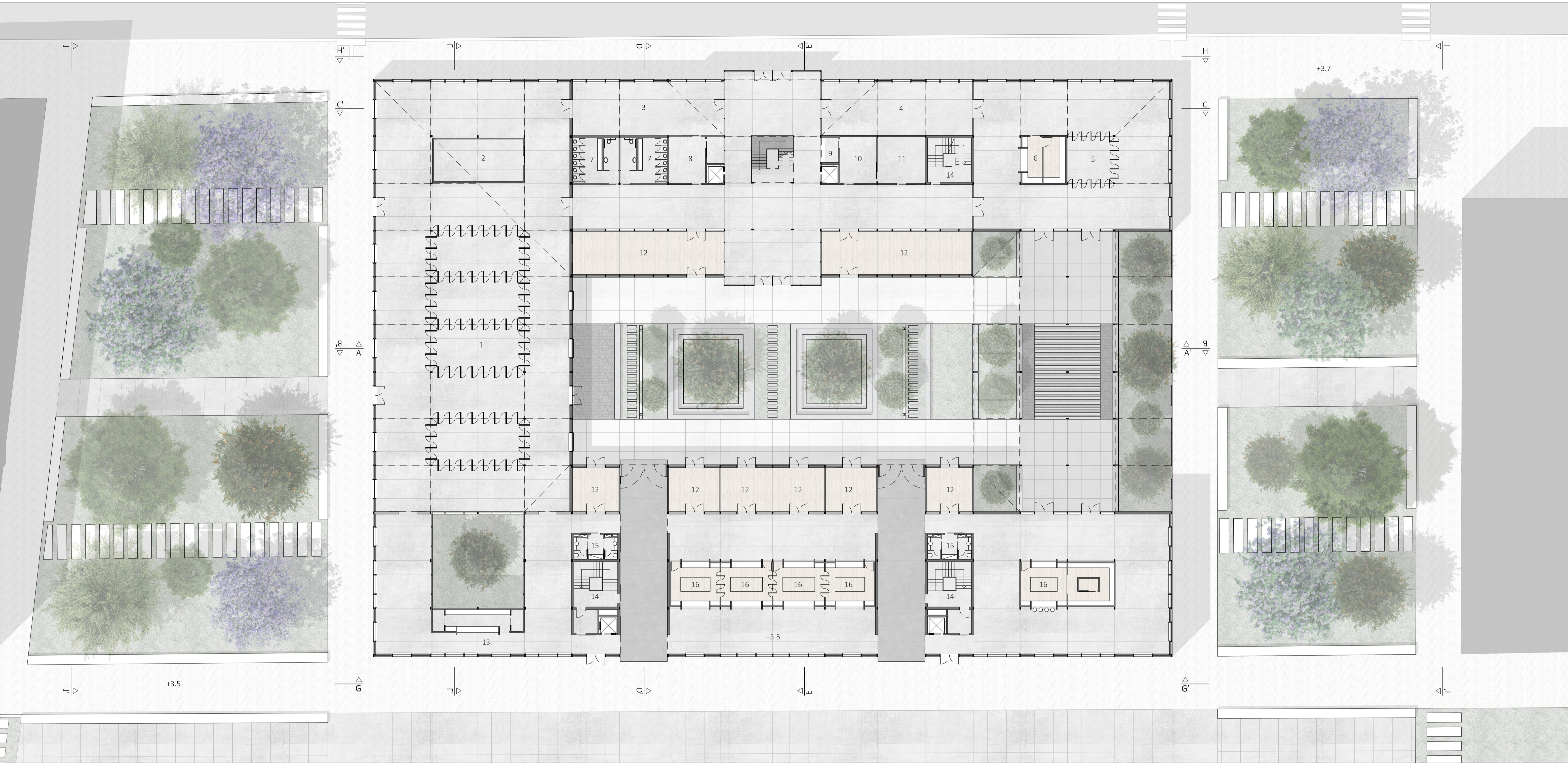


PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: ANTIGA FÁBRICA "A TABAQUEIRA"

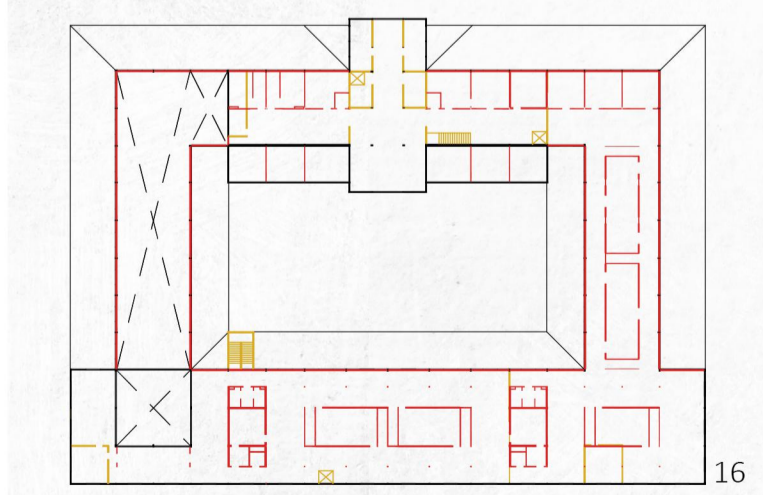
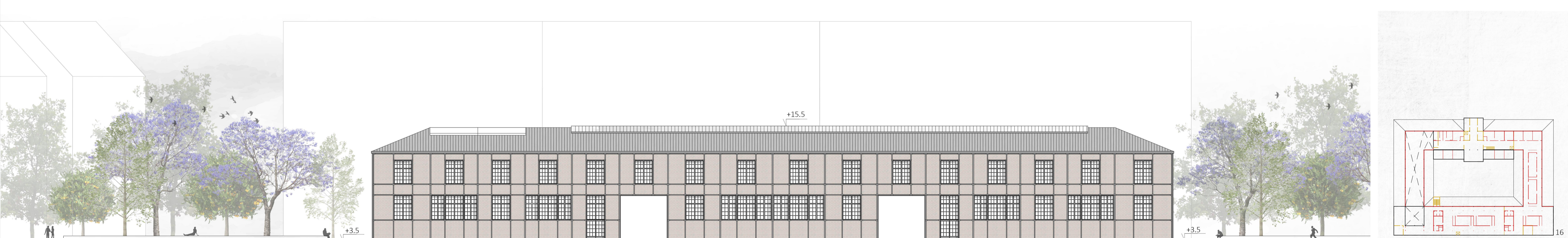
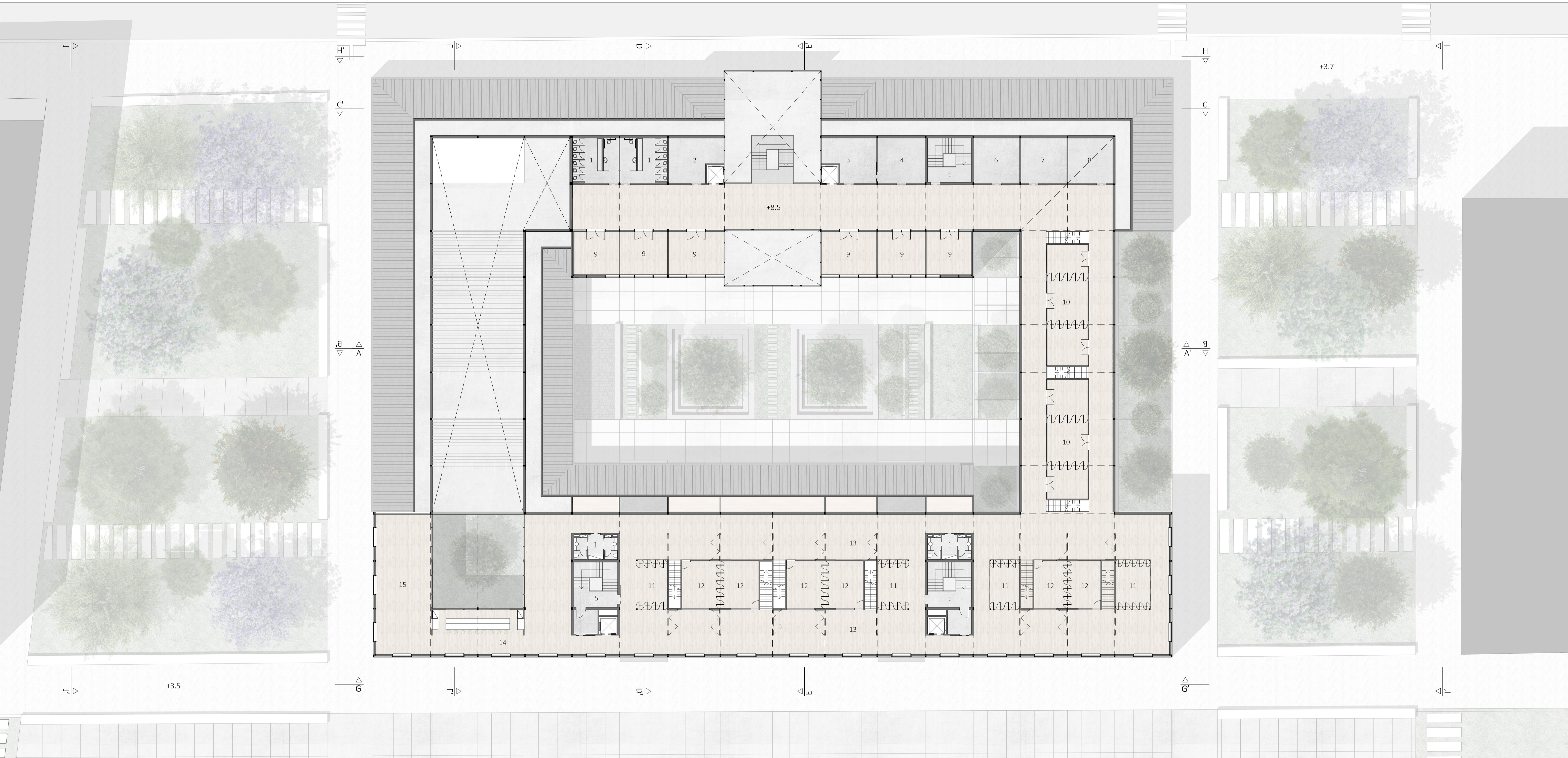


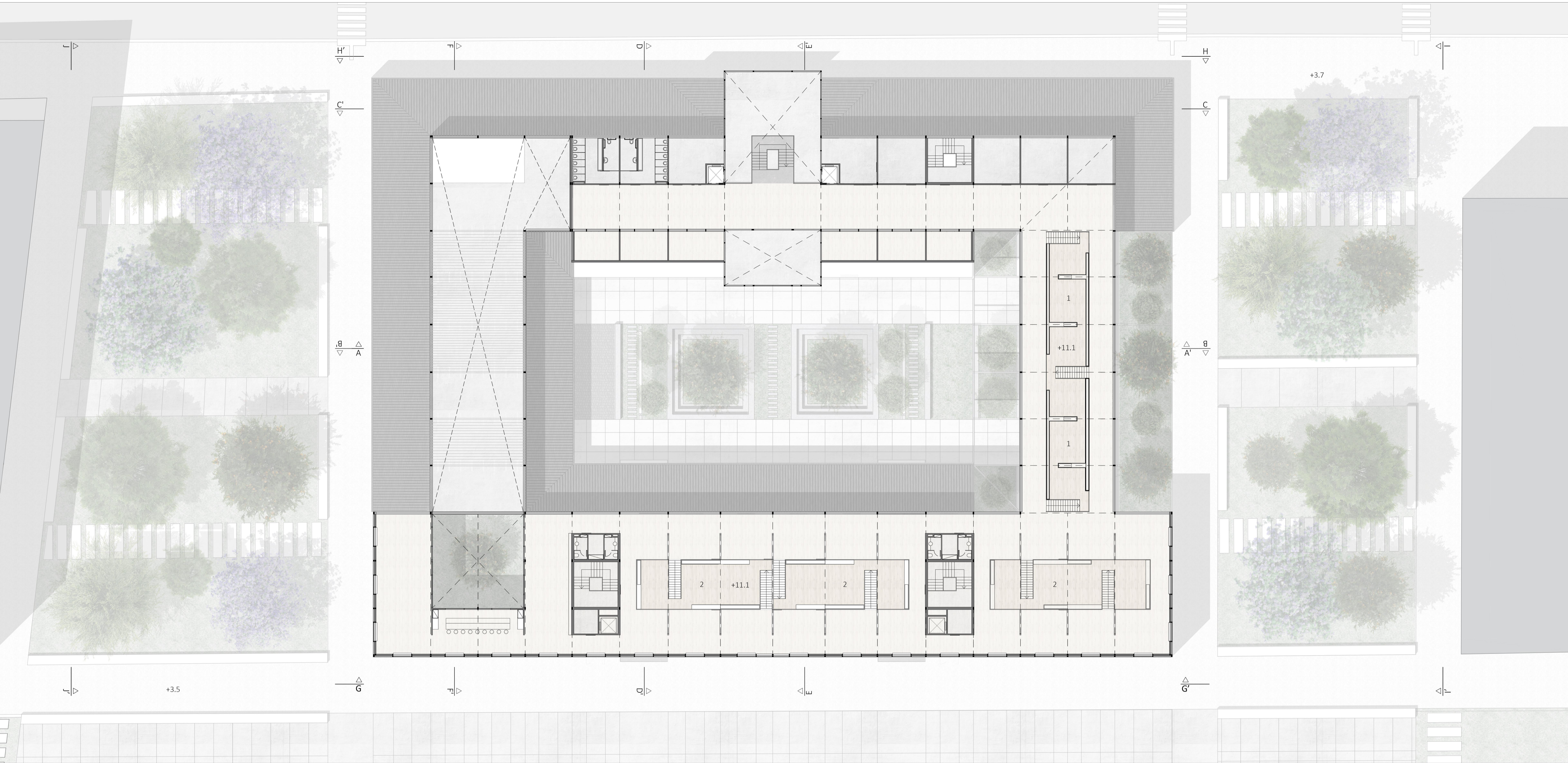
**LEGENDA:** ■ Património Industrial Reabilitado ■ Equipamentos Propostos ■ Edificado Proposto ■ Edificado Pré-Existente 1. Estabelecimento Educacional 2. Estacionamento 3. Comércio e Serviços 4. Usos Complementares ao Parque 5. Restauração 6. Edifícios de Trabalho 7. Área Residencial 8. Área de Trabalho e Lazer 9. Linhas de Vista Sobre o Rio 10. Esquema de Caminhos 11. Jarancadá (*Jacaraneae*) 12. Cavalho-Cerquinho (*Quercus Faginea*) 13. Choupo-Branco (*Populus Alba*)



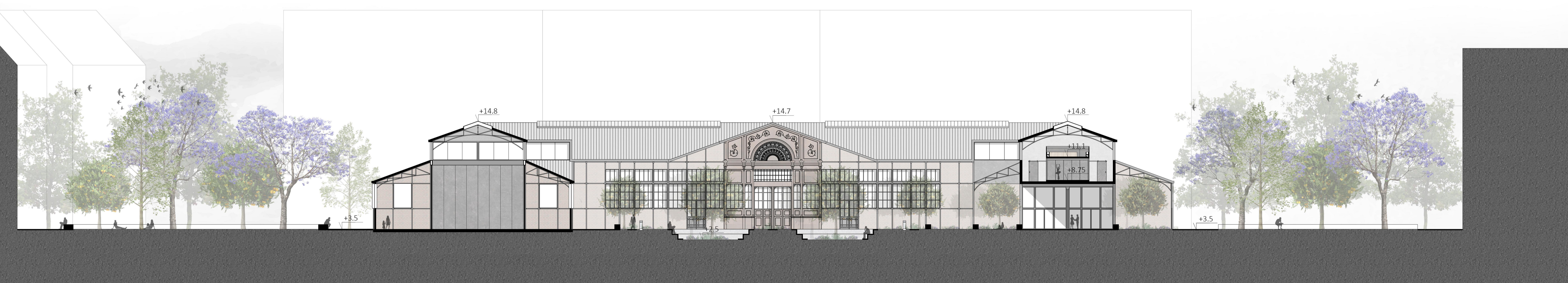
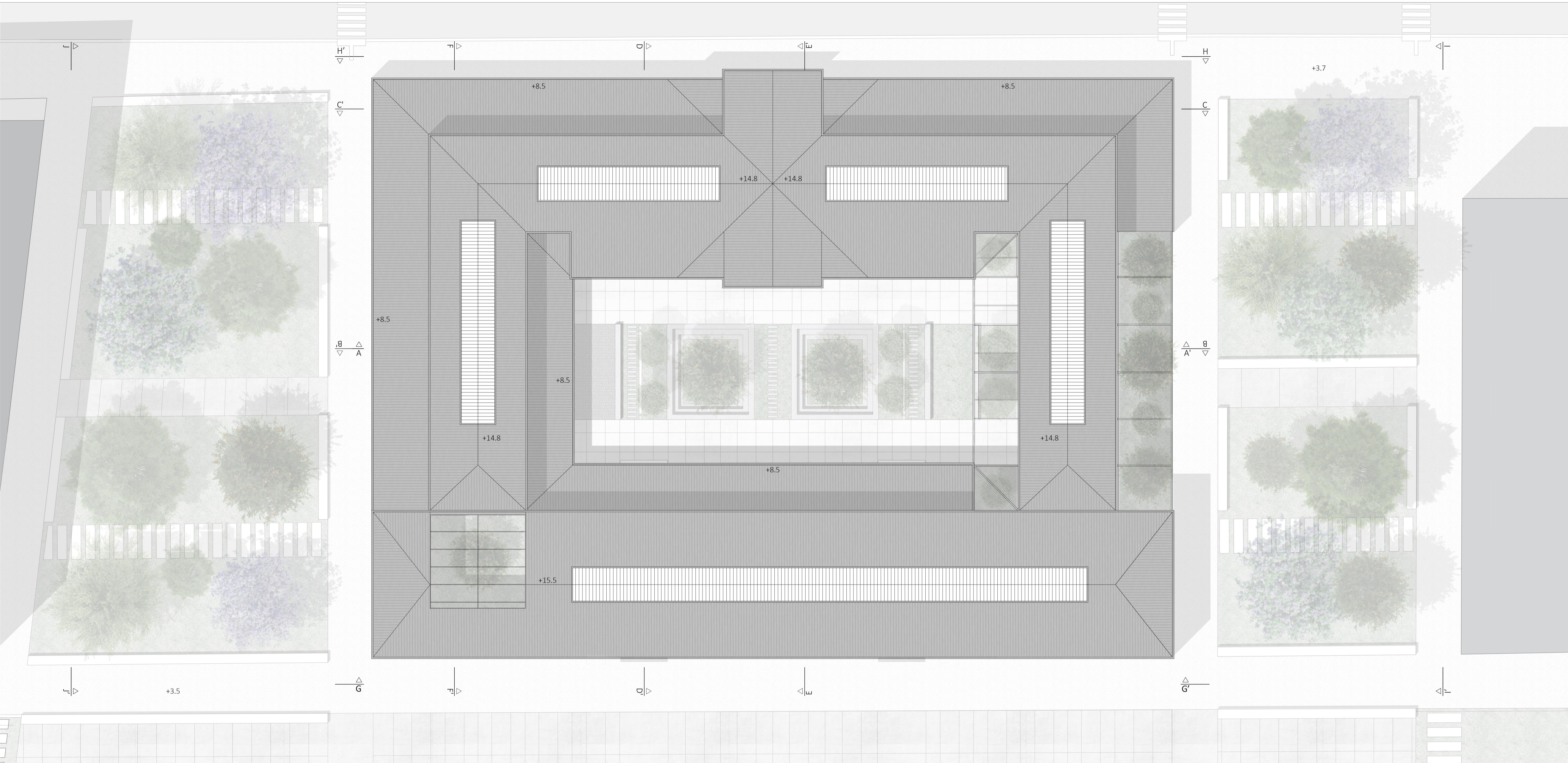


**LEGENDA:** 1.Pavilhão Multíusos 2. Sala de Apoio ao Pavilhão Multíusos 3. Espaço Complementar ao Pavilhão Multíusos 4. Sala de Leitura 5. Livraria 6. Cafeteria- Complemento à Livraria 7. Instalações Sanitárias 8. Arrumos de Apoio ao Pavilhão Multíusos 9. Recepção 10. Apoio à Recepção 11. Arrumos 12. Loja/ Comércio 13. Cafeteria 14. Núcleo de Acessos 15. Instalações Sanitárias STAFF 16. Restauração 17. Planta de Amarelos e Vermelhos (Escala 1:1000)

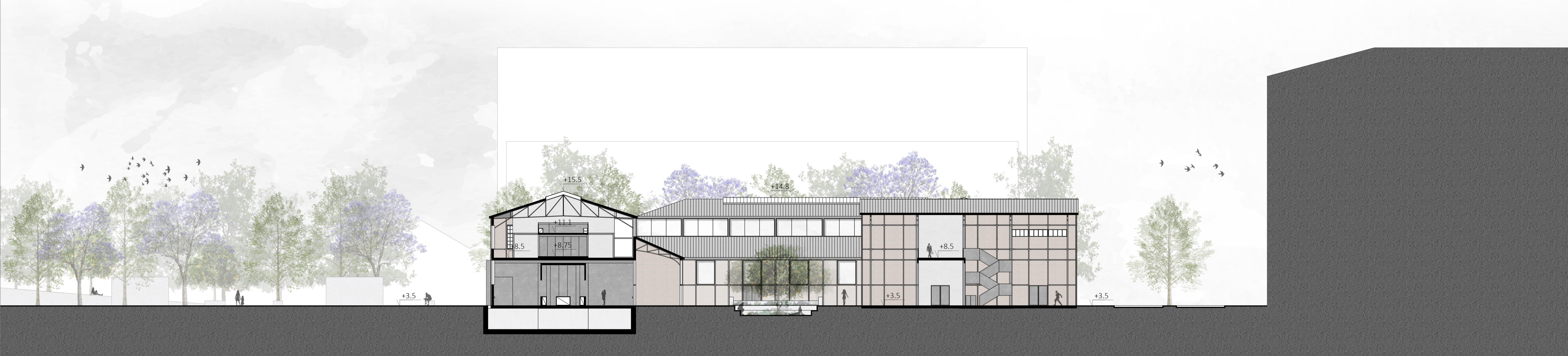
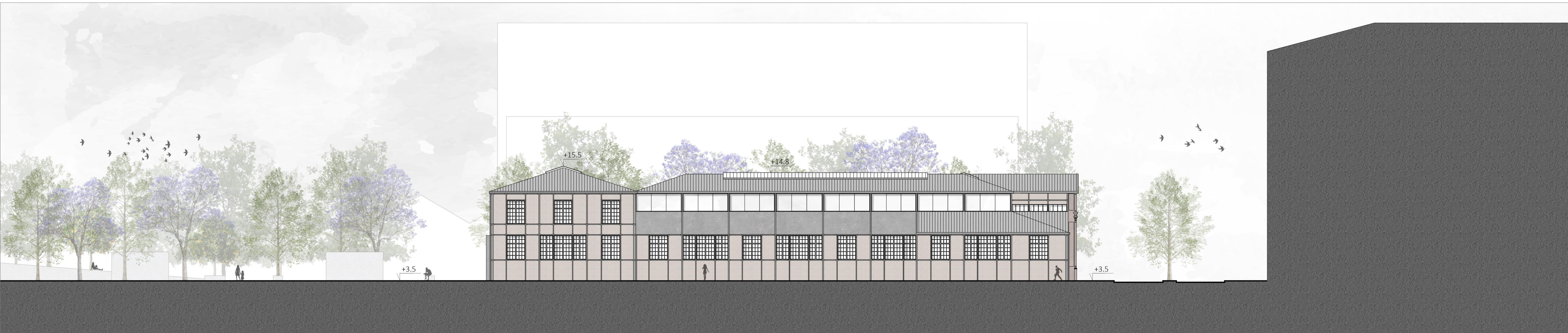


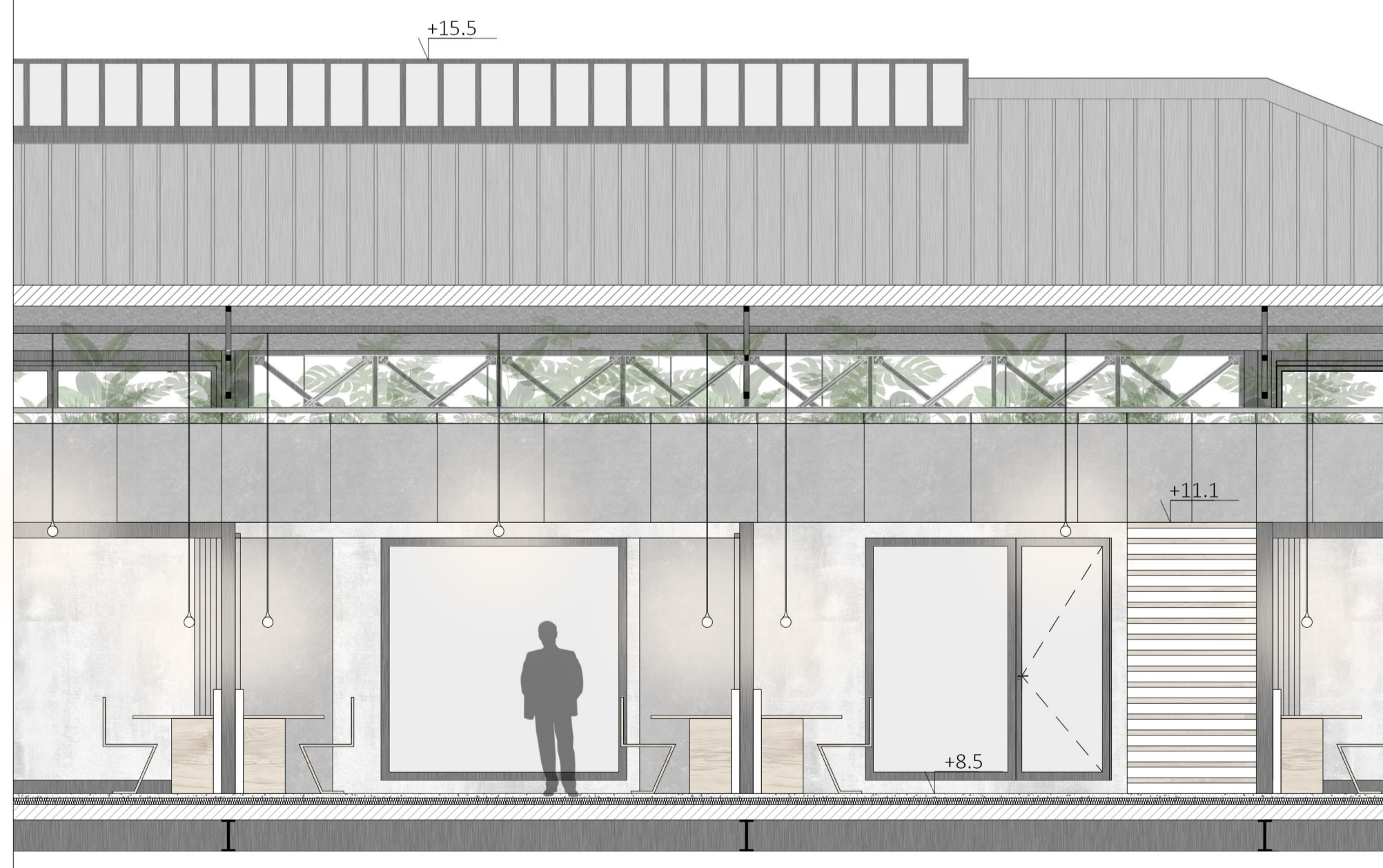
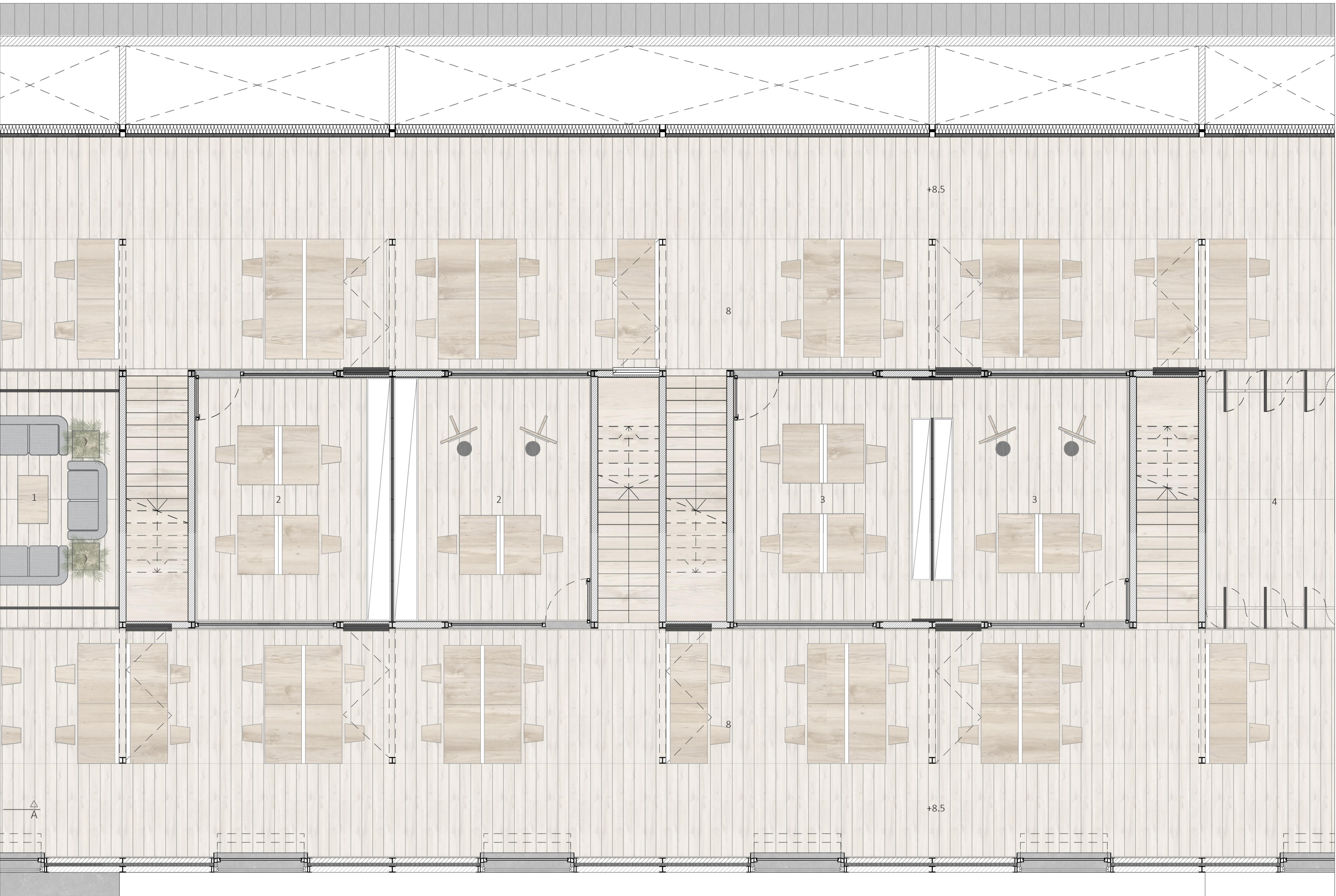


LEGENDA: 1. Espaço de Revitalização e Relaxamento - Lounge 2. Espaço de Coworking 3. Planta de Amarelos e Vermelhos (Escala 1:1000)

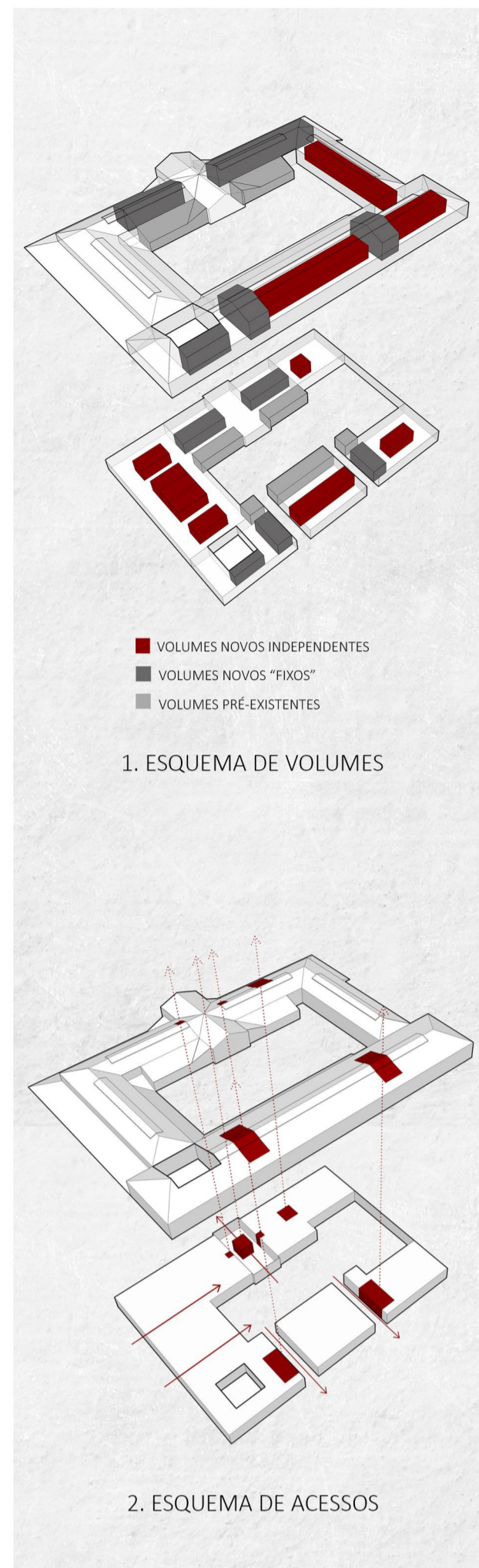
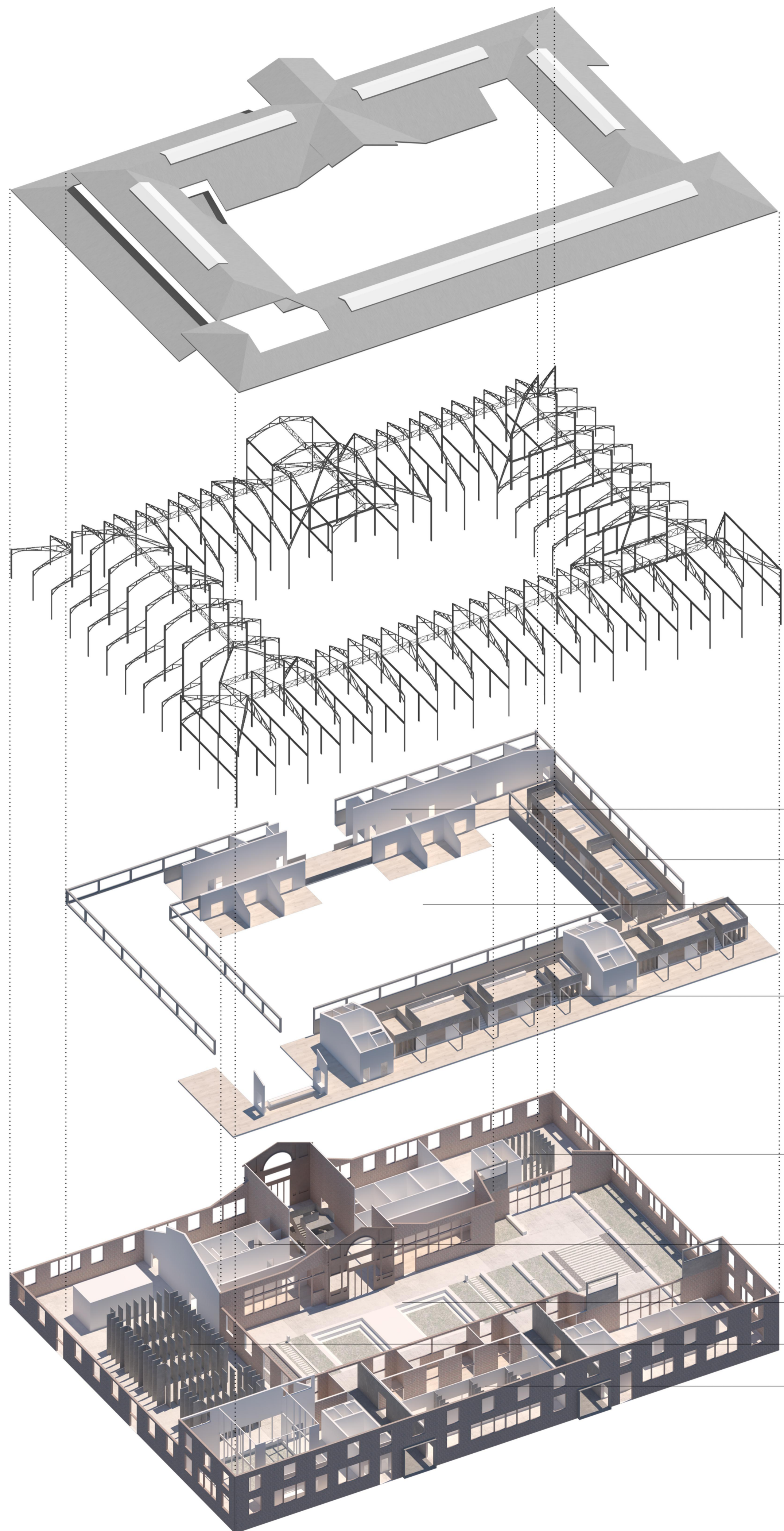






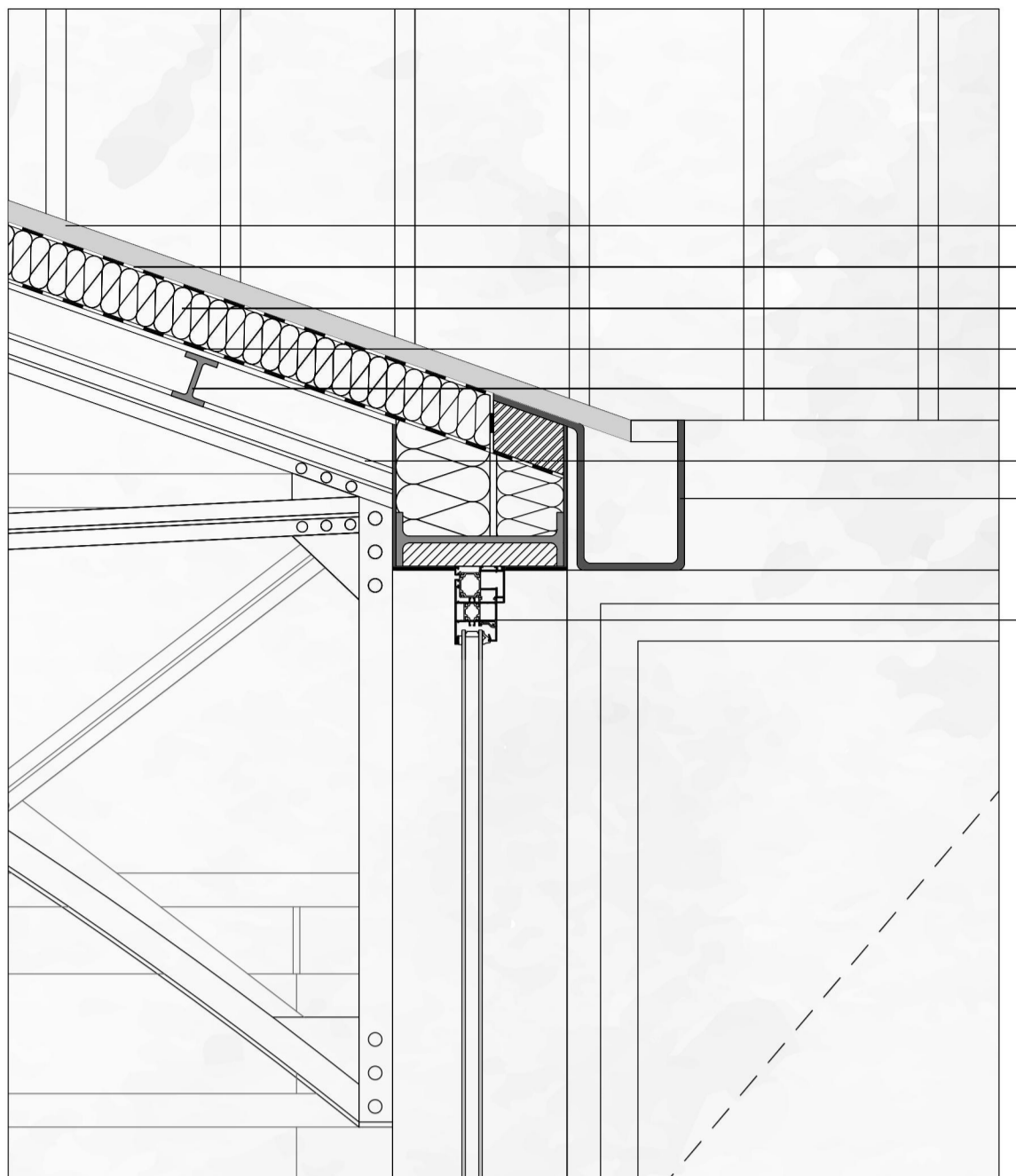


**LEGENDA:** 1. Espaço Lounge Encerrado 2. Atelier/Espaço de Trabalho Privado Encerrado 3. Atelier/Espaço de Trabalho Privado Semi-Aberto 4. Espaço Lounge Semi-Aberto 5. Espaço Lounge Aberto 6. Atelier/ Espaço de Trabalho Privado Aberto 7. Espaço Coworking Encerrado (Compartimentado) 8. Espaço Coworking Aberto (Livre Circulação)

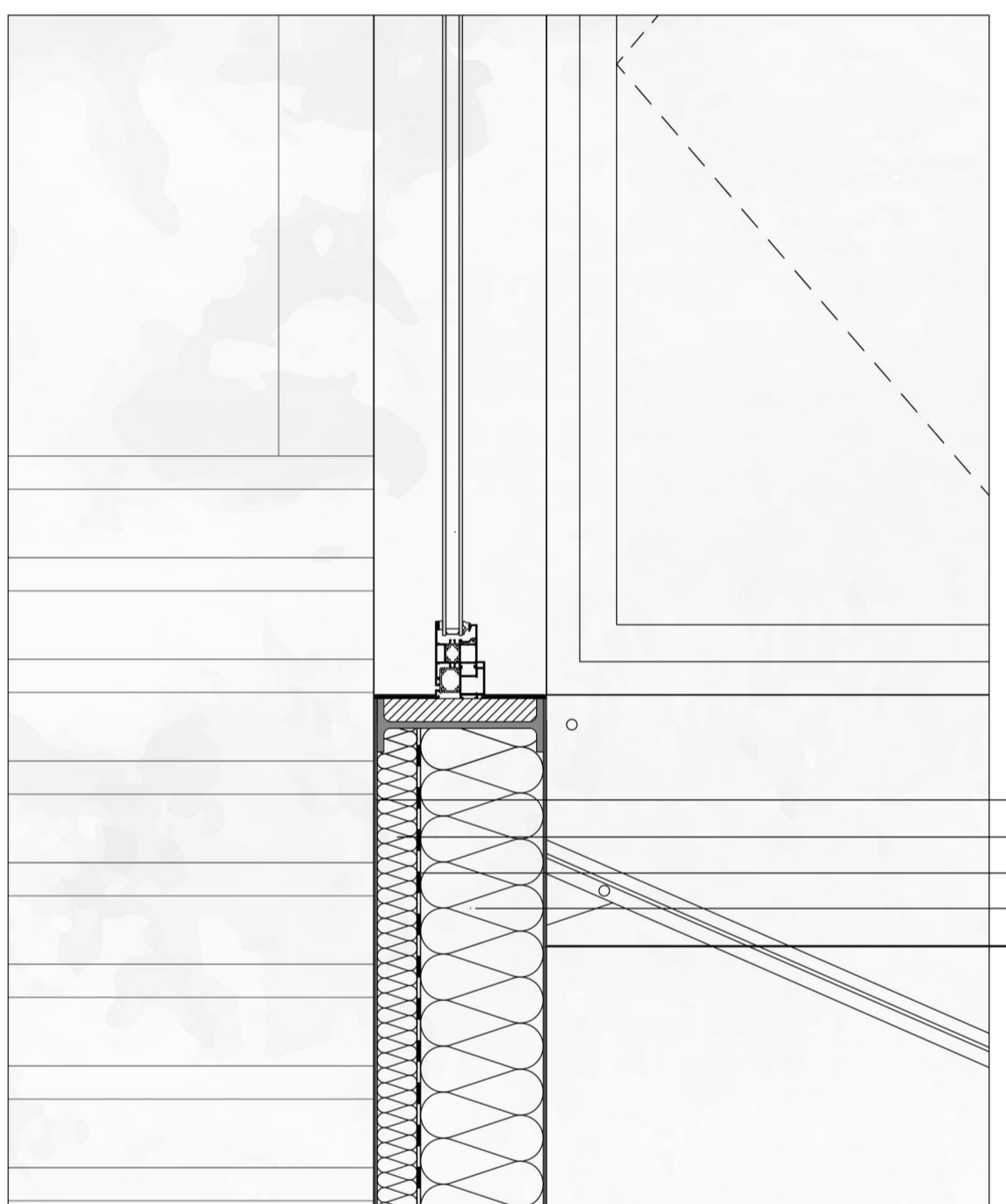


- ÁREAS DE SERVIÇO (ARRUMOS, INSTALAÇÕES SANITÁRIAS, REPROGRAFIA E ADMINISTRAÇÃO)
- NAVE DE APRENDIZAGEM E RELAXAMENTO
- PISO DE PRODUÇÃO**
- NAVE DE TRABALHO
- LIVRARIA
- ÁREAS DE SERVIÇO (ARRUMOS, INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E RECEPÇÃO)
- PISO DE DIVULGAÇÃO E LAZER**
- NAVE CULTURAL: PAVILHÃO MULTIUSOS
- NAVE SOCIAL: RESTAURAÇÃO E COMÉRCIO

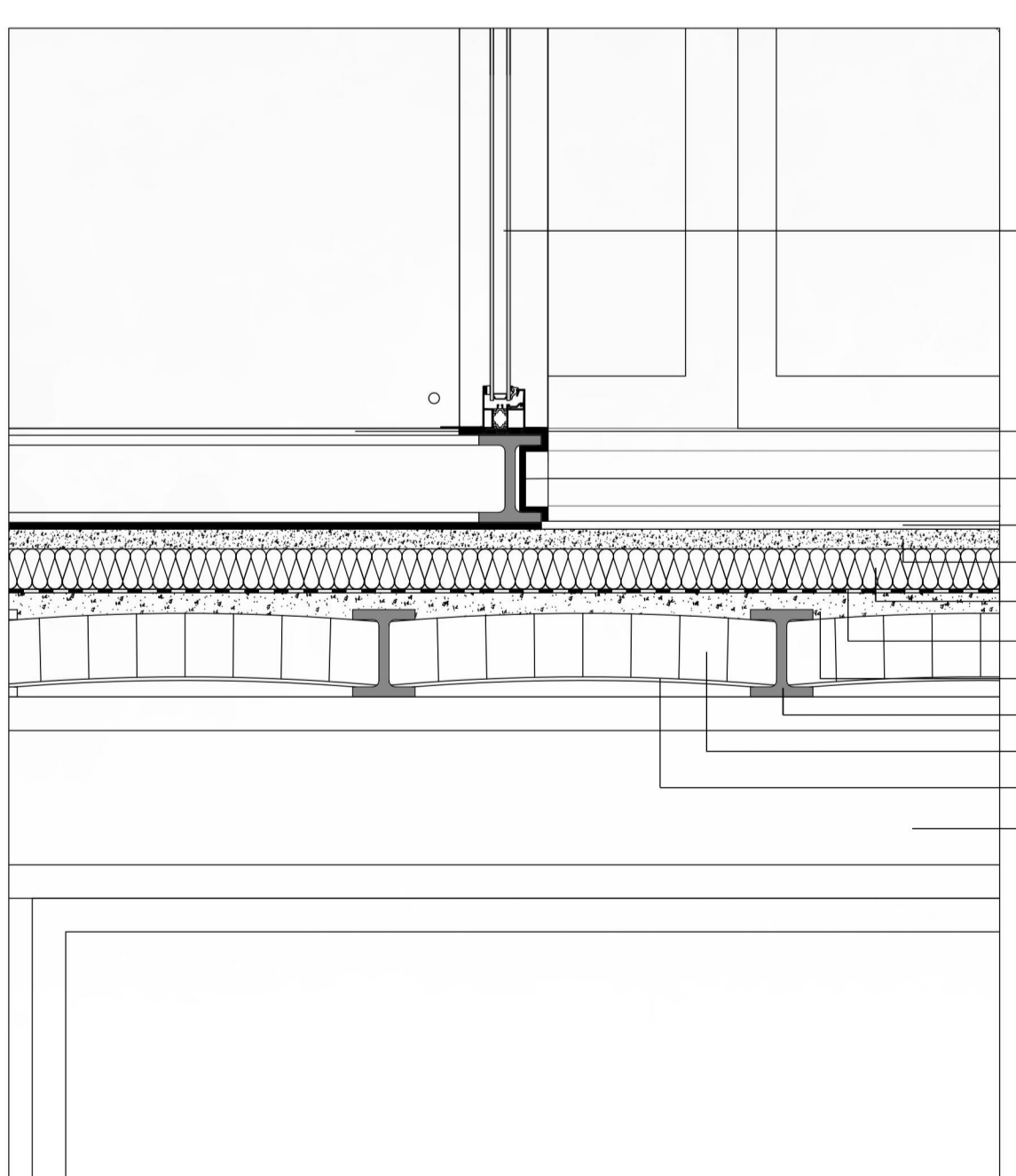




PORMENOR 1 | ESCALA 1:10



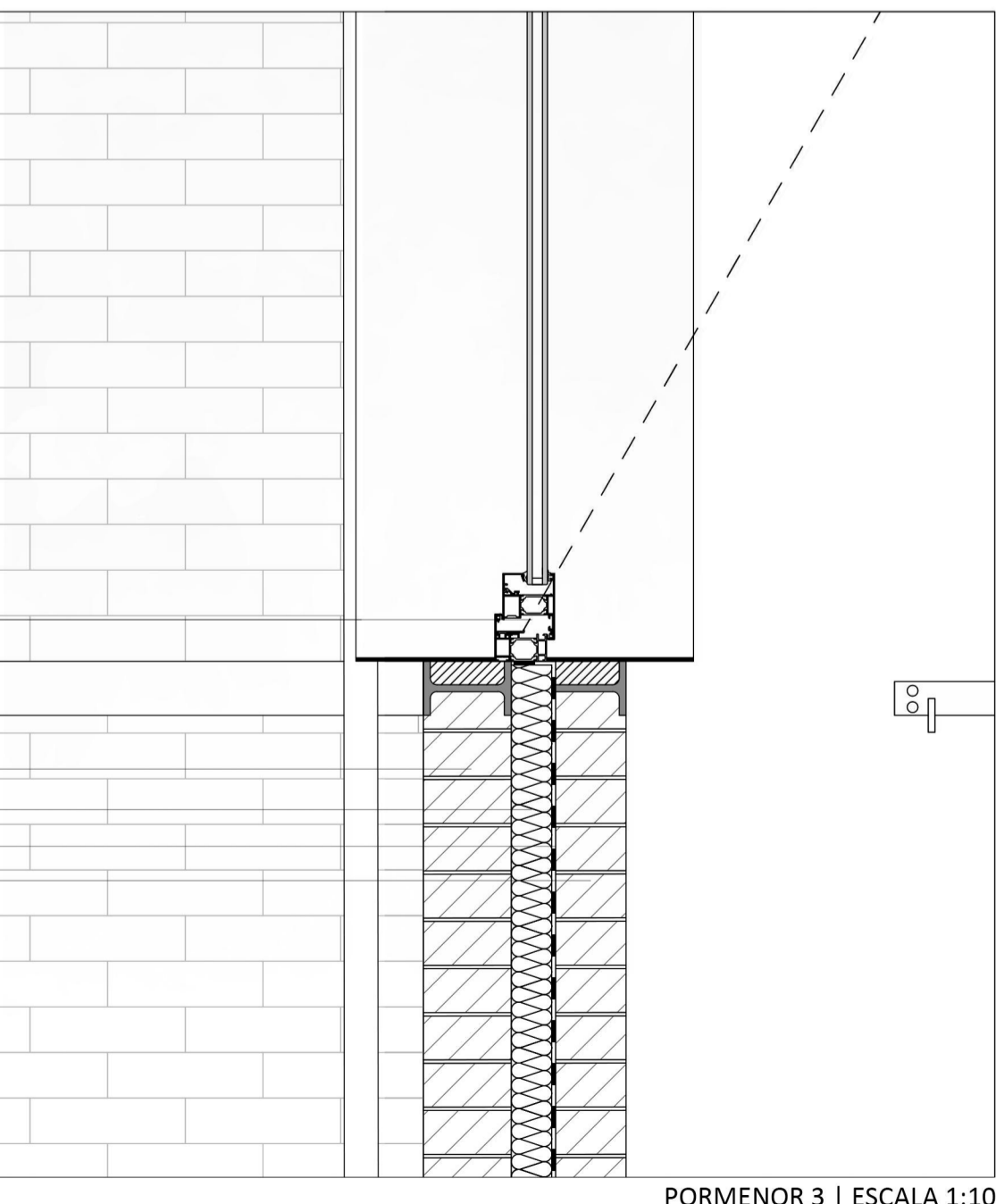
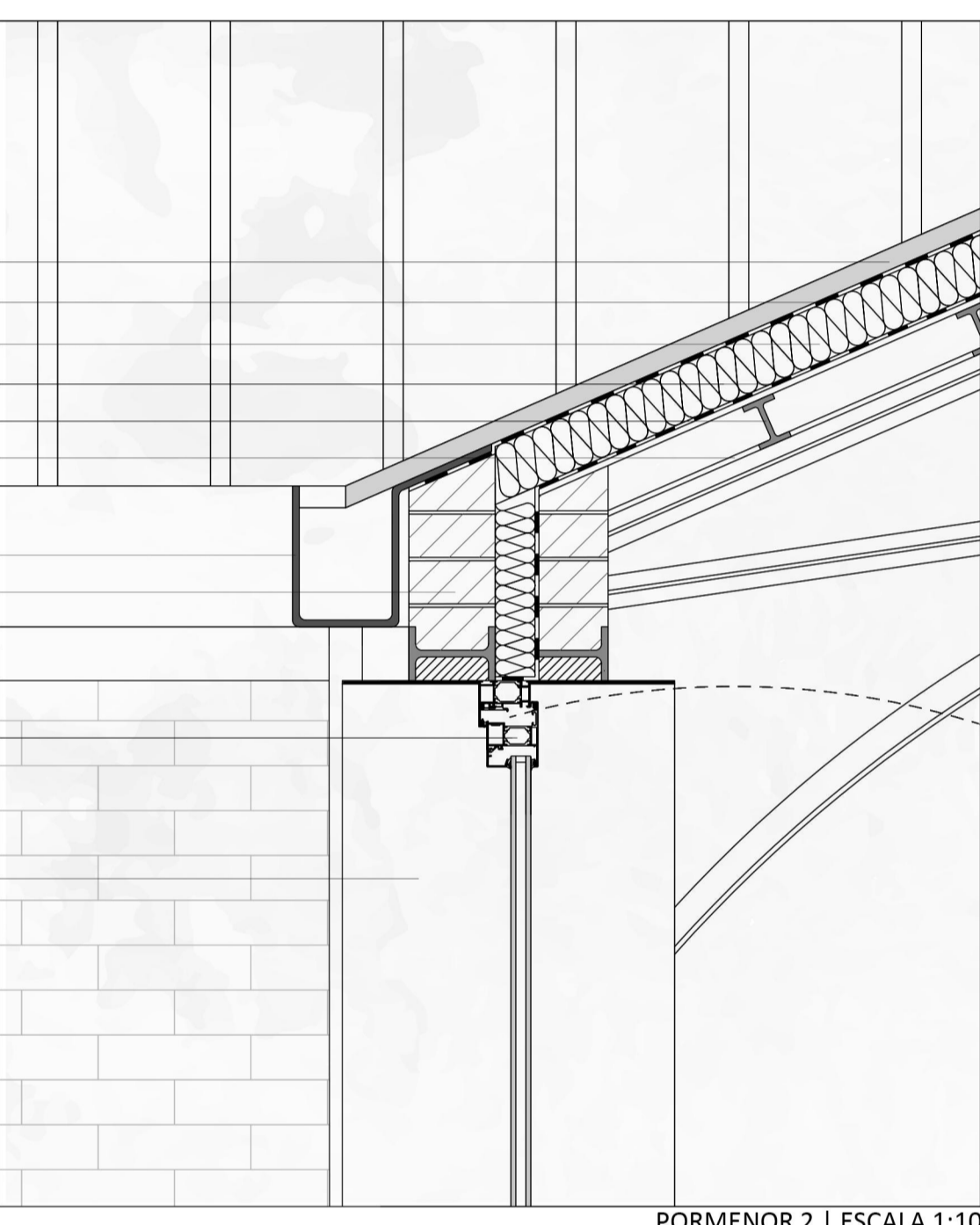
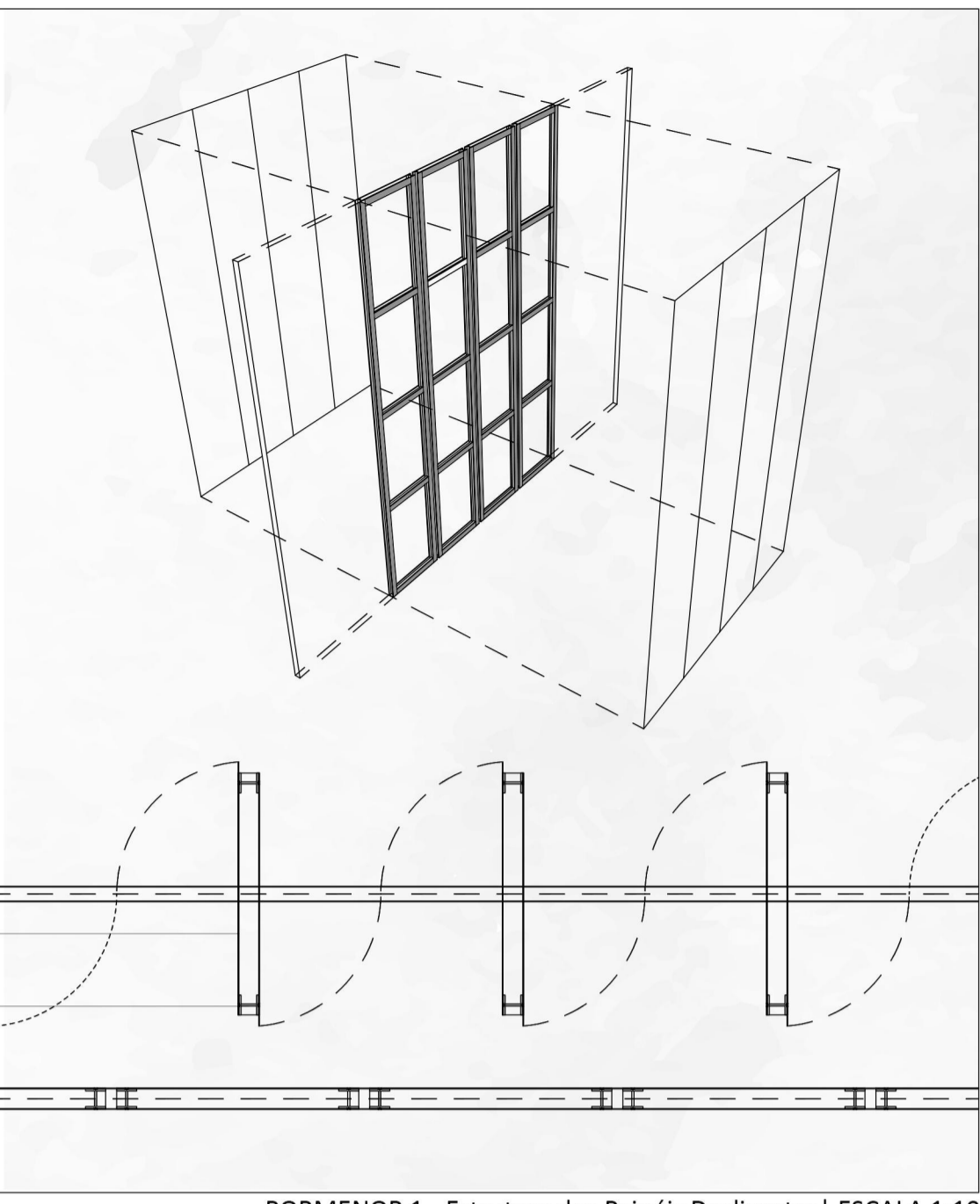
PORMENOR 2 | ESCALA 1:10



PORMENOR 3 | ESCALA 1:10



**LEGENDA:** 1. Chapa de Zinco 2. Camada de Escoamento de Águas 3. Isolamento Térmico XPS 4. Barreira Pára-Vapor 5. Estrutura em Aço 6. Painel OSB Preto 7. Caleira 8. Caixilho de Ferro Pivotante 9. Revestimento Placas de Viroc Preto 10. Lã de Rocha 11. Painel de Aço Corten Preto 12. Caixilho de Ferro Fixo 13. Pavimento em Madeira 14. Perfil Metálico de Remate 15. Betonilha de Regularização 16. Alvenaria de Tijolo Maciço 17. Vigota Metálica 18. Betonilha 19. Viga de Aço 20. Guarda Metálica 21. Vasos e Bancos com Estrutura em Madeira 22. Pavimento de Microbetão Afagado Esquartelado 23. Base Tout-Venant 24. Terreno Compacto 25. Revestimento em VIROC Branco



**LEGENDA:** 1. Painel de Aço Corten 2. Estrutura em Aço 3. Chapa de Zinco 4. Camada de Escoamento de Águas 5. Isolamento Térmico XPS 6. Barreira Pára-Vapor 7. Painel OSB Preto 8. Caleira 9. Alvenaria de Tijolo Maciço 10. Caixilho de Ferro Basculante 11. Painel de Aço Corten Preto 12. Caixilho de Ferro Basculante 13. Terreno Compacto 14. Enrocamento 15. Base Tout-Venant 16. Laje de Cimento 17. Betonilha de Regularização 18. Pavimento de Microbetão Afagado Esquarelado 19. Tubo de Queda (Escoamento de Águas Pluviais) 20. Dreno Periférico 21. Painéis Deslizantes em Aço Corten 22. Reboco de Cal Branco Texturado